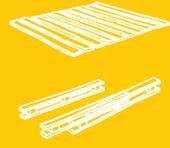


D

E



S

E



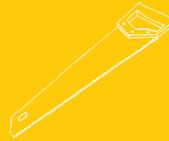
J

A.

C

A

**ARQUITETURA, ARTESANIAS E TECNOLOGIA SOCIAL
NO JARDIM CANADÁ**



Organização:
Juliana Torres
Natacha Rena



DESEJA.CA



PROGRAMA DESEJA.CA

ARQUITETURA, ARTESANIAS E TECNOLOGIA SOCIAL
NO JARDIM CANADÁ

Belo Horizonte



ESPAÇO PARA FICHA TÉCNICA



CRÉDITOS

Organização e coordenação editorial: Juliana Torres de Miranda e Natacha Rena

Apoio: FAPEMIG, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá

Projeto gráfico: Daniel Patrick, em colaboração com André Siqueira de Mendonça, André Victor Alves, Felipe Thadeu do Carmo Parreira, Isabela Akemi Usuda Prado, Isabela Oliveira Izidoro, Octávio Henrique Mendes Pena, Rafael Amato, Ramon Corrêa, Vitor de Almeida Mattos e Yaçana Lima.

Belo Horizonte, Brasil, 2014

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os participantes e parceiros que deram vida ao Programa.

O protagonismo dos estudantes de arquitetura e urbanismo, de design e de geografia que atuaram como bolsistas nestes quatro anos foi um dos principais legados deste trabalho. Foram 36 alunos, entre bolsistas de iniciação à pesquisa, de extensão e voluntários¹.

Fundamental também foi a contribuição das pesquisadoras, então doutorandas da UFMG, Simone Tostes e Marcela Silviano Brandão e das arquitetas Talita Melo Lessa e Débora Tavares, bolsistas de apoio técnico à pesquisa pela FAPEMIG.

Nas atividades de extensão, além da equipe do JACA, a sempre competente atuação dos técnicos Vera (artista em tecelagem), Arlete (economia solidária) e Daniel Patrick (designer gráfico) enriqueceu e agregou saberes a todos envolvidos.

Quanto aos parceiros, destacamos a Prefeitura de Nova Lima, principalmente através do Programa Vida Nova e do CRAS – Centro de Assistência Social da Região Noroeste e o Instituto de Desenvolvimento Local Integrado Casa do Jardim, sob coordenação de Joanne Durchfort.

A todos estes, nossos mais verdadeiros agradecimentos.

¹ Ver Ficha completa da equipe ao final do livro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
---------------------------	----

PARTE 1. TEORIA

1. Programa DESEJA.CA: Dissolução dos limites entre arte, design, arquitetura e urbanismo	10
2. Espaço, Pesquisa e Produção Desejante	10
3. A Incompletude como componente da prática projetual.....	10

PARTE 2. ATLAS ECLÉTICO

Cartografias Ecléticas do Bairro Jardim Canadá	10
4. O Bairro Jardim Canadá no contexto regional	10
5. Dinâmica Social no Jardim Canadá	10
5.1. O Jardim Canadá no IBGE	10
5.2. População vulnerável no Jardim Canadá	10
5.3. Redes	10
5.4. Desejos dos Jovens	10
6. Dinâmica Produtiva no Jardim Canadá.....	10
6.1. Renda no Jardim Canadá	10
6.2. Dinâmica imobiliária no Jardim Canadá	10
6.3. Jardins e jardineiros	10
6.4. Bares e restaurantes	10
6.5. Alojamentos	10
6.6. Mineração	10
7. Dinâmica Territorial no Jardim Canadá.....	10
7.1. O loteamento	10
7.2. Ocupação e uso do território	10
7.3. Tipologias dominantes	10
7.4. Mobilidade e usos imprevistos das vias.....	10
8. Resíduos e Inventos	10
8.1. Mapeamento de Resíduos no Jardim Canadá	10
8.2. Mapeamento de Inventos no Jardim Canadá	10
8.3. Reações Locais em um Modelo Global de Cidade	10
9. Atlas da Diversidade	10

PARTE 3: TÁTICAS DE AÇÃO

10. Coletivos de Arquitetura	10
11. Processos de Projeto Diagramáticos	10
12. Artesanias	10

PARTE 4: CONSTRUÇÕES

13. Produção DESEJA.CA	10
13.1. Ponto de ônibus Expandido	10
13.2. Casa da Ivete	10
13.3. Horta Comunitária	10
13.4. Oficinas e workshops	10
14. JACA e DESEJA.CA	10
15. Cidade Eletronika	10

EQUIPE	10
---------------------	----

BIBLIOGRAFIA	10
---------------------------	----

MAPAS

CAPÍTULO 4

1. Localização - Jardim Canadá	10
2. Municípios - RMBH	10
3. Mancha Urbana - RMBH	10
4. Região Metropolitana - Belo Horizonte	10
5. Município - Nova Lima	10
6. Entorno Imediato - Jardim Canadá	10
7. Bairro - Jardim Canadá	10

CAPÍTULO 5

8. Densidade Demográfica - CENSO 2010 Nova Lima	10
9. Setores Censitários - CENSO 2010 - Nova Lima	10
10. População e Domicílio - CENSO 2010 - Nova Lima	10
11. Espécie de Domicílio - CENSO 2010 - Nova Lima	10
12. Domicílio por Ocupação - CENSO 2010 - Nova Lima	10
13. Egotamento - CENSO 2010 - Nova Lima	10
14. Alfabetização - CENSO 2010 - Nova Lima	10
15. Programa Vida Nova - Beneficiários Jardim Canadá	10
16. Localização Moradia - População assistida CRAS	10
17. Tempo de Residência - População assistida CRAS	10
18. Escolaridade - População assistida CRAS	10
19. Local de Origem - População assistida CRAS escala brasil	10
20. Local de Origem - População assistida CRAS escala minas gerais	10
21. Função no Mercado de Trabalho - População assistida CRAS	10
22. Famílias e Habitação - População assistida CRAS	10
23. Características Habitação - População assistida CRAS	10
24. Rede Familiar - Jardim Canadá	10
25. Rede de Usos - Jardim Canadá	10
26. Rede de Usuários - Jardim Canadá	10
27. Rede de Instituições - Jardim Canadá	10
28. Desejos dos Jovens - Jardim Canadá	10

CAPÍTULO 6

29. Rendimento Nominal - Setores de Nova Lima	10
30. Rendimento Nominal - Bairros de Nova Lima	10
31. Dinâmica Imobiliária - Jardim Canadá	10
32. Jardineiros e Floriculturas - Jardim Canadá	10
33. Bares e Restaurantes - Jardim Canadá	10
34.a. Alojamentos - Localização	10
34.b. Alojamentos - Tipologias	10
35. Destino do Minério - Produção de Minas Gerais	10
36. Escoamento do Minério - Quadrilátero Ferrífero	10
37. Operações da VALE - Quadrilátero Ferrífero	10
38. Mineração - Entorno Jardim Canadá	10
39. Operações da Vale - Complexo Paraopeba I	10
40. Impactos Locais - Mina Capão Xavier	10
41. Propriedades Mineiradoras - Nova Lima	10

CAPÍTULO 7

42. Loteamento Jardim Canadá - Original x Ocupado	10
43. Histórico de Ocupação - Jardim Canadá	10
44. Histórico do Sistema Viário - Jardim Canadá	10
45. Água Limpa - Localização	10
46. Ocupação Formal e Informal - Jardim Canadá	10
47. Informalidade - Invasões e Apropriação de vias	10
48. Ocupação e Usos - Bairros Nova Lima	10
49. Tipologias Dominantes - Jardim Canadá	10
49.a. Localização	10
49.b. Tipos	10
50. Fluxos - Jardim Canadá	10
51. Usos da Rua - Jardim Canadá	10
52. Rua Hudson - Jardim Canadá	10
52.a. Trecho 01 - Residencial	
52.b. Trecho 02 - Misto	
52.c. Trecho 03 - Comércio e Indústrias	

CAPÍTULO 8

53. Resíduos - Jardim Canadá	10
54. Inventos - Jardim Canadá.....	10











APRESENTAÇÃO

Este livro reúne uma diversa produção teórica e prática realizada a partir do **Programa Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá - DESEJACA**, uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais e o JACA - Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá. O Programa, que engloba ações extensionistas, pesquisa e ensino, fundamenta-se na crença de que é possível promover uma forma alternativa de desenvolvimento local, em territórios marcados pela segregação social e econômica, através de uma dissolução de limites entre os universos da arte, design, arquitetura e urbanismo.

O Programa DESEJACA iniciou-se em 2011, coordenado pelas professoras Natacha Rena e Juliana Torres de Miranda da Escola de Arquitetura da UFMG e por Francisca Caporalli, diretora do JACA. Com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e ligado ao Grupo de Pesquisa Praxis, implantou-se inicialmente o Projeto **MAR.CA - Marcenaria com Madeira Reciclada**, também coordenado por Mateus Mesquita, do JACA. Em 2012, criam-se os Projetos **TE.CA - Tecelagem do Jardim Canadá**, **ESTAM.CA - Estamparia do Jardim Canadá**, **GRAF.CA - Núcleo de Produção Gráfica do DESEJACA**. Também em 2012, inicia-se a pesquisa **Novos Processos de Projeto Adequados às Transformações Socio-espaciais das Metrôpoles Contemporâneas: Fundamentos para intervenções no Bairro Jardim Canadá**, financiada pela Fapemig. Em 2013, o Programa de extensão também recebe apoio da FAPEMIG e do MEC/SESU, através do Edital PROEXT 2013. Durante esses anos, vários estudantes de arquitetura, design, geografia, artes e outras áreas se envolveram no Programa, seja como bolsistas, como voluntários, ou mesmo como alunos da disciplina UNI009-Oficina Multidisciplinar: Projetos Socio-ambientais, ofertada semestralmente desde o início do Programa. Eventos e workshops com participação de palestrantes, artistas e arquitetos convidados, foram realizados neste período, enriquecendo e revigorando as ações e perspectivas teóricas e militantes do Programa.

O livro estrutura-se em quatro partes. Na **Primeira Parte**, discutem-se as perspectivas teóricas que de alguma maneira fundamentam nossa postura, investigações e ações. Colidem-se no indefinido arco de saber do Programa, referências de vários campos, principalmente filosóficas e sociológicas de base neomarxista, em que interessam atributos sociais, ambientais, políticos e econômicos. No **Capítulo 1**, Natacha Rena e Juliana Miranda discorrem sobre alguns princípios e pressupostos teóricos que fundamentam o Programa DESEJACA. Discutindo o Programa através da hipótese de que é possível uma ação capaz de promover localmente uma forma alternativa de desenvolvimento, pretende-se contribuir ao debate sobre os processos de produção do espaço urbano e as contraposições aos seus mecanismos segregadores. Este texto é uma revisão de artigo apresentado no II ENANPARQ - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e

Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, ocorrido em Natal em setembro de 2012. No **Capítulo 2**, Simone Tostes, discute algumas questões sobre as possibilidades e impasses da pesquisa científica, advogando pela necessidade de se ultrapassar os limites de abordagens mais convencionais e se buscar por caminhos mais abertos a conexões de diversas naturezas. A cartografia, como uma acepção teórico-metodológica de pesquisa, proposta por Gilles Deleuz e Félix Guattari é então discutida pela autora. No **Capítulo 3**, Marcela Silviano Brandão, levanta algumas questões sobre a prática projetual vigente do planejamento urbano, tomando como referência o Plano de Requalificação elaborado entre 2009 e 2012 para o bairro Jardim Canadá, localizado no município de Nova Lima, Minas Gerais. A partir de uma leitura crítica do Plano, localiza alguns dos seus paradigmas e pressupostos, para então investigar outra forma de relação entre o planejador e o território em que se pretende atuar. Vislumbra-se uma ação do tipo de pesquisa-intervenção que considere e potencialize as singularidades desse território, e que se abra para uma prática projetual mais flexível e dinâmica.

Na **Segunda Parte**, um conjunto de mapas temáticos, diagramas e gráficos, sob várias perspectivas metodológicas, esboçam uma imagem do Jardim Canadá. Uma imagem que não se pretende unívoca, nem total, mas como uma colagem de vários olhares, perspectivas múltiplas. Conformam um Atlas Eclético que antes de sua função de representação, atuaram como táticas das ações extensionistas do DESEJACA.

Referências sobre táticas de ação e processos de projeto em arquitetura, urbanismo e design contemporâneos mais adequados aos desafios propostos pelo Programa são exploradas nos textos da **Terceira Parte** do livro. As ações do DESEJACA, para além da intervenção espacial, ambicionam contribuir para o empoderamento de comunidade vulnerável e sua permanência na região, ameaçada pela expansão do capital global no Jardim Canadá. Vislumbrando-se estratégias de intervenção no território mais flexíveis e não lineares, que considerem o fluxo cotidiano das forças visíveis e invisíveis que nele atuam, e incorporem a participação ativa dos habitantes em processos de mediação de saberes e informações, esta parte debruça sobre os Coletivos de Arquitetura que tem surgido na América Latina nos últimos dez anos, sobre procedimentos de projeto diagramáticos e sobre o resgate e incorporação dos saberes populares presentes nas artesanias.

A **Quarta Parte** consiste na apresentação das principais ações e produtos do DESEJACA de uma maneira crítica, discutindo metodologias, processos, participação, falhas e alcances. Além do trabalho produzido pela equipe do DESEJACA, apresentam-se também a produção de artistas residentes que estiveram no JACA neste período e que alimentaram e contribuíram, mesmo que de forma indireta, para o Programa.

PARTE 1

TEORIA

CAPÍTULO 1 : PROGRAMA DESEJA.CA: DISSOLUÇÃO DOS LIMITES ENTRE ARTE, DESIGN, ARQUITETURA E URBANISMO

Juliana Torres de Miranda e Natacha Rena

Este texto consiste numa revisão de artigo publicado em Anais do II ENANPARQ : Teorias e Práticas na Arquitetura na Cidade Contemporâneas - complexidade, mobilidade, memória e sustentabilidade. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2012.

O presente artigo apresenta uma experiência extensionista e militante que se baseia na crença de que é possível uma ação capaz de promover, localmente, uma forma alternativa de desenvolvimento em territórios onde se faz presente a pobreza e a segregação social. Esta ação que, embora não se caracterize dentro de um campo disciplinar específico, pois é essencialmente multi e transdisciplinar, parte do encontro entre os universos da Arte, do Design, da Arquitetura e do Urbanismo, sob o cruzamento de perspectivas filosóficas que envolvem uma posição neomarxista com ênfase no pós-estruturalismo deleuzeano.

Trata-se do Programa extensionista DESEJA.CA - Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá - da Escola de Arquitetura da UFMG1. Este é um programa em uma localidade estratégica da Região Metropolitana de Belo Horizonte, que nasceu de uma parceria entre a Escola de Arquitetura da UFMG e o JA.CA_Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá, com o objetivo de atuar de diversas maneiras para colaborar com a melhoria na qualidade de vida dos moradores do bairro Jardim Canadá. Desenvolve diversas atividades práticas, envolvendo ensino, pesquisa e extensão, que auxiliam positivamente no desenvolvimento local, em parcerias com atores múltiplos (empresas, estado, associações e instituições culturais), inserindo o design, a arquitetura e o urbanismo numa perspectiva em que interessam atributos sociais, ambientais, políticos e econômicos. Aos princípios da extensão universitária, soma-se também a perspectiva de ação política da arte, que fundamenta as ações do JA.CA².

1. Ver maiores informações das ações do Programa no site programadeseja.ca.wordpress.com

2. O JA.CA é uma iniciativa para o estímulo e o desenvolvimento da arte no Brasil, atuando como uma importante plataforma para o aprendizado e o intercâmbio de experiências. O Centro busca incentivar projetos artísticos que utilizem abordagens e tecnologias variadas para atuar especificamente frente à realidade local, seja através de estímulos educacionais ou ativamentos de práticas colaborativas e promove uma variedade de eventos relacionados à arte, como palestras, oficinas e exposições. No ano de 2010, iniciou suas atividades com o lançamento de um programa de Residência Artística recebendo artistas brasileiros e artistas internacionais, que trabalharam nos ateliês do Centro.

O surgimento e concepção do DESEJA.CA devem-se primordialmente ao desejo da Professora Natacha Rena em compartilhar sua experiência como coordenadora do premiado projeto ASAS - Artesanato Solidário do Aglomerado da Serra, desenvolvido por ela na FUMEC, desde 20073. O DESEJA.CA, iniciou-se, portanto, a partir desta referência, considerando a metodologia já existente, adaptando-a para uma nova dimensão. Com este novo projeto, pretendia-se trazer para o contexto da UFMG, do JA.CA e do Bairro Jardim Canadá uma inovadora metodologia de ação envolvendo capacitação em artesanato e design, que procurava, através da inquietude artística, ultrapassar a escala do design e alcançar uma abrangência arquitetônica e urbana.

O programa iniciou-se em 2011 com o Projeto MAR.CA - Marcenaria Canadá, com uma equipe coordenadora composta pelas professoras da UFMG, Juliana Torres de Miranda e Natacha Rena, pela diretora do JA.CA, Francisca Caporali, e pelo psicólogo e marceneiro Mateus Mesquita. Em 2012, com objetivo de ampliar as possibilidades de ações do grupo incorporam-se outros três projetos - ESTAM.CA - Estamparia Jardim Canadá; TE.CA - Tecelagem Jardim Canadá e GRAF.CA - que, juntos com o MAR.CA, passaram a conformar o Programa DESEJA.CA.

Pretendemos discutir os pressupostos teóricos do DESEJA.CA a partir de uma crítica aos processos de produção hegemônicos do espaço urbano e às contraposições aos seus mecanismos segregadores. Esses pressupostos estão fundamentados na leitura de alguns autores, filósofos, geógrafos e sociólogos de referência marxista e deleuzeana como: Milton Santos (2002 e 2005), Boaventura Souza Santos (2006 e 2007), Roberto Luis Monte-Mór (1994 e 2006), Henri Lefebvre (2006 e 2008),



3. Ver informações sobre o projeto no site www.projetoasas.org

Peter Pál Pelbart (2003), Michel Hardt e Antonio Negri (2001 e 2005) e Giuseppe Cocco (2009). A partir dessa perspectiva, podemos fazer uma análise sobre a natureza do urbano no bairro Jardim Canadá, reconhecendo ali as manifestações de um processo de produção de espaço segregador, mas ao mesmo tempo, reconhecendo as potencialidades e as virtualidades de uma alternativa inclusiva de produção desse espaço, e, assim, apresentar sucintamente o Programa, seus objetivos e metodologia.

1.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Pensando a extensão universitária e a arte engajada como possíveis vetores promotores do desenvolvimento sustentável de locais onde a exclusão social se faz evidente, a perspectiva teórica da estratégia geral de ação do Programa DESEJA.CA pode ser circunscrita em torno das seguintes referências teóricas que se contaminam em seus percursos conceituais:

Pressuposto 1: existência de mecanismos e dispositivos de exclusão nos processos de produção do espaço e alternativas de desenvolvimento

O conjunto dos textos em que nossa atuação se fundamenta tem em comum uma crítica da sociedade contemporânea. Compreende a sociedade a partir dos meios de reprodução das relações de produção (relações sociais) e, ao mesmo tempo em que são críticos, analisando as contradições e explicitando seus mecanismos de opressão e dominação, possuem um horizonte utópico, isto é, vislumbram caminhos e potenciais de superação.

Há um pensamento hegemônico, positivista, desenvolvimentista e neoliberal fortemente presente nas teorias urbanas. Como contraponto, há um pensamento negativista, pessimista, que ataca frontalmente o capital e solicita uma volta a um estado-nação forte no comando. E há também outras formas de compreender o mundo atual globalizado, um outro pensamento, fora desta dicotomia dialética direita x esquerda, capital x trabalho, que faz parte de um movimento engajado e otimista com relação à formação de um contra-poder imperial. Poder-se-ia chamar esta outra maneira, mais complexa e potente de ver o mundo, de pensamento político da diferença. Indignados com o capitalismo esquizofrênico, mas compreendendo que ele está em toda parte, pensadores como Michel Hardt, Toni Negri, Peter Pál Pelbart, Giuseppe Cocco (na esteira da filosofia proposta por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari), entendem que é possível criar forças contrárias ao poder imperial, porém de dentro do próprio Império.

HARDT & NEGRI (2001) advogam a existência de uma ordem mundial, o Império, “uma nova ordem global, uma nova lógica e estrutura de comando, uma nova forma de supremacia” (p. 11), em que, num processo intenso de globalização, os Estados-Nação se vêem cada vez com menos poder de regular fluxos de produção e troca. Os autores, ao tentar elucidar as subjetividades que animam esta realidade social, descrevem os processos de biopolítica em que o poder do Império atinge a produção da própria vida social, “na qual o econômico, o político e o cultural cada vez mais se sobrepõem e se completam um ao outro” (p. 13), onde o poder aprendeu a controlar a vida por dentro, por dentro dos corpos e cérebros dos cidadãos. Segundo Pelbart:

o Império é uma das novas estrutura de comando, em tudo pós-moderna, descentralizada e desterritorializada, correspondente à fase atual do capitalismo globalizado. O Império, diferentemente do imperialismo, é sem limites nem fronteiras, em vários sentidos: engloba totalidade do espaço do mundo, apresenta-se como fim dos tempos, isto é, ordem a-histórica, eterna, definitiva, e penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos, mentes, inteligência, desejo, afetividade. Totalidade do espaço, do tempo, da subjetividade. Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, redescobrimo a totalidade da existência humana. No entanto este poder já não se exerce verticalmente, desde cima, de maneira piramidal ou transcendente. Sua lógica em parte inspirada no projeto constitucional americano é mais democrática, horizontal, fluida, esparramada, em rede, entrelaçada no tecido social e a sua heterogeneidade, articulando singularidades étnicas, religiosas, minoritárias. O Império coincide com a sociedade de controle, tal como Deleuze, na esteira de Foucault, o havia tematizado. Em substituição aos dispositivos disciplinares que antes formatavam nossa subjetividade, surgem novas modalidades de controle. Em lugar do espaço esquadrihado pela família, escola, hospital, manicômio, prisão, fábrica, tão característicos do período moderno e da sociedade disciplinar, a sociedade de controle funciona através de mecanismos de monitoramento mais difusos, flexíveis, móveis, ondulantes, ‘imaneente’, incidindo diretamente sobre os corpos e as mentes, prescindindo das mediações institucionais antes necessárias, que de qualquer forma entraram progressivamente em colapso. O novo regime de controle em espaço liso e aberto se exerce através de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento, e é como que interiorizado e reativado pelos próprios sujeitos, no que os autores chamam de um estado de alienação autônoma. Através de redes flexíveis, moduláveis e flutuantes, o poder muda de figura, amplia seu alcance, penetração, intensidade, bem como sua capacidade de mobilização. (PELBART, 2003: 81-82)

Esta centralidade da vida cotidiana, do bios social, indissociável do cultural, do político e do econômico, capturado pela produção capitalista, é também central para Lefebvre, que aborda sobre este enfoque a problemática do espaço, questão central para nós, arquitetos e urbanistas. Lefebvre entende o espaço não

a partir de uma abstração fragmentada da ciência e da arquitetura e urbanismo modernos, mas como instrumento interno aos mecanismos de reprodução das relações de produção e, portanto, atrelado à vida cotidiana.

(...) a re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro. (LEFEBVRE, 2008: 7)

No entanto, é justamente nesta condição biopolítica, nesta nova subjetividade, que estariam contidas as formas de superação do Império, as possibilidades de se inventar novas formas democráticas e novos poderes constituintes de uma sociedade global alternativa – a biopotência – como reconhecem Hardt & Negri:

A transição para o Império e seus processos de globalização oferece novas possibilidades para as forças de libertação. (...) As forças criadoras da multidão que sustentam o Império são capazes também de construir, independentemente, um Contra-império, uma organização política alternativa de fluxos e intercâmbios globais. Os esforços para contestar e subverter o Império, e para construir uma alternativa real, terão lugar no próprio terreno imperial. (HARDT & NEGRI, 2001: 12- 15)

Portanto, a partir de HARDT & NEGRI (2005), o conceito de Multidão (outro nome para biopotência) torna-se central para uma ação de promoção de melhoria de qualidade de vida no Bairro Jardim Canadá. Isso implica compreender a potência criativa local para a criação de novos circuitos de cooperação e colaboração que se alarga no contexto global, facultando uma quantidade infinita de encontros. A multidão pode ser encarada como uma rede:

uma rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios de convergência para que possamos trabalhar e viver em comum. (HARDT & NEGRI, 2005: 12)

O Programa DESEJA.CA fundamenta-se, inicialmente, no reconhecimento dos mecanismos excludentes presentes no interior dos processos de produção do espaço nas metrópoles contemporâneas e na crença na possibilidade de uma promoção de desenvolvimento mais sustentável socialmente via uma atuação que considere o território nas suas dimensões locais e globais, baseando suas diretrizes em parcerias e redes colaborativas estabelecidas com coletivos de arte e arquitetura latino-americanos (coletivos colombianos Oficina Informal e Paisajes Emergentes; coletivo equatoriano Al Borde, dentre outros). Fazer juntos e criar novas formas de produção do conhecimento: dentro da universidade, nas

relações criadas com moradores do bairro, nas redes latino-americanas. Entende-se o território como o lugar potente para criação de redes colaborativas em diversas camadas, quando o global e o local se cruzam potencializando ações envolvendo ensino, pesquisa e extensão no campo do design e da arquitetura, assim como atividades artísticas de engajamento social.

Esta leitura social e política do território fundamenta nossa compreensão da interação entre as dinâmicas urbanas e mecanismos de pobreza e exclusão no bairro Jardim Canadá e, ao mesmo tempo, fundamenta-nos a ideia de um desenvolvimento alternativo, que promova a qualidade de vida em múltiplos aspectos para a maioria da população, a inclusão social, o empoderamento social e político, como a constituição de mecanismos para fazer cruzar as potências locais, agenciando projetos que são simplesmente ativadores de conexões entre a Multidão local (e a urbana como um todo), assim como global. Estas redes colaborativas tornam as diretrizes de ação no Programa potentes para um desenvolvimento não desenvolvimentista. Um desenvolvimento que possa criar urbanidades mais justas socialmente num processo colaborativo envolvendo múltiplos atores sociais. Portanto, a ideia do Programa DESEJA.CA de ser um programa de desenvolvimento sustentável, passa pela ideia de participação ativa da comunidade.

Essa definição que busca o desenvolvimento sustentável opõe-se ao modelo de desenvolvimento dominante, que promove a fusão de empresas, a concentração do capital e da renda, o aumento da desigualdade social, a exclusão social, a segregação urbana, (...). Mesmo nas épocas em que houve crescimento, não se reduziu a desigualdade. (...) queremos um desenvolvimento que beneficie a grande maioria da população; queremos um desenvolvimento com distribuição de renda; queremos um desenvolvimento que seja um projeto identificado com as aspirações da população e sustentado por ela. (BAVA, 2004: 110)

Pressuposto 2: tecnologia social e gestão solidária

A estratégia de ação do DESEJA.CA fundamenta-se também no conceito de TECNOLOGIA SOCIAL - como alternativa à noção dominante de produção de conhecimento e tecnologia (fundada na visão neutra, essencialista e triunfante da ciência). Tecnologia social é um termo que vem sendo desenvolvido no meio da própria ciência e nas instituições voltadas para políticas públicas. Consiste em técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas na interação com a população e associadas a formas de organização coletiva que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida (LASSANCE E

PEDREIRA 2004: 66). Esta estratégia tem como princípio a noção de inovação e abordagem sociotécnica, contrária à noção de tecnologia desenvolvida a priori e então repassada a quem irá aplicá-la. Como inovação social, reconhece-se a ligação entre condições sociológicas e técnicas, e considera que todos os atores sociais (não só os técnicos ou pesquisadores) devam participar do processo de produção de conhecimento e tecnologia.

Sabe-se que as táticas inventivas de objetos e soluções arquitetônicas adotadas no cotidiano das populações de baixa renda, com escassez de recursos, surgem de maneira espontânea utilizando da extrema criatividade que também é própria do homem comum. Acredita-se que:

todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer - novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. (...) Todos e qualquer um, e não apenas os trabalhadores inseridos numa relação assalariada, detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode tornar-se vetor de valorização e de autovalorização. Assim, o que vem à tona com cada vez maior clareza é a biopotência do coletivo e a riqueza biopolítica da multidão. (PELBART, 2003:139)

Reconhecemos, portanto, a necessidade de se gerar desenvolvimento de tecnologias sociais reaplicáveis que sejam construídas coletivamente, no encontro dos saberes acadêmicos, populares e também artísticos. É importante evitar um olhar apenas estético-formal sobre inventos cotidianos (arquitetônicos e de design), mas incentivar um olhar astuto para apreender novas tecnologias, menos científicas e mais experimentais, menos estratégicas (planejadas) e mais táticas (de ocasião).

Um importante autor para esta compreensão do valor dos inventos cotidianos é Michael de Certeau. Se, segundo CERTEAU (2003), a estratégia postula um lugar como próprio e constrói uma base para gestão de suas relações com a exterioridade, a tática só tem por lugar o do outro. Ela insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos. Pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigília à espera da oportunidade.

Na tática, a arte de dar o golpe é o senso da ocasião. A tática é a arte do fraco e este pode tirar partido de forças que lhe são estranhas. Espera de momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos. As invenções táticas (edifícios, utensílios, roupas, móveis, sinalizações, etc.) produzidas pelos habitantes das favelas, das ruas, dos locais desprovidos de status financeiro que possibilitam

a compra de objetos de design, são costumeiramente consideradas marginais pelas autoridades do design e da arquitetura, e estão, quase sempre, excluídas das referências oficiais da cultura de um lugar. As engenhosidades, muitas vezes chamadas de gambiarras, construídas a partir da necessidade, não são planejadas, nem pesquisadas, nem aprovadas por normas, apenas desenvolveram táticas eficazes para sobrevivência numa situação onde a população é carente de recursos para adquirir produtos industrializados e novos, ou para construir casas projetadas e dentro das normas da cidade oficial.

Para CERTEAU (2003), há no homem comum e anônimo um homem extremamente inventivo, considerado herói comum, caminhante, inumerável que se difere dos nomes próprios, e produz num ambiente de cultura ordinária onde a ordem é exercida por uma arte de fazer. Há uma economia do dom, uma estética de lances, um estilo de invenções técnicas, uma ética da tenacidade. O autor parte do interesse, não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de desvio dos produtos por uma prática inovadora dos seus usuários. Estas seriam maneiras ou modos de fazer diferentes que marcam socialmente o desvio operado em alguns produtos por uma prática, criações anônimas e percíveis que surgem instantaneamente e não se capitalizam. Há nestas práticas uma inversão de perspectiva que desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos para a criação anônima que nasce da prática do desvio no uso destes.

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do 'fraco' na ordem estabelecida pelo 'forte', arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos. (CERTEAU, 2003: 13)

O que interessa a este autor são as operações e os usos individuais, suas ligações e as trajetórias variáveis dos praticantes que manipulam materiais e produtos a partir da bricolagem e da inventividade artesanal. Interessa os movimentos de micro-resistências, que fundam as micro-liberdades e deslocam as fronteiras das relações hierárquicas de poder sobre a Multidão.

Seguindo a trilha deixada por Michel Foucault, CERTEAU vê nos dispositivos inventados uma vampirização das instituições que reorganizam clandestinamente o funcionamento do poder, ou seja, uma atuação microfísica do poder. O autor detecta, já nos anos 60, a importância de pesquisas destes outros modos de utilizar produtos consumidos de forma subversiva e curto-circuitam as encenações institucionais.

A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de 'consumo': esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 2003: 39)

Porém, mais do que o homem comum, que habita anonimamente as cidades e o campo, desenhado por Certeau, este homem comum habitante das favelas, excluído do esquema oficial da cidade formal, extrapola a noção do consumidor criativo e detém uma enorme força inventiva para atuar no seu cotidiano. A partir da urgência para sobreviver, os habitantes das favelas produzem design e arquitetura de forma super inventiva, devido à imediaticidade que solicita improvisação – criação não planejada. A invenção nestas circunstâncias se torna “um acontecimento jubiloso, uma combinação singular, encontro, hibridação, novo agenciamento das relações entre forças, rearranjo. A invenção é uma pequena diferença introduzida no mundo e tem que ver com novas formas de cooperação que ela enseja.” (PELBART, 2003: 113)

Poderíamos mesmo afirmar que as invenções táticas praticadas pelos homens ordinários, sem pretensão de arte, são resultado e processo constitutivos de novas formas de vida, belicosas e astutas, atuando como modos de subjetivação emergentes pelos excluídos do trânsito empregatício convencional das cidades formais.

Produzir o novo é inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. (PELBART, 2003: 23)

Há, portanto, um desejo e uma necessidade para o universo do design atual de chamar a atenção para os recursos criativos dos fracos em sua rotina invisível dentro do esquema geral dos grandes discursos que abordam a estética como manifestação da arte do design (legitimados por escolas, universidades, galerias e crítica). O realmente atrativo destas micropolíticas do cotidiano, resistências fracas, é que está construída onde não se conforma a cultura hegemônica e divulgada de um lugar. Estas atravessam a vida cotidiana que dos escondidos que continuam de fora das histórias oficiais e representam as minorias marginalizadas. Enfim, existe aqui uma aposta na microanálise e no estudo do particular.

Como detectar modos de subjetivação emergentes, focus de enunciação coletiva, inteligências grupais que escapam aos parâmetros consensuais, às capturas do capital e que não ganharam ainda suficiente visibilidade no repertório de nossas cidades? (PELBART, 2003:139)

Pressuposto 3: empreendedorismo social a partir da interface ente arte, design, arquitetura e urbanismo

Outro fundamento do DESEJA.CA é o reconhecimento do potencial do encontro entre artesanato, arte, design, arquitetura e urbanismo, em processos de criação colaborativa, para conjunto de ações que incentivam a elaboração de políticas para geração de renda e reposicionamento social, empoderando comunidades em estado de vulnerabilidade social, promovendo sua autonomia criativa e de gestão e intervindo positivamente na qualidade do meio-ambiente construído.

A abordagem política das fronteiras entre a arte, o design e a arquitetura entende estas disciplinas como potentes de transformação social e repletas de dispositivos capazes de disparar ações que ativem o reposicionamento social das comunidades envolvidas, além de possibilitar a construção de uma rede colaborativa de criação, produção e pensamento acerca destas disciplinas e suas interfaces.

Isso implica não apenas uma transformação da idéia de artesanato como uma produção de baixo valor agregado, mas também uma revisão dos conceitos e princípios da arte, do design e a da arquitetura, para uma perspectiva social.

A conjunção do artesanato com design permite vislumbrar uma estratégia de economia criativa e solidária em design social. Busca-se por processos inovadores de produção que resultem na construção de objetos de design, contendo fortes características locais e, portanto, alto valor agregado. O incentivo à elaboração de produtos singulares surge em paralelo com o crescimento de um mercado de consumo responsável, que valoriza cada vez mais produtos com propostas estéticas contemporâneas alinhadas às tendências do universo do design sustentável e, ao mesmo tempo, produzido por comunidades de artesãos locais. Do ponto de vista da arquitetura social, vislumbramos processos de transformação e melhoria dos espaços públicos e privados a partir da intensa participação e envolvimento de seus habitantes, ao mesmo tempo em que se buscam soluções alternativas de construção que possam ser apropriadas pelos próprios cidadãos.

Outra mudança de paradigma que a idéia de design e arquitetura social traz é em relação à criação colaborativa em oposição à idéia de criação autoral, comumente

incentivada nos cursos de arquitetura e design. A noção de gestão e trabalho colaborativo é fundamental para os processos que visam ao desenvolvimento de estratégias de negociação e troca de conhecimento, acadêmico e popular. A inovação social surge no embate cotidiano de idéias entre pessoas com origem social, cultural e econômica diversas. Estas práticas participativas reforçam a idéia de grupo, reafirmando uma identidade local, que, mesmo sendo híbrida e multifacetada, auxilia na consolidação de uma equipe criativa e produtiva coesa, promovendo a desejada autonomia criativa e de gestão do núcleo produtivo.

Pressuposto 4: extensão universitária

Todos os marcos conceituais acima deságuam na nossa concepção sobre a extensão universitária. Esta não é vista como assistencialista, nem como a aplicação ou repasse de um saber construído intramuros. Extensão, pesquisa e ensino se interrelacionam na produção, construção e difusão de um saber singular, engajado, político e comprometido com a realidade social. Também como objetivo central da ação extensionista, está o empoderamento dos beneficiários e dos alunos, técnicos e professores como agentes do saber, numa estrutura não hierarquizada entre o saber erudito da universidade e saber popular dos moradores e empreendedores e parceiros locais. Acredita-se que todos são beneficiados, ao contrário do sentido da palavra beneficiário que geralmente se refere apenas à comunidade externa.

Realizar uma atuação militante dentro da universidade exige que se faça um movimento de cruzamento: entre os saberes populares e eruditos, entre os modos de vida da periferia e dos seus técnicos, alunos e professores. Cruzar as fronteiras, territoriais e espaciais, mas também, e principalmente, sociais. Acredita-se na extensão universitária como uma ferramenta de entendimento do contexto real da sociedade e o lugar da ação pra fora das salas de aula e dos gabinetes. Dentro das Universidades, a extensão é o ponto de resistência.

Segundo o Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, a Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. No mesmo sentido, Boaventura de Souza Santos defende a extensão enquanto atuação social indissociável do ensino e da pesquisa:

numa sociedade cuja quantidade e qualidade de vida assenta em configu-

rações cada vez mais complexas de saberes, a legitimidade da universidade só será cumprida quando as atividades, hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino. (SANTOS apud SOBRINHO, 2000: 50)

Pensando no ensino e na produção do design e da arquitetura, é necessária a introdução de outras formas para lidar com os processos de criação, que possibilitem novos parâmetros para a consolidação da produção de um campo expandido para estas disciplinas, que possa existir de uma maneira mais social e política, criando um ambiente para a existência de ações mais engajadas e militantes. O fazer apenas estratégico e planejado do projeto de design ou de arquitetura não atinge o campo social e político necessário para a transformação de nossa realidade. Produz-se para o mercado e através do mercado, lança-se, em segundo plano, os projetos coletivos e colaborativos, que não necessitam de uma autoria criativa. É por isto que se abre aqui uma defesa tanto das ações de extensão, quanto do processo de criação e produção artesanal. Aprender fazendo, com o outro, coletivamente. Produção sem assinatura, sem a forma em evidência. Processo como foco. Conhecimento na troca desierarquizada. Fazer design e arquitetura como se faz política.

1.2. O BAIRRO JARDIM CANADÁ

O caso específico do Jardim Canadá é bastante representativo dos processos metropolitanos contemporâneos de produção de espaço e ajuda a entender a lógica que pode se aplicar às franjas metropolitanas em geral, sobretudo àquelas inseridas em meio a regiões de expansão do mercado imobiliário de alta renda e de formação de um meio urbano quase desprovido de centralidades e dos elementos que possibilitam uma vida urbana emancipadora.

O Bairro Jardim Canadá inicia-se nos anos 50 como um loteamento do município de Nova Lima em área completamente dissociada dos tecidos urbanos tanto da cidade de Nova Lima como de Belo Horizonte, ao longo da rodovia BR040, rodeado de áreas de proteção ambiental. Nasce como um empreendimento que pretende explorar o potencial de uma nova ocupação que surgia no eixo sul da região metropolitana de Belo Horizonte: os condomínios residenciais unifamiliares de luxo. O vizinho Retiro das Pedras é pioneiro nesta iniciativa e obteve sucesso imobiliário imediato. No entanto, o loteamento Jardim Canadá, não previsto como condomínio e sem infraestrutura básica, não logrou sucesso. Seus terrenos mantiveram-se com baixa ocupação e se tornaram oportunidade

para ocupação irregular por meio de invasões que ocorreram entre os anos 60 e 70, principalmente. Atraídos pela oferta de emprego em construção civil na região sul da metrópole, os primeiros moradores foram se instalando de maneira precária em terrenos apossados, adquiridos a preços baixos, ou ocupando terrenos previstos para equipamentos públicos e institucionais.

A partir dos anos 90, com a intensificação dos empreendimentos de condomínios e consolidação do eixo sul como expansão imobiliária de classe alta da região metropolitana, o bairro passa a assumir papel de pólo de serviços. Surge uma rede de serviços e de comércio, em atendimento às demandas cotidianas da expansão residencial. Além disso, o bairro cresce com a implantação de empresas e pequenas indústrias do setor da construção civil e moveleira.

Hoje, o bairro situa-se ilhado entre as margens de um parque natural, uma mineração, condomínios de luxo e uma importante rodovia federal, no entroncamento de três municípios da região metropolitana - Nova Lima, Brumadinho e Belo Horizonte. A relação entre esses vizinhos imediatos e a própria identidade árida de uma comunidade formada por imigrantes recentes se explicita em paradoxos recorrentes de pobreza e periferia. Ao mesmo tempo em que o bairro atua como pólo de serviços e de comércio dos condomínios residenciais - fragmentos de um urbano desprovido de cidade, característicos da expansão urbana do eixo sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte - mantêm-se bolsões de pobreza, revelados pelos índices locais⁴. Desta população, a maioria está desempregada, realizando, eventualmente, pequenos serviços para sobrevivência e se mantém no bairro com dificuldade, devido à escassez de oferta de habitação de baixo custo na região, ao alto preço dos aluguéis cobrados nos cortiços e à pressão velada sobre os moradores de terrenos não legalizados. No zoneamento atual, apesar da grande irregularidade da ocupação local, poucas áreas são demarcadas como ZEIS.

Entre um pólo e outro - da pobreza e da expansão do espaço da valorização imobiliária - percebe-se a formação de uma pequena urbanidade, com sua micro-economia, apropriação e vivência do espaço público. A coexistência de múltiplas realidades - os imigrantes, a classe alta, comerciantes, mineradoras e usuários temporários - deixa transparecer um tecido heterogêneo. O bairro surge como

4. Segundo dados do IBGE de 2000, o Jardim Canadá possuía 1.049 domicílios e 4.200 habitantes. Hoje, dez anos depois, estima-se que este número esteja em torno de 7.400. Cerca de 65% das 1322 famílias residentes no bairro recebem menos de 3 salários mínimos, a maioria com renda per capita entre R\$127,50 à R\$255,00 (dados IPTU2008); destas famílias, 502 estão cadastradas em programas governamentais de complementação de renda, mas apenas 375 recebem auxílio de programas como Vida Nova (Municipal) e Bolsa Família (dados Prefeitura Nova Lima).



um espaço residual da diferença, entremeadado de experiências sem-lugar como conseqüência disso e como expressão das verticalidades que ligam o global ao local.

No entanto, os processos de produção do espaço no âmbito dos circuitos de valorização do capital imobiliário, já em curso no local e a serem impulsionados pelos planos do município e da metrópole, ameaçam essa emergente urbanidade e tendem a expulsar dessa nova centralidade uma população de baixa renda num processo radical de gentrificação. No contexto do circuito de mineradoras e áreas de proteção ambiental, ou seja, de tantos territórios protegidos à ocupação informal, aonde iria se fixar essa população? Uma vez que a mera melhoria da infra-estrutura tende a ser ela mesma um fator indutor da valorização da região e conseqüente especulação imobiliária, por sua vez responsável pela expulsão das populações mais pobres, que mecanismos devem ser pensados de modo a impedir a reprodução desta lógica recorrente, de custos sociais, espaciais e ambientais tão altos?

A região reflete a efemeridade da cidade no urbano contemporâneo: constituída espontaneamente, a região do Jardim Canadá é quase instantaneamente ameaçada por processos de expansão da metrópole. A cidade se torna um ente socioespacial temporário, surgida em meio a processos de transformação diversos que atuam na escala da região e que passa a dar lugar a um meio potencialmente gentrificado. A cidade se torna vítima do seu próprio sucesso (MAGALHÃES, LINHARES e MONTE-MÓR, 2006).

Além desse cenário social, destaca-se a questão do lixo gerado no bairro - principalmente pelas micro-indústrias locais e mineradoras - que pode ser considerado ao mesmo tempo um problema e como um potencial, devido a sua possibilidade de reciclagem. Uma atenta observação nas formas de apropriação dos espaços cotidianos do bairro, deixa revelar o potencial desses resíduos, seja pela prática difundida de colher e armazenar esses resíduos, seja por uma série de soluções inventivas, de táticas, que a população comum desenvolve, utilizando-os. Esses resíduos e essas inteligências coletivas vêm sendo mapeadas pelo DESEJA. CA como referências para a construção de novas tecnologias sociais. Nestas pesquisas comprovamos a suposição de que a madeira seria material descartado com grande freqüência no bairro.

Esboça-se assim o cenário que se pretendia enfrentar. Por um lado, a vulnerabilidade das famílias habitantes no bairro Jardim Canadá, situadas na linha de pobreza e ameaçadas de expulsão do processo de desenvolvimento do bairro devido a



dificuldades de inserção na dinâmica econômica e geração de renda. Por outro lado, há uma grande produção de resíduos no bairro, principalmente de madeira, passíveis de reciclagem e já demonstrada pelas soluções inventivas adotadas pela população, além de um leque enorme de inteligências coletivas locais, táticas de sobrevivência fora da lógica comum do design industrial e do planejamento arquitetônico, que utilizam os resíduos para a produção de soluções cotidianas extremamente singulares.

Surgem algumas questões importantes para o Programa DESEJA.CA: estamos – profissionais designers, arquitetos, urbanistas e planejadores – preparados para intervir positivamente nos processos de transformações territoriais e de produção do espaço de uma maneira que sejam reforçadas as qualidades da urbanidade e não sua aniquilação? Podemos realizar processos de intervenção no local, construindo redes globais, novas conexões com a Multidão? É possível pensar o design através e contaminado pelas forças criativas desta Multidão que produz seus inventos cotidianos totalmente fora da lógica do mercado industrial?

1.3. OBJETIVOS E METODOLOGIA DO PROGRAMA DESEJA.CA

Ao contrário da estratégia focada, por um lado, em desenho urbano esvaziado de conteúdo político e social, e por outro, em projetos sociais não territorializados, como vem sendo tomada nas várias instâncias do estado, como meio de melhoria da qualidade de vida no bairro Jardim Canadá, pensamos o Programa DESEJA.CA sobre um viés diferente. Tomamos como pressuposto que o empoderamento desta população vulnerável seria a estratégia fundamental para sua fixação no bairro, através não só da geração de renda, mas do fortalecimento de sua autoestima, da promoção de sua autonomia e protagonismo social e político. Nosso objetivo é, portanto, promover o desenvolvimento sustentável via economia solidária. Não consiste em um programa específico de habitação ou de planejamento urbano, mas pretende ter repercussão indireta nessas áreas a partir do empoderamento da comunidade, da geração de renda e de intervenções urbanas pontuais. Em longo prazo, esperava-se repercussão na qualidade do meio-ambiente por meio de influência nos projetos de expansão e crescimento do bairro e melhorias nas habitações existentes, por meio dos próprios moradores como atores políticos e auto-construtores.

Como metodologia, pretendíamos a inserção de um grupo de beneficiários em processos de empreendedorismo social em núcleos de produção de artesanato e design, com resíduos coletados no bairro, visando à inclusão produtiva via economia

criativa e solidária. No entanto, para a capacitação e a geração de renda, aliadas ao empoderamento, não vislumbramos a inserção imediata desses beneficiários como mão de obra nas empresas locais, mas visamos à preparação para sua autonomia e empreendedorismo individual e coletivo, que possam se concretizar na forma de associações e cooperativas produtivas. Além disso, um programa de capacitação deve também considerar o potencial do mercado local e dos resíduos disponíveis, vislumbrando a produção de objetos reciclados de design, mobiliário e material para construção civil que possam ser comercializados localmente e em mercados mais abrangentes.



Esperava-se articular estes grupos produtivos com o mercado consumidor de objetos com alto valor agregado devido às características identitárias que estarão presente nos produtos, resultado de uma metodologia de criação voltada para a valorização das singularidades da cultura local. Assim, pretendemos articular as inevitáveis escalas locais e globais da produção do espaço, como nos mostrou Milton Santos.

A estratégia para a produção de objetos com valor agregado parte de uma cuidadosa e criativa observação das singularidades dos espaços cotidianos, engendrados e experimentados pela comunidade local, de um mapeamento atento às táticas de sobrevivência que os moradores adotam para construir seus artefatos a partir dos lixos abandonados pelas pequenas indústrias locais, encontrados por toda parte. Esta é uma maneira de valorizar e aprender com o conhecimento popular. Com isso, pretende-se por um lado, incentivar a busca de linguagem própria e uma conscientização sobre a qualidade dos espaços domésticos e públicos locais, onde se vive. Pretende-se incentivar uma reflexão sobre como objetos, mobiliário e materiais construtivos podem estruturar e transformar a ocupação dos espaços privados e públicos. Da conscientização das demandas ambientais e da descoberta

do valor das soluções espontâneas “inventadas” no cotidiano, pretende-se fazer surgir inusitadas abordagens para as oficinas de design.

Esta estratégia guiou a fabricação dos objetos produzidos pelo Projeto MAR.CA, nas oficinas de capacitação dos bolsistas e também a concepção e construção do primeiro elemento de intervenção urbana do Programa, o Ponto de Ônibus Expandido. Com essas estratégias, pretendeu-se também abordar as questões ambientais do bairro, seja pela conscientização da importância de coleta e tratamento do lixo, seja pela consideração das demandas ambientais dos domicílios e espaços urbanos locais como situação enfocada nas soluções de design, ou, principalmente pela produção, a partir das oficinas, de intervenções urbanas e arquitetônicas em espaços cotidianos da comunidade.

Outro importante aspecto a ser destacado é a programação e as atividades de residência artística do JA.CA que acontecem ampliando o DESEJA.CA. O fluxo de artistas, designers e arquitetos de diferentes lugares e contextos, que residem no centro por dois meses, contribuem para a troca de experiências nas fronteiras interdisciplinares da arte, arquitetura e design. Os residentes atuam de forma estratégica para o reconhecimento do local e no estabelecimento de relações com a comunidade, já que eles compartilham as atividades do cotidiano com estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa DESEJA.CA nasce a partir de uma metodologia de ação de extensão focada no design, no encontro entre arte e artesanato. Tomamos como desafio, portanto, a introdução de outras formas de lidar com o design que possibilitasse novos parâmetros para a consolidação da produção de um campo expandido para esta disciplina para além do tecnicismo e do mercado de produção em massa, incentivando um desenvolvimento contaminado pelo cotidiano, pela arte, pela arquitetura, pelo urbanismo, e que pudesse existir de uma maneira mais social e política criando um ambiente para a existência de um design mais engajado e militante, contaminando a arquitetura e o urbanismo em ações transdisciplinares.

A militância atual é uma atividade positiva, construtiva e inovadora. Esta é a forma pela qual nós e todos aqueles que se revoltam contra o domínio do capital nos reconhecemos como militantes. Militantes resistem criativamente ao comando imperial. Em outras palavras, a resistência está imediatamente ligada ao investimento constitutivo no reino biopolítico e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade. Eis a grande novidade da militância atual: ela repete as virtudes da ação insurrecional de duzentos anos de experiência subversiva, mas ao mesmo tempo está ligada a um novo mundo, um mundo que não conhece

nada do lado de fora. Ela só conhece o lado de dentro, uma participação vital inevitável no conjunto de estruturas sociais, sem possibilidade de transcendê-las. Esse lado de dentro é a cooperação produtiva da intelectualidade das massas e das redes afetivas, a produtividade da biopolítica pós-moderna. Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor. (HARDT & NEGRI, 2001: 436)

Para investigar a dissolução dos limites entre design, arquitetura e urbanismo, inserindo esses campos numa ação socialmente engajada iniciamos a pesquisa “Novos processo de projeto de Projeto em Arquitetura, urbanismo e design adequados às transformações sócio-espaciais da metrópole contemporânea: fundamentos para intervenções no bairro Jardim Canadá”. Investigamos novos processos de projeto de intervenção urbana e arquitetônica e de design que sejam capazes de:

- Reconhecer, representar e incorporar no processo projetivo a complexidade da dinâmica urbana e o fluxo de transformação constante do espaço urbano, próprios dos processos metropolitanos contemporâneos, de difícil consideração em processos determinísticos e lineares de projeção, vislumbrando mapeamento das demandas, potenciais e problemas da transformação do Bairro Jardim Canadá em nova centralidade urbana do eixo sul de expansão metropolitana;
- Reconhecer, dialogar e incorporar saberes populares em processos de projeto mais adequados à apropriação e transformações dos espaços da vida cotidiana e à participação ativa da comunidade;
- Incorporar materiais e processos de construção alternativos para urbanismo, arquitetura e design, aproveitando potencial de reciclagem de resíduos produzidos na região, principalmente de madeira, vislumbrando seu potencial de processamento, aplicação e comercialização no bairro.

Acreditamos numa nova forma de militância criativa, num outro design, numa outra arquitetura, menos autorais e estéticos, e mais políticos e éticos. A extensão universitária possibilita a realização de ações que alimentam o pensamento e assim num ciclo contínuo, surgem teorias que aprimoram e reinventam as práticas. A extensão não deve ser pensada como simplesmente transferência de conhecimento, ela deve construir conhecimento coletivamente num ambiente de troca constante, incluindo o ensino e a pesquisa. Entende-se que a pesquisa acadêmica precisa funcionar, servir pra alguma coisa que realmente transforme a vida das pessoas ou melhore as condições de habitabilidade no mundo, e, portanto sua relação com a extensão é fundamental: “É isso, uma teoria é exatamente como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante. É preciso que sirva, é preciso que funcione.” (DELEUZE, 2006: 267)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAVA**, S. C.. Tecnologia Social e Desenvolvimento Social. In: Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- CAPORALLI**, F., **RENA**, N., **TORRES**, J., **YEMAIL**, A. Atlas da Diversidade. In: Parahyba, Belo Horizonte, 2012.
(http://issuu.com/parahyba/docs/parahyba02_genialidades_cotidianas)
- CERTEAU**, M. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COCCO**, G. **MUNDOBRAZ**. O devir-mundo do Brasil e o devir-brasil do mundo. Rio de Janeiro: Editora Record. 2009.
- DELEUZE**, G. A ilha deserta. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- HARDT**, Michael e **NEGRI**, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.
_____. Multidão. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LASSANCE JÚNIOR**, A. E.; **PEDREIRA**, J. S. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- LEFEBVRE**, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.
_____. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2006.
- MAGALHÃES**, F.N.C.; **LINHARES**, L., **MONTE-MÓR**, R.L.. Urbanização extensiva e desconcentração espacial no Eixo Sul do Entorno Metropolitano de Belo Horizonte. In: COSTA, H.S.M. Novas periferias metropolitanas – A expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmicas e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: C/ Arte, 2006.
- MARGOLIN** E **MARGOLIN** in: Um 'Modelo social' de design: questões de prática e pesquisa. Revista Design em Foco. Julho-dezembro, ano/vol. I, número 001. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Brasil. 2004. pp.43-48.
- MONTE-MÓR**, Roberto L. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M. et al. (Org.). Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181.
_____. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). As cidades da cidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, Brasília: 2000 / 2001.
- PELBART**, P. P. Vida capital. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.
- RENA**, N. S. A. . Coleção 9 + 1. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura FEA - Universidade FUMEC, 2008.
_____. Territórios aglomerados. Belo Horizonte: Universidade FIMEC, 2010.
- RENA**, N. S. A. (Org.) ; **PONTES**, J. (Org.) . ASAS - Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC, 2009.
- SANTOS**, Boaventura Sousa (org.) A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. São Paulo, Cortez, 2006.
_____. Para além do pensamento abissal: das línguas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais. n.78. Outubro 2007, pp 3-46.
- SANTOS**, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.
_____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.

CAPÍTULO 2 : PESQUISA-CARTOGRAFIA E A PRODUÇÃO DESEJANTE DO ESPAÇO URBANO

Simone Parrela Torres

Texto publicado em Lugar Comum - Estudos de mídia, cultura e democracia. Nº39, jan-abr, 2013. Rio de Janeiro: Rede Universidade Nômade.

Preâmbulos

1. Na qualidade de especialista, nenhum dentre nós pretende falar da “realidade”. Os tempos felizes dessa segurança terminaram. Também é preciso reconhecer a todo resultado científico o valor de um produto que, tal como aquele que sai da usina, é relativo a instituições, a postulados e a procedimentos. Muito ao contrário de enunciar verdades, ele insere-se, portanto, em um funcionamento dentre outros. Ele remete a um lugar particular e a suas determinações próprias. Insere-se em uma outra forma de limite. (Certeau, 1995, p.224)

2. Para conhecer o que a ciência disciplinar costuma denominar como realidade - e que aqui proponho denominar como vida -, é preciso muito mais que os instrumentos científicos, e, ainda assim, será pouco. A vida é plena de movimento e contradição, de olhos e de olhares, de representações e de imaginação. A vida, e o que imaginamos dela, precisa da arte para ser sentida e mais do que da ciência para ser compreendida. Sua compreensão está em seu movimento, na produção de saberes vários, de diálogos vários, da negociação destes que faz emergir vários outros. [...] Se a ciência se propõe a compreender a vida, é preciso que ela se alimente do que é feita a vida: experimentação (e não experiência); invenção (e não reprodução); conflito (e não ordem). (Hissa et al, 2011, p.46-47)

3. Muito diferentes são as funções criativas, usos não conformes do tipo rizoma e já não árvore, que procedem por inteseções, cruzamentos de linhas, pontos de encontro no meio: não há um sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação; não há especificidades, mas populações, música-escrita-ciências-audiovisual, com as suas permutas, os seus ecos, as suas interferências de trabalho. [...] não são encontros entre domínios, porque cada domínio é já feito em si próprio desses encontros. Há apenas intermezzos, intermezzi, como focos de criação. [...] Acima

de tudo, não se trata de falar para os infelizes, falar em nome das vítimas, dos supliciados e dos oprimidos, mas de traçar uma linha viva, uma linha quebrada. A vantagem consistiria, pelo menos no mundo intelectual e por mais pequeno que seja, em separar aqueles que se pretendem "autores", escola ou marketing, com os seus filmes narcísicos, as suas emissões e os seus estados de alma, isto é, a vergonha actual, daqueles que sonham com outra coisa – não sonham, isso faz-se por si. Há dois perigos: o intelectual como mestre ou discípulo, ou o intelectual como quadro, quadro médio ou superior. (Deleuze e Parnet, 2004, p.40)

Pretexto

Não é objetivo do presente trabalho apresentar estudos de caso, assinalando acertos e desacertos, lições aprendidas a serem ensinadas, nem difundir alguma conclusão. A aposta, por ora, é de uma outra fabulação, em que se tentará, na escrita, alinhar algumas questões de ordem teórico-metodológica acerca da pesquisa, em sua condição de prática científica, suas possibilidades e seus impasses. Tais questões são assumidas aqui como uma prática de sentidos válida e passível, inclusive, de interditar separações estanques entre teoria e prática que tendem a comprometer a potência crítica de ambas. "É por isso que a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática"(Foucault, 2009, p.71). Do mesmo modo, cabe afirmar que não interessa aqui uma prática que apenas expresse, traduza ou aplique uma teoria: o que vale sustentar é a abertura de ambas a deslocamentos e transformações, menos para que uma se transforme na outra, mas para que cada uma produza novos meios de diferir de si mesma, amplificando os movimentos e o alcance por elas atravessados.

Neste sentido, as questões mobilizadas neste exercício de escrita carregam outras possibilidades na relação que estabelecem com o que pode ser pensado como o seu fora, que não é da ordem do relatório, da transcrição, nem da prescrição; tal ressalva, como se verá um pouco adiante, liga-se a outra, na interdição a se considerar a pesquisa como descrição/explicação de uma realidade a conhecer. Ao invés de uma realidade a conhecer, via pesquisa, e de uma pesquisa a noticiar, via escrita, aventa-se aqui a possibilidade de intensidades a experimentar, em que a escrita é considerada em sua possibilidade de criação, modulando certa sensibilidade e nomeando afetos. A aposta é a de tentar sustentar, mais do que simplesmente tematizar, tal dimensão de criação e produção que perpassa a ambas, escrita, pesquisa e vida, sem particularidades, sem indistinção, sem equivalência: criação e contágio de intensidades singulares, experiência sempre aberta, criadora e agenciadora de singularidades. Cabe ressaltar o sentido que experiência

assume aqui, igualmente fora de determinações que a reduzem a procedimento de observação/classificação de fenômenos em condições controladas, ou seja, a experimento em sentido restrito, cientificista, e igualmente fora de determinações de autoridade por meio de sua consideração como conhecimento consolidado. O que se sustenta aqui é o entendimento de experiência como vivência aberta e abrangente, próxima dos sentidos que lhe dá Renato Janine Ribeiro ao considerar a dimensão experimental não tanto em seu sentido de estado temporário "de algo que não atingiu – mas continua tendo por meta – seu formato canônico [...] [mas no] de algo que se experimenta, o de vivência" (Ribeiro, 2003, p.112). O que se pretende, portanto, é exatamente sustentar certa incompletude e abertura não como estados transitórios a serem abandonados em determinado momento, mas como condição sempre presente de uma produção que é epistemológica, mas também ética, estética e existencial.

Cartografia

A cartografia, na acepção que lhes dão Gilles Deleuze e Félix Guattari, explicita certa aposta ético-política na construção de caminhos mais abertos a conexões de diversas naturezas, permitindo o questionamento e mesmo o ultrapassamento de muitos dos pressupostos presentes nas abordagens mais convencionais do pensamento e da pesquisa. Mais do que representar ou descrever determinada situação, a cartografia busca acompanhar processos, abrindo-se para a compreensão e problematização das forças e fluxos de diversas naturezas que entram em jogo, conduzidos em planos simultâneos coexistentes, passíveis de alterar a composição de tais fluxos: o plano de organização, referente ao que está instituído socialmente em estratos e segmentos molares; o plano de consistência, de expansão da vida, composto pelas forças moleculares, no qual se dão os encontros e os agenciamentos que vão gerar novos sentidos; e dando suporte a ambos, o plano de imanência, que compõe o meio onde se dão os fluxos, os segmentos, as rupturas e as conexões. (Romagnoli, 2009)

Também denominada pelos autores de esquizoanálise, micropolítica, pragmática, diagramatismo, rizomática, consiste no estudo das linhas de força de um determinado campo social – território – podendo ser este também um indivíduo ou grupo. O território é implicado em movimentos ora desterritorializantes, que o impelem em linhas de fuga para fora de seus limites, ora reterritorializantes, que o conduzem ao interior de novos limites. As linhas de força que compõem determinado território, imbricadas umas nas outras, são de três tipos: as de segmentaridade dura ou linhas molares, que definem segmentos e estratificações bem

determinados de certa rigidez, e sendo dicotômicas, implicam escolhas binárias e excludentes em um encadeamento sucessivo, implicando também dispositivos de poder que trabalham nossos corpos e operam sobre codificações nas maneiras de perceber, de agir, de sentir, nos regimes de signo; linhas de segmentaridade flexível, ou moleculares; e finalmente, linhas de fuga, que implicam desterritorializações, movimentos que arrastam o território para fora de seus limites. (Deleuze e Parnet, 1996)

Pesquisa, criação e ciência

O universo de referências construído em nossa relação com o mundo é desestabilizado a cada vez que o encontro com o novo é experimentado em sua plena potência: sem a possibilidade de reconhecimento e identificação, as referências existentes são colocadas em suspenso, instaurando-se em tal incompatibilidade certa crise que impele à criação de novas referências e novos movimentos.

Não há canal privilegiado nem a salvo de tais movimentos, ainda que os diversos domínios possam acolher, com maior ou menor abertura e em velocidades distintas, as solicitações críticas destes processos constantes de montagem/desmontagem/remontagem de referências, sustentando ou bloqueando os desdobramentos criativos neles implicados.

O que dizer do **território** da ciência, este lugar institucionalizado a partir de onde se faz pesquisa? Desconhecer ou desconsiderar os pressupostos de tal pertencimento é arriscar-se a ser ainda mais fortemente determinado por eles, ignorando-se as ausências, exclusões e interdições que o constituem. Com a ressalva de que não será possível abordar satisfatoriamente todas as questões aí implicadas, sublinho o que pretendo enfatizar: as tensões entre as determinações mais convencionais deste território, sobre codificações territorializantes e reterritorializantes do conhecimento especializado, e sua dimensão de criação, insurgente e desterritorializante por vocação, potencialmente capaz de desinvestir a ciência de sua pregnância cientificista e hierárquica. Nos interstícios da tensão entre o funcionamento maior da ciência e seus devires menores podem ser consteladas zonas de turbulência em ressonância com outras, nas quais outros devires menores operam como linhas de fuga, desenhando fissuras a partir de onde a criação pode escapar às capturas e instaurar novos possíveis. Com isso não se pretende erigir a ciência e suas práticas, uma vez mais, em modelo paradigmático de produção de conhecimento hegemônico, nem em instância privilegiada de produção de contra-hegemonia: nenhuma prescrição edificante, nenhuma finalidade corretiva

ou empenho salvacionista que ainda atribui certa autoridade e define um poder. Nenhuma missão e nenhum alvo. Longe disso, trata-se aqui apenas, sustentando tal tensão, de abrir-se a brechas, permitindo que a criação ressoe, vinda de onde vier, numa proliferação e atravessamento constantes: potência de implicação e contágio mútuos.

Feito tal **desanúncio**, voltemos ao território científico. A ciência de nossos tempos, enquadrada em conhecimento disciplinar especializado, liga-se indissociavelmente à constituição do mundo moderno e suas determinações. Em **Um Discurso sobre as Ciências** Boaventura de Sousa Santos (2002) analisa o percurso da ciência a partir de tal imbricação, assinalando a revolução científica do século XVI, ligada às ciências naturais, como o momento em que se constitui o modelo de racionalidade que preside a ciência moderna¹. Apenas no século XIX, porém, em sua incorporação pelas ciências sociais emergentes como efeito e condição de seu desenvolvimento, é que tal racionalidade é alçada à posição de modelo geral. É por meio de tal modelo que o conhecimento científico constitui-se enquanto tal, diferenciando-se do senso comum, dos estudos humanísticos e das demais modalidades de conhecimento não pautadas por seus princípios, por suas regras e por seus pressupostos, capazes de conferir **rigor científico**. Tal separação implica outras rupturas e separações, como entre ser humano e natureza, movida pela desconfiança nas evidências da experiência imediata. As novas modalidades de observação dos fenômenos naturais, sistemáticas e rigorosas, amparadas pela matemática, erigem a equivalência entre **conhecer** e **quantificar**. Ademais tal método científico assenta-se na redução da complexidade: para conhecer há que se dividir, classificar e determinar relações sistemáticas:

É um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vistas a prever o comportamento futuro dos fenômenos.[...] Um conhecimento baseado na formulação de leis tem como pressuposto metateórico a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, a ideia de que o passado se repete no futuro. (Santos, 2002, p.16-17)

Ainda o autor:

O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e

1. Com a ressalva referente ao caráter sempre problemático de qualquer periodização, sublinho que se mantenho tal aspecto é por considerar que os períodos assinalados devem ser vistos como indicando um momento de passagem à hegemonia de determinado evento - sempre já co-existente, em devir -, e não tanto um ponto de surgimento encadeado a outros numa sucessão linear.

que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que ao objetivar os fenômenos, os objetualiza e os degrada, que ao caracterizar os fenômenos, os caricaturiza.[...] Os limites deste tipo de conhecimento são, assim, qualitativos, não são superáveis com maiores quantidades de investigação ou maior precisão dos instrumentos. Aliás a própria precisão quantitativa do conhecimento é estruturalmente limitada. (Santos, 2002, p.32-33)

Tal modelo de racionalidade científica atravessa uma profunda crise, resultante da interação de uma pluralidade de condições teóricas e sociais: por um lado, tal crise liga-se ao próprio desenvolvimento do conhecimento científico (as teorias da relatividade, o princípio da incerteza, a teoria das estruturas dissipativas e dos sistemas abertos, dentre outros), que permite explicitar as fragilidades de seus pressupostos²; e por outro lado, tal crise liga-se igualmente a novas condições sociais e políticas que interditam as certezas acerca da pretensa auto-regulação do conhecimento científico: a ilusória autonomia da ciência e a neutralidade do conhecimento científico, desde sempre questionáveis, caem por terra na atualidade, quando os centros de poder econômico, social e político passam a ter papel decisivo na definição das prioridades científicas, e a própria globalização é ela mesma, em certa medida, condição e decorrência do desenvolvimento técnico-científico. (Santos, 2002)

Entretanto, em que pese a emergência de novos parâmetros científicos, assim como a de todo um novo leque de possibilidades abertas a partir da globalização, pode-se ainda afirmar a presença prevalente deste paradigma racional-moderno nos territórios e práticas do conhecimento, decorrentes de sua filiação científica. Embora tal prevalência não implique homogeneidade e nem determine uma hegemonia inabalável (muito pelo contrário), certamente caracteriza a filiação científica dos territórios do conhecimento. Tal filiação opera toda uma sobre-codificação disciplinar da pesquisa e do próprio pensamento, enquadrando-os como atividade particular e especializada, constrangida por procedimentos previsíveis, definidos por métodos e instrumentos específicos, objetos próprios e sujeitos privilegiados, em uma adequação a um território disciplinar em seu funcionamento maior, convencional: funcionamento de um pensamento “condenado ao limite, às regras rígidas, aos modelos, às estratégias normativas, à imponderável fronteira da objetividade”, conforme assinala Cássio Hissa. (2002, p.63)

É próprio da racionalidade científicista proceder a toda uma sobre-codificação de

2. Cabe ressaltar que não se trata mais da mera substituição de uma verdade científica por outra - a possibilidade de refutação é um pressuposto do conhecimento científico convencional. O que se abala aqui é a definição estanque de um campo científico delimitado, ainda que sujeito a modificações internas.

seus **objetos**, mapeando-os e quantificando-os, como ocorre, emblematicamente, na consideração da natureza como fonte de recursos, apartada dos processos sociais, ou ainda na abordagem dos próprios processos sociais, examinados por meio de parâmetros numéricos - por exemplo pobreza e desenvolvimento humano considerados a partir de taxas e coeficientes de uso corrente como indicadores - que ainda mantêm, atualizados, resquícios matematizados e positivistas por meio da quantificação de fenômenos. Ademais, é próprio deste funcionamento maior inibir e mutilar a dimensão de criação, expulsando-a para fora de seus domínios, e reduzindo o pensamento e a pesquisa a mera atividade descritiva, explicativa ou de corroboração de hipóteses, concebendo-os como mera solução de problemas no fortalecimento de um conhecimento especializado. Como assinala Gilles Deleuze:

Fazem-nos acreditar que a atividade de pensar, assim como o verdadeiro e o falso em relação a esta atividade, só começa com a procura de soluções, só concerne às soluções. [...] é um preconceito social, no visível interesse de nos manter crianças, que sempre nos convida a resolver problemas vindos de outro lugar e que nos consola, ou nos distrai, dizendo-nos que venceremos se soubermos responder: o problema como obstáculo e o respondente como Hércules.[...] Como se não continuássemos escravos enquanto não dispusermos dos próprios problemas, de uma participação nos problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas. É o destino da imagem dogmática do pensamento apoiar-se sempre em exemplos psicologicamente pueris, socialmente reacionários (os casos de reconhecimento, os casos de erro, os casos de proposições simples, os casos de respostas ou de solução) para prejudicar o que deveria ser o mais elevado no pensamento, isto é, a gênese do ato de pensar e o sentido do verdadeiro e do falso. (Deleuze, 2006, p.228)

Se a pesquisa envolve a solução de problemas, tal tarefa não equivale a uma finalidade última como um alvo que a determina, mas apenas a uma certa constelação na adjacência de outras:

de um lado [...] um campo de problemas a serem resolvidos exigindo o esforço intelectual de construção de estratégias de intervenção. De outro,[...] um plano problemático a ser criado exigindo o esforço intuitivo de desmontagem dos problemas estabelecidos e a invenção de novos problemas, de novos modos de existência”. (Passos e Benevides, 2003, p.84)

Se este é o modo de funcionamento maior do território da ciência, especializado

e particularizado, ao qual as práticas científicas são submetidas, a pesquisa pode ser agenciada em um devir menor em seus aspectos de **criação** e **produção** não tanto de conhecimento especializado, mas da própria vida em sua originalidade e expansividade, sem reivindicação de particularidades ou de autoridade:

O que resta às almas, contudo, quando já não se aferram a particularidades, o que as impede então de fundir-se num todo? Resta-lhes precisamente sua “originalidade”, quer dizer, um som que cada uma emite, como um ritornelo no limite da linguagem, mas que só emite quando toma a estrada (ou o mar) com o próprio corpo, quando leva a vida sem buscar a salvação, quando empreende sua viagem encarnada sem objetivo particular e então encontra o outro viajante, a quem reconhece pelo som.[...]contra a moral européia da salvação e da caridade, uma moral da vida em que a alma só se realiza tomando a estrada, sem outro objetivo, exposta a todos os contatos, sem jamais tentar salvar outras almas, desviando-se das que emitem um som demasiado autoritário ou gemente demais, formando com seus iguais acordos/acordes mesmo fugidios e não resolvidos, sem outra realização além da liberdade, sempre pronta a libertar-se para realizar-se (Deleuze e Guattari, 1997, p.114-115).

Tarefa improvável, a partir dos territórios convencionais da ciência, a de não aferrar-se a particularidades. Afinal o que é a pesquisa senão atividade de um campo disciplinar, definido por particularidades? Em suas determinações científicas **maiores** certamente não haverá acolhida para tal sensibilidade. Como agenciar a possibilidade de pesquisa como dimensão aberta a forças diversas, ao contato com o inesperado e com os movimentos de desestabilização que investem a vida em sua totalidade? A dimensão de criação, da ordem das intensidades, da abertura, do imprevisível e do acaso, incompatível com enquadramentos e cerceamentos precisará arrastar a pesquisa, desterritorializando-a, e lançando-o em outras constelações sensíveis, fora das rígidas determinações e codificações de sua filiação científica, por meio de alianças imprevisíveis com intensidades vindas de qualquer lugar.

Assim, caberia perguntar com que movimentos os deslocamentos efetuados em determinada pesquisa se agenciam - com os de abertura e transgressão de limites, de enquadramento e captura, de reenquadramento, de criação de novos limites, de multiplicidade - do que se trata, afinal, em cada caso?

A produção desejante

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) aludem a uma **produção desejante** e a uma **dimensão maquinica** que demandam certo empenho de compreensão. Trata-se de incorporar às noções de produção, de máquina e de desejo as dimensões de **heterogeneidade** e de **fabricação** passíveis de encaminhar a ambas um sentido transformado e ampliado. Primeiramente está em jogo a consideração de **produção** como processo ligado a todo o campo social e não apenas ao âmbito estrito de ação no chão de fábrica, no sentido de que tudo é produzido: ações, afetos, consumos, angústias: produção de produção, como processo que tem no desejo seu princípio imanente. Produção, portanto, como processo de fabricar algo que não está dado, implicando a artificialidade do que é construído; maquinismo sem alusão a nenhum automatismo ou rigidez, mas

uma concepção que englobe, ao mesmo tempo, seus aspectos tecnológicos, biológicos, informáticos, sociais, teóricos, estéticos.[...] O maquinismo, como entendemos neste contexto, implica um duplo processo autopoietico-criativo e ético-ontológico (a existência de uma “matéria de escolha”) estranho ao mecanismo, de modo que o imenso encaixe de máquinas, em que consiste o mundo de hoje, se acha em posição autofundadora[...]. (Guattari, 2012, p. 122-124)

Ademais, “As máquinas desejantes são simultaneamente técnicas e sociais” (Deleuze e Guattari, 2010, p.50), e é precisamente neste sentido que deve ser compreendida tal constelação: na afirmação da potência criadora extensiva a toda produção social, nos mais diversos domínios, nos quais tanto a produção como o desejo nela implicado não são dados espontâneos, mas ativamente produzidos, fabricados, em suma, **maquinados**.

A produção desejante engendra o novo, constrói, operando as destruições necessárias. Pensar a pesquisa em sua dimensão maquinica é portanto abrir-se à ressonância com instâncias de criação, destruindo certos engates cientificistas. A partir destas considerações, a potência da pesquisa como produção desejante pode ser compreendida:

Se o ato de pesquisar for explicitado em seus pressupostos, encontraremos sempre essa tendência maquinadora, ao mesmo tempo desejante e pensante, pois a pesquisa está sempre envolvida no processo mais amplo pelo qual nós conferimos sentido ao mundo, ao outro, a nós mesmos e à existência. Por isso, a grande lucidez é saber o poder que está implicado no ato de pesquisar: todo conhecimento se produz como invenção, seja para construir saberes representacionais que possibilitam o reconhecimento e o controle de um objeto e uma realidade dada (física,

biológica, psíquica ou social), seja para criar novas perspectivas e modos de existência que resistem, transformam essa realidade e incluem o “objeto” num processo de saber-fazer-junto-com. (Silva, 2012, p.153)

Nesta produção desejante caberia perguntar o que se produz? Conhecimentos, práticas, teorias, produtos, como compreender tais dimensões? Haveria alguma distinção válida, no sentido de saber se é possível isolar cada um destes aspectos em relação aos demais?

Uma cartografia do espaço urbano

É em campos sociais concretos, em momentos determinados, que os movimentos de desterritorialização, as intensidades e as conjugações de fluxos devem ser estudados (Deleuze e Parnet, 2004). O arquiteto Victor Saúl Pelli (1986) apresenta um estudo acerca das estratégias tecnológicas presentes na produção do espaço urbano nas cidades latinoamericanas que será aqui retomado. As reflexões do autor não sugerem influência ou reverberação das contribuições de Gilles Deleuze e de Félix Guattari, mas seus **insights** instigam a maquirar um encontro entre ambos, numa cartografia possível da produção do espaço urbano das cidades latinoamericanas. Trata-se de uma abordagem sensível que permite começar a apreender as singularidades e intensidades em ação no espaço urbano, assim como as segmentações e codificações. O que será apresentado a seguir não é, evidentemente, uma cartografia do espaço urbano, que sequer seria possível fora de situações concretas, mas a introdução de algumas questões de pesquisa.

Por **estratégia tecnológica tradicional** o autor compreende as modalidades que organizam institucionalmente todas as atividades de construção do habitat, que tendo se constituído nos países centrais a partir da Revolução Industrial, penetraram em nossos países ao longo do século XIX e tornando-se, já nas primeiras décadas do século XX, a única estrutura institucionalmente admitida. Importando materiais, profissionais, procedimentos, normas, tipologias, além de todo um arsenal simbólico de valores, foi aplicada na construção de infra-estrutura urbana e nas edificações ligadas às instituições e aos grupos sociais dominantes. Tal conjunto de estratégias podem ser compreendidas como linhas de segmentação duras, molares, deste campo concreto: sistema monetário, sistema de medidas (métrico, no caso em questão), idioma escrito, manejo científico de leis naturais, físicas e matemáticas, sistema ocidental de serviços de infra-estrutura urbana (energia elétrica, água potável e corrente, sistema de correios, telefone e rede viária). A precariedade ou ausência de alguns destes agenciamentos é consid-

erada desvio, anomalia a ser superada mediante a inclusão/imposição do padrão formal. O controle cultural destes agenciamentos tecnológicos-materiais cria um outro plano de agenciamentos, de estratificações e segmentações igualmente duras e molares:

[...] os regulamentos, as normas e leis, as repartições de controle e regulamentação, as sociedades profissionais com seus sistemas de regulação, taxas e custos, as carreiras secundárias e universitárias dedicadas exclusivamente à docência dentro desse conceito de produção, a indústria e o comércio de materiais e elementos, a indústria da construção, os sistemas de encomenda e licitação, os mecanismos impositivos, os sistemas de financiamento e os sindicatos. (Pelli, 1986, p.14)

E finalmente, além dos agenciamentos tecnológicos-materiais e os de controle, há agenciamentos mais flexíveis, linhas migrantes na forma de valores que condicionam as demais linhas, incidindo profundamente em seus agenciamentos: é o caso das concepções de segurança, qualidade e comodidade, profundamente arraigadas nos agenciamentos tecnológicos, às quais poderiam ser acrescentadas várias outras: qualidade de vida, bem estar, modernidade, avanço, status e toda uma gama de valores, não menos concretos que os aspectos materiais em jogo. De fato, sua capacidade de modulação e produção de subjetividade, de captura do desejo, é tão poderosa quanto a de qualquer produto material, sendo talvez ainda mais insidiosa e indispensável aos produtos mais palpáveis da grande usina de subjetividades que o capitalismo contemporâneo promove.

Em seguida são apresentados agenciamentos operados a partir de outros parâmetros, implicando outros vínculos, outros funcionamentos, outras vivências a serem compreendidas não como um reflexo reverso a partir dos agenciamentos molares, mas em sua singularidade potente e inventiva. Não são apenas reações e adaptações à falta de recursos, mas ações, investimentos, presença viva e cotidiana de táticas inventivas. Informais, ilegais, marginais são denominações correntes e em tudo inadequadas para se referir a tais agenciamentos. Tal estratégia

Está preparada e tem flexibilidade para manipular, dentro de suas próprias limitações, todo tipo de materiais e elementos novos, usados ou semi-destruídos, produtos industriais especificamente destinados à construção e também os destinados a qualquer outro fim, e materiais de origem natural (terra, palha, bambu, pedra, troncos). Seus mecanismos de comunicação, verificação, registro, controle e medição não estão necessariamente baseados no idioma escrito nem no sistema métrico (ainda que também os incluam), a fim de dar espaço às reais

possibilidades dos recursos humanos com que se conta. Seus mecanismos de intercâmbio e retribuição não se baseiam necessariamente no sistema monetário (ainda que incluam o dinheiro quando seu emprego é inevitável) e incorporam todos os recursos, que no meio social a que servem, possam efetivamente ser usados para conseguir produzir bens e serviços: troca por outros bens e serviços, vínculos sociais ou familiares. [...] Os códigos de disciplina e os mecanismos de tomada de decisões são coerentes com essas situações [...]. Na tecnologia informal, os limites que tem vigência nos sistemas formais de produção perdem nitidez: o limite entre trabalho e lazer, entre trabalho e vida familiar, entre produção e manutenção; entre as distinções e separações de problemas que, na atividade formal, são atendidos através de organizações setoriais diferenciadas (habitação, saúde, educação, trabalho). (Pelli, 1986, p. 16)

Em tais situações percebe-se que as codificações do conhecimento científico, invasivas e cada vez mais presentes em sua imbricação com a racionalidade técnica, penetrando em praticamente todas as capilaridades da vida social de outros segmentos da população, não possuem, neste setores analisados e ligados aos mais pobres, a mesma presença dominante. Sem desconsiderar as dificuldades acarretadas a tais populações em função de sua condição de pobreza, e sem qualquer idealização ingênua, não se pode, por outro lado, desconsiderar sua enorme força-invenção, secretada exatamente em um cotidiano não capturado completamente pelo maquínico disciplinar da ciência maior, **ciência régia** que afirma o vínculo de propriedade, via conhecimento, reforçando mais uma vez a divisão entre possuidores e despossuídos. Nas grandes franjas de espaços auto-produtos das cidades latinoamericanas tais partilhas são suspensas, e é por efeito dos agenciamentos hegemônicos que sua singularidade é pouco compreendida, quando não abertamente rejeitada. É efeito de um agenciamento corporativista a desqualificação de tudo que não se pauta por seus funcionamentos, especialmente se são os pobres seus agentes primeiros.

Aquelas características que Félix Guattari (2012) enuncia nas constelações de uma cidade subjetiva a ser maquinada, já estão aí mesmo e em ato, vividas cotidianamente, ainda que pouco compreendida nas sobre-codificações costumeiras que as nomeiam: assentamentos precários, pobreza urbana, informalidade, ilegalidade – enquadramentos que só apreendem a singularidade capturando-a e classificando-a, a partir do padrão racional-científico, em função do que lhe falta. O que tal padrão não alcança é justamente sua riqueza: recriação permanente, invenção não autoral capaz de ativar o movimento, a abertura e a co-implicação, por meio dos

quais o sentido da existência é reapropriado em uma **perspectiva ético-estética e não mais tecnocrática**. A centralidade da questão urbana e do espaço, em sua capacidade de engendrar singularidades por meio de suas **dimensões maquínicas e incorporais** capazes de lhes conferir sua **autoconsistência subjetiva** assim como sua capacidade de agregar **heterogeneidade, afetos estéticos complexos e territórios existenciais**.

Sem grandes palavras de ordem, o que uma pesquisa-cartografia poderá desejar além de ressoar tais intensidades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU**, Michel de (1995). A cultura no plural. Campinas, SP: Papirus.
- DELEUZE**, Gilles (2006). Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal.
- DELEUZE**, Gilles, **GUATTARI**, Félix (1997). Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34. (Coleção TRANS)
- DELEUZE**, Gilles, **GUATTARI**, Félix (2010). O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34. (Coleção TRANS)
- DELEUZE**, Gilles, **PARNET**, Claire (2004). Diálogos. Lisboa: Relógio D'Água.
- PASSOS**, Eduardo, **BENEVIDES**, Regina (2003). Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. In: FONSECA, Tania Mara Galli, KIRST, Patricia Gomes (Org). Cartografias e Devires: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- FOUCAULT**, Michel (2009). Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.
- GUATTARI**, Felix (2012). Caosmose. São Paulo: Editora 34.(Coleção TRANS)
- HISSA**, Cássio Eduardo Viana (2002). A mobilidade das fronteiras. Inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Humanitas)
- HISSA**, Cássio Eduardo Viana et al (2011). Lugar de diálogos possíveis. In: HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org). Conversações: de artes e de ciências. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Humanitas)
- PELLI**, Víctor Saúl. Notas para uma Tecnologia apropriada à construção na América Latina. (1986). In: MASCARÓ, Lúcia (Coord.) (1989). Tecnologia & Arquitetura. São Paulo: Nobel.
- RIBEIRO**, Renato Janine (2003). A universidade e a vida atual. Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campos.
- ROMAGNOLI**, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. Psicol. Soc., Florianópolis, v. 21, n. 2, ago. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 nov. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000200003>.
- SANTOS**, Boaventura de Sousa (2002). Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento.
- SILVA**, André. Maquinar (2012). In: FONSECA, Tania Mara Galli, NASCIMENTO, Maria Livia, MARASCHIN, Cleci (Org) (2012). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

CAPÍTULO 3 : A INCOMPLETUDE COMO COMPONENTE DE PRÁTICA PROJETUAL



Marcela Silvano Brandão

Este texto pretende levantar alguns dos pressupostos predominantes nas práticas projetuais do planejamento urbano, que respaldam determinações e soluções que, sob o nosso ponto de vista, tendem a padronizar e homogeneizar os espaços públicos.

Tomaremos como referência o Plano de Requalificação elaborado recentemente para o bairro Jardim Canadá, localizado no município de Nova Lima, Minas Gerais. Usaremos o Plano para uma reflexão mais ampla, considerando que os paradigmas usados aqui coincidem com aqueles adotados na maioria dos planos em voga. Para isso, elegemos alguns pontos para análise e crítica, que, a partir da nossa experiência no bairro, se fizeram mais urgentes e instigantes.

A partir dessa leitura crítica do Plano, procuramos investigar outras formas de abordagem que podem ser estabelecidas entre planejador e o território no qual ele pretende atuar. Considerando que na pesquisa desse campo o planejador é antes de tudo um pesquisador, encontramos na prática da pesquisa-intervenção uma possibilidade de aproximação e implicação dos sujeitos envolvidos, que considera e potencializa as singularidades do espaço urbano a ser abordado.

Não temos, contudo, a pretensão de esgotar o assunto, apenas esperamos que essa reflexão possa desencadear outras reflexões, que, somadas, façam avançar o conhecimento e a busca por uma prática projetual mais flexível e dinâmica.

As considerações feitas neste artigo fazem parte da pesquisa “Novos Processos de Projeto em Arquitetura, Urbanismo e Design adequados às Transformações sócio-espaciais da Metrópole Contemporânea: Fundamentos para Intervenções no Bairro Jardim Canadá”, inserida no programa DESEJA.CA, participante do grupo PRAXIS, da Escola de Arquitetura da UFMG.

O BAIRRO JARDIM CANADÁ

O bairro Jardim Canadá encontra-se a 30 km de distância da sede, Nova Lima, e a 15 km do centro de Belo Horizonte, às margens da BR-356, sentido Rio de Janeiro (PMNL, 2011)¹.

Em 1956 foi aprovado um loteamento na região onde hoje se encontra o bairro, mas, como ali não havia à época nenhuma infra-estrutura básica implantada, o bairro permaneceu quase inabitado até a década de 1970. Com a construção do Condomínio Retiro das Pedras na vizinhança em 1974, o Jardim Canadá começou a ser procurado por uma população de baixa renda, atraída pela possibilidade de trabalho e serviços. Com isso, alguns lotes foram ocupados por essa população, que, por conta própria, encontrou soluções relativas à infra-estrutura básica, como também soluções espaciais e construtivas para suas residências. Paralelamente a esse fluxo, a localização estratégica do bairro, próximo a uma BR, também atraiu a implantação de comércios e serviços ligados à manutenção de veículos, posto de gasolina e restaurantes, seguida por galpões industriais de pequeno porte (PMNL, 2011).

Foi a partir da década de 1990 que houve um aumento da ocupação da região. Segundo Andrade e Mendonça (2010), a saturação do espaço físico e o aumento da insegurança e da criminalidade na capital contribuíram para que um público de média e alta renda procurasse os condomínios da região como opção de moradia, associados, naquele momento, a valores relativos a qualidade de vida, natureza, tranquilidade, privacidade e segurança.

Como consequência desse movimento, houve uma nova migração para o Jardim Canadá, de uma população significativa (39%), com renda na faixa de 1 a 3 salários mínimos. Na mesma época, constatou-se a presença dos grupos de renda mais alta no bairro, explicada pelo seu interesse nos mesmos atrativos que levaram a população de alta renda aos condomínios. No caso, em função dos preços, a opção foi pelo lado de fora (Mendonça et al., 2004).

Atualmente, o Jardim Canadá apresenta uma ocupação diversificada e heterogênea. Além de um comércio voltado para atender as demandas locais (padarias, mercearias, açougues, salões de beleza, etc.), encontramos um variado número de oficinas e indústrias de pequeno porte, tais como marcenarias e serralherias. Várias são as igrejas e templos de todas as religiões. Quanto às habitações, na região sul do bairro há a predominância de moradores de baixa renda, enquanto na parte mais alta e ao fundo o quadro se modifica, podendo-se encontrar construções cujo padrão é mais alto.

1. Ver Capítulo 4.



ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O PLANO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA

O Plano de Requalificação Urbana encomendado pela Prefeitura Municipal de Nova Lima e elaborado para o bairro foi divulgado em junho de 2011. Ele é fruto de um trabalho desenvolvido a partir do Plano Diretor de 2007 e desenvolvido em três etapas: Relatório de Dados e Diagnósticos (2010); Propostas Urbanísticas e Diretrizes Gerais (2011); e Proposta de Zoneamento e as Diretrizes de Uso e Ocupação do Solo (2011). Pode-se perceber aí a influência do Estatuto da Cidade de 2001, na medida em que o mesmo estipulava prazo para os municípios elaborarem seus planos.

De acordo com Plano Diretor de Nova Lima, os bairros Jardim Canadá e seu vizinho Vale do Sol foram classificados como Áreas de Diretrizes Especiais (ADEs), que são:

Porções do território de especial interesse para o desenvolvimento urbano, objeto de projetos urbanísticos específicos, nas quais poderão ser aplicados instrumentos de intervenção, previstos na Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001 - Estatuto da Cidade, para fins de regularização fundiária, execução de programas e projetos habitacionais de interesse social, constituição de reserva fundiária, ordenamento e direcionamento da expansão urbana, implantação de equipamentos urbanos e comunitários, criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes, criação de unidades de conservação ou proteção de outras áreas de interesse ambiental; Áreas que, por apresentarem características específicas, demandam o detalhamento de diretrizes de intervenção, parâmetros urbanísticos e fiscais diferenciados, em conformidade com a política urbana definida nesta Lei e em escala conveniente a esse detalhamento.

Tomaremos o referido Plano para uma reflexão, considerando que os paradigmas usados aqui são os mesmos daqueles adotados na maioria dos planos em voga. Não pretendemos esgotar o assunto, mas provocar outras abordagens, e, para isso, elegemos alguns pontos para análise e crítica, que, a partir da nossa experiência no bairro, se fizeram mais instigantes e urgentes.

Usando o “Relatório de Diagnóstico” como ponto de partida, encontramos na própria palavra *diagnóstico*, de uso corrente em Planejamento, uma idéia que merece reflexão. O termo, resquício do sanitarismo higienista do século XIX, supõe que algo está “doente”, precisando de “tratamento e remédios”. E mesmo quando esse tipo de relatório inclui as “potencialidades” locais, elas costumam estar associadas a valores técnico-científicos.

A postura de se localizar a doença se aproxima da crítica que fazem os arquitetos João Marcos Lopes e Magaly Pulhez (2008), quando trabalham a idéia de integração informalidade-formalidade, ao apontar que, se o espaço é definido por práticas sociais, só se pode intervir a partir do olhar local. Para esses pesquisadores, o modelo de cidades seria per se um modelo excludente e perverso, e, por isso, propõem uma inversão na lógica das intervenções, explicitando as diferenças e contradições presentes, e valorizando uma concepção da cultura baseada na história cotidiana dos moradores.

Por exemplo, quanto ao zoneamento existente, o Relatório de Diagnóstico identifica *conflitos quanto ao uso*, visto que há “presença simultânea de atividades econômicas industriais, comerciais e de serviços com os usos residenciais unifamiliares e multifamiliares horizontais”, sendo que a porção Sul do bairro aparece como sendo a mais heterogênea.

Podemos localizar nessa postura uma filiação do Plano aos paradigmas da Carta de Atenas, que em 1933 advogava pela separação e organização da cidade por funções consideradas básicas (habitar, trabalhar, recrear e circular), numa tentativa de transformar o múltiplo e o diferente em categorias administráveis.

De fato, se passeamos por essa região, encontramos muitas das construções com uso misto: residencial, comercial (salão de beleza, lanchonetes ou bares, pequenas lojinhas de roupas, etc), serviços (costureiras, cozinheiras, consertos de persianas, etc) e até industrial (serralherias, marcenarias, marmorarias) de pequeno e médio porte.

Mas há um modo de perceber essa diversidade que não passa pelo olhar estrangeiro e puramente técnico, que não interpreta a proximidade com uma serralheria produtora de ruídos, por exemplo, como um impedimento ao uso residencial no bairro. Muitas vezes, como pudemos perceber em pesquisa recente (Lopes, 2011), há uma rede social e uma lógica na vizinhança de serviços como esses que não só aceitam como também se articulam a partir dessa forma de ocupação. A heterogeneidade aqui pode ser vista não como problema, mas como solução auto-engendrada, e, por isso, pertinente. Diante disso, fica difícil apontar um uso preferencial dessa região, que dê respaldo ao zoneamento proposto que aposta na reformulação da ocupação existente para que haja uma “adequação dos usos do bairro e para criação de área de ampliação do mesmo”.

No referido relatório foram também identificados *obstáculos nos passeios* (bancos, hortas e jardins), que justificam sua retirada para melhor circulação dos

pedestres e para maior organização espacial. Entretanto, podemos identificar nesses bancos, hortas e jardins nos passeios, diante dos quais o termo “obstáculo” pode estar generalizando, e, conseqüentemente, provocando uma legislação que não leva em conta que tais elementos poderiam, por exemplo, fazer parte do paisagismo local. Por outro lado, o hábito de se sentar à porta de casa, como acontece no Jardim Canadá, poderia, antes, ser estimulado, visto que o movimento de pessoas nas ruas, o encontro e o convívio social entre moradores têm potencialidade para a criação de um espaço urbano mais democrático e vivo. Diante disso, não há como desconhecer que não seria pertinente a simples proibição da instalação de “obstáculos” nos passeios, mas, pelo contrário, poder-se-ia estimular uma incorporação dessas apropriações do espaço público que parecem constituir algo da cultura local, que levasse em conta a necessidade de circulação dos pedestres.

Quanto às ciclovias propostas, percebemos um traçado que tem como base apenas a ligação da porção sul com a porção mais alta do bairro. Valeria a pena investigar os trajetos efetivamente usados pelos moradores, que, pelo que se pode perceber, usam todas as vias para se locomoverem no cotidiano (ida à escola, compras, visitas, trabalho, etc.), inclusive as várias ruas da porção sul.

Outro “conflito” apontado no Relatório são os *desdobros irregulares de lotes*, os famosos “meio-lotes”. Além disso, os relatores chamam atenção para o grande número de ocupações de uso residencial cuja taxa de ocupação, taxa de permeabilidade, recuos frontais, laterais e de fundo estão em desacordo com a legislação vigente. Existe outra forma de interpretar esses “conflitos”: como resultado de uma necessidade legítima do proprietário do imóvel de otimizar seu bem, usando-o como moradia e local de trabalho ou, nos casos dos aluguéis de parte do imóvel, como gerador de renda. Tomá-los nessa perspectiva levaria, necessariamente, a uma abordagem mais flexível em relação às taxas de ocupação e limitações quanto ao uso.

Outro ponto que merece reflexão é a *promoção do desenvolvimento* urbano, social e econômico do Bairro Jardim Canadá e entorno proposta pelo Plano Diretor e efetivada pelo Plano de Requalificação com a demarcação de uma zona turística no bairro (ZETUR). A estratégia sugerida para que isso aconteça se baseia numa requalificação urbana do bairro, que estimulasse a realização de atividades de potencial econômico e acentuasse sua atratividade como espaço de lazer, cultura e turismo. Possivelmente tal estratégia



se apóia na presença crescente ali de espaços para grandes festas, como também de sofisticados restaurantes, que atraem pessoas de alto poder aquisitivo nos finais de semana, ou seja, o bairro já funciona como “ponto turístico” de um determinado público de Belo Horizonte. Parece, assim, que o desenvolvimento aqui estaria forte e preferencialmente direcionado a um tipo de negócio que incluiria o morador apenas como força de trabalho, deixando de lado a possibilidade de ele ser também usuário de equipamentos de lazer e cultura.

Otilia Arantes (1998) alerta que tais promoções, no caso de grandes projetos, podem transformar a região em cenário e vitrine, muito interessantes para uma lógica de mercado, mas excludente no que se refere à maior parte da população. Apesar do contexto em questão ser de outra escala, podemos aqui fazer o mesmo alerta, visto que até mesmo as benfeitorias executadas no bairro, como o asfaltamento das ruas e a implantação do sistema de esgoto, já provocaram uma alta do preço dos lotes, fazendo com que alguns moradores de aluguel, interessados em construir a casa própria, procurassem lotes em uma ocupação próxima dali, Água Limpa, na divisa de Nova Lima com o município de Itabirito, estendendo e deslocando, mais uma vez, a periferia para lugares sem nenhuma estrutura urbana.

João Whitaker Ferreira (2007) faz coro a essa posição no seu texto *Globalização, ideologia e planejamento urbano*, no qual questiona as idéias de “modernidade”, “novidade”, “avanço”. Segundo o autor, a difusão dessa ideologia inaugura uma nova modalidade de planejamento urbano, inspirada na gestão empresarial, que passa a tratar as cidades como empresas, mercadorias atraentes, que devem descobrir sua “vocaçãõ”, para que possam ser competitivas entre si.

A mesma atenção deve ser dada ao caso das *regularizações fundiárias*, previstas no Plano de Requalificação urbana, por se tratar de uma das maiores demandas da população do bairro. Muitas das construções existentes ali foram feitas pelos próprios moradores, a partir de um desmembramento irregular dos lotes e sem respeitar as normas vigentes relativas às taxas de ocupação, coeficientes de aproveitamento, afastamentos das divisas, etc. Martim Smolka (2001-2002) explicita um dilema da política de regularização dos assentamentos informais consolidados: se os preços elevados dos terrenos centrais contribuem para a informalidade, a regularização das construções informais pode agravar o problema, na medida em que os preços dos terrenos ocupados acabam sendo elevados após sua efetivação. O autor propõe que a forma das

regularizações devem ser revistas, para que haja um rompimento do ciclo vicioso criado, e que seja feita uma alteração das regras do jogo imobiliário urbano, associada a uma eficiente política fiscal.

Outro ponto importante a ser discutido, embora não conste do Plano, é a *parceria do poder público municipal com as empresas mineradoras*. Os danos ambientais, como também as rachaduras nas construções, consequentes às explosões da vizinha Mina do Capão Xavier, estão na lista dos grandes problemas do bairro. Como medida compensatória, a Vale financiou a construção da Praça 4 Elementos em 2008 e agora está financiando a Policlínica do bairro.

Muitas vezes as *medidas compensatórias* estão muito aquém dos danos causados e dos lucros obtidos pelas empresas através da sua atividade extrativa, como se pode constatar pelas informações divulgadas no site da empresa, que mostram que a Vale obteve um lucro recorde no segundo trimestre de 2011, com ganho de mais de R\$ 10 bilhões entre abril e junho, valor 54,9% maior em relação ao mesmo período do ano anterior. Um dado contundente é que no primeiro semestre, o lucro líquido chegou a R\$ 21 bilhões e meio, um avanço de 126,7% em relação aos primeiros seis meses de 2010. Faze-se necessária a pergunta: como é feita a mensuração de um dano ambiental? Como se transforma em valor quantificável questões de ordem qualitativa e que acarretam tantas imbricações sociais?

Por outro lado, nesse tipo de parceria, os interesses do capital privado podem prevalecer em relação aos interesses locais, como foi o caso da Vila Olímpia, São Paulo, relatado por Mariana Fix (2007). Naquele bairro, empresários criaram uma associação para aprovação de seus empreendimentos, com a contrapartida de fazerem melhorias da região. Entretanto, tais melhorias serviram também para valorizar os imóveis da região, o que acabou acarretando a expulsão dos antigos moradores dali, que não conseguiram sustentar o aumento do custo de vida do bairro.

Para *minimizar o risco de gentrificação* apontado acima, o Plano de Requalificação Urbana propõe a ampliação de áreas para a implantação de ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social), prevista no Plano Diretor do município, e ressalta que o conjunto residencial com 96 unidades (figura 3) previsto para ser construído no bairro é insuficiente para atender a demanda real existente (PMNL, 2011).

Além da lista de candidatos ser muito maior, há outro ponto a ser levado em consideração na escolha dos beneficiados: as redes sociais já existentes entre os futuros moradores, prática ainda pouco utilizada nesse tipo de ação. Outra observação que pode ser feita em relação a esse projeto destinado à habitação de

interesse social – e não só a esse – se refere à ênfase dada aos aspectos funcionais e tecnológicos. Seria importante que as dimensões sociais, políticas, ecológicas e econômicas passassem a ser valorizadas na abordagem dos projetos residenciais. Somado a isso, a própria idéia de “moradia digna”, presente na maior parte dos projetos de habitações de interesse social, deveria ser problematizada, na medida em que pode-se questionar, de início, se há um senso comum do que seja uma moradia digna, confortável, agradável. Como já mencionado, a população do Jardim Canadá muitas vezes mora e trabalha no mesmo espaço, e, conforme o aumento da família, amplia ou desmembra seu imóvel, ou seja, existem critérios de qualidade nessas decisões que não necessariamente coincidem com os critérios técnicos vigentes, mas são tão legítimos quanto.

Nossa crítica aos pressupostos prevalentes em Planos de Requalificação como esse não significa uma apologia ao não planejamento, visto que é necessário um dimensionamento dos sistemas de drenagem pluvial, rede de esgoto, abastecimento de água, sistema viário, etc, o que uma ocupação sem nenhum critério dessa ordem impediria de ser feito. Apenas acreditamos que tais critérios não podem ser externos ao contexto ao qual se aplica, devendo ser construídos de modo mais complexo, com atenção às singularidades de cada situação. Acreditamos ser necessária e urgente a investigação de outras formas de se planejar e projetar o espaço público, que sejam coerentes com o modo de vida das pessoas que irão habitá-lo, que ofereçam configurações espaciais mais próximas do seu dia-a-dia e que possibilitem uma variação de uso mais dinâmica e flexível.

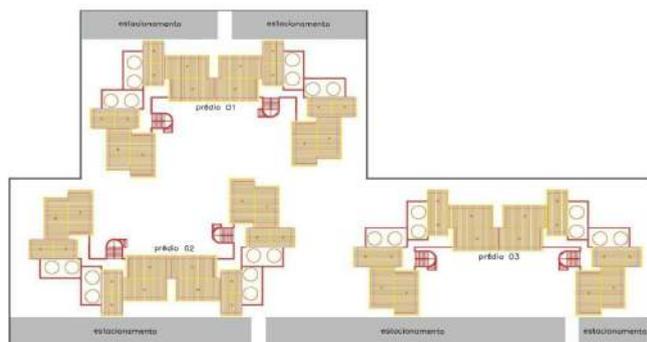


Figura 3.3: Conjunto habitacional previsto para o bairro

Fonte: PMNL, 2011

PLANEJAMENTO, PARTICIPAÇÃO E INTERVENÇÃO

Diante de impasses do planejamento na abordagem e nas proposições relativas à singularidade das relações cotidianas na cidade, como o que observamos em relação ao Jardim Canadá, encontramos em Lopes e Pulhez (2008) uma proposta de abordagem transdisciplinar, plural e diversa por parte dos planejadores, que pode nos servir como orientação para a reformulação, formação e consolidação das estruturas de gestão autônomas dos espaços informais das cidades. Para tanto, a participação dos moradores deve abranger a construção dos instrumentos de intervenção, dos procedimentos operacionais e do conteúdo das formas urbanas que serão assentadas. Esse tipo de participação levaria a uma gestão coletiva, a partir de uma estrutura rizomática, que estabeleceria redes de discussão. Tratar-se-ia de compreender e promover o que já existe, preservando o fragmento individual e a articulação das particularidades na composição orgânica do espaço do bairro.

Alinhados a essa proposição, temos, entretanto, um questionamento acerca da noção de *participação*, visto que a institucionalização do processo participativo em algumas esferas evidencia uma reprodução acrítica do jogo do poder hegemônico. É recorrente nos processos de negociações de grupos sociais com os agentes do poder público a ideia de “comprometimento” associada à idéia de “merecimento” ao apoio solicitado, e nesse caso a participação pode ser percebida como algo que se concede, sendo, por isso, passível de controle pelos detentores do poder.

Somado a isso, é importante se questionar por que o envolvimento dos moradores, de uma maneira geral, nas discussões relativas aos temas da coletividade não acontece de maneira significativa. Arriscamos a hipótese de que o processo participativo está sendo entendido simplesmente como possibilidade dos envolvidos optarem entre a solução A ou a solução B, pré-estabelecidas em outras instâncias. Por sua vez, tais opções costumam ser formalizadas a partir de pesquisas, entrevistas e levantamentos cujos critérios estão vinculados a valores fixos e pré-concebidos do que seriam qualidades fundamentais para o espaço público, independente do contexto e grupo social em questão. Costuma-se ignorar as soluções construídas pelos moradores, mesmo que estas já estejam sendo praticadas e incorporadas ao seu cotidiano, talvez porque tais soluções, na maior parte das vezes, não se encaixam nos critérios técnico-científicos vigentes.

A nossa percepção é, pois, que a distância entre planos e projetos urbanísticos e as singularidades do contexto a que se pretende desenvolvê-los começa na maneira usada para se aproximar desse contexto, visto que algumas delas são baseadas na crença da neutralidade das pesquisas de campo, realizadas sob a forma de questionários e entrevistas ditas “objetivas”, e, por isso, se anunciam representativas e confiáveis. Em nome da objetividade almejada, percepções subjetivas são excluídas, e muitas vezes os entrevistados são tratados como informantes, e não como usuários, muito menos como atores daquele campo.

Por outro lado, em oposição à lógica cientificista, alguns pesquisadores adotam uma postura missionária e salvacionista subsidiada por preceitos ideológicos, que igualmente predefinem a ação a que se propõem. Certeau (1994) alerta para esse risco, na medida em que algumas teorias sociais definem “estruturas objetivadas” a partir das “regularidades” das estatísticas (p.117) para preservar seus modelos previamente construídos:

a “teoria” vai eliminar a distância entre as legalidades da sociologia e as particularidades etnológicas (...). Manobra delicada, que consiste em encaixar a exceção “etnológica” num vácuo do sistema sociológico (Certeau, 1994, p.113).

Como se não bastasse, a separação entre a pesquisa de campo e o planejamento ainda incorre no risco de interromper um processo que, no nosso entendimento, deveria ser único. As pesquisas de campo são sempre um recorte do contexto a ser pesquisado, visto que na eleição das categorias a serem levantadas coloca-se em evidência algumas informações e ignoram-se outras. As categorias escolhidas são chaves que abrem diferentes portas, que por sua vez, nos apresentam diferentes possibilidades. Pesquisar é, pois, intervir, é colocar em evidência algo que estava escondido, e esse ato pode ser transformador. Sob essa ótica, pesquisa de campo e planejamento fazem parte de um mesma atividade.

Sendo assim, até mesmo o encontro entre pesquisador-planejador e o grupo pesquisado configura, per si, uma intervenção, que provoca, necessariamente, uma nova configuração no jogo já estabelecido no território da ação. Por sua vez, o ineditismo de tal configuração inaugura uma investigação que, mesmo apoiada em paradigmas anteriores, não possui nenhuma garantia de que seus pressupostos serão correspondidos.

Tal abordagem se aproxima da *pesquisa-intervenção*, que pretende ser um “dispositivo de intervenção no qual se afirme o ato político que toda investigação constitui (...) voltada para a produção de acontecimentos” (Paulon, 2012, p.21). Associada à ideia de “produção de acontecimentos” esse tipo de pesquisa se

abre para a imprevisibilidade da ação e rompe com a dicotomia sujeito-objeto, visto que:

a consciência sobre a realidade, nesta leitura, será sempre parcial, sem a possibilidade de qualquer síntese integradora já que é produzida, também, por subjetividades plurais em permanente conflito que engendram modos inusitados de subjetivação (Paulon, 2012, p.22).

Um método de pesquisa-intervenção que nos parece apropriado ao nosso tema seria a *cartografia*, onde não há uma separação entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir, ou seja, “toda pesquisa é intervenção” (Passos et al. 2009, p.18). Como essa intervenção vai se configurar não é dado, nem conhecido de antemão:

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método, não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas (metá-hodós), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma como um hodós-metá. A direção cartográfica se faz por pistas, que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo da pesquisa sobre o objetivo da pesquisa, o pesquisador e seus resultados (idem, p.17).

As pistas para essa cartografia são encontradas em “fragmentos da realidade”, percebidos como “germes potenciais”, que, na medida em que são mapeados e se tornam visíveis, permitem o entendimento do território, como também, sua transformação.

Michel De Certeau (1994) faz coro a essa percepção, na medida em que aponta uma potência dos procedimentos cotidianos populares e sua capacidade de subversão das práticas institucionalizadas, tendo em vista, inclusive, o seu caráter antidisciplinador. Certeau frisa que tais práticas permitem que os usuários se reapropriem do espaço institucionalizado com uma criatividade “dispersa, tática e bricoladora” (Certeau, 1994, p.40-41).

Tal mudança de perspectiva altera também a relação entre os envolvidos, que se relacionam não por imposição ou comando de um sobre os outros, mas por implicação, a qual pode desencadear uma ação que se inicia na ativação daqueles “germes potenciais” mapeados, e que se move e avança por propagação, por contágio, dentro de um jogo de forças local e específico. Trata-se de “transformar para conhecer e não conhecer para transformar” (PASSOS, 2009, p.18), sendo que conhecer, nesse contexto, é “fazer, criar, uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas” (Idem, p.30).

Nessa mesma direção, encontramos em Alexandre Mendes (2012) um complemento a esse método de pesquisa-intervenção, que problematiza a relação entre pesquisa-

dor-pesquisado, entre teoria e prática, desenvolvido na década de 1950 a partir das lutas operárias italianas: a *conricerca*. O prefixo *con* que antecede o termo *ricerca* (pesquisa, em italiano) já indica um rompimento das fronteiras entre a produção de conhecimento e de subjetividade política, na qual “o observador não só muda de posição, movendo-se do externo ao interno dos processos analisados, mas cessa mesmo de ser observador: se transforma em sujeito de seu próprio objeto de pesquisa e intervenção” (Roggero, G. 2009, p. 113, apud Mendes, 2012).

Dentro dessa perspectiva, o “objeto” de pesquisa também se transforma em “sujeito”, com voz e saber a ser compartilhado. Ou seja, não cabe supor que haverá um que irá “conscientizar”, “capacitar” ou mesmo “qualificar” o outro. O grau de implicação de todos na ação será determinante para provocar, nesse encontro de saberes e desejos, acontecimentos transformadores em cada um e no espaço da intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esse artigo questionando os pressupostos presentes nos atuais planos e planejamentos urbanísticos. Associamos tais modelos aos velhos paradigmas de funcionalidade e regularidade, que, por sua vez, se apóiam em pesquisas de campo associadas a diagnósticos que buscam identificar as “doenças” do território abordado, e não percebem nas singularidades encontradas “pistas” para uma ação compartilhada. Identificamos que tal prática está associada a uma adesão ideológica de alguns pesquisadores a estruturas previamente objetivadas, que preservam de modo enrijecido e conservador seus modelos e teorias. Diante disso, propusemos que as pesquisas de campo se tornem pesquisas-intervenção, ou seja, funcionem como dispositivos de encontros visando à produção de acontecimentos.

Sob essa ótica, a prática projetual deve ser modificada, assumindo, como coloca Santos (2008, p.26), a incerteza e a precariedade como oportunidade e força, em um projeto de implicação de todos os participantes, em que o conhecimento acadêmico e o conhecimento cotidiano podem ecologicamente participar, balizados pelo lugar e o contexto da prática, sem roteiro, sem garantias. Trata-se, portanto, de uma aposta. Aposta em uma prática que possa abarcar “doses de incerteza e indeterminação, de multiplicidade e devir, de eventualidade e contingência” (Arroyo, 2012), que possa incorporar as várias táticas cotidianas existentes, reconhecendo sua potência e sua dinâmica, e aceitar a incompletude da sua natureza, permitindo que a vida continue desenhando e redesenhando os espaços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE**, L.T.; **MENDONÇA**, J.G. 2010. Explorando as conseqüências da segregação metropolitana em dois contextos socioespaciais. Cadernos Metropolitanos, São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 169-188.
- ARANTES**, O. 1998. O Urbanismo em Fim de Linha, IN: ARANTES, O Urbanismo em Fim de Linha. São Paulo, EDUSP, p. 131-142.
- ARROYO**, Júlio. Fronteiras internas na cidade contemporânea. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/269>Bordas e espaço público. Acesso: 25setembro 2012-09-26
- CERTEAU**, Michel de. 1994. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes.
- FERREIRA**, J.S.W. 2007. Globalização, ideologia e planejamento urbano. IN: FERREIRA, J.S.W. O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Unesp: Salvador: ANPUR, p.91-127.
- FIX**, M. Alianças estratégicas na produção do espaço urbano. 2007. IN: FIX, M. São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo: ANPUR; Editora Boitempo. p.113-137.
- LOPES**, J.M.A.; Pulhez, M.M. 2008. De molde a contramolde: (re)construindo questões sobre a urbanização de favelas. Cadernos IPPUR. p.67-88.
- LOPES**, M.S.B (2011). Jardim Canadá, fronteiras. Vídeo disponibilizado no Youtube. http://youtu.be/TK_w4eVPG0s. Acesso: setembro de 2011
- MENDES**, Alexandre. Um novo perfil de pesquisador revolucionário. Disponível em: <http://ponto.out-raspalavras.net/2012/09/04/copesquisa/>. Acesso: 25 de setembro de 2012.
- MENDONÇA**, J.G.; **PERPÉTUO**, I.H.O.; **VARGAS**, M.C. 2004. A periferização da riqueza na metrópole belo-horizontina: falsa hipótese? IN: Seminário sobre a Economia Mineira, 11, 2004, Diamantina. Anais. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG.
- PASSOS**, Eduardo. **KASTRUP**, Virginia. **ESCÓSSIA**, Liliana da. (ORG). 2009. Pistas do método da cartografia. Pesquisa-Intervenção e Produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Meridional.
- PAULON**, S. M. A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>. Acesso: 29 de agosto de 2012
- PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA LIMA**. Plano de Requalificação Urbana elaborado pela empresa Holos, Junho/2011 [mimeo, circulação interna]
- SANTOS**, Boaventura. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/47_Douta%20Ignorancia.pdf>. Acesso em 27/03/2012.
- SMOLKA**, M.O. 2001-1/2002-1. Regularização da ocupação do solo urbano: a solução que é parte do problema, o problema que é parte da solução. IN: Planejamento e território: ensaios sobre a desigualdade. Rio de Janeiro: Cadernos IPPUR-UFRJ, DP&AE Editora, p.207-225.
- VALE**. Site <http://www.vale.com/pt-br/Paginas/default.aspx>, Acesso em 27 de julho de 2011.

PARTE 2

ATLAS

ECLÉTICO

CARTOGRAFIAS ECLÉTICAS DO BAIRRO JARDIM CANADÁ

JULIANA TORRES DE MIRANDA E NATACHA RENA

As ações do Programa de Extensão DESEJA.CA no Bairro Jardim Canadá pretendem-se territoriais, isto é, nutrem-se e retornam às singularidades desta localidade. O objetivo de empoderamento de uma comunidade e promoção da qualidade de vida das pessoas envolvidas implica, para além de uma perspectiva econômica, a valorização das identidades culturais de grupos locais, potencializando a construção de uma identificação compatível com o território em que vivem. Para tanto, é necessário entender o território como lugar de troca e configuração de uma rede produtiva e solidária e, ao mesmo tempo, agregar valor aos produtos desenvolvidos coletivamente através da coleta de informações que possam potencializar uma estética que incorpora aos produtos, a localidade e a cultura de comunidades específicas.

Assim, existe uma enorme necessidade de desenvolvimento de parâmetros teóricos aliados à investigação e experimentação por novas metodologias de cartografia capazes de compreender e representar a complexidade da natureza deste urbano tão singular – daquilo que é local atravessado por forças globais – que possam, então, nortear as ações extensionistas. Os métodos tradicionais de representação do território, mesmo aqueles que se pretendem qualitativos, são insuficientes para compreender a fricção entre a produção do espaço e os modos de re-produção social (relação espaço-sociedade).

Como forma alternativa de se observar e se aproximar dos eventos urbanos contemporâneos, Stefano BOERI (2010: 183) levanta a possibilidade da realização de um 'atlas ecléticos', que seriam modos de representação do espaço e do cotidiano da cidade atual, não somente como uma estratificação de níveis de realidade, mas também como um modo coletivo de se pensar o espaço. Seriam representações com múltiplos pontos de vista e que fazem um contraponto ao paradigma dominante, atacando-o lateralmente. Seriam formas de observação dos territórios habitados em busca de códigos individuais, locais e múltiplos que aproximam o observador do observado.

Desde 2011, quando se iniciou o Programa DESEJA.CA, várias incursões foram feitas na tentativa de produção de outras cartografias do Bairro Jardim Canadá, de levantamentos cuidadosos e atentos à realidade local. A primeira iniciativa de cartografar o bairro se deu por meio do **Workshop Atlas da Diversidade**, com o arquiteto e designer colombiano Antonio Yemail do escritório Oficina Informal, realizado em maio de 2011, durante as atividades da Mostra de Design de Belo Horizonte.

Ainda em 2011, alguns mapeamentos foram realizados como parte indissociável das ações de extensão do programa e ligadas à disciplina UNI009, experimentando-se estratégias

de mapeamento que explorassem novas tecnologias digitais para representação e compartilhamento de informações e estratégias de mapeamento coletivas e participativas. Destacam-se o Mapeamento de Resíduos e o Mapeamento de Inventos. No primeiro, procurou-se registrar os resíduos encontrados no bairro passíveis de incorporação nas oficinas do Programa como matéria prima e, no segundo, buscava-se o mapeamento das inteligências coletivas, isto é, das soluções táticas do cotidiano adotadas pela população comum, com forma de sobrevivência e subversão no cotidiano. Esses mapeamentos utilizaram ferramentas digitais, disponibilizando na web informações que podem ser constantemente atualizadas e acessadas por qualquer um.

A produção de mapas se intensifica com a pesquisa *Novos processos de projeto em Arquitetura, Urbanismo e Design adequados às transformações sócio-espaciais da metrópole contemporânea: fundamentos para intervenções no Bairro Jardim Canadá* (financiada pela Fapemig). Um dos eixos desta pesquisa objetivava uma análise da dinâmica urbana do bairro, de suas demandas, potenciais e problemas decorrentes da sua transformação em nova centralidade urbana do eixo sul de expansão metropolitana. Esta análise deveria se dar a partir de referencial teórico sobre processos de reprodução da metrópole contemporânea. O produto desta análise deveria ser primordialmente mapas, mas não mapas tradicionais, como rigorosas cartografias da geografia, ou mapas morfológicos típicos da tradição arquitetônica urbanística.

Essas abordagens metodológicas tradicionais tem se mostrado insuficientes para a compreensão crítica dos atuais processos e dinâmicas sócio-espaciais, e grande parte desta dificuldade decorre exatamente do fato de que tais processos são muitas vezes mutáveis, instáveis e transitórios. Interessam as metodologias capazes não só de apreender e compreender os movimentos da dinâmica urbana contemporânea, mas também os princípios e processos que a originam. Da mesma maneira, interessa uma abordagem crítica que considera que a realidade não se resume ao que está dado empiricamente, devendo necessariamente compreender também tudo aquilo que, não sendo dado, merece ser construído. Para tanto, a pesquisa seguiu uma abordagem *experimental*, no sentido de experimentação como vivência, como experiência. Neste sentido o que convencionalmente se definiu – e se separou – como pesquisa teórica e como pesquisa empírica ocorreram aqui indissolivelmente imbricados: nem a pesquisa teórica e sua busca de referenciais e balizamentos conceituais podem ser compreendidos independente das situações concretas que a fazem nascer, nem a pesquisa empírica exclui a elaboração teórica e

aprofundada das questões abordadas. Uma e outra se alimentam mutuamente. Somente nessa relação dinâmica, pôde-se considerar o mapeamento dos processos de produção e transformação sócio-espacial do bairro Jardim Canadá na inter-relação entre as escalas macro-urbana e micro-local. Propôs-e, como desafio, buscar alternativas de mapeamento mais subjetivas e atentas aos modos de vida local e às forças invisíveis que atravessam o território. Além de se buscar pela investigação de informações não convencionalmente consideradas em cartografias tradicionais, interessava também uma experimentação de formas de representar graficamente o encontro de dados qualitativos e quantitativos, de maneira a revelar relações entre os planos visíveis do território e as forças invisíveis que o perpassa, tanto as locais quanto as locais.

As questões de pesquisa, separadas nas categorias de processos sociais, processos físicos, processos produtivos e processos ambientais, eram tomados sempre de uma maneira indissociada, o que levou, inclusive a uma dificuldade em reorganizar os mapas produzidos em capítulos temáticos. Esses devem, portanto, serem lidos de forma transversal, em que um mapa alimenta outro e vice-versa, construindo mais um palimpsesto do bairro do que uma análise estruturada. De início, algumas perguntas haviam sido formuladas: *Qual o perfil da população do bairro e como este se relaciona com a região em que se insere? Quais são os diversos grupos que vivem e convivem naquele território? Como convivem os diferentes estratos sociais? De que maneira apropriam-se dos espaços públicos e coletivos? Quais são os atores sociais importantes para o processo de implantação de políticas públicas e processos de projeto participativos? Quais são os processos de reprodução social, locais e globais, que inferem nos processos de espacialização daquele local? Existem processos de segregação espacial? Quais são táticas de sobrevivência que revelem saberes populares na produção e apropriação do espaço cotidiano? Há espaços cotidianos de encontro, de coletividade, de exercício da cidadania, onde acontece a vida urbana? Como se dão os processos da micro-economia da comunidade local e seus potenciais e fragilidades perante a transformação do bairro em centralidade regional de serviços e comércio de alta renda? Como as verticalidades e heterotopias da macro-economia interagem com o caldo cultural e econômico previamente existente no Jardim Canadá? Como é a dialética socioespacial desta interação? Quais são as singularidades do bairro e os conflitos gerados relacionados à sua inserção em região de grandes áreas mineradoras e de proteção ambiental?*

Tendo essas questões como norte, a equipe de pesquisadores e extensionistas imergiram no cotidiano do bairro, atrás do encontro, programado ou não, com moradores, trabalhadores

e usuários que cruzam o lugar. Assim, foram encontrando rastros e indícios de fenômenos que se apresentavam e pediam para serem conhecidos. Alguns dos mapeamentos realizados tinham como objetivo principal o próprio evento, que envolvia a comunidade em ações de extensão. Outros utilizaram de linguagens que não se traduzem facilmente em desenhos, como é o caso da Entrevista com Artesãos e os vídeos da Rua Hudson. Portanto, estão aqui representados como desenhos, mapas e fotos que dão uma notícia do evento, tentando ilustrar um pouco a potência que foram seus acontecimentos.

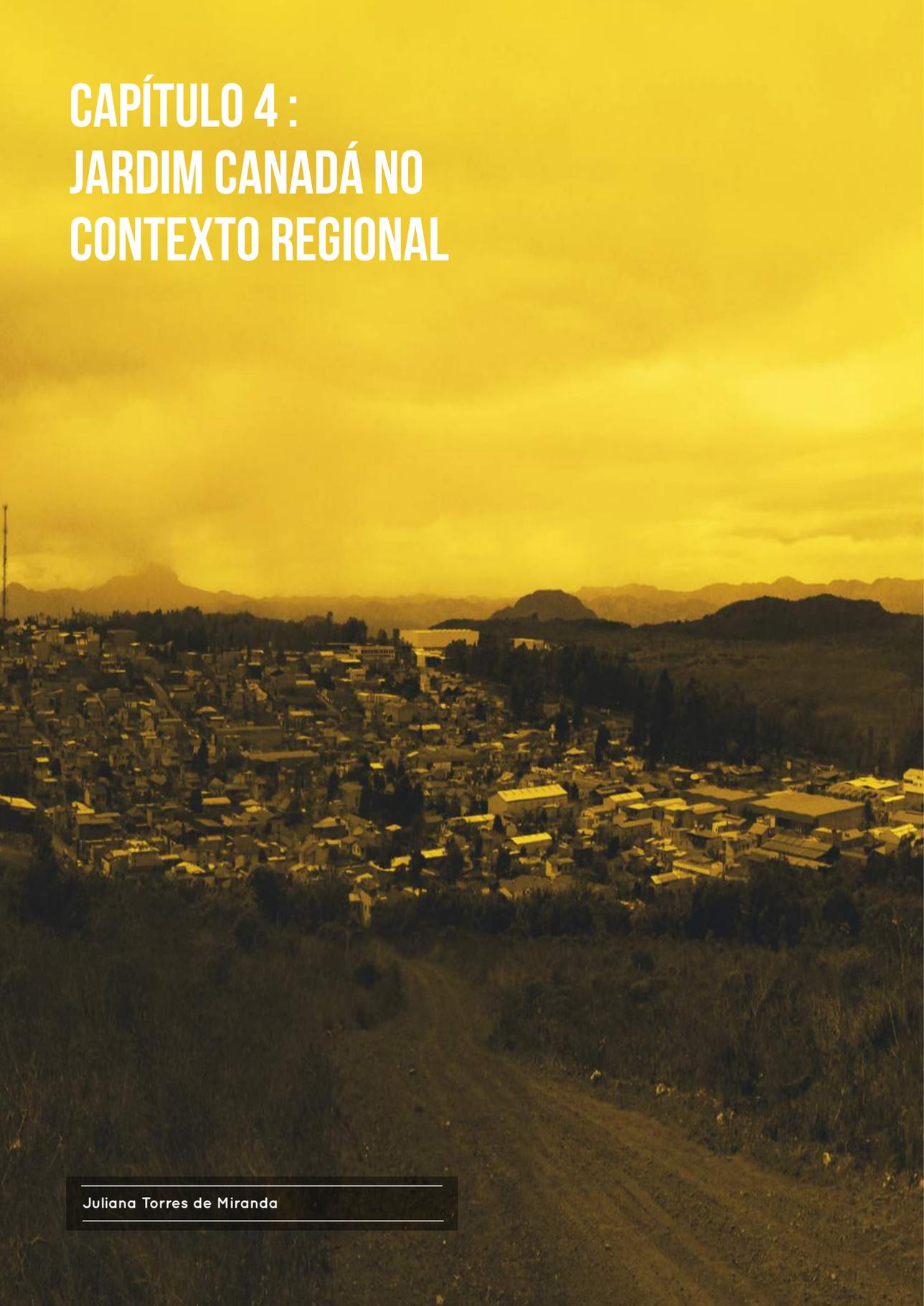
Acrescentam-se aos mapas temáticos da pesquisa e da extensão, as cartografias realizadas no contexto da disciplina de graduação UNI009 – Oficina Multidisciplinar: Projetos Socio-ambientais. Tendo como referência experiências de mapeamento coletivo e metodologias de pesquisa-ação, principalmente do coletivo argentino Iconoclastas¹, os alunos definiram temáticas várias e experimentaram estratégias participativas. Ao fim da disciplina, um grande mapa foi produzido com a participação de pessoas do bairro em um evento organizado em localidade estratégica. Este mapa colheu informações de várias ordens e permitiu o entrecruzamento de questões aparentemente desconexas e invisíveis que atuam sobre o território. Alguns destes mapas - Mapa do Desejo dos Jovens do Jardim Canadá, Mapa dos Jardins e Jardineiros do Jardim Canadá, Mapa dos Restaurantes e Bares do Jardim Canadá - foram refeitos para apresentação neste livro e foram incluídos ao longo dos capítulos que se seguem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOERI**, S. Atlas ecléticos. In: WALKER, E. (ed.). Lo ordinario. Barcelona: Gustavo Gili, 2010. P.177-204.
- OLIVEIRA**, B.; **RENA**, N. S. A. Territórios aglomerados: design e extensão universitária. In: Natacha Rena. (Org.). Territórios aglomerados. 1 ed. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2010, v. 1000, p. 12-23.
- RENA**, N. ; **YEMAIL**, A. ; **MIRANDA**, J. T. ; **CAPORALI**, F. . Atlas da Diversidade: Produção de Mapeamentos do Bairro Jardim Canadá. In: P&D DESIGN 2012 - 10o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2012, São Luís, Maranhão. Anais do P&D DESIGN 2012, 2012.

1. Iconoclastas é um grupo argentino que produz oficinas criativas de mapeamento crítico e coletivo, desde 2006, na Argentina, América Latina e Europa, produzindo material de livre circulação e uso, com o objetivo de impulsionar práticas colaborativas de resistência e transformação. Ver www.iconoclastas.net

CAPÍTULO 4 : JARDIM CANADÁ NO CONTEXTO REGIONAL



Juliana Torres de Miranda

Assim se denomina, Bairro Jardim Canadá, uma centralidade urbana, bem delimitada, situada fora do centro urbano do município de Nova Lima, ao longo da BR040 - eixo rodoviário que faz conexão Belo Horizonte- Rio de Janeiro. Nova Lima é um município ao sul da região metropolitana de Belo Horizonte, onde se concentra principal pólo de expansão urbana do capital imobiliário e onde se observa fenômeno de migração de população de alta renda e mais escolarizada para os emergentes condomínios fechados, sejam de casas ou de edifícios verticais¹. Ao eixo de expansão metropolitana sul contrapõem-se outros vetores de crescimento: o vetor norte - impulsionado pelo Aeroporto Internacional Tancredo Neves e pelo Centro Administrativo do Estado de MG - e o eixo noroeste, - caracterizado pela expansão do mercado imobiliário informal e de autoconstrução, concentração de habitação baixa renda e pelo perfil de cidade dormitório, conforme mostra a figura 1 do Relatório Preliminar do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte - PDDI RMBH (2010).

O tipo predominante de urbanidade que se observa no vetor sul é o que podemos chamar de uma urbanidade extensiva², conformada por *clusters* urbanos espalhados pelo território e conectados por eixos rodoviários. Esta é uma estrutura que não se assemelha à morfologia das “cidades tradicionais” e, portanto, apresenta desafios às estratégias também tradicionais de representação e mapeamento da cidade³. Este fenômeno de extensão fragmentada do tecido urbano, em Nova Lima, ocorre disputando território com outra importante atividade econômica profundamente transformadora de territórios: a atividade mineradora. Abissais cavas abertas para exploração do minério de ferro, com suas máquinas gigantes, esteiras

1. Sobre o fenômeno dos condomínios fechados de alta renda em Nova Lima ver COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR, 2006

2. Termo usado por Monte-Mór, a partir do conceito de Henri Lefevre de “zona urbana”, “para se referir ao estágio da urbanização que se encontra para além dos limites da “cidade industrial”, ainda que a englobando,” e estendendo ao território regional, como no exemplo típico das zonas metropolitanas, as relações de produção e forças produtivas capitalistas. MONTE-MÓR (1994)..

3. Sobre a obsolescência dos métodos tradicionais de representação e morfologia urbana para explicar a fricção entre território e sociedade nas metrópoles contemporâneas, ver BOERI 2010.

de minério e o pó vermelho da terra, constroem a paisagem local. Entremeadas entre as ocupações urbanas e as minas, sobrevivem extensas áreas de preservação ambiental. Dessas terras, fluem as águas que alimentam a região metropolitana. E, também, abrigam o mar de montanhas, o ar ameno, tilhas e cachoeiras, para onde cidadãos - ciclistas, motoqueiros, trakers, escaladores, famílias e namorados - fogem nos finais de semana. Estes - minas, parques ecológicos e condomínios fechados - são os vizinhos do bairro Jardim Canadá. Perante este contexto, deve-se compreender a condição desta localidade. O bairro consiste numa das poucas áreas urbanizadas da região, livre dos muros e cancelas dos condomínios fechados, onde se vê mistura social e mistura de usos. Onde emerge uma centralidade local, conglomerando serviços e comércio local e regional. Onde, embora pelas já tradicionais vias informais, a terra se faz acessível aos brasileiros mais pobres. A polarização do bairro foi reconhecida pelo relatório do PDDI (2010), que classifica o Jardim Canadá como uma centralidade de nível 4 - Centro Local, como mostra a Figura 2.

Vários dos artigos publicados no livro *Novas Periferias Metropolitanas - a expansão metropolitana de Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul*, de COSTA, COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR (2006), rastreia informações demográficas e

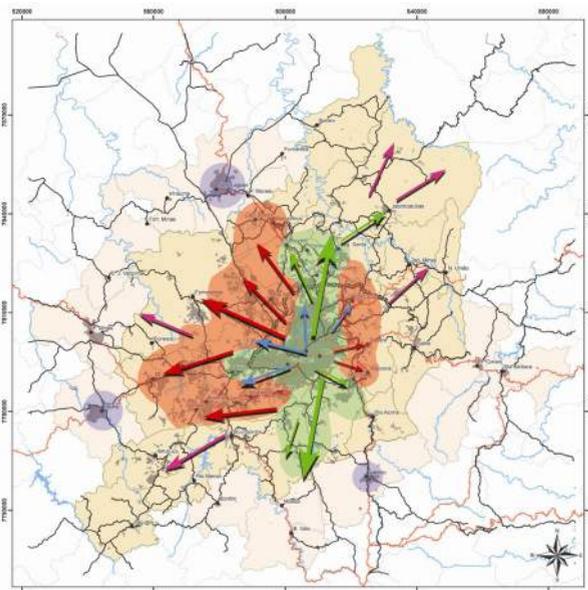


Figura 1 - Dinâmica imobiliária metropolitana

Fonte: Relatório Preliminar do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte - PDDI RMBH (2010).



econômicas do eixo sul e, ao analisar o fenômeno singular da região caracterizado pela destacada emigração de classe alta (escolarizada e composta por empregadores), para os condomínios da região apontam o fenômeno da atração da "pobreza" que vem junto com a "riqueza". Apontam várias hipóteses para o fenômeno, dentre elas a de que esta população pobre é atraída pela oferta de empregos na região, relacionados aos serviços domésticos e de construção dos condomínios. De qualquer maneira, o Bairro Jardim Canadá desponta na região como um bairro bem localizado ainda habitado pelos menos favorecidos, que usufruem da polaridade da região, principalmente no sentido de acesso a atividades econômicas e emprego. Isso tenderia a diferenciá-lo do perfil de urbanização que o rodeia.

Os mapas que se seguem foram produzidos principalmente nos primeiros anos do Programa e atuam como estratégias para compreender o Jardim Canadá a partir de sua inserção regional, buscando visualizar os fenômenos acima observados. Se a ocupação do território brasileiro é marcada pelas discrepâncias regionais, um movimento de aproximação deixa visíveis as discrepâncias e desigualdades em todas as escalas, da regional à local. Esta ideia de "zoom" está presente nos mapas deste capítulo.

No Mapa 1 - Localização do Bairro Jardim Canadá, uma simples comparação entre

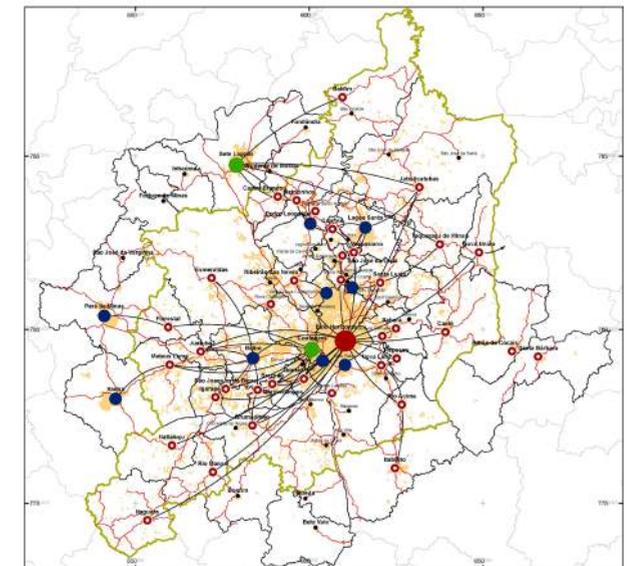


Figura 2 - Rede de Centralidades na RMBH

Fonte: Relatório Preliminar do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte - PDDI RMBH (2010).



população e PIB, situa o bairro em relação a um panorama nacional e local. Compara as médias de PIB/população do bairro com as nacionais, mineira, e regional. O Mapa 2 - Mancha Urbana, situa a localização de fronteira desta expansão urbana ao sul da RMBH e destaca as áreas de preservação da região. A série de fotos aéreas, retiradas do site google.com, apresentam a paisagem em 4 escalas: da RMBH ao bairro. Ficam visíveis a estrutura urbana onde se situa o bairro e seus vizinhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOERI, Stefano. Atlas Eclético. In: WALKER, Enrique (ed.). Lo Ordinário. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

COSTA, Heloísa; **COSTA**, Geraldo; **MENDONÇA**, Jupira e **MONTE-MÓR**, Roberto Luís. Novas Periferias Metropolitanas - a expansão metropolitana de Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2006.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de M. Urbanização Extensiva e Lógicas de Povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, Milton et. al. (orgs.) Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994 (pp. 169-181).

PLANO METROPOLITANO RMBH: Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Relatório Final. Versão Preliminar. Volume 1, dezembro de 2010.



Jardim Canadá 1

Rodovia BR040



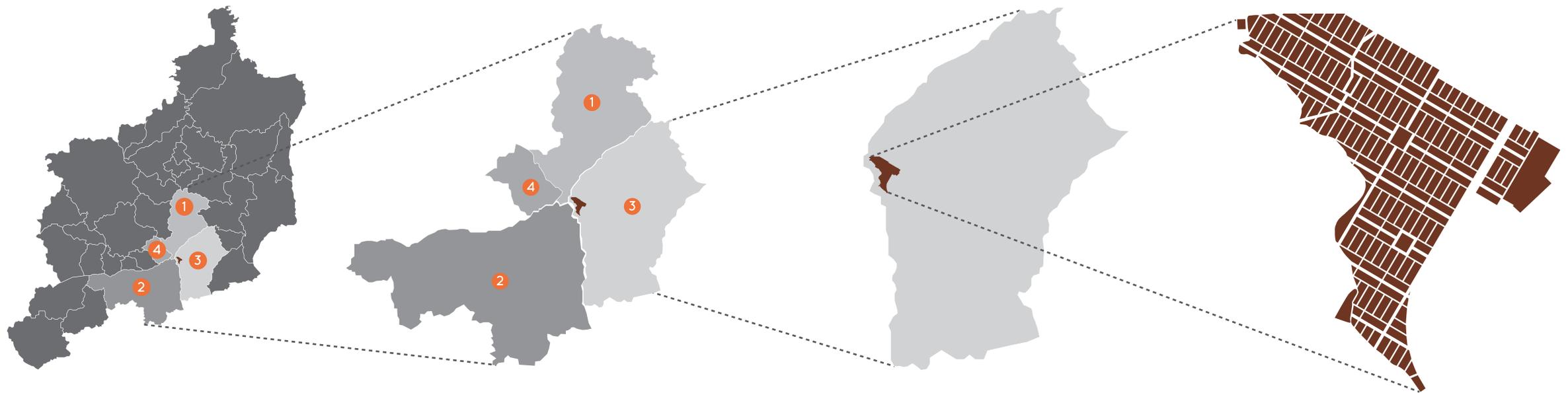
Muro do Condomínio Retiro das Pedras

Terreno pertencente à VALE S.A.



LOCALIZAÇÃO

JARDIM CANADÁ



Região metropolitana de Belo Horizonte

Cidades em destaque: 1 Belo Horizonte, 2 Brumadinho, 3 Ibirité e 4 Nova Lima.
PIB da região : R\$ 132,9 milhões
Habitantes: 5.152.217 milhões

Cidades limítrofes ao município de Nova Lima

Cidades: 1 Belo Horizonte, 2 Brumadinho, 3 Ibirité e 4 Nova Lima.
PIB da região: R\$ 59.745.656 milhões
Total de habitantes: 2.649.076 milhões

Cidade de Nova Lima

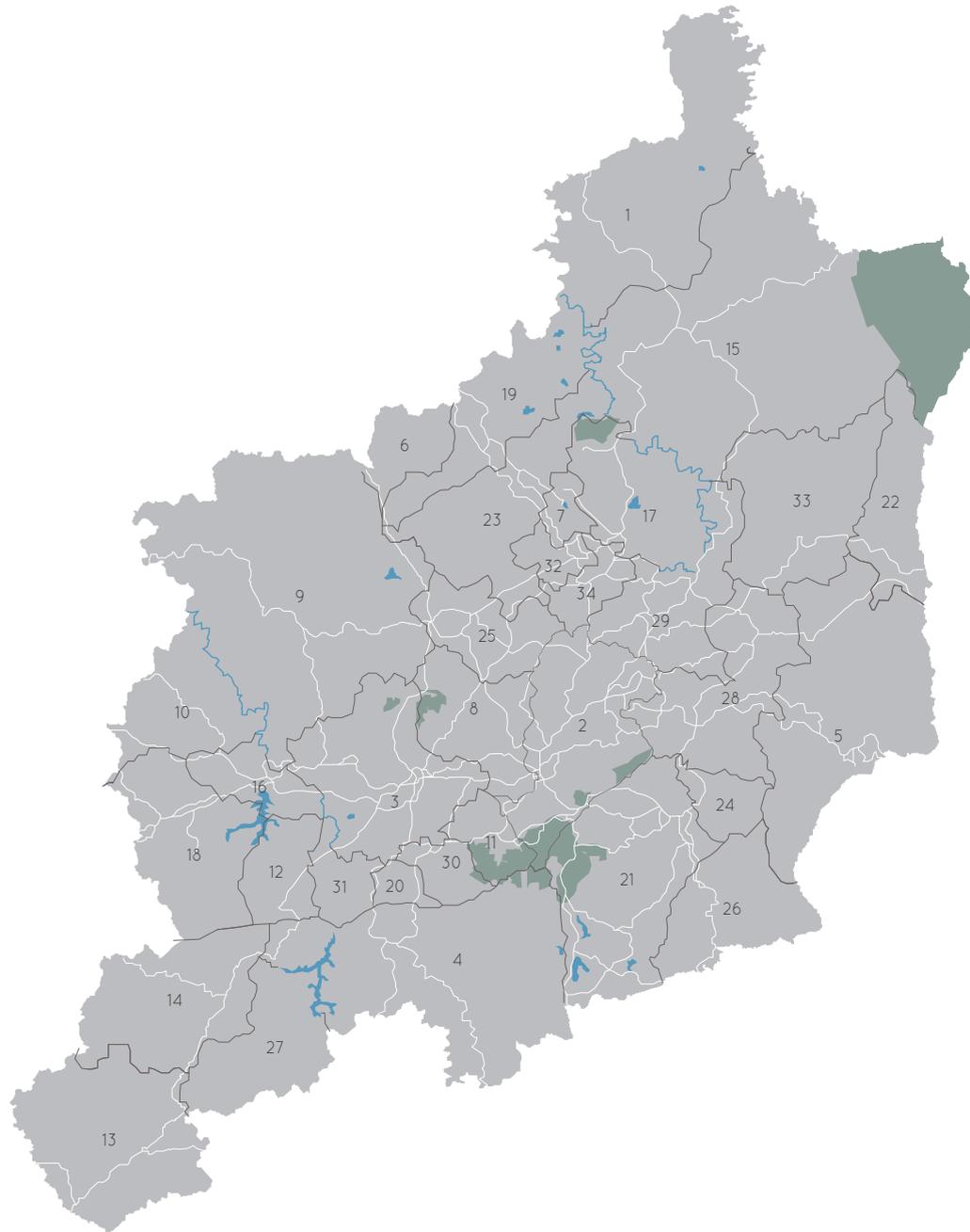
PIB da região: R\$ 5.624.227
Total de habitantes: 80.988 mil

Bairro Jardim Canadá

Total de habitantes: 8,3 mil

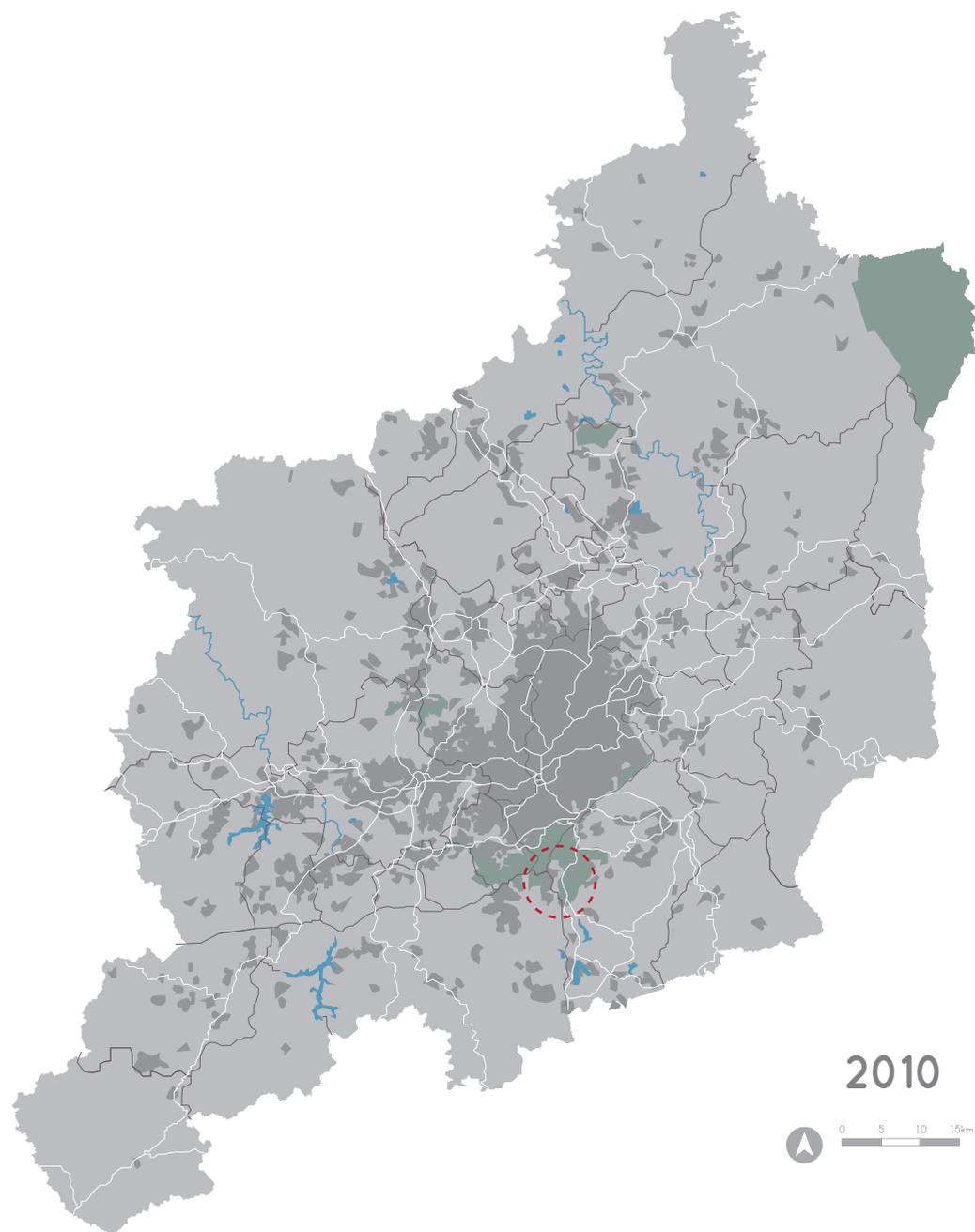
MUNICÍPIOS

RMBH

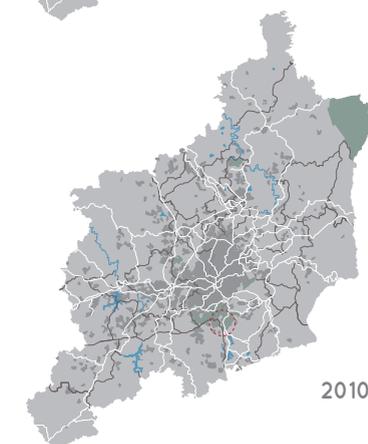
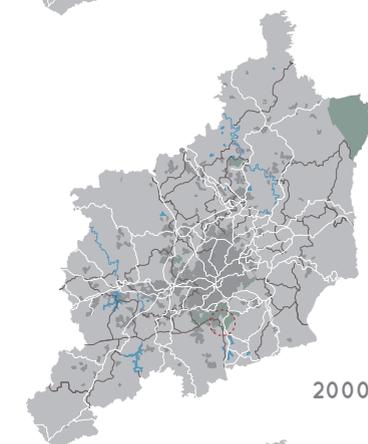
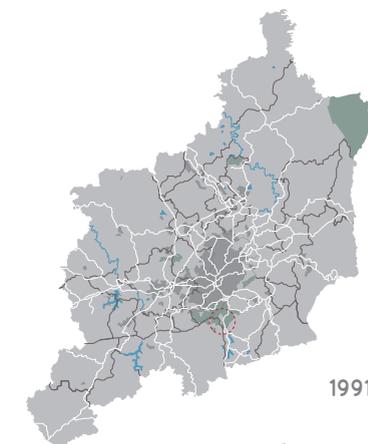


1	Baldim	18	Mateus Leme
2	Belo Horizonte	19	Matozinhos
3	Betim	20	Mário Campos
4	Brumadinho	21	Nova Lima
5	Caeté	22	Nova União
6	Capim Branco	23	Pedro Leopoldo
7	Confins	24	Raposos
8	Contagem	25	Ribeirão das Neves
9	Esmeraldas	26	Rio Acima
10	Florestal	27	Rio Manso
11	Ibirité	28	Sabará
12	Igarapé	29	Santa Luzia
13	Itaquara	30	Sarzedo
14	Itatiaiuçu	31	São Joaquim de Bicas
15	Jaboticatubas	32	São José da Lapa
16	Juatuba	33	Taquaraçu de Minas
17	Lagoa Santa	34	Vespasiano

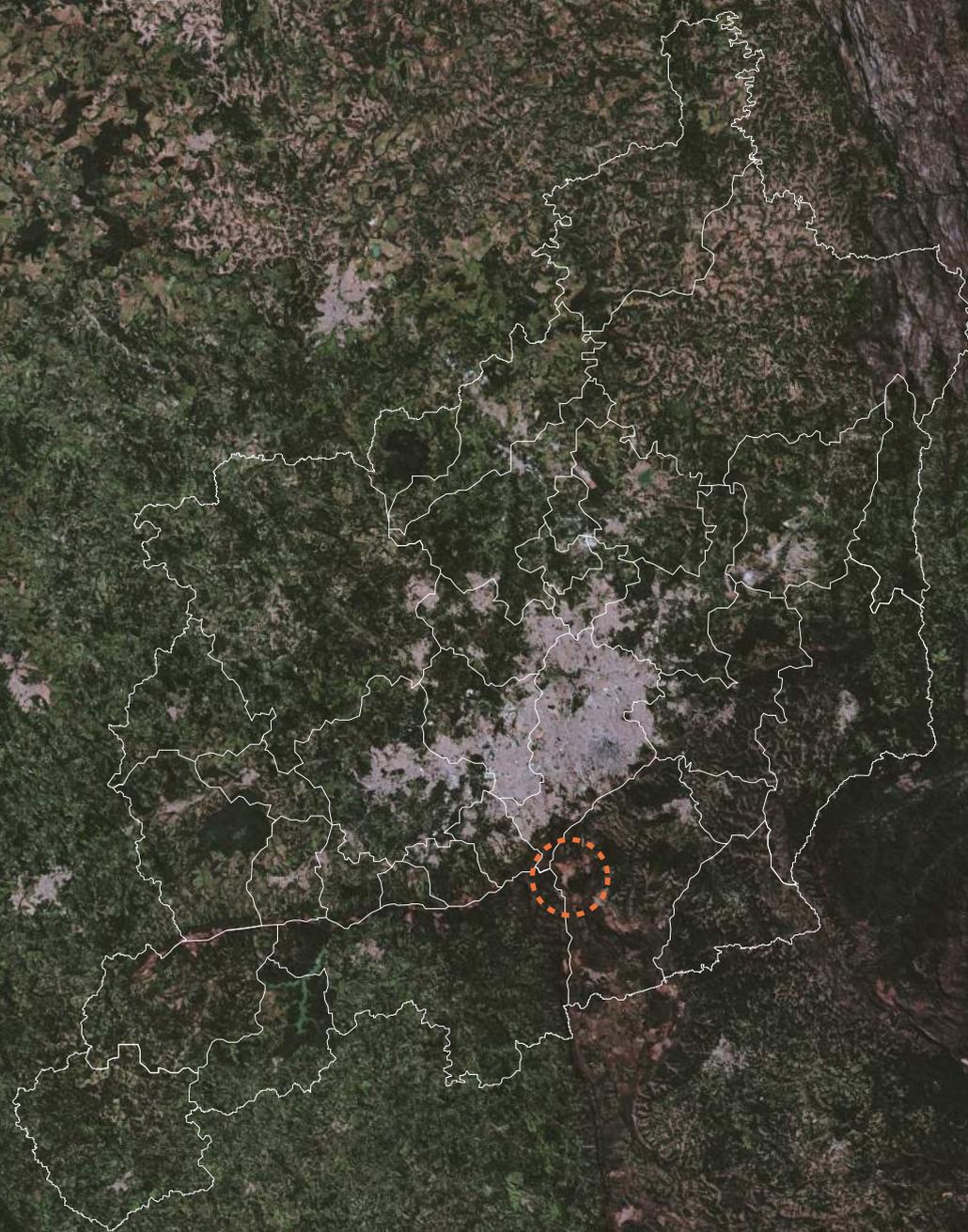
MANCHA URBANA RMBH



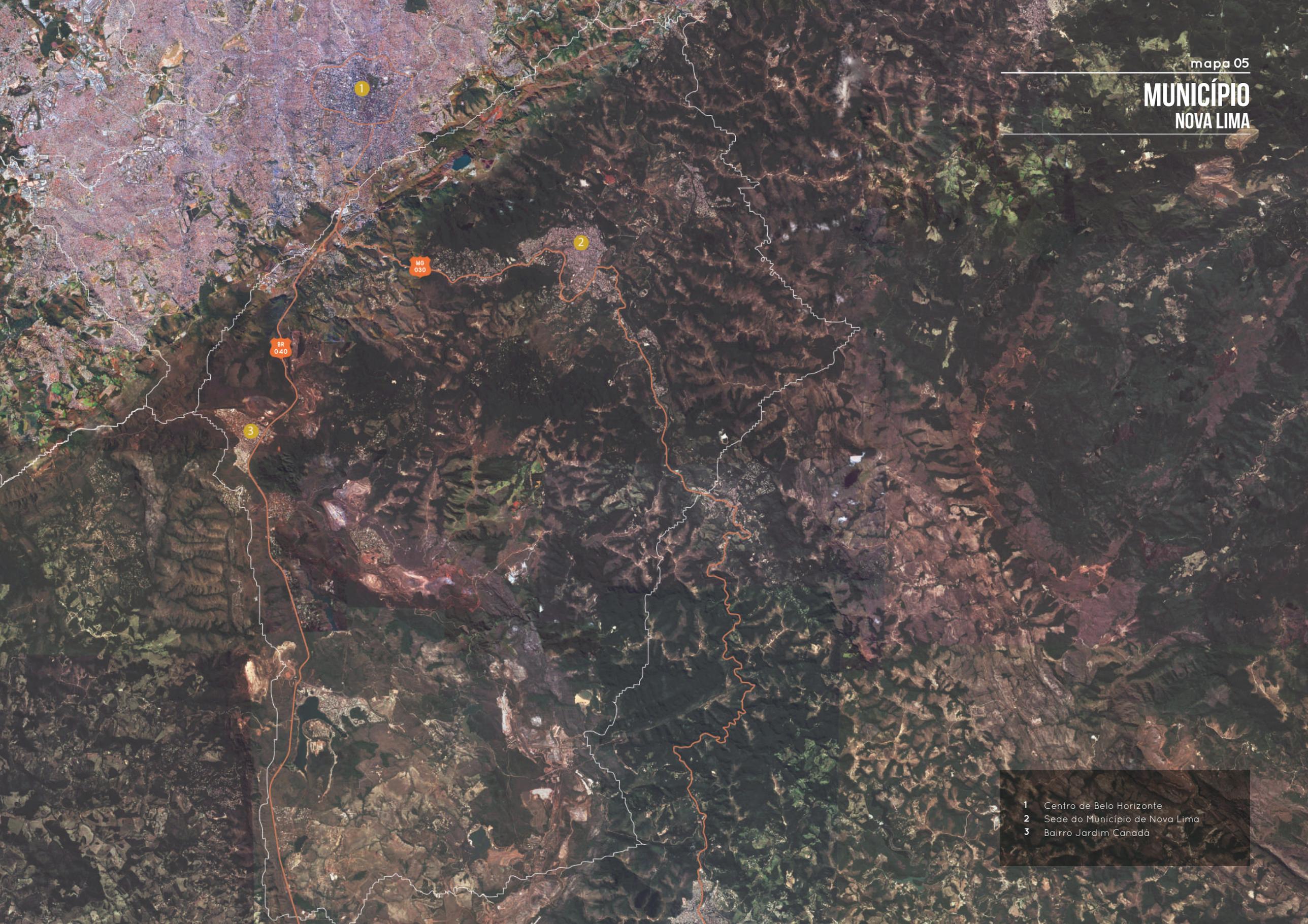
- Jardim Canadá
- Divisa Municípios
- Malha Viária
- Corpos D'água
- Mancha Urbana
- Unid. de Conservação Permanente



REGIÃO METROPOLITANA
BELO HORIZONTE



MUNICÍPIO NOVA LIMA



- 1 Centro de Belo Horizonte
- 2 Sede do Município de Nova Lima
- 3 Bairro Jardim Canadá

ENTORNO IMEDIATO JARDIM CANADÁ



- 1 Mina da Mutuca
- 2 Pq. Estadual Serra do Rola Moça
- 3 Mina Capão Xavier
- 4 Mina Mar Azul
- 5 Jardim Canadá
- 6 Condomínio Passárgada
- 7 Unidade de Conservação E. E. Fechos
- 8 Condomínio Retiro das Pedras
- 9 Condomínio Sera dos Manacás
- 10 Bairro Vale do Sol
- 11 Mina Tamanduá
- 12 Condomínio Lagoa do Miguelão
- 13 Condomínio Morro do Chapéu

mapa 07

BAIRRO
JARDIM CANADÁ



Praça Quatro Elementos

Centro de distribuição de supermercado

Unidade de Conservação E.E. Fechos

Bairro Vale do Sol



CAPÍTULO 5 : DINÂMICA SOCIAL NO JARDIM CANADÁ

Juliana Torres de Miranda
Débora Cristina Caetano, Talita Lessa
Melo, Priscilla Gimenes Pinto e Tais Trujillo
Maldonado

Neste capítulo estão reunidos mapas que tratam da dinâmica populacional no bairro Jardim Canadá e da caracterização da população local, principalmente da população social e economicamente vulnerável, potenciais beneficiários dos projetos de extensão do Programa DESEJ.A.C.A. Os mapas foram elaborados no contexto das ações de extensão desse programa, da pesquisa Novos Projetos de Projeto Adequados às Transformações das Metrôpoles Contemporâneas e da disciplina do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo - UNI009 - Oficina Multidisciplinar: Projetos Socioambientais. Como um dos principais objetivos, interessava rastrear os indícios da vulnerabilidade social e segregação social espacializados naquele território e compreender as táticas de sobrevivência inventadas no cotidiano por esta população. Para tanto, não se tratava apenas de localizar geograficamente dados, mas de, a partir deles, indagar sobre os processos espaciais que produzem esta segregação. Esta leitura só se pode fazer no entrecruzamento com os outros mapas dos capítulos seguintes, que tratam da questão econômica e territorial. Os mapas aqui apresentados confrontam vários tipos de dados, como dados demográficos e registros subjetivos de moradores locais.

O primeiro mapa apresenta a distribuição da **densidade demográfica no território de Nova Lima**. Como a população residente do município é quase que exclusivamente urbana, no mapa elaborado, procurou-se visualizar a informação censitária de população residente concentrada apenas em território urbanizado. Para o cálculo da densidade populacional, foi considerado o número de população residente de cada setor censitário, segundo o CENSO 2010, e a área das manchas urbanas daquele setor. Em um mapa formado por manchas espalhadas ao longo do território do município e com uma distribuição bastante heterogênea da densidade populacional, visualiza-se claramente a natureza deste urbano, caracterizado por uma grande dispersão e fragmentação do tecido urbano, em enclaves heterogêneos em que se destacam micro-centralidades, dentre as quais o Jardim Canadá se desponta.

No subcapítulo **5.1 - Jardim Canadá no CENSO 2010**, é apresentada série de pequenos mapas e gráficos com dados coletados do Censo 2010, comparando aspectos gerais do bairro com outras regiões de Nova Lima. No subcapítulo **5.2 - População Vulnerável**, uma série de mapas e diagramas apresentam informações sobre população socialmente vulnerável do Jardim Canadá, a partir de dados de fichas de cadastro do Centro de

Referência de Assistência Social (CRAS) - Regional Noroeste ¹ - e do Programa de bolsas sociais Vida Nova e Bolsa Família, todos vinculados à Prefeitura de Nova Lima. No subcapítulo **5.3 – Redes e Usuários**, são ilustradas relações familiares e de usos de alguns moradores e usuários diversos do bairro a partir de dinâmicas de mapeamento coletivo realizadas pela equipe de extensionistas e pesquisadores. Inclui também mapa de localização de instituições no bairro, demonstrando a diversidade de serviços sociais ali encontrados, que cumprem papel de atores sociais no bairro. O subcapítulo **5.4 – Desejo dos Jovens** traz mapeamento realizado a partir de entrevistas com alunos de escola municipal local e pretende ilustrar o universo de perspectivas pessoais e coletivas para o bairro.

Antes da leitura dos mapas, deve-se ponderar sobre as limitações, para os objetivos do Programa DESEJA.CA, de pesquisas essencialmente quantitativas, com o são os dados censitários. Michel de Certeau, em sua investigação sobre as práticas cotidianas comuns da cultura comenta sobre as limitações de uma sondagem essencialmente estatística, pois esta deixa escapar as operações e os usos individuais, as trajetórias variáveis dos praticantes, a inventividade e a discursividade artesanal, apreendendo mais o material dessas práticas do que a forma como acontecem. “A sondagem estatística só acha o que é homogêneo. Ela reproduz o sistema a que pertence” isto é, a significação informativa dos dados que produz traz em si as categorias pré-concebidas que organizaram sua coleta e produção (DE CERTEAU 2003, p. 16).

Portanto, os dados analisados do Censo de 2010, só podem contribuir para nossa investigação dos fenômenos que indiquem a espacialização da vulnerabilidade social, desde que possam ser contrapostos com registros de uma observação participante. Paralelamente à produção dos mapas quantitativos, com o processamento manual de dados selecionados do Censo, várias incursões foram realizadas no bairro, procurando conhecer o indivíduo do qual falam os números, ouvir sua voz, registrar as situações particulares, seus trajetos, seus desejos, seu cotidiano. As planilhas de cadastro do CRAS contêm alguns desses registros, os quais se tentaram representar graficamente.

Uma paisagem social pode ser construída na combinação de todos esses mapas. Uma paisagem de contrastes, muita diversidade e muita dinamicidade. Por um lado, vislumbra-se uma alta vulnerabilidade principalmente no que se refere às questões de habitação e construção de vínculos por uma população de migrantes, ainda meio nômade, com dificuldades de se consolidar naquele território. Paisagem essa obscurecida pela imagem de um bairro de ruas regulares e asfaltadas, comércio de luxo e grandes galpões. Na fresta de um beco ou outro, escondido atrás de muros, pode-se enxergar os rastros desta

1. O CRAS é uma unidade pública de ação social ligada à Prefeitura Municipal de Nova Lima, que organiza uma rede de proteção e inclusão social. Essa instituição promove reuniões e ações comunitárias, orienta, acompanha e encaminha famílias carentes para programas sociais oferecidos na região. Sua equipe é composta por assistentes sociais, educadores, nutricionistas, acadêmicos e psicólogos, que trabalham na recuperação da auto-estima das pessoas, possibilitando autonomia às famílias e assegurando direitos e oportunidades iguais.

frágil paisagem. Por outro lado, os mapas aqui presentes, revelam também uma força, uma potência, que se reproduz nas redes familiares e sociais cotidianas, na presença de importantes atores sociais, nas múltiplas oportunidades que o lugar oferece para trabalho formal e, principalmente, informal. Essa última questão será melhor apresentada no capítulo seguinte, que trata da dinâmica econômica do bairro.

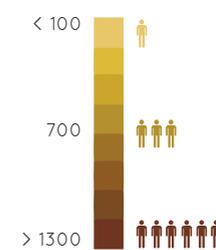


DENSIDADE DEMOGRÁFICA

CENSO 2010 - NOVA LIMA



Número de habitantes
Baseado em Censo 2010



5.1. JARDIM CANADÁ NO CENSO 2010

Para selecionar os dados do IBGE que interessariam à pesquisa, considerando que a intenção não era de uma análise rigorosa desses dados, considerou-se como referência estudos já realizados sobre a dinâmica populacional na região, baseados em dados quantitativos. Alguns textos do livro *Novas Periferias Metropolitanas: a expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul* (COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR, 2006) discutem alguns fenômenos demográficos na região sul metropolitana, como o crescimento populacional da periferia em relação ao centro e a heterogeneidade entre a população que ocupa os empreendimentos imobiliários de elite (os condomínios fechados) e os novos loteamentos fora do centro do município (em que se destaca o Jardim Canadá). Nesses fenômenos, observa-se a reprodução de processos de segregação espacial no contexto da própria periferia. Mendonça e Perpétuo, trabalhando a partir de dados do Censo de até 2000 e Pesquisa de Origem e Destino da Fundação João Pinheiro de 2001/2002, investigam se ocorre nesta região o fenômeno de polarização social, isto é, do surgimento de enclaves que reaproximam fisicamente grupos desiguais, alterando a tradicional relação dicotômica entre centro rico e periferia pobre. Os autores rastreiam o perfil dos moradores dos condomínios, encontrando dados em que se destaca, na comparação com outras regiões da metrópole e com os moradores antigos do município de Nova Lima, uma expressiva presença de população com alto rendimento domiciliar, com ocupação funcional como dirigentes e com alto índice de escolaridade. No entanto, esses índices não deixam de ser acompanhados por alta proporção daqueles que apontam vulnerabilidade social, com baixa renda familiar, baixa escolaridade e baixa qualificação. Esses índices extremos se destacam dentre o grande contingente de imigrantes recentes. O crescimento populacional via migração é fenômeno também destacado pelos dados. Nova Lima sofre um boom de crescimento nas décadas de 1980 e 1990, essencialmente fora da sua sede. “Os dados corroboram (...) a dinâmica segundo a qual a vinda das famílias de alta renda e ocupações superiores traz consigo pessoas prestadoras de serviços pouco qualificados” (MENDONÇA e PERPÉTUO, 2006, p. 33). O texto de COSTA e ARAÚJO, (2006, pp.35-45), também demonstra que é a população mais rica da região a que trabalha em Belo Horizonte, ao contrário das outras periferias pobres da região metropolitana que atuam como cidades dormitórios da população mais vulnerável. O artigo de BRITO e SOUZA (2006, pp. 81-97) também destaca, a partir de uma série de comparações entre dados demográficos da metrópole belo horizontina, as particularidades da população de Nova Lima. Ao se considerar o perfil de escolaridade, por exemplo, dos emigrantes para Nova Lima, 56,0% tem pelo menos o nível

universitário, contrapondo-se ao índice de quase 50,0% de analfabetos funcionais nos vetores Norte Central e Sudoeste). E, se salta aos olhos o alto índice de renda e escolaridade dos emigrantes para Nova Lima, “não é menos relevante considerar que ele coexiste com 15% de analfabetos funcionais.” Os autores acreditam que tudo indica que “aqueles que migram para o Jardim Canadá, (...), em parte, estão à serviço da demanda, diretamente ou indiretamente, dos condomínios, seja como mão de obra (domésticas, babás, caseiros) ou no próprio comércio de uma forma geral.” (BRITO e SOUZA, 2006, p. 91)

Um caminho de pesquisa poderia ter sido o de acrescentar, a essas análises já realizadas, os dados do censo de 2010, disponíveis no momento, para confirmar ou refutar processos e tendências apontadas naqueles estudos. No entanto, não interessava um novo rigoroso tratamento de dados quantitativos. O fenômeno de migração de alta-classe para subúrbios de Nova Lima, acompanhado da intensa migração de pobreza para o Jardim Canadá ainda era facilmente observado nas visitas à região. Mais do que comprovar este processo, o uso dos dados do Censo 2010 serviu à pesquisa para, principalmente, compreender a distinção do perfil sócio-econômico dos moradores do bairro com seus vizinhos, através de comparação de alguns indicadores.

Para rastrear condições de vulnerabilidade social, não só a renda familiar seria um indicador (que está apresentada no capítulo seguinte, sobre Dinâmica Econômica), mas também questões relacionadas à habitação, acesso à infraestrutura, escolaridade e constituição familiar poderiam contribuir. Esses dados foram tomados nos setores do Bairro Jardim Canadá e em outras áreas de Nova Lima, representativas da urbanização deste município: condomínios de alta classe, bairros afastados do centro e bairros centrais. Assim, dados do Jardim Canadá são comparados com dados do condomínio Alphaville, do bairro Vale do Sol e do Centro.

A divisão de setores censitários do IBGE foi criada com o objetivo de coleta das operações censitárias, com limites físicos identificados, em áreas contínuas e respeitando-se a divisão político-administrativa do Brasil. A delimitação de um setor implica certa quantidade de domicílios que um pesquisador consegue atender e pode variar de um censo para o outro. Nem sempre um setor censitário corresponde a um bairro, podendo dividir grandes bairros em diversos setores ou unir bairros pequenos em um único setor. Isso dificulta bastante o uso desse instrumento para uma análise mais micro, uma vez que pode ocorrer o agrupamento de populações

com grande distinção sócio-econômica em um mesmo setor censitário.

O bairro **Jardim Canadá** está compreendido dentro de nove setores. Para análise, no entanto, foi excluído setor que inclui área do bairro a leste da BR040, pois engloba também um condomínio fechado de alto luxo. Considerar os dados deste setor levaria a grandes distorções, pois a ocupação desta gleba do Jardim Canadá caracteriza-se essencialmente por instalações comerciais, de serviço e industriais de grande porte, sem residências, a não ser por alojamento de trabalhadores de uma construtora. Trabalhou-se então, com oito setores, no caso do Jardim Canadá.

A escolha do bairro **Vale do Sol** para área de comparação deveu-se ao fato de que este bairro é muito próximo ao Jardim Canadá e é também um loteamento aberto, não outro condomínio fechado. As condições de comparação são favoráveis para se verificar que dados podem refletir a condição de centralidade e pobreza do Jardim Canadá. No entanto, o Vale do Sol encontra-se apenas em dois setores e um deles engloba também o Condomínio Serra dos Manacás, de alto luxo. Assim apenas metade do bairro foi considerado.

No caso do **Alphaville**, um exemplo bem representativo dos condomínios de alto luxo do eixo metropolitano sul, foram tomados oito setores, que abrangem loteamentos mais ocupados e outros ainda em consolidação.

Para escolha de trecho central da sede de **Nova Lima**, elegeu-se 8 setores em torno na praça xxx, uma das regiões mais antigas e tradicionais da cidade.

Todos os mapas que se seguem foram elaborados a partir de informações disponíveis pelo IBGE no site <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/censo2010>, contando com os dados disponíveis no momento. A forma de apresentação desses dados, no entanto, foi modificada de maneira a permitir uma visualização mais imediata dos aspectos que interessavam a pesquisa e aos interesses de instituições parceiras do Programa, como o CRAS e o Programa Vida Nova da Prefeitura de Nova Lima. Para leitura dos mapas, é importante destacar que a notação do número do setor censitário adotada resume o número correto do setor¹. Combinar mapas e gráficos foi uma maneira de destacar a comparação entre índices e regiões do município que pudessem deixar visualizar a vulnerabilidade social no Jardim Canadá e sua contextualização.

Os mapas temáticos que se seguem consideraram as seguintes variáveis³:

Domicílios: Conceitua-se como domicílio o local de moradia, estruturalmente separado e independente, constituído por um ou mais cômodos, que se destina a servir de habitação de uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como

1. **Jardim Canadá:** 3144805050000077; 3144805050000078; 3144805050000079; 3144805050000080; 3144805050000081; 3144805050000082; 3144805050000083; 3144805050000114. **Centro de Nova Lima:** 3144805050000009; 3144805050000022; 3144805050000023; 3144805050000024; 3144805050000025; 3144805050000026; 3144805050000047; 3144805050000050. **Vale do Sol:** 3144805050000116. **Alphaville:** 3144805050000088; 3144805050000117

tal na data de referência.

População Residente: A população residente é constituída pelos moradores em domicílios na data de referência.

Espécie do Domicílio: Classificam-se os domicílios como:

Particulares: quando destinados à habitação de uma pessoa ou de um grupo de pessoas cujo relacionamento fosse ditado por laços de parentesco, dependência doméstica ou, ainda, normas de convivência. Esses podem ser subdivididos nas seguintes categorias:

Permanentemente ocupado: quando construído para servir, exclusivamente, à habitação e, na data da pesquisa, tinha a finalidade de servir de moradia a uma ou mais pessoas;

Permanente uso ocasional;

Permanente vago;

Improvisado: para o domicílio localizado em unidade que não tivesse dependência destinada exclusivamente à moradia (tal como: loja, sala comercial, barraca, prédio em construção, etc.) que estivesse servindo de moradia na data da pesquisa.

Coletivos: quando destinados habitação de pessoas cujo relacionamento se restringisse ao cumprimento de normas administrativas, como em hotéis, pensões, orfanatos, alojamento de trabalhadores ou estudantes, etc.

Condição de Ocupação: Os domicílios particulares permanentes foram classificados quanto à condição de ocupação em:

Próprio: Para o domicílio de propriedade, total ou parcial, de morador, estando integralmente quitado ou não, e independentemente da condição de ocupação do terreno;

Alugado: Para o domicílio cujo aluguel fosse, totalmente ou parcialmente, pago por morador;

Cedido: Para o domicílio cedido gratuitamente por empregador de morador, instituição ou pessoa não-moradora (parente ou não), ainda que mediante uma taxa de ocupação ou conservação; ou

Outra: Para o domicílio ocupado em condição diferente das anteriormente arroladas, como, por exemplo, no caso de invasão.

Tipo de esgotamento sanitário: O tipo de esgotamento sanitário do banheiro ou sanitário do domicílio particular permanente foi classificado como:

Rede geral de esgoto ou pluvial - quando a canalização das águas servidas e dos dejetos, proveniente do banheiro ou sanitário, estava ligada a um sistema de

coleta que os conduzia a um desaguadouro geral da área, região ou município;

Fossa séptica - quando a canalização do banheiro ou sanitário estava ligada a uma fossa séptica, ou seja, a matéria era esgotada para uma fossa próxima, onde passava por um processo de tratamento ou decantação, sendo, ou não, a parte líquida conduzida em seguida para um desaguadouro geral da área, região ou município;

Fossa rudimentar - quando o banheiro ou sanitário estava ligado a uma fossa rústica (fossa negra, poço, buraco etc.);

Vala - quando o banheiro ou sanitário estava ligado diretamente a uma vala a céu aberto;

Rio, lago ou mar - quando o banheiro ou sanitário estava ligado diretamente a rio, lago ou mar; ou

Outro - quando o esgotamento dos dejetos, proveniente do banheiro ou sanitário, não se enquadrasse em quaisquer dos tipos descritos anteriormente.

Alfabetização: Considerou-se como alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecesse.

Algumas das variáveis disponíveis foram descartadas de nossas análises por não fornecer dados suficientes para comparação. Não se considerou a classificação de domicílios permanentes por tipo (casa, casa em condomínio ou vila, apartamento, habitação em casa de cômodos, oca ou maloca) porque a prevalência do tipo casa em todos os setores analisados chega mais de 99%. A hipótese de que a ocorrência de habitação em casa de cômodos seria um indicador da vulnerabilidade social não se comprovou. Apesar de se ter observado no bairro uma grande ocorrência de lotes e mesmo de edificações subdivididas em vários domicílios precários, esses não se caracterizam como cortiços pois contam a presença de banheiro ou espaço de cozinha, por mais simples que sejam. Também a ausência de ocorrência de casa em condomínio ou vila no condomínio analisado (Alphaville) demonstra que a classificação do IBGE não coincide com o conceito deste enclave urbano tal como se apresenta na região.

Não se considerou, também, as variáveis relativas às formas de abastecimento de água dos domicílios particulares permanentes, pois quase a totalidade dos domicílios dos setores analisados são abastecidos por rede geral de distribuição de água. As variáveis relativas ao destino do lixo proveniente do domicílio particular permanente, não permitiram nenhuma avaliação, uma vez que quase 100% dos domicílios analisados são atendidos diretamente por serviço de limpeza, embora haja ínfima ocorrência de outro destino no Jardim Canadá e trecho da sede do município (caçamba, queimado e jogado em terreno baldio). Esses dados não refletem a realidade percebida no Jardim Canadá, onde a presença de lixo em terrenos vagos e nas franjas do bairro é bastante visível e comentada pelos moradores.

Por fim, não foram consideradas as variáveis relacionadas à existência, no domicílio

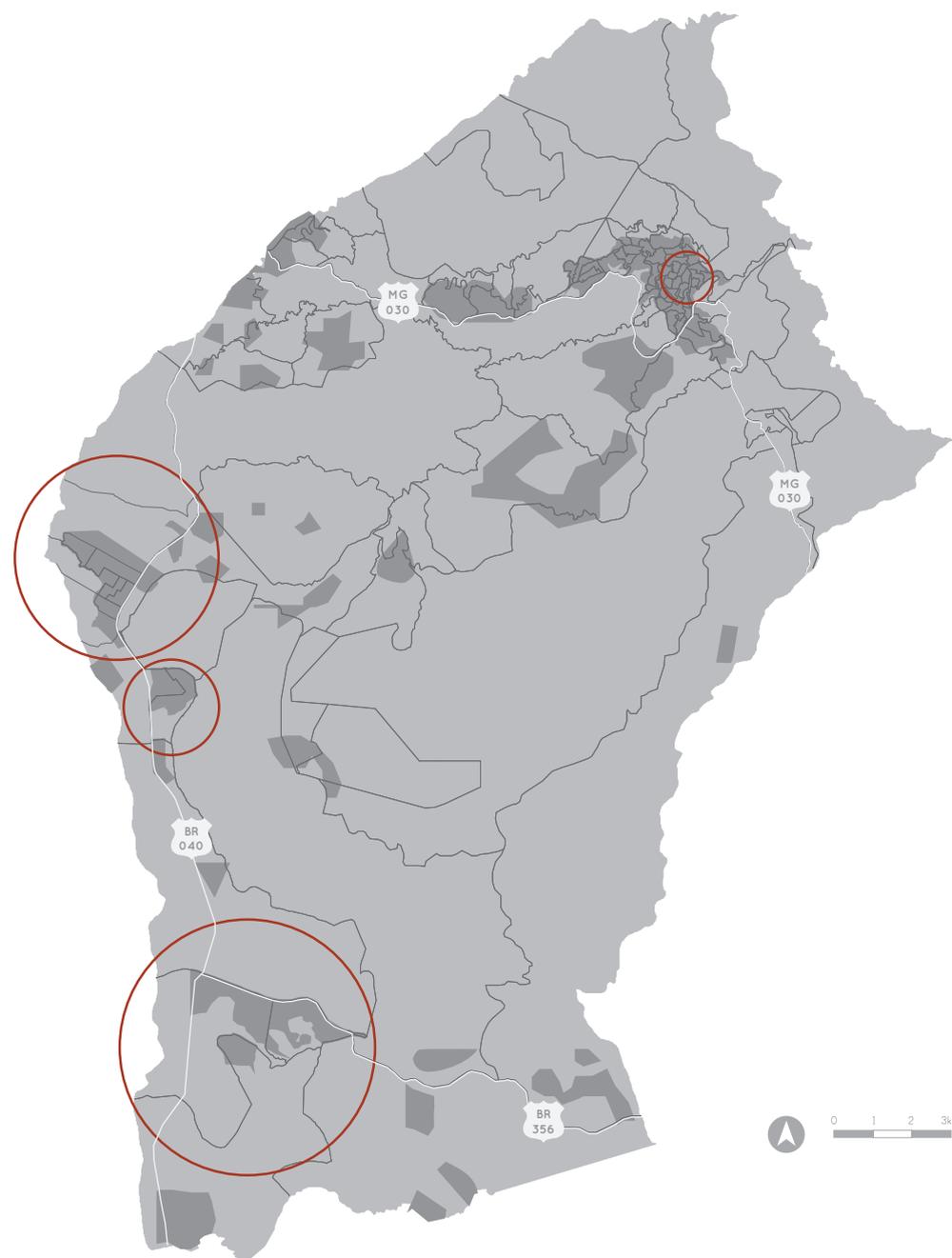
particular permanente, de energia elétrica e sua origem, pois quase a totalidade dos domicílios nos setores analisados são atendidos por companhia distribuidora. No Jardim Canadá e região central há registro de outra fonte ou de não acesso a energia. Esses dados não revelam a ocorrência, observada nas visitas in loco, das soluções improvisadas de energia, chamada comumente de “gatos”. Nas visitas a campo observamos também trechos de rua sem poste de energia elétrica. Segundo relato de alguns moradores, em algumas regiões do Jardim Canadá II são os próprios que arcam com a instalação deste serviço. Quando empresas instalam-se no local, trazendo a energia, moradores completam a ligação para suas casas, na forma de mutirão.

Da comparação entre os dados do Jardim Canadá, Vale do Sol, Alphaville e região central, observa-se que Jardim Canadá tem setores bastante populosos, semelhante aos setores da região central, o que atesta sua centralidade micro-regional. As áreas mais populosas do bairro correspondem às áreas mais antigas, conhecida como Jardim Canadá I. Tanto o JA.CA (onde funcionavam as oficinas do DESEJA.CA) como o CRAS estão localizados distantes desta região. O setor menos adensado coincide com a região de concentração de indústrias e grandes empresas de comércio e serviços voltados à construção civil.

A alta ocorrência de aluguel no Jardim Canadá, em comparação com o que ocorre em outras regiões de Nova Lima, pode ser um indício da pressão sofrida pela população de baixa renda e sem qualificação, causada pelo incremento da valorização imobiliária, levando a sua eventual expulsão do bairro, apesar das oportunidades de serviços e trabalho ali oferecidas. No setor 80, um dos mais populosos do bairro, 40,5% dos domicílios do setor são alugados e ali registra-se a maior concentração de domicílios improvisados de Nova Lima. Dentre os setores do Jardim Canadá, este é o que aponta maior indício de vulnerabilidade social. O início de um processo emigratório no Jardim Canadá foi observado nas entrevistas realizadas com moradores e nas fichas cadastrais do CRAS, em que se destaca o processo de migração para o bairro Água Limpa, na divisa com o município de Ibitiré.

SETORES CENSITÁRIOS

CENSO 2010 - NOVA LIMA

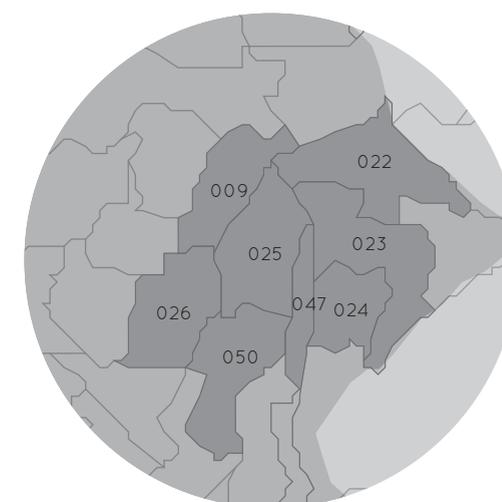


Divisa Setores Censitários

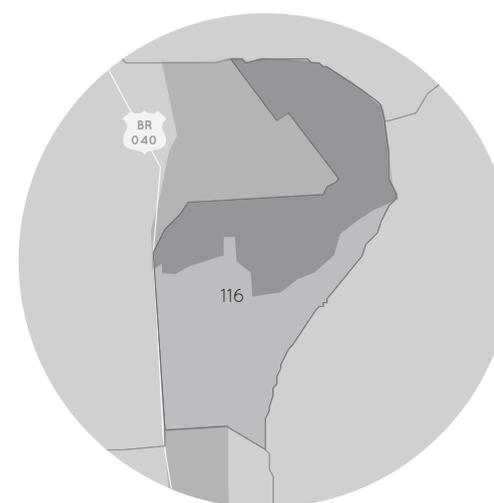
Malha Viária



JARDIM CANADÁ



CENTRO



VALE DO SOL



ALPHAVILLE

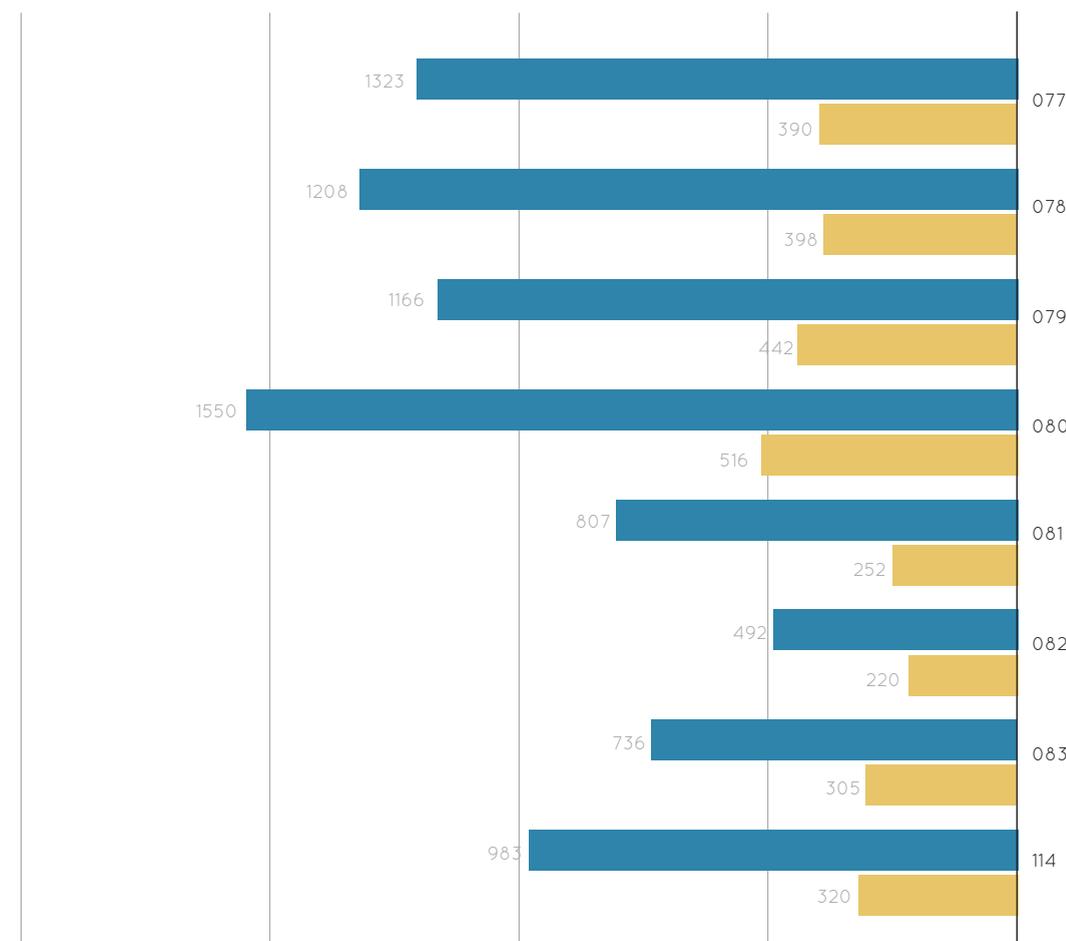
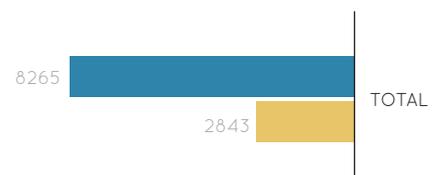
POPULAÇÃO E DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

jardim canadá



JARDIM CANADÁ

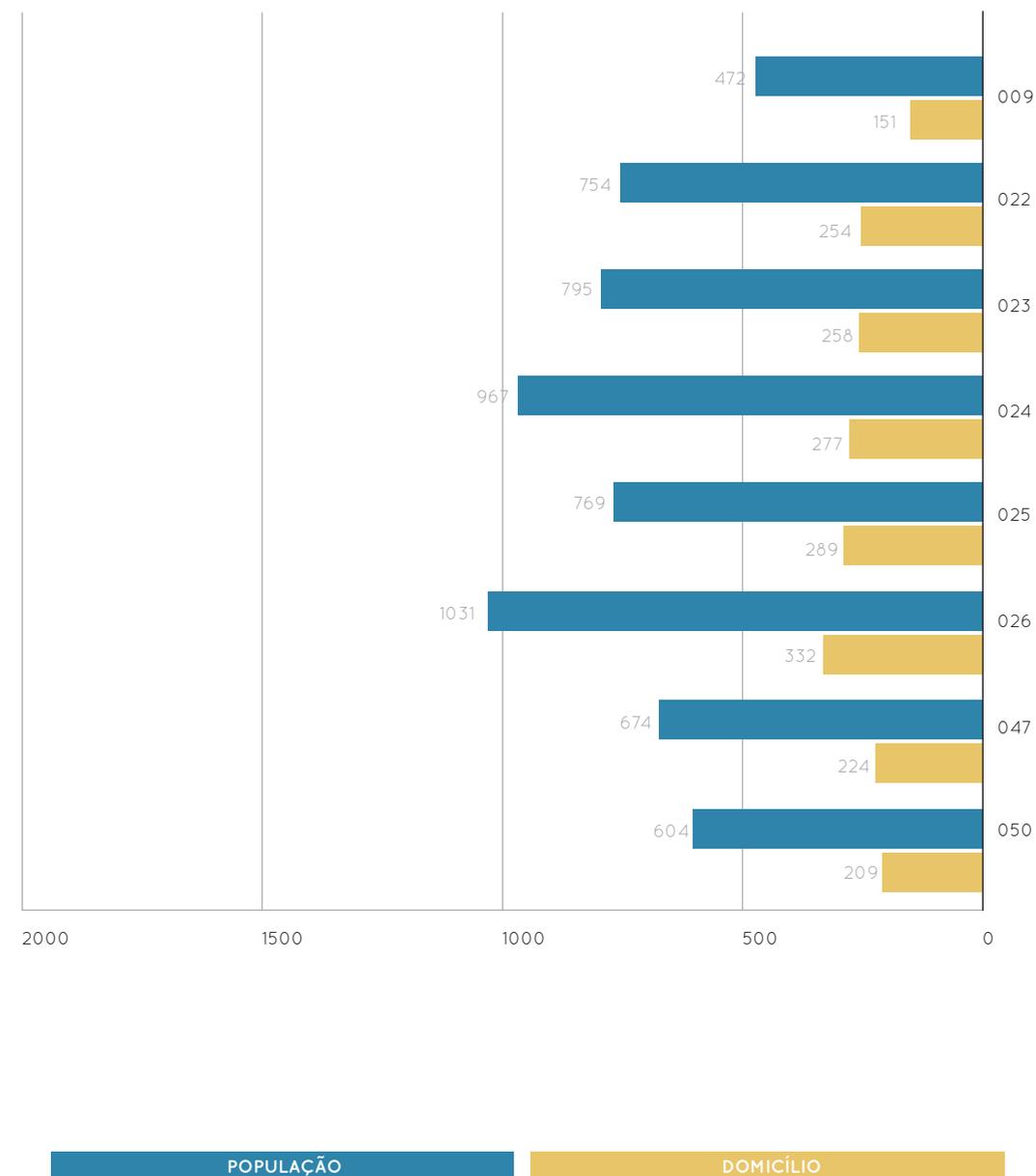
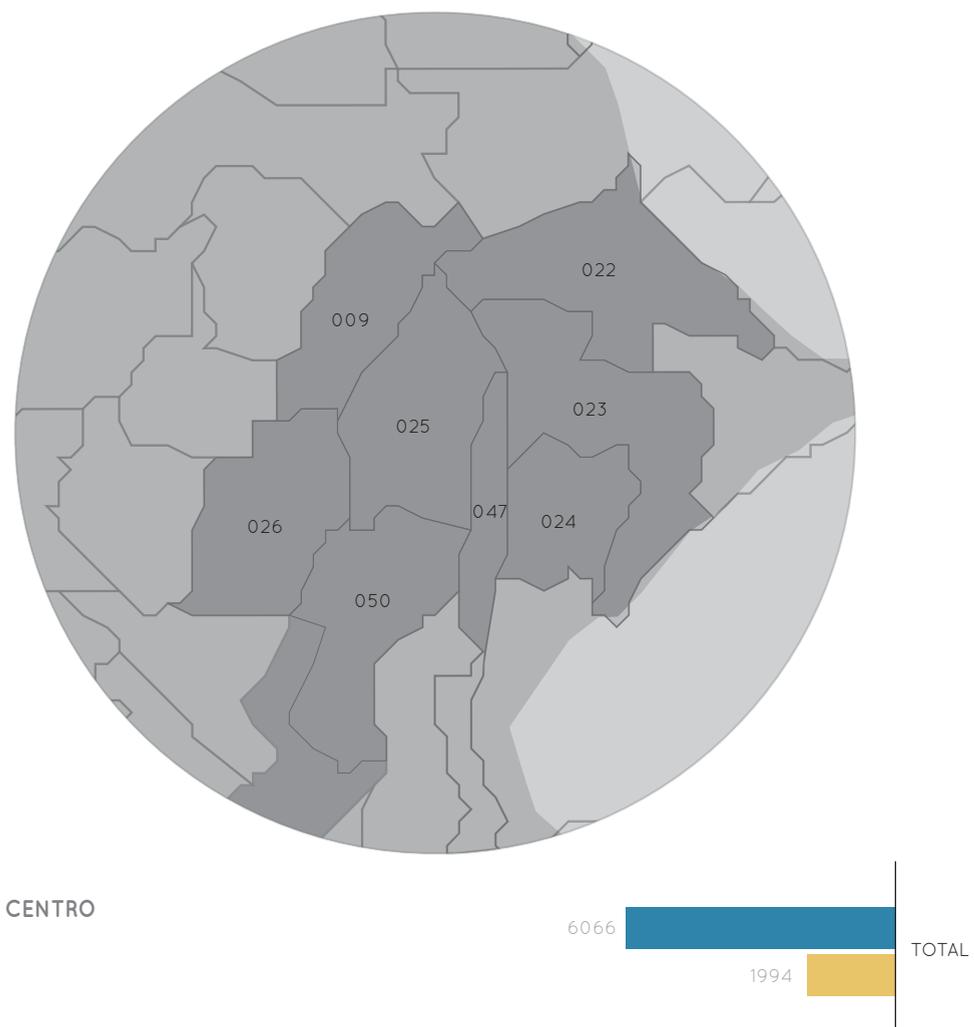


POPULAÇÃO DOMICÍLIO

POPULAÇÃO E DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

centro



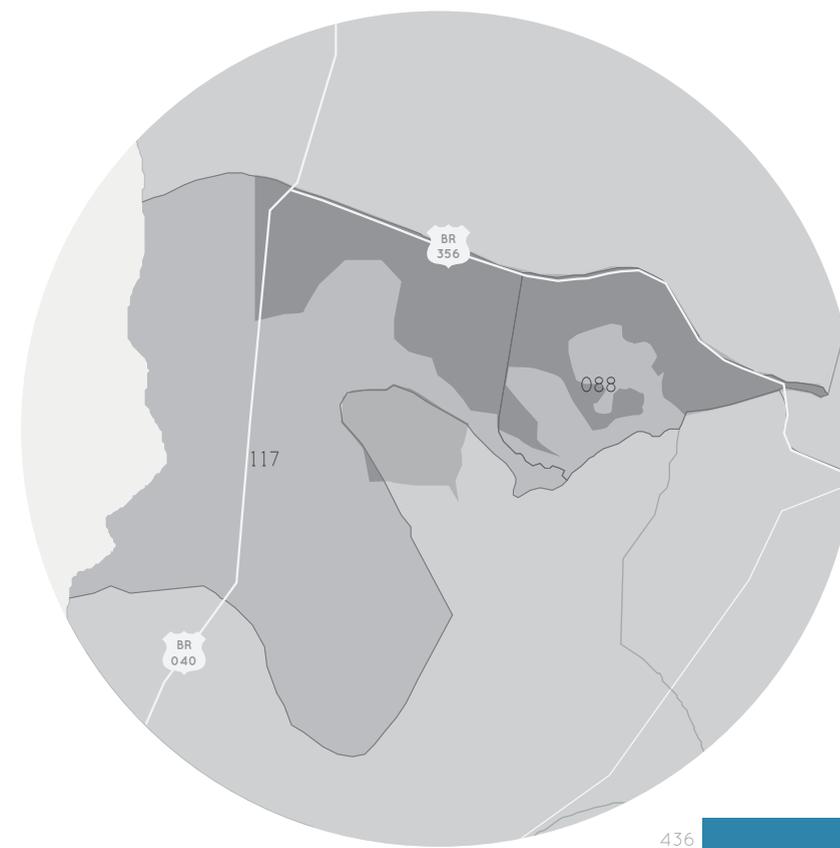
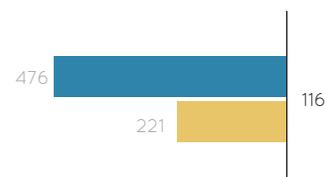
POPULAÇÃO E DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

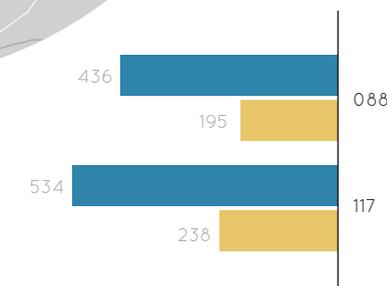
vale so sol e alphaville



VALE DO SOL



ALPHAVILLE



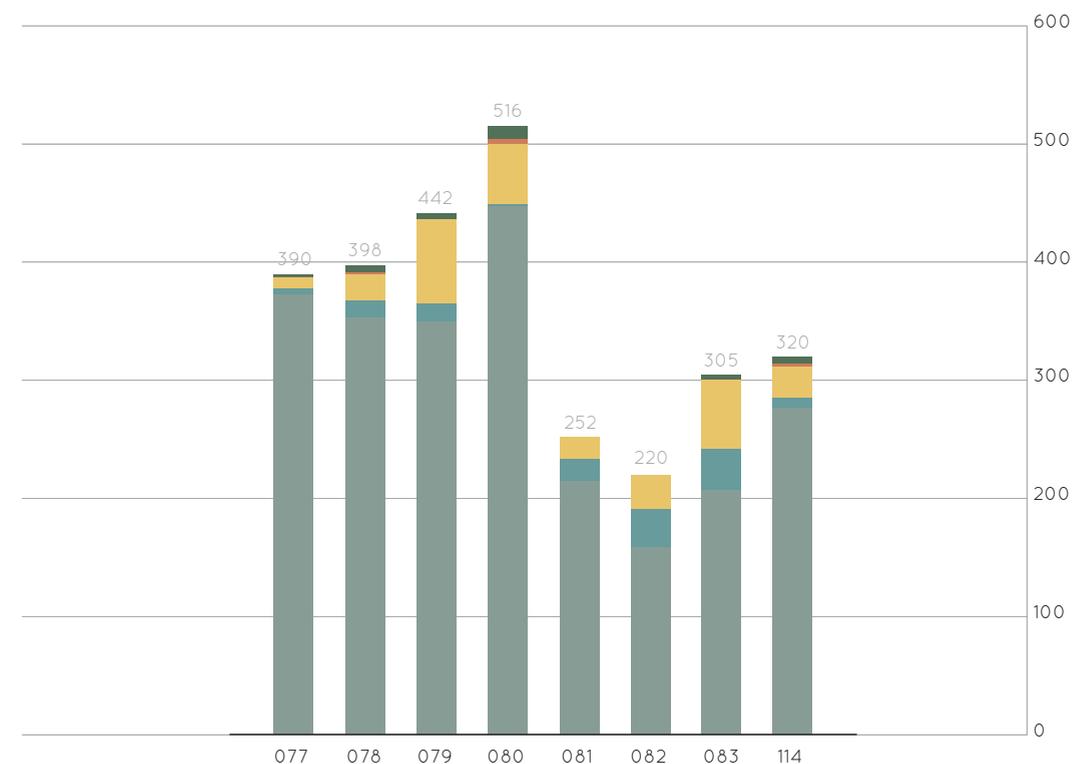
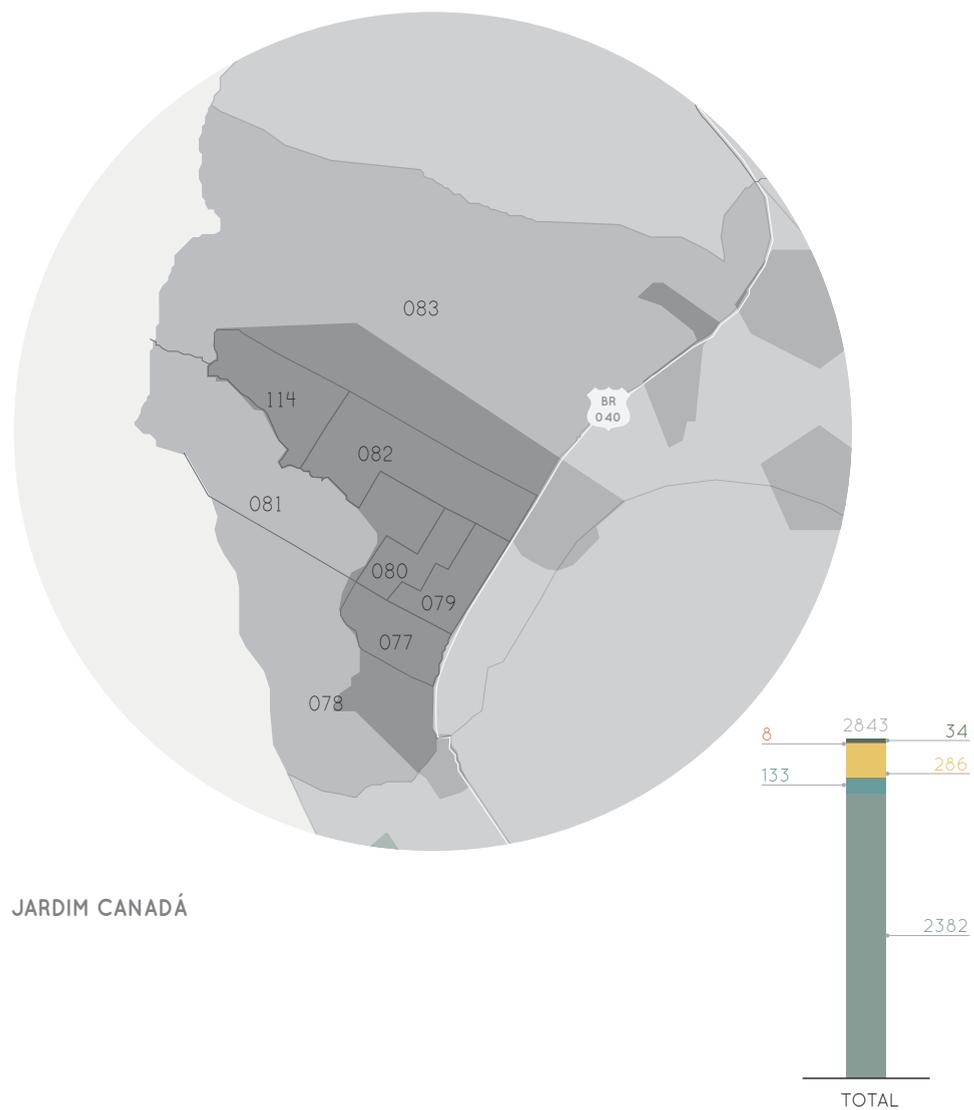
POPULAÇÃO DOMICÍLIO



ESPÉCIE DE DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

jardim canadá

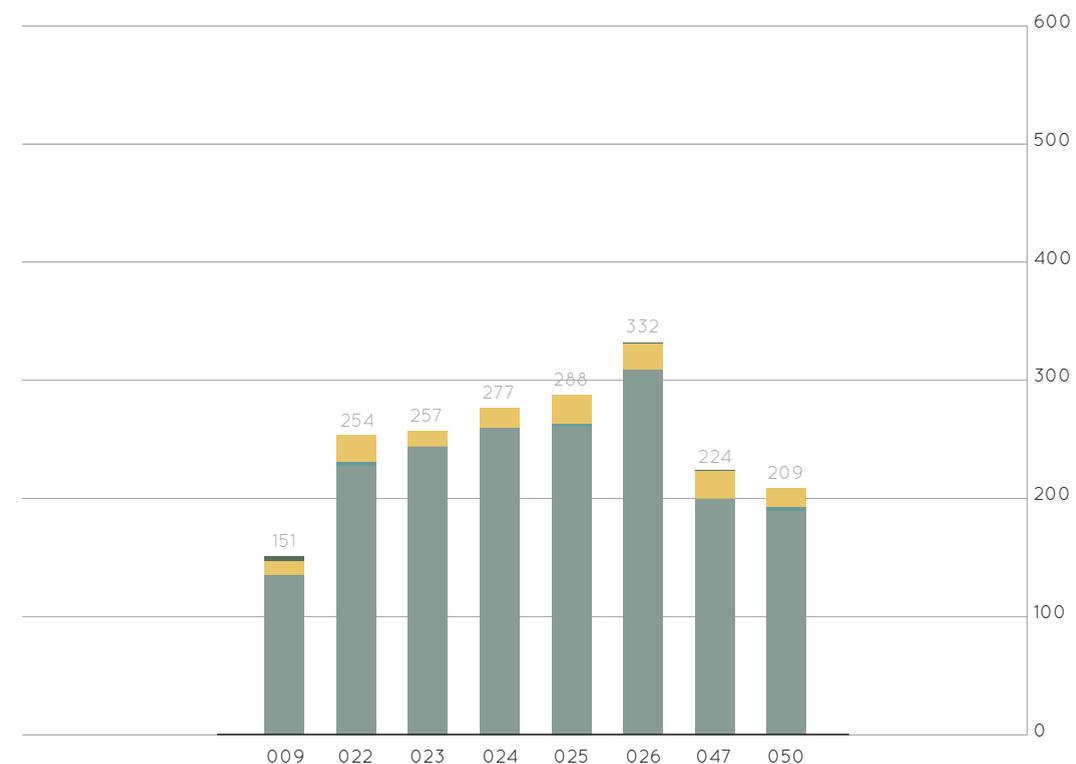
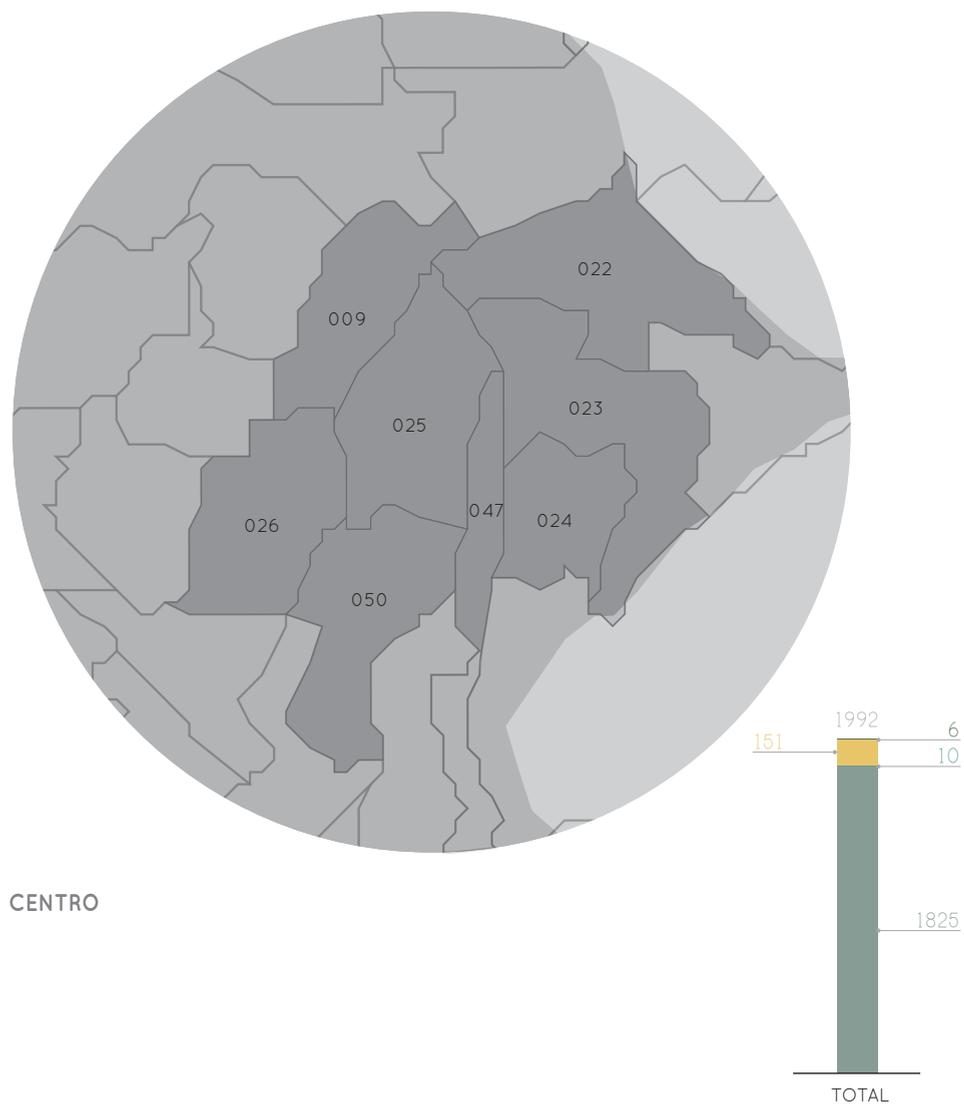


OCUPADO | USO OCASIONAL | VAGO | USO IMPROVISADO | USO COLETIVO

ESPÉCIE DE DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

centro

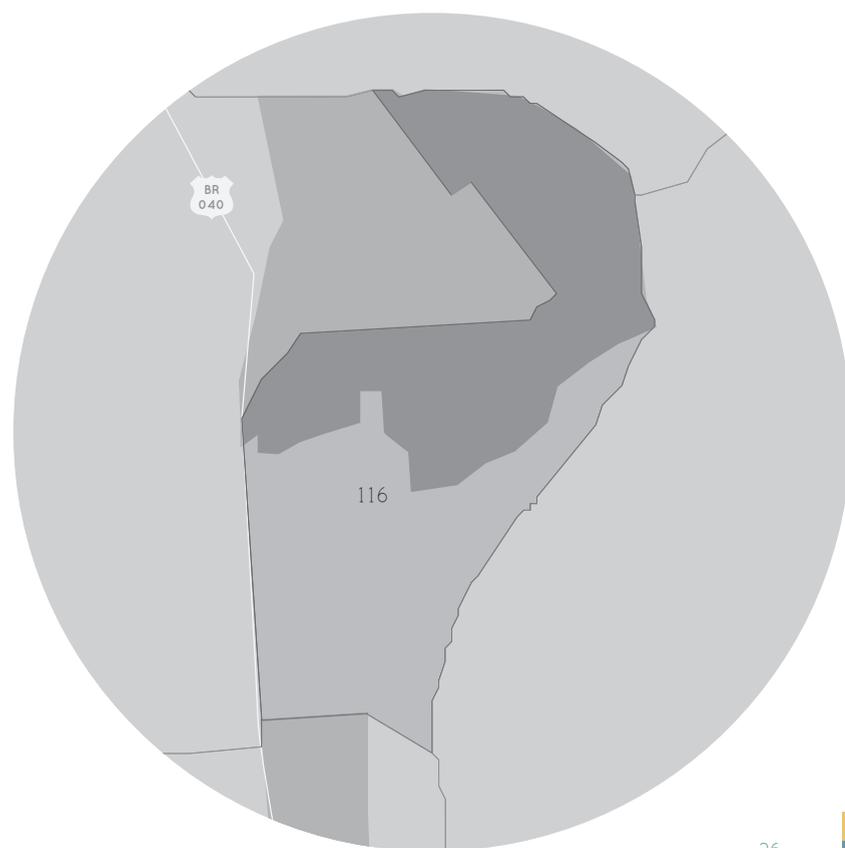


OCUPADO USO OCASIONAL VAGO USO IMPROVISADO USO COLETIVO

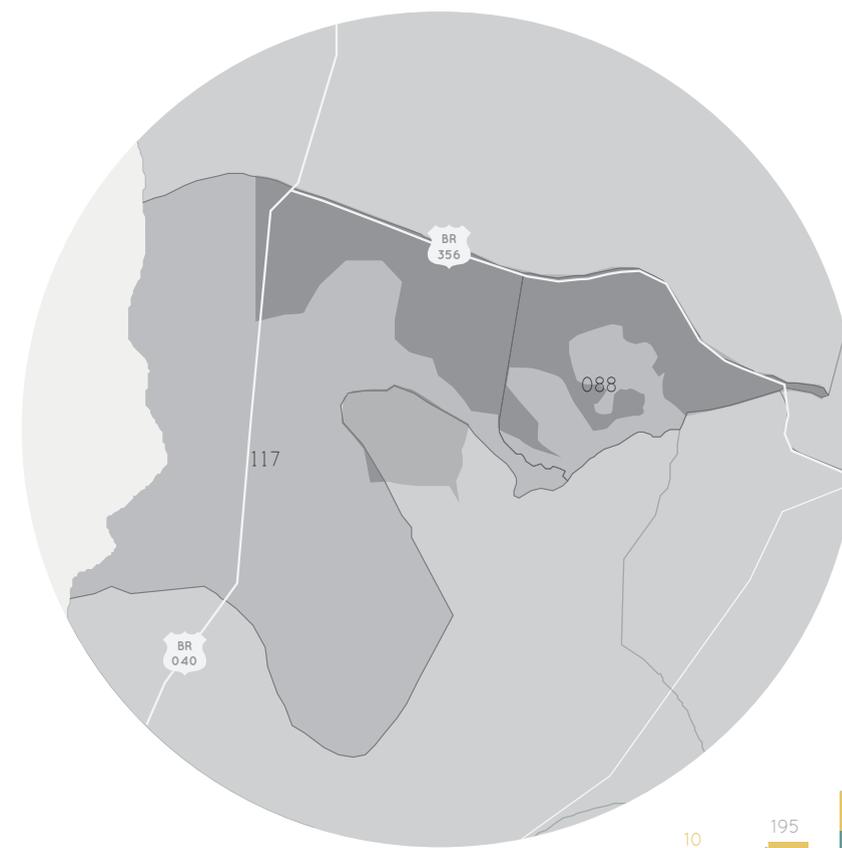
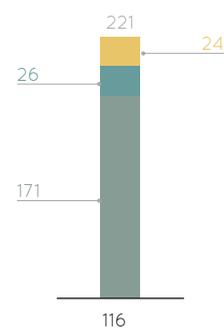
ESPÉCIE DE DOMICÍLIO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

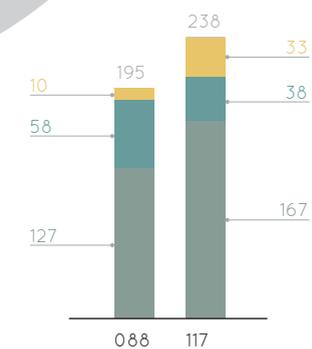
vale do sol e alphaville



VALE DO SOL



ALPHAVILLE



OCUPADO USO OCASIONAL VAGO USO IMPROVISADO USO COLETIVO

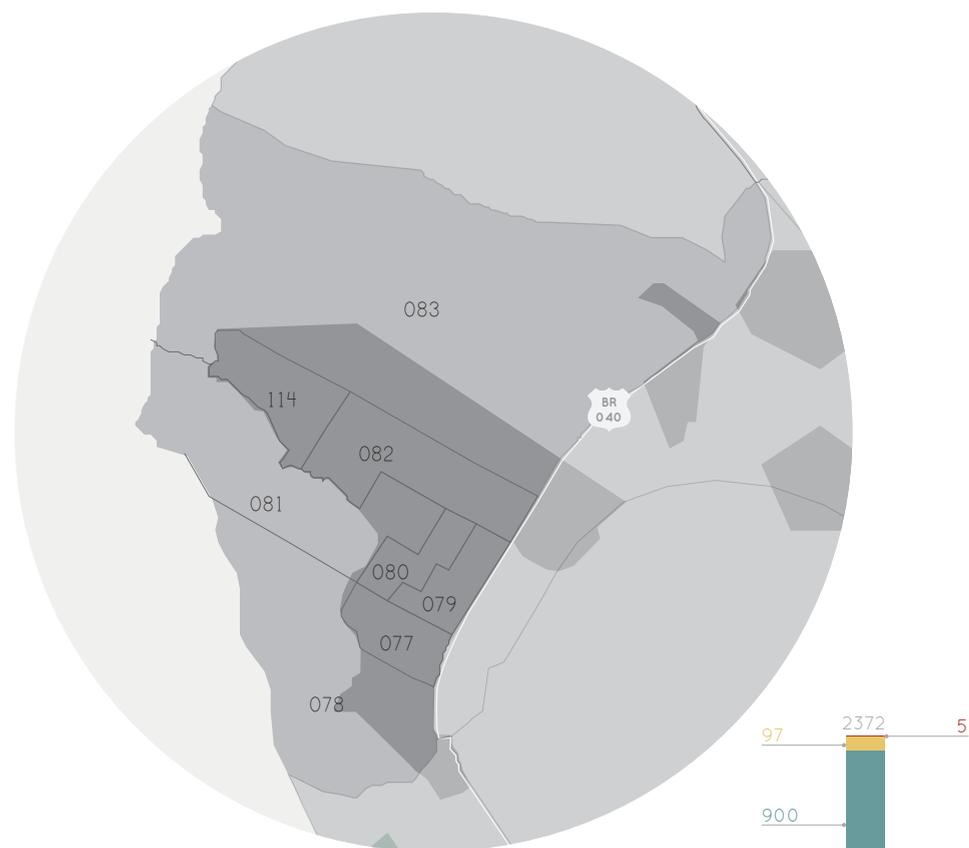




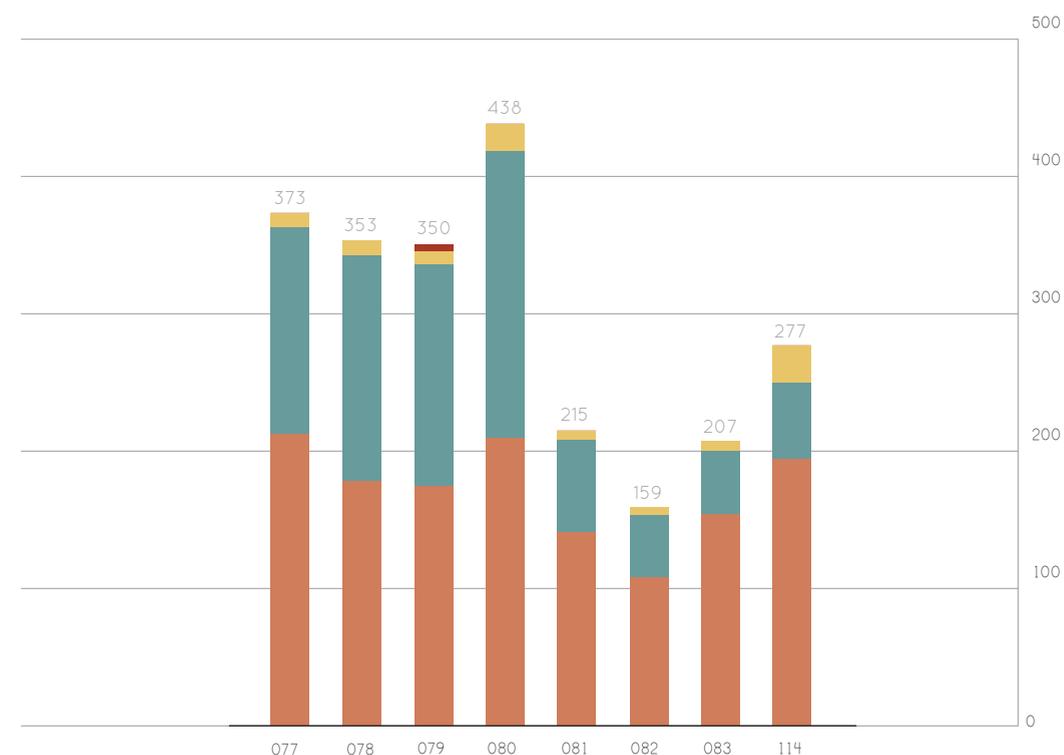
DOMICÍLIO POR OCUPAÇÃO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

jardim canadá



JARDIM CANADÁ

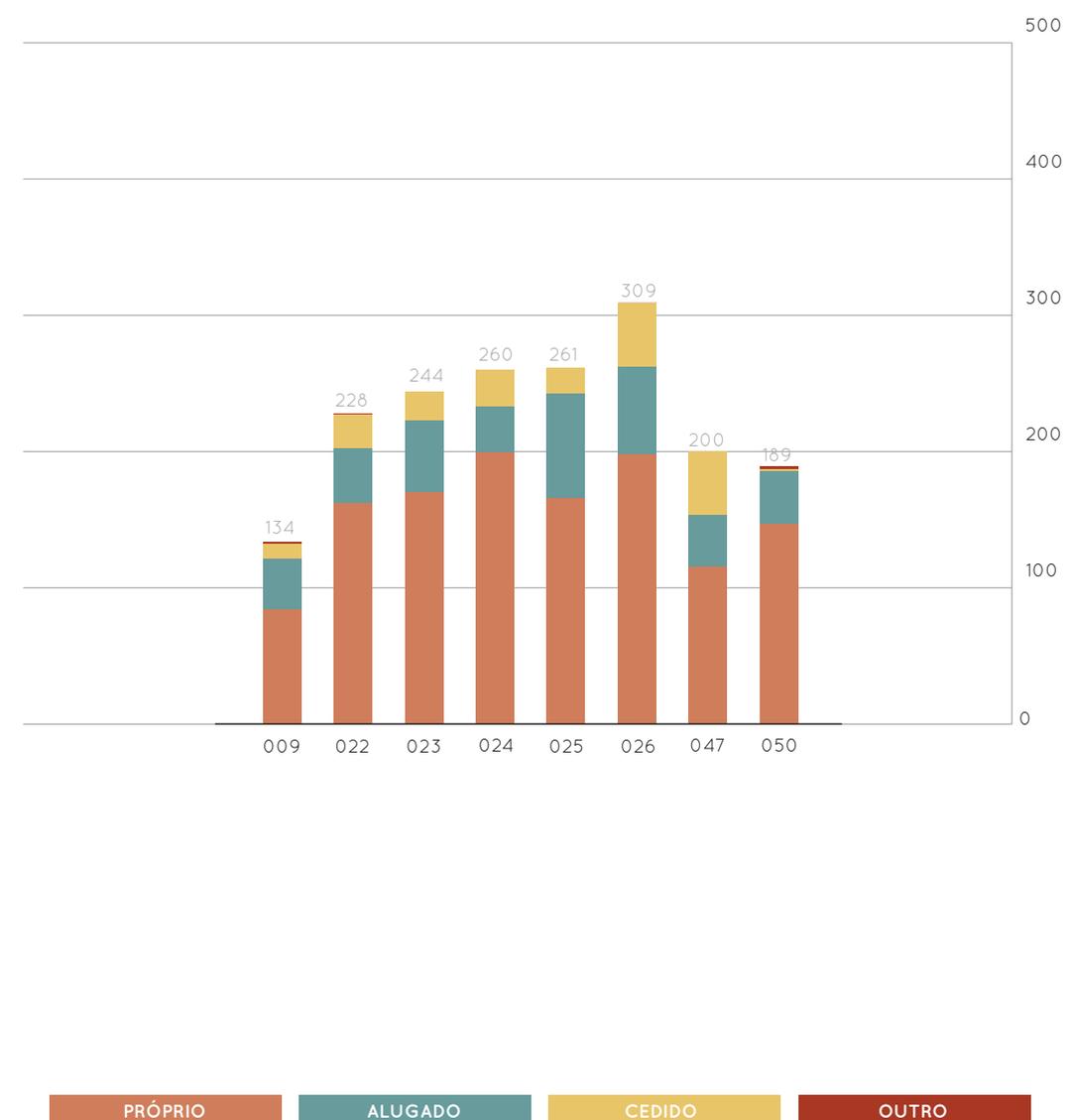
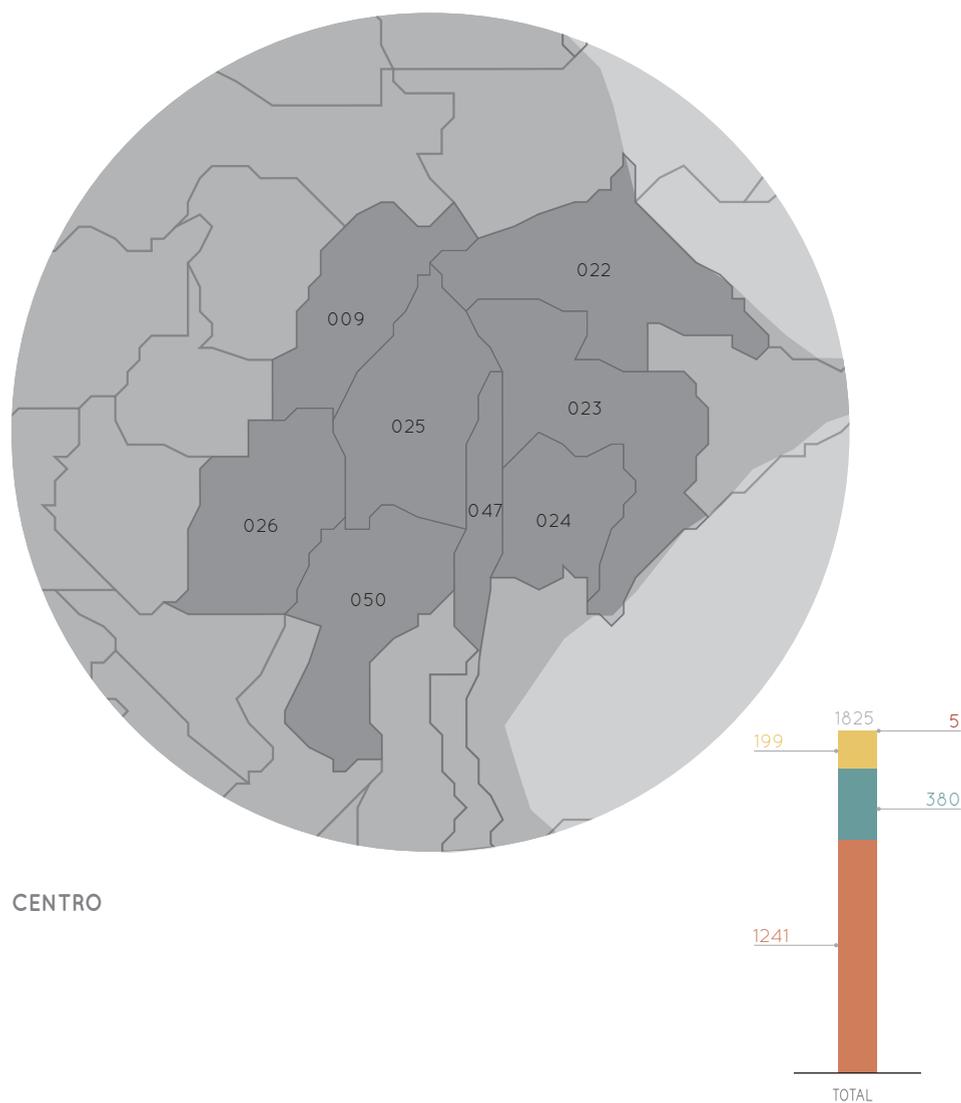


PRÓPRIO ALUGADO CEDIDO OUTRO

DOMICÍLIO POR OCUPAÇÃO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

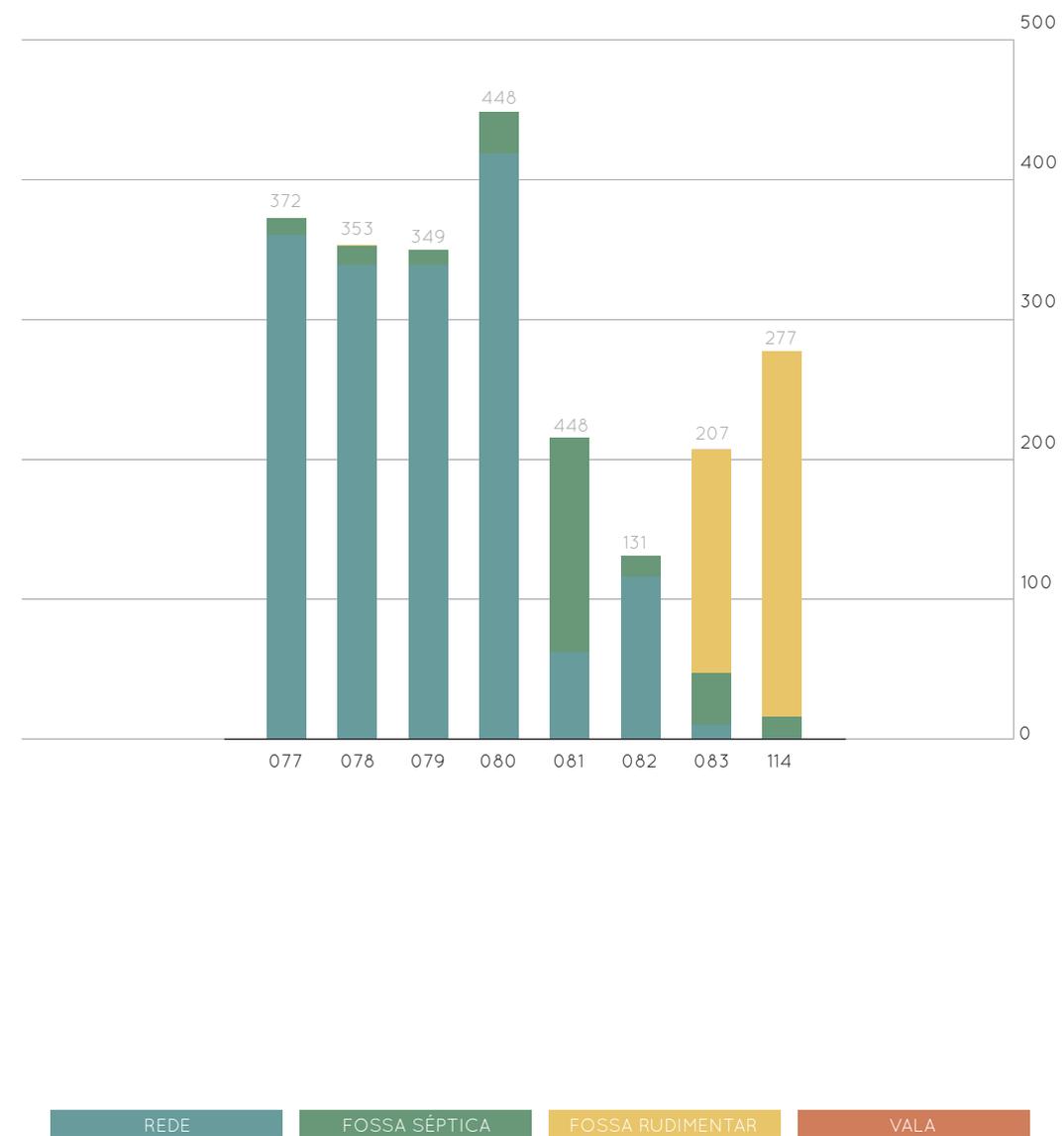
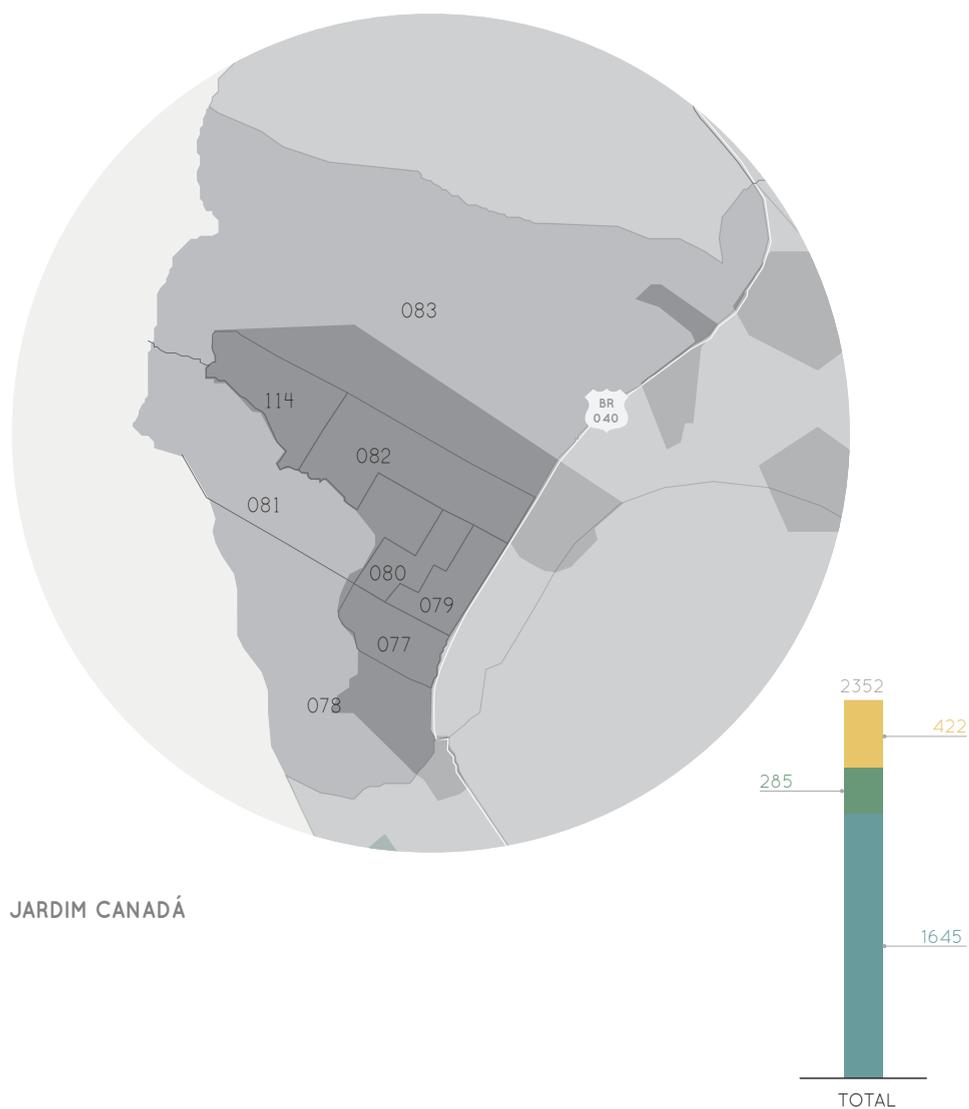
centro



DOMICÍLIO POR OCUPAÇÃO

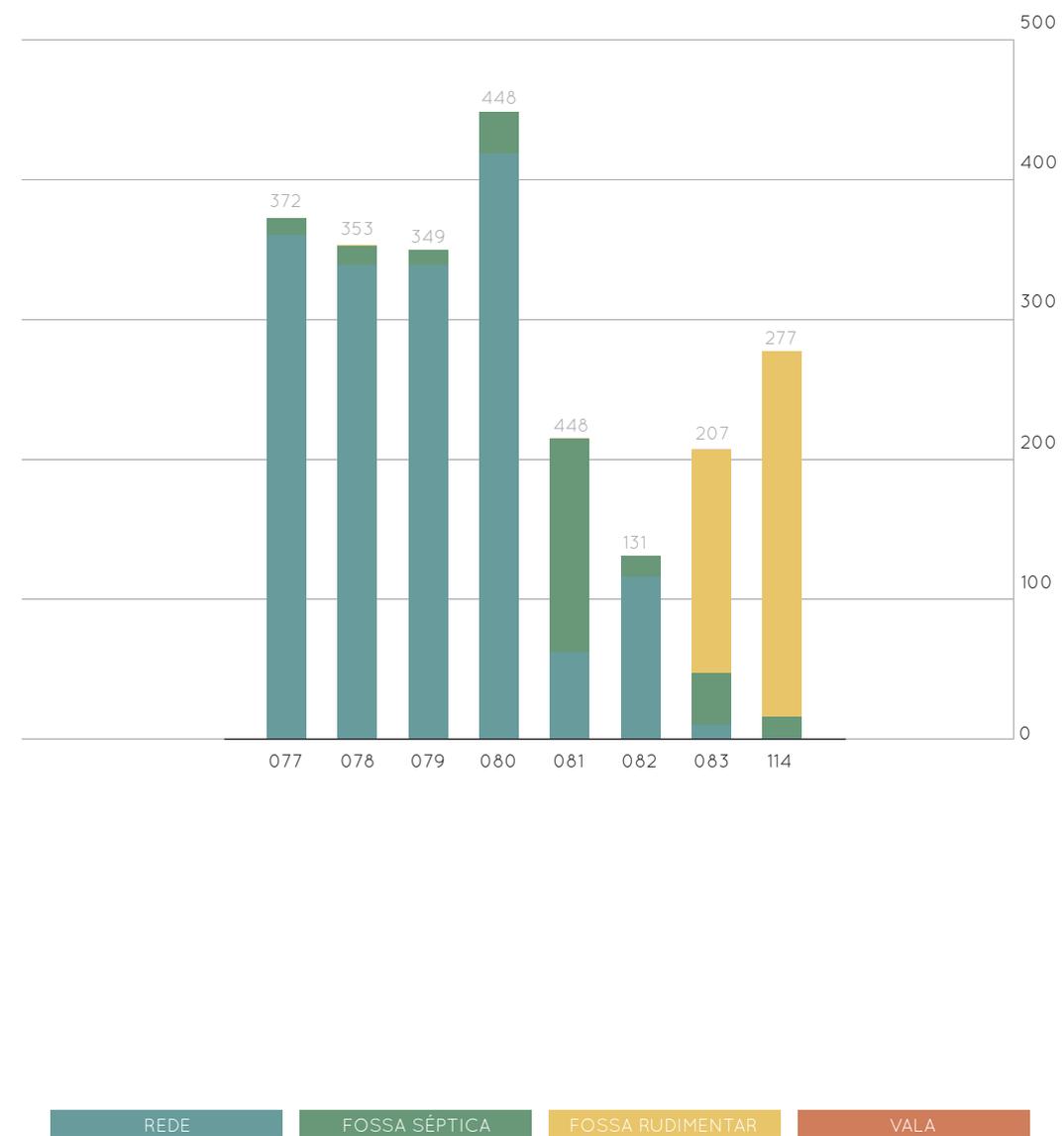
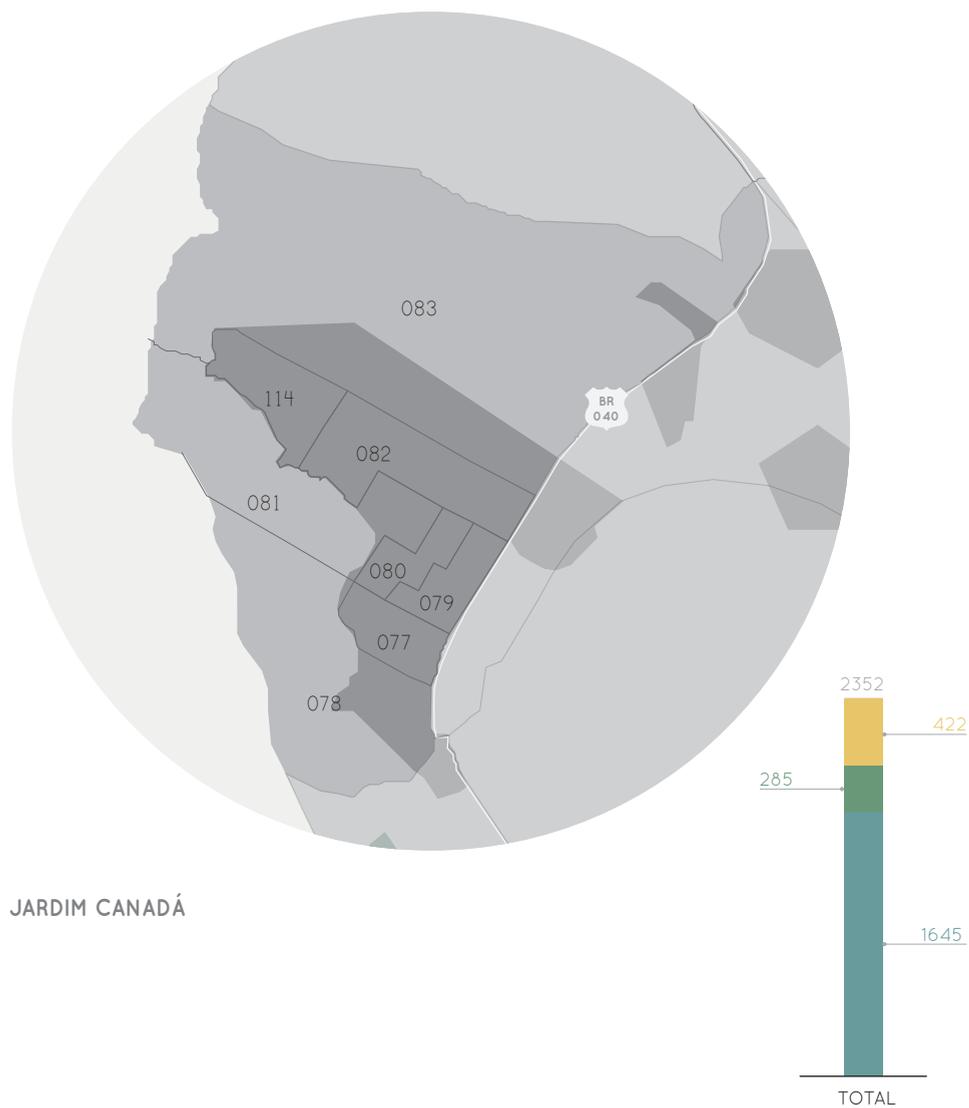
CENSO 2010 - NOVA LIMA

vale do sol e alphaville



ESGOTAMENTO CENSO 2010 - NOVA LIMA

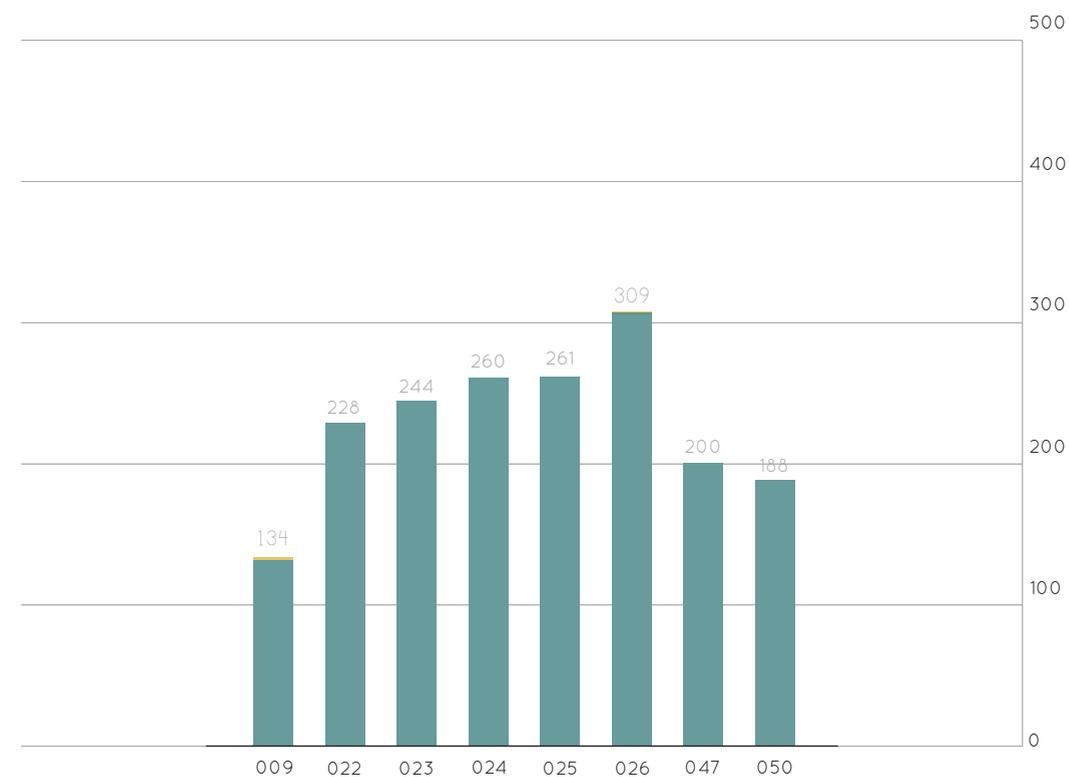
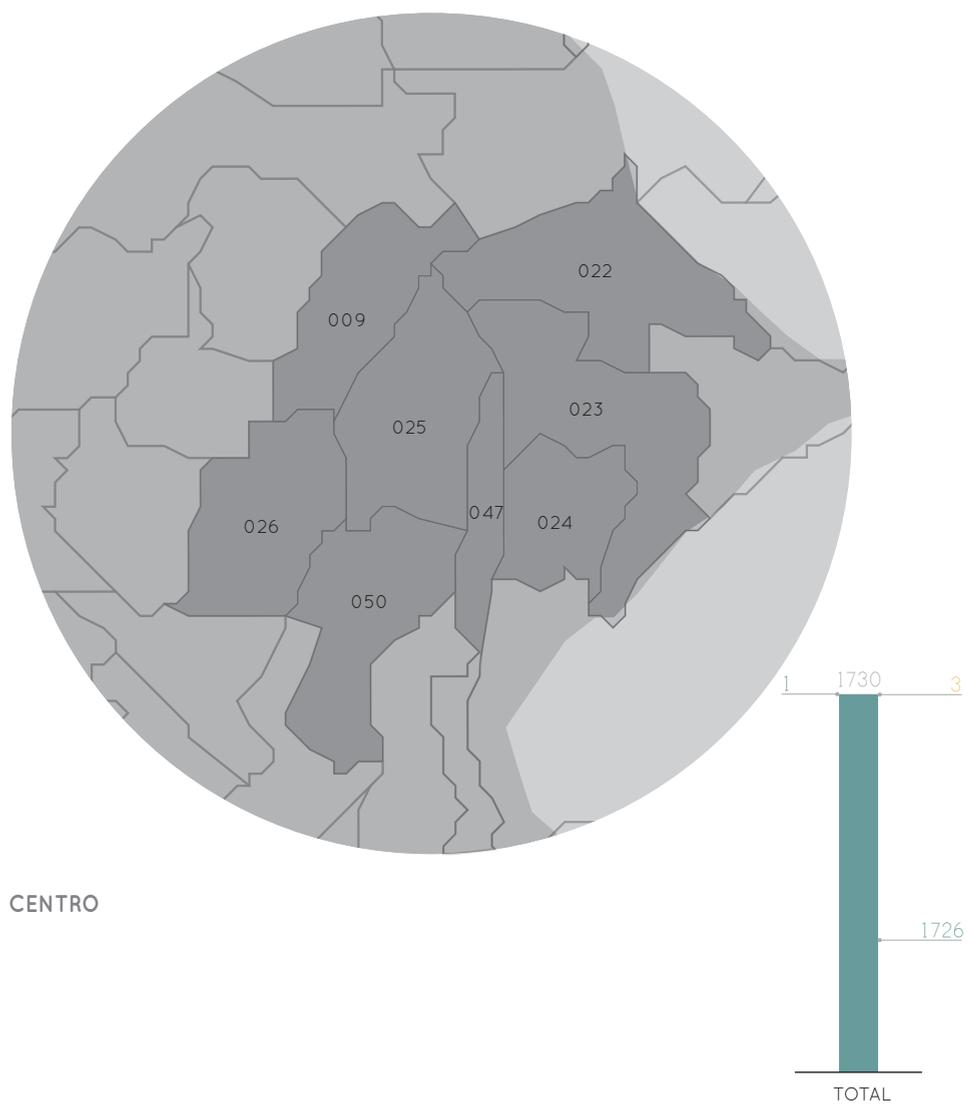
jardim canadá



ESGOTAMENTO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

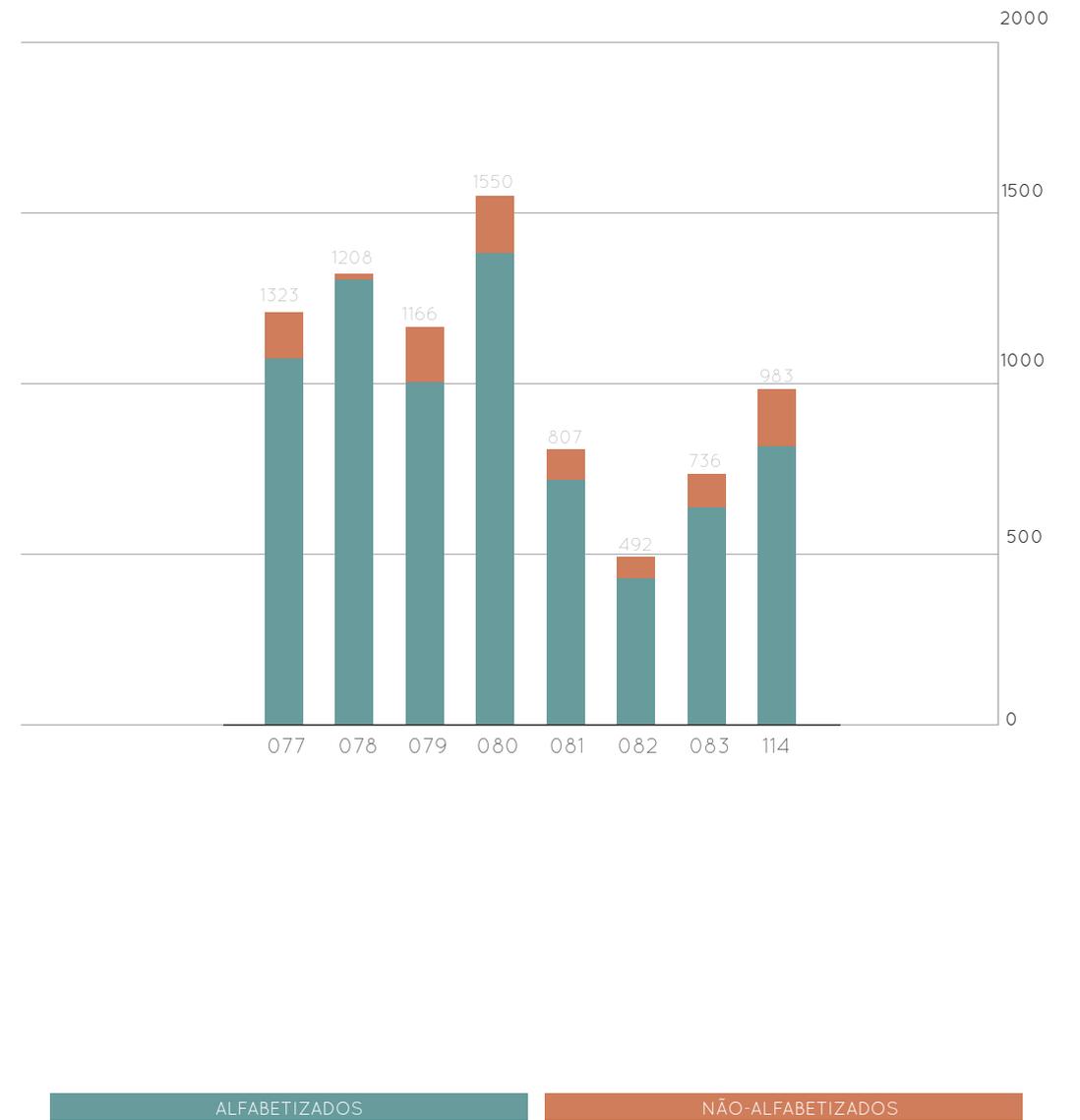
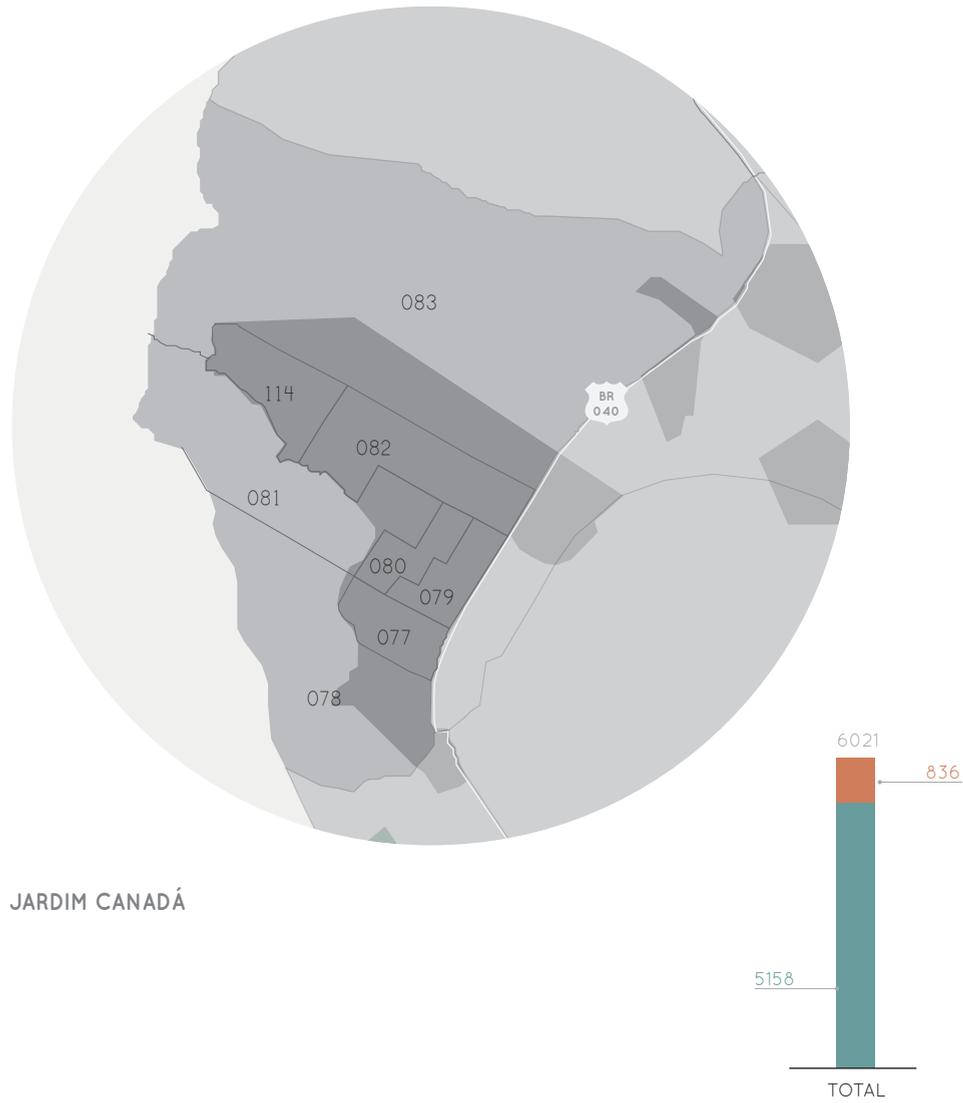
centro



ESGOTAMENTO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

vale do sol e alphaville

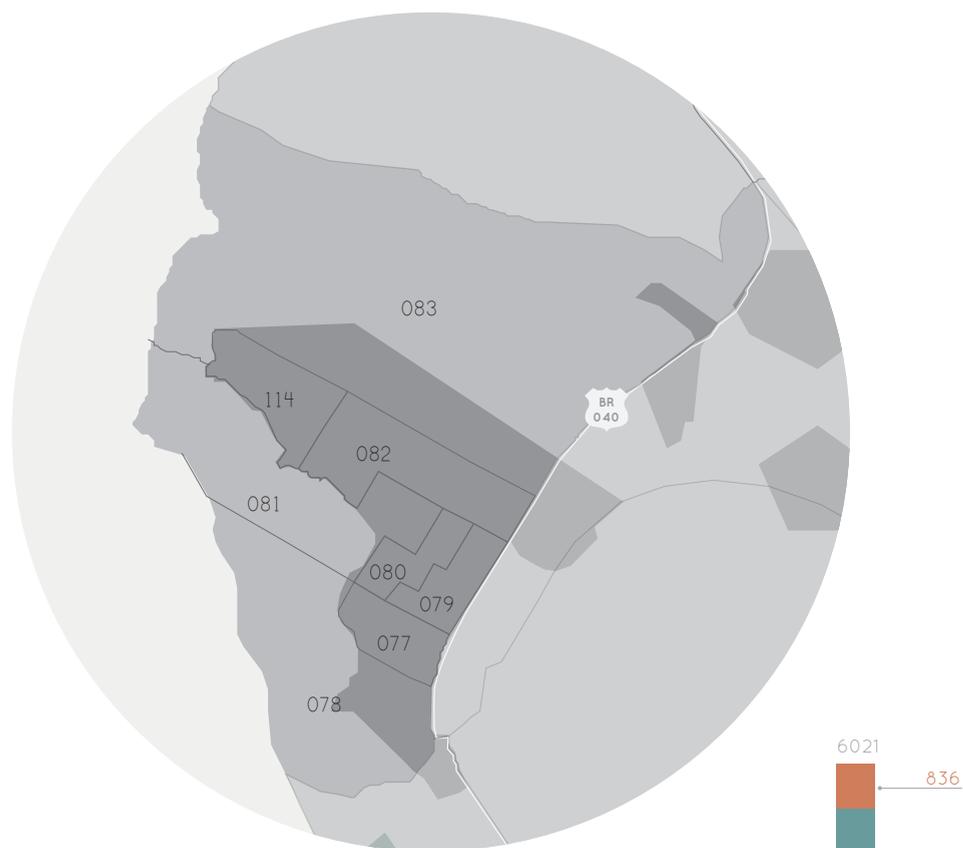




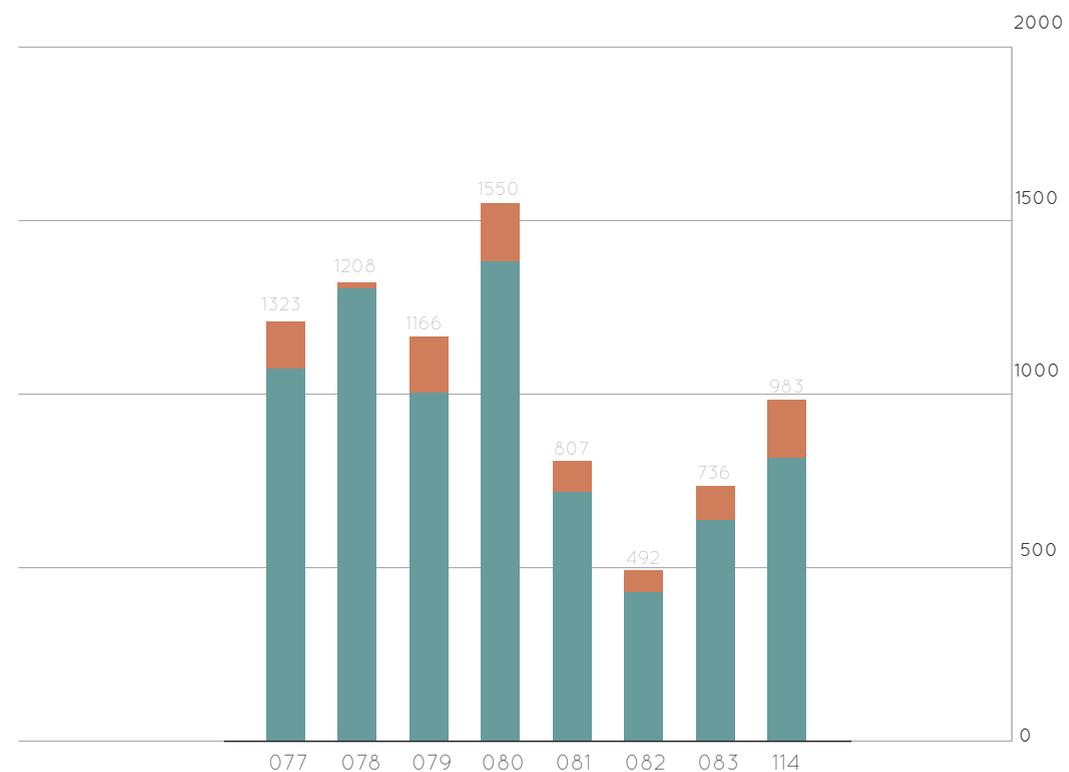
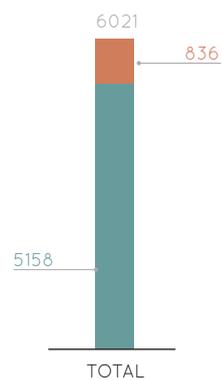
ALFABETIZAÇÃO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

jardim canadá



JARDIM CANADÁ

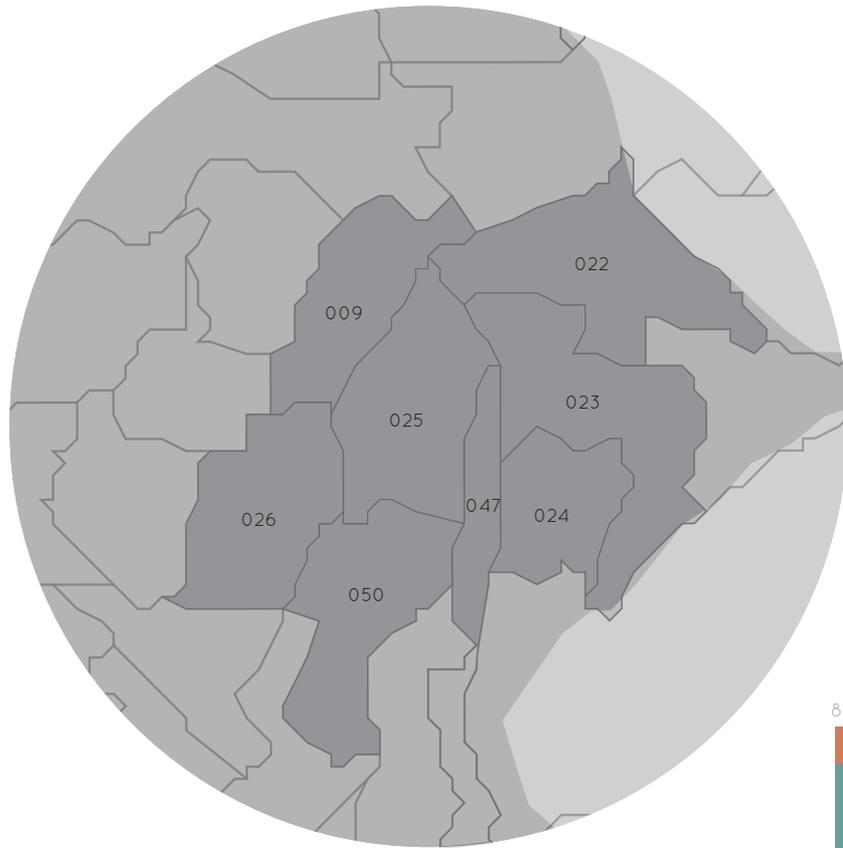


ALFABETIZADOS NÃO-ALFABETIZADOS

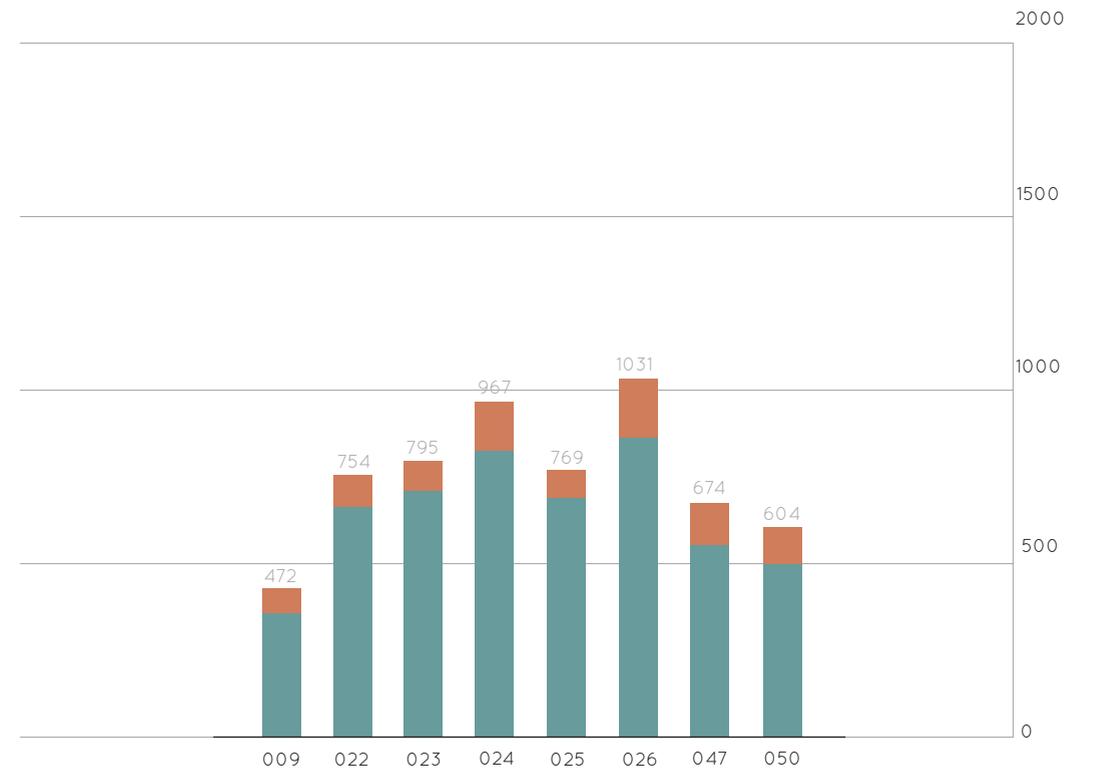
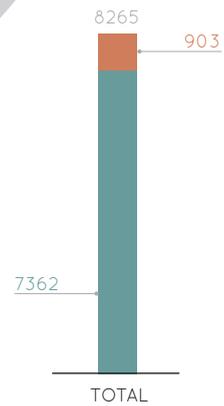
ALFABETIZAÇÃO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

centro



CENTRO



ALFABETIZADOS

NÃO-ALFABETIZADOS

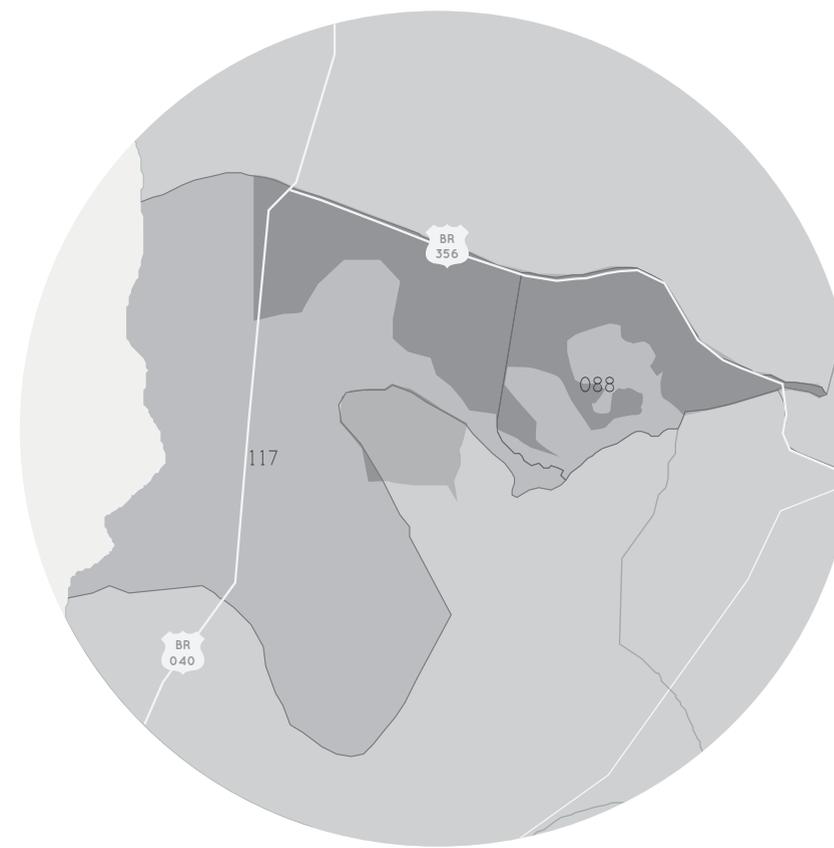
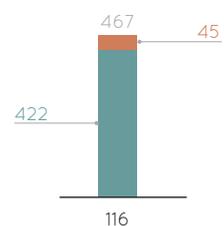
ALFABETIZAÇÃO

CENSO 2010 - NOVA LIMA

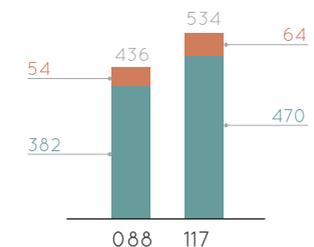
vale do sol e alphaville



VALE DO SOL



ALPHAVILLE



ALFABETIZADOS

NÃO-ALFABETIZADOS



5.2. POPULAÇÃO VULNERÁVEL

Os mapas deste subcapítulo tentam localizar e registrar algumas características da população vulnerável do Jardim Canadá, aquela que deveria ser beneficiária dos projetos de extensão do Programa DESEJA.CA. Consideraram-se como instrumentos para mapeamento dessa população informações constantes nos cadastros de programas sociais disponíveis no bairro.

Uma primeira fonte foi o registro dos beneficiários do Programa de Bolsa Vida Nova¹ (VN) da Prefeitura de Nova Lima. Este programa articula-se à gestão do Programa Federal Bolsa Família (BF) no município. Consiste em um programa de transferência de renda aliado a um acompanhamento mensal de assistência social e oferecimento de cursos de qualificação e empreendedorismo social, através de pessoal próprio ou de parcerias, como SENAC, SENAI e o próprio DESEJA.CA. Seus beneficiários estão registrados no sistema CAD ÚNICO e nem todos recebem o BF. Como no caso deste programa federal, os critérios para recebimento da bolsa VN, baseiam-se na renda familiar per capita. No caso do BF, recebem benefício famílias em situação de extrema pobreza, com renda inferior à R\$ 75,00 per capita, e famílias na linha de pobreza, ou seja, que recebem até R\$ 140,00 per capita. Já, para o VN, é considerado como referência o salário mínimo: $\frac{1}{4}$ de salário mínimo como referência para extrema pobreza e $\frac{1}{4}$ de salário mínimo para pobreza. Além disso, para recebimento do VN é necessário vínculo de moradia com o município, o que não é exigido pelo BF. O beneficiário do VN deve ser morador de Nova Lima por no mínimo 5 anos. Em 2013, havia cerca de 200 famílias sendo atendidas pela regional Noroeste do Programa Vida Nova, sendo que, dessas, 150 são no Jardim Canadá.

Uma segunda fonte para o estudo da população vulnerável do Jardim Canadá foram as fichas de registro e de acompanhamento do Centro de Referência de Assistência Social da Regional Noroeste (CRAS). Este órgão possui o registro de cerca de 500 pessoas, realizado a partir de entrevista com o morador em seu contato inicial com o CRAS e atualizado constantemente, contendo informações variadas sobre o sujeito e sua família. Essas fichas encontram-se todas manuscritas e digitalizá-las, para permitir um processamento de seus dados, era um interesse tanto da pesquisa quanto do próprio CRAS. Foram transcritas digitalmente 490 fichas, que foram então utilizadas para produção de vários mapas que se seguem.

Uma terceira fonte para este estudo foi série de entrevistas realizadas pela equipe de

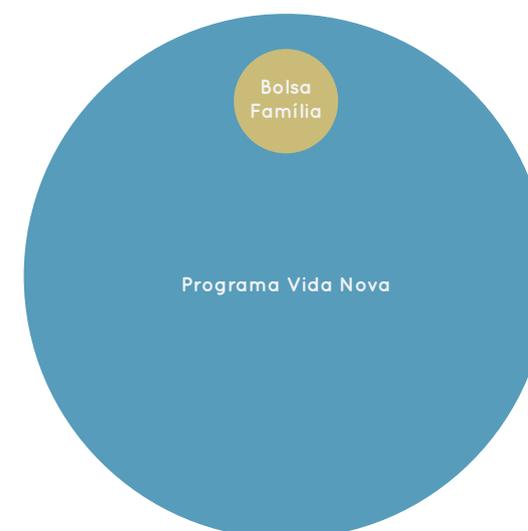
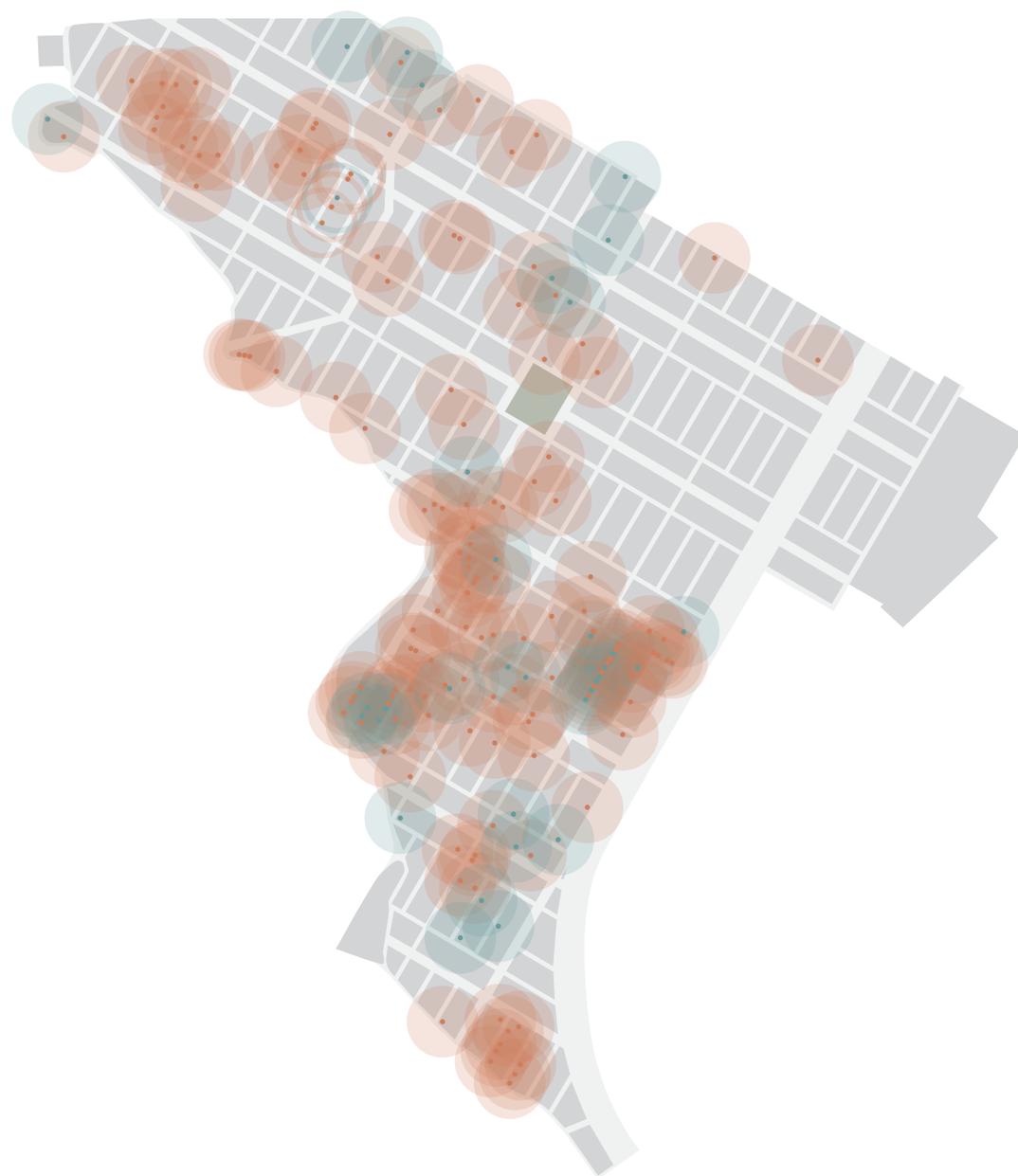
pesquisadores e extensionistas. O objetivo destas entrevistas não era o de recolher novos dados quantificáveis, nem não se chegou a aplicar metodologia apropriada para tal. O intuito principal era o de aproximar subjetivamente daquelas pessoas, em seu contexto cotidiano. Assim, traçou-se uma estratégia de diálogo (antes do que de perguntas) e se delimitou áreas a serem percorridas. Neste trajeto, as abordagens eram feitas nas ruas, casas ou outros espaços do cotidiano. O universo de informação colhida não se registra em planilhas, nem se processa em gráficos. Serviu para reflexão e ilustração das informações quantificáveis tomadas das fontes anteriores e dos próprios dados do IBGE.

Assim, os mapas sobre a população vulnerável do Jardim Canadá localizam no território essas pessoas, informando se são beneficiários de algum programa de bolsa assistencial, caracterizando-os em função da naturalidade (uma vez que a maciça maioria é composta de alevia imigrantes), do tempo de moradia no bairro, da função no mercado de trabalho, da escolaridade, do tamanho da família e das condições das habitações.

1. As localidades atendidas pela Regional Noroeste abrangem, além do Jardim Canadá: Água Limpa, São Sebastião das Águas Claras e pequenas comunidades nesta região.

PROGRAMA VIDA NOVA

BENEFICIÁRIOS JARDIM CANADÁ



População do Jardim Canadá que recebe Bolsa Vida Nova 

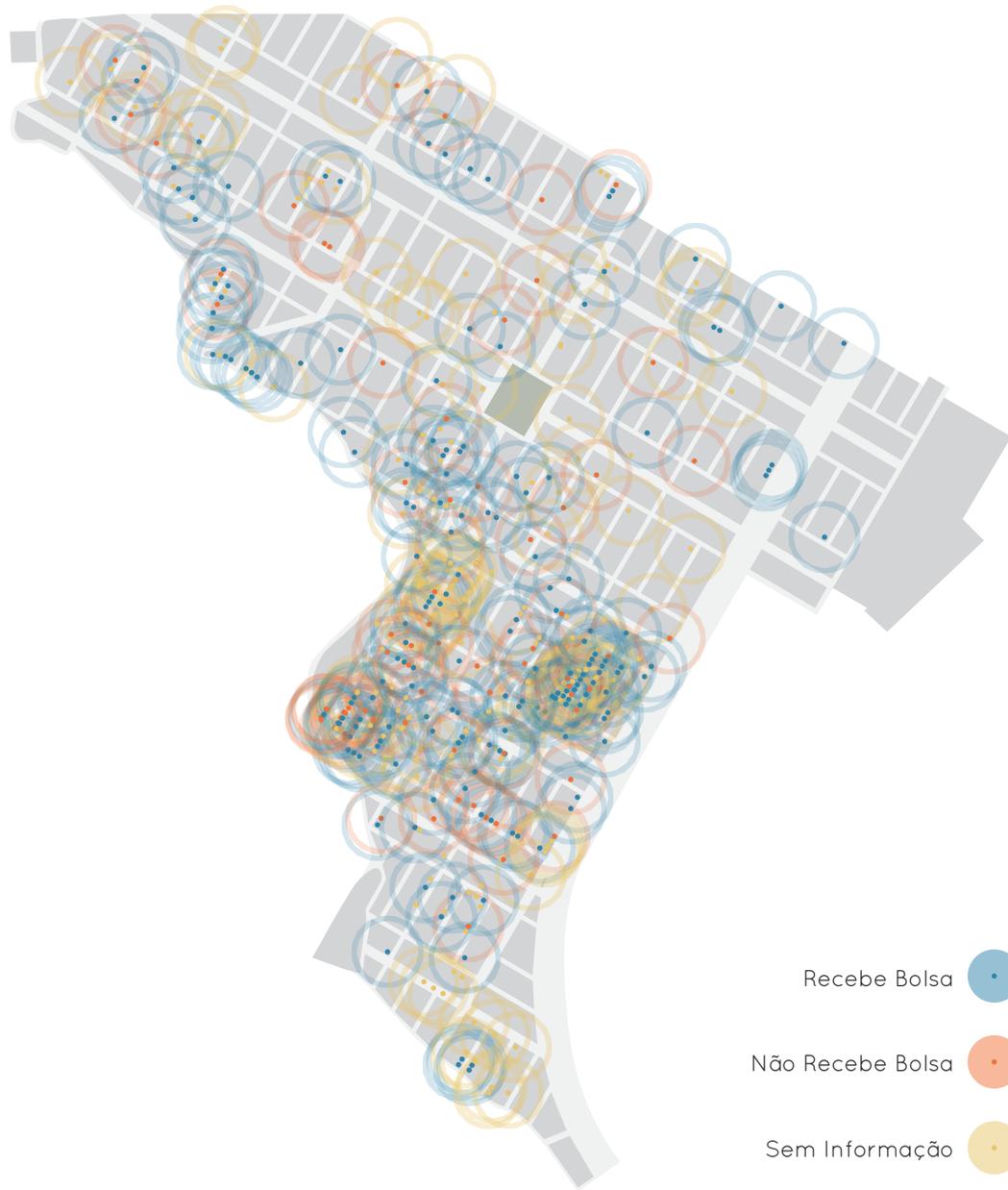
População do Jardim Canadá que recebe BVN e Bolsa Família 

População Registrada no CAD Único Regional Noroeste 

População Registrada no CAD Único e Assistida pelo CRAS 

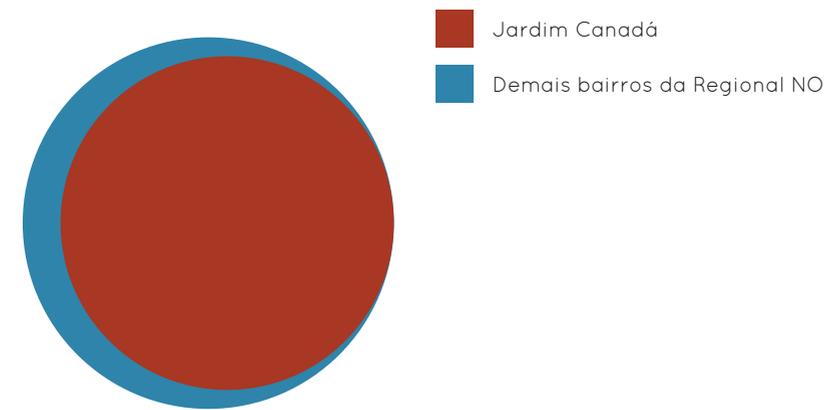
LOCALIZAÇÃO MORADIA POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

nova lima: regional noroeste

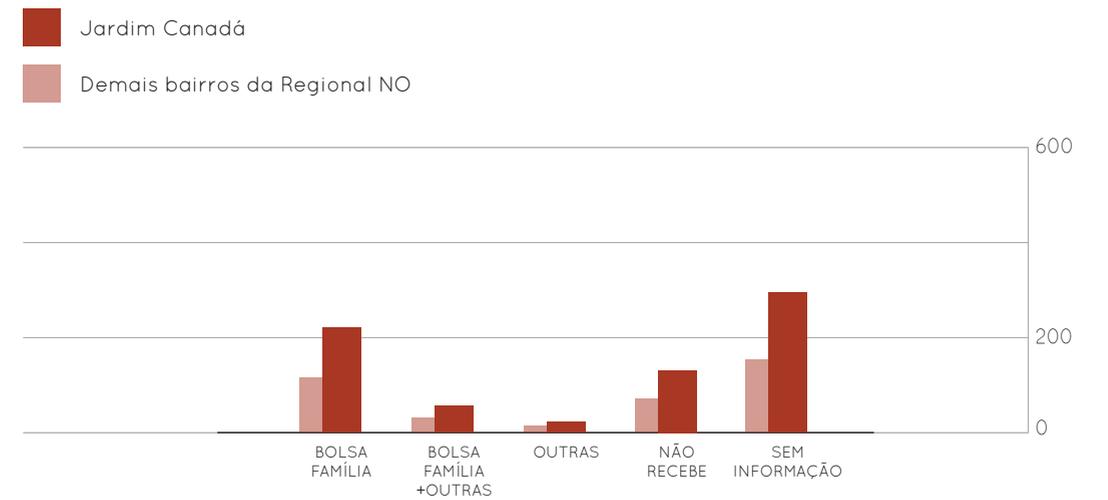


- Recebe Bolsa ●
- Não Recebe Bolsa ●
- Sem Informação ●

Local de Moradia

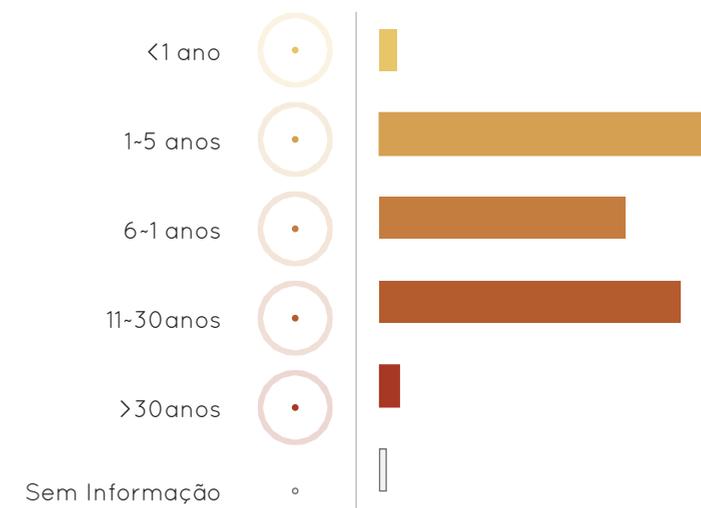


Benefício Recebido



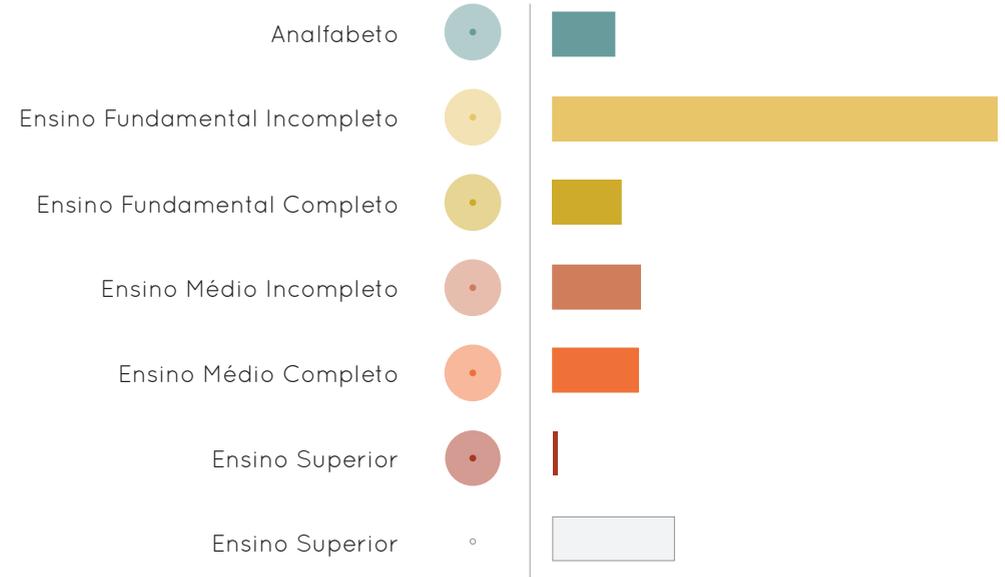
TEMPO DE RESIDÊNCIA

POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS



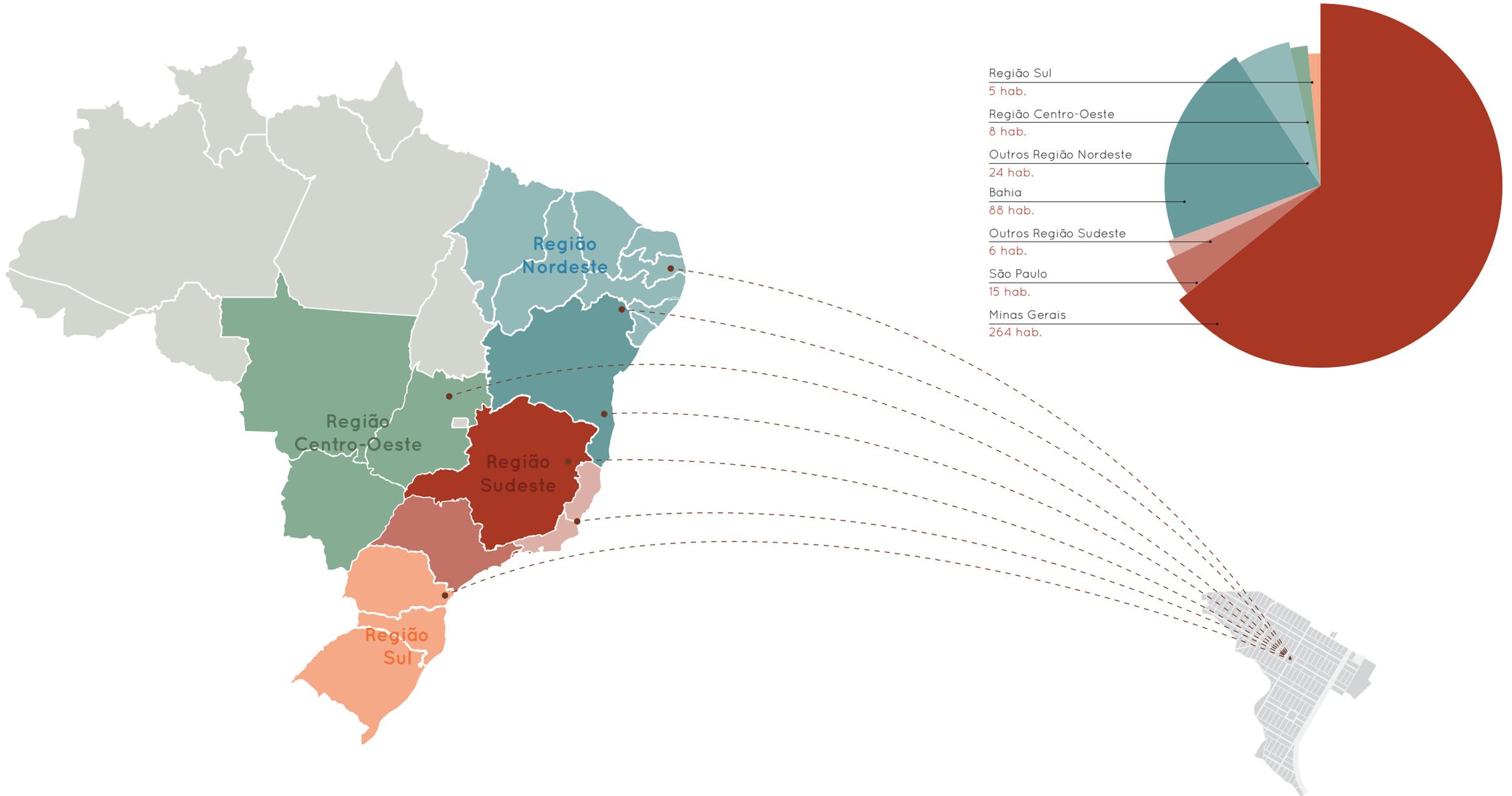
ESCOLARIDADE POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

beneficiários CRAS



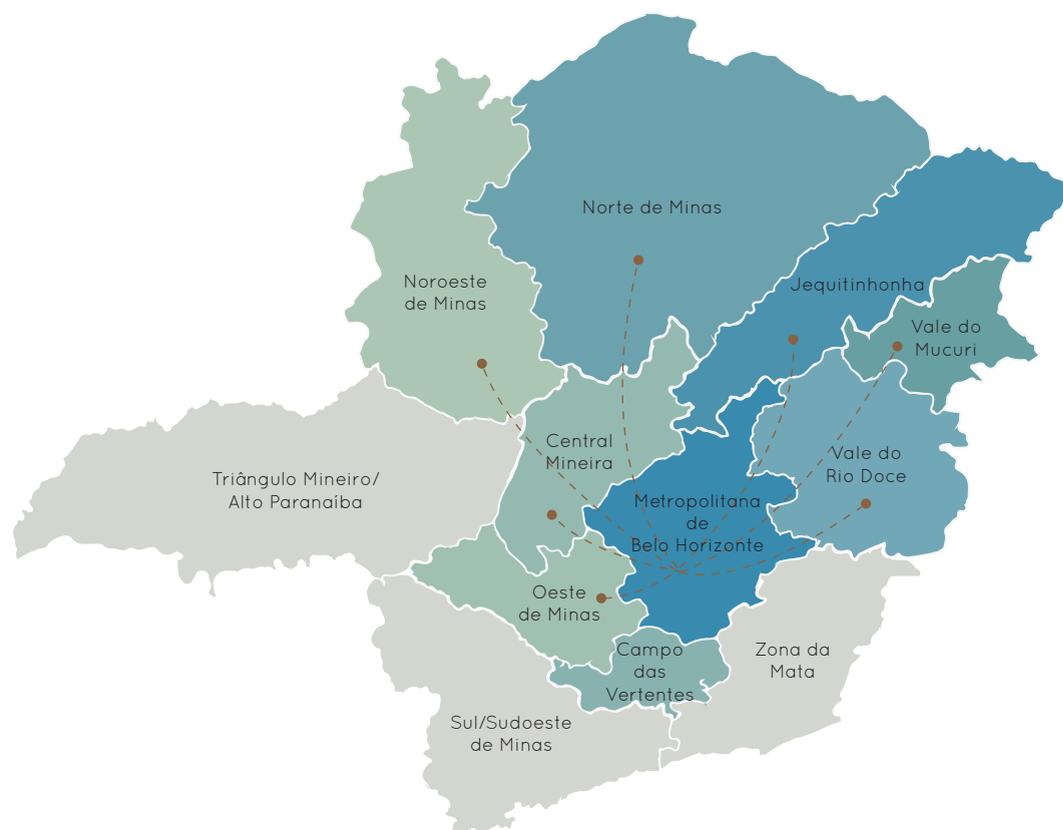
LOCAL DE ORIGEM POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

escala: brasil

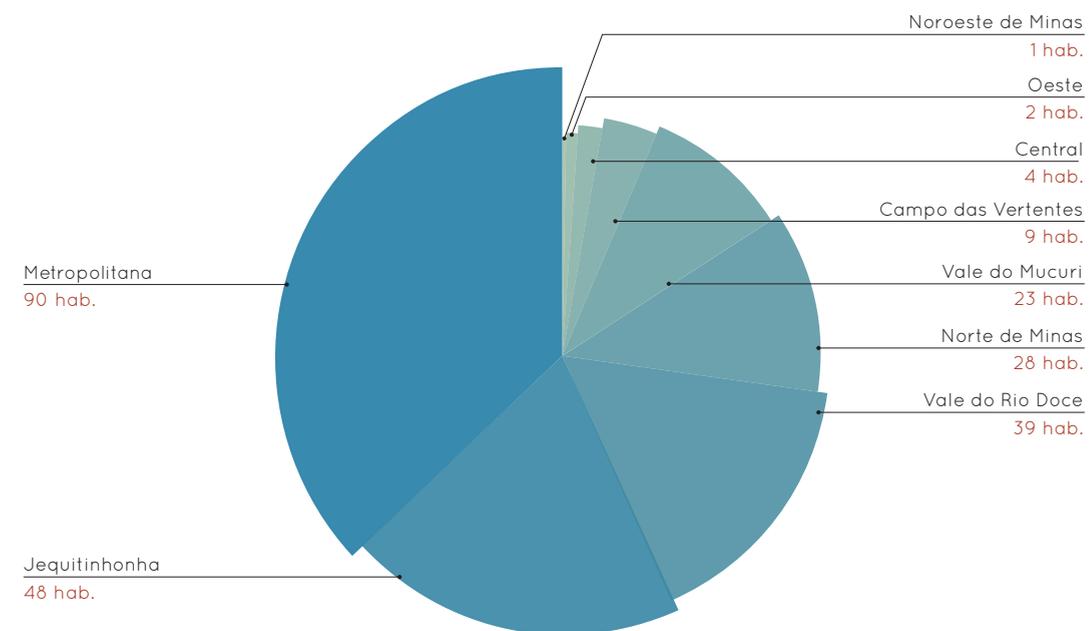


LOCAL DE ORIGEM POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

escala: minas gerais



Mesorregiões de Minas

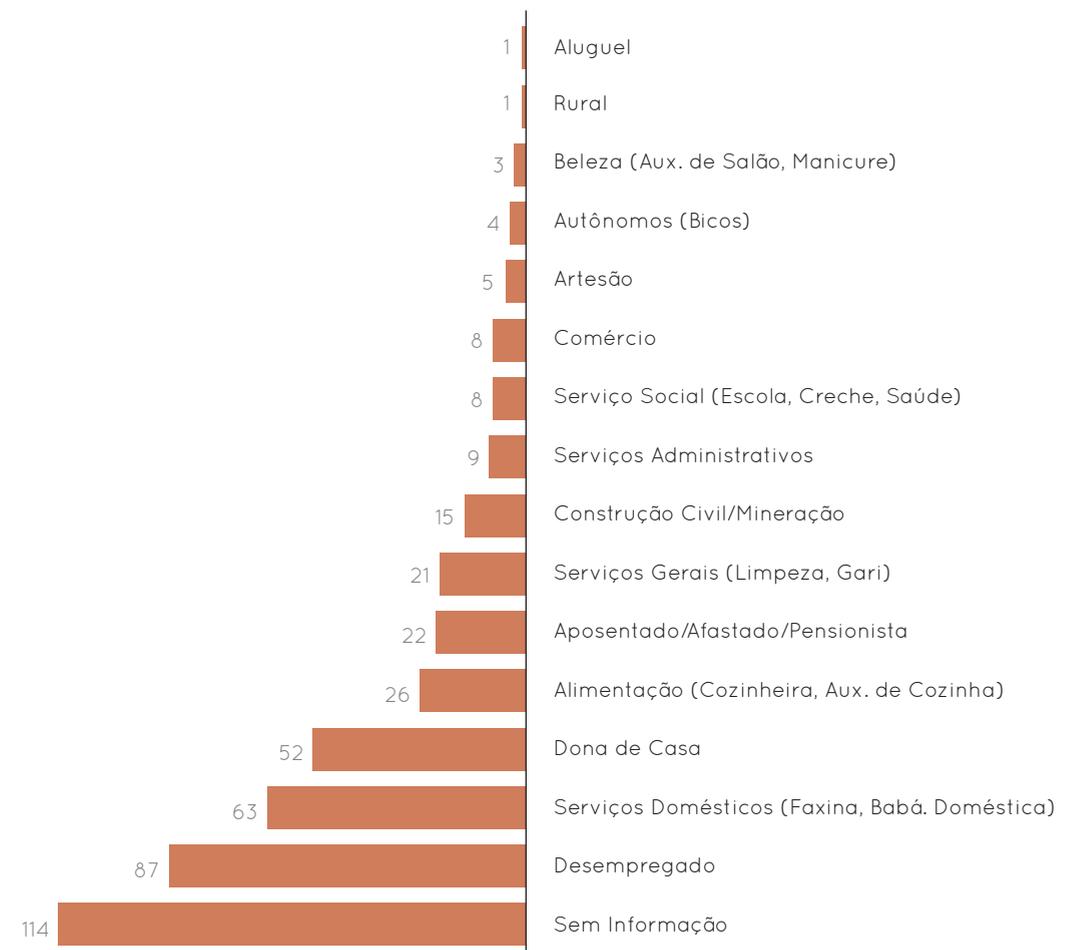


FUNÇÃO MERCADO DE TRABALHO

POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS



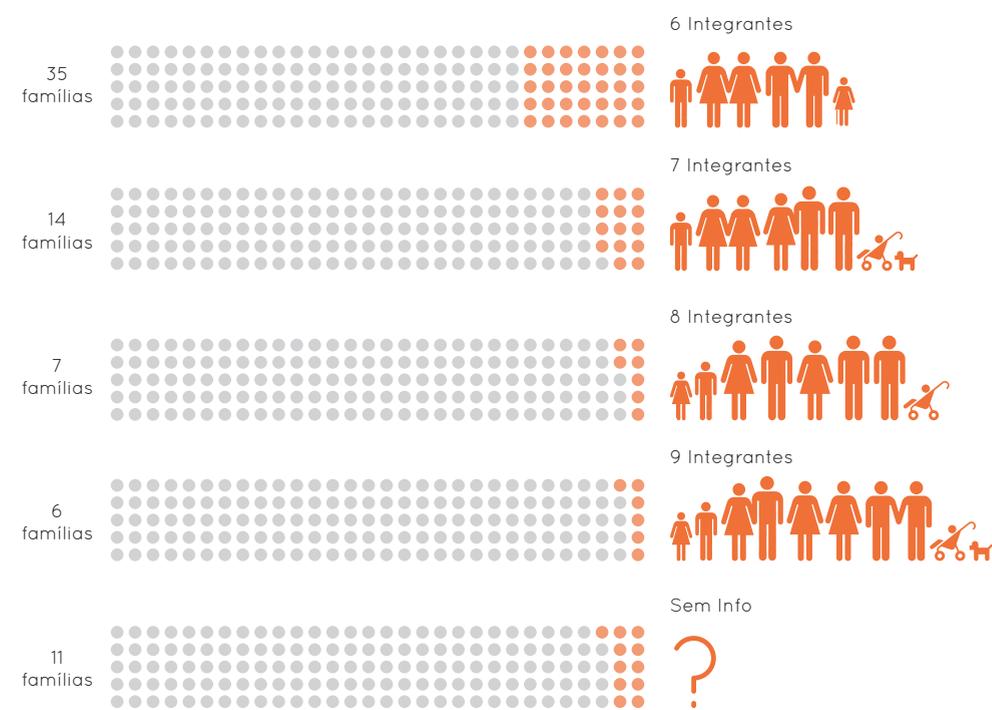
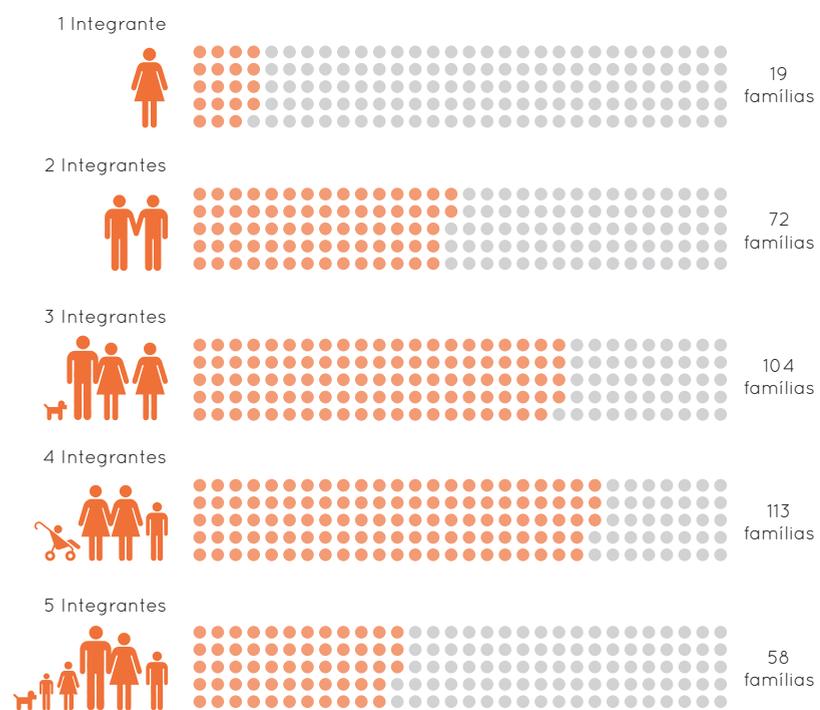
Habitantes | Profissão



FAMÍLIAS E HABITAÇÃO

POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

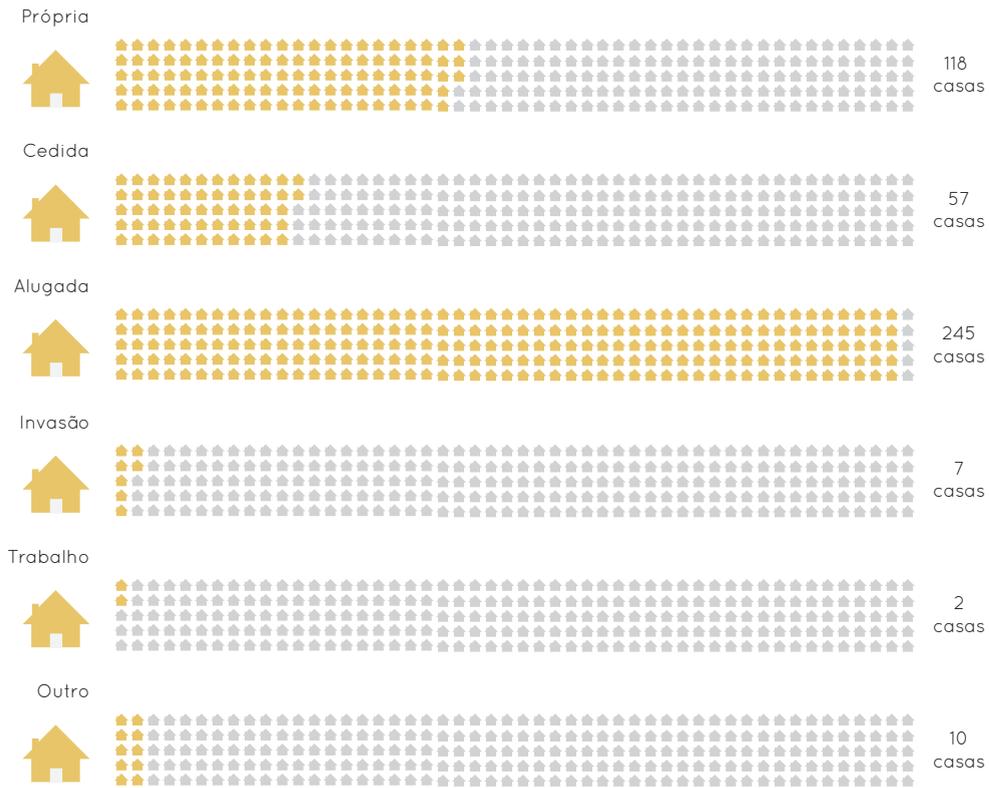
Tamanho das Famílias



CARACTERÍSTICAS HABITAÇÃO

POPULAÇÃO ASSISTIDA CRAS

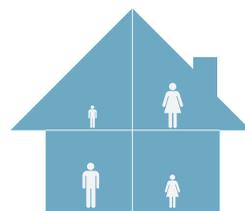
Condição da Habitação



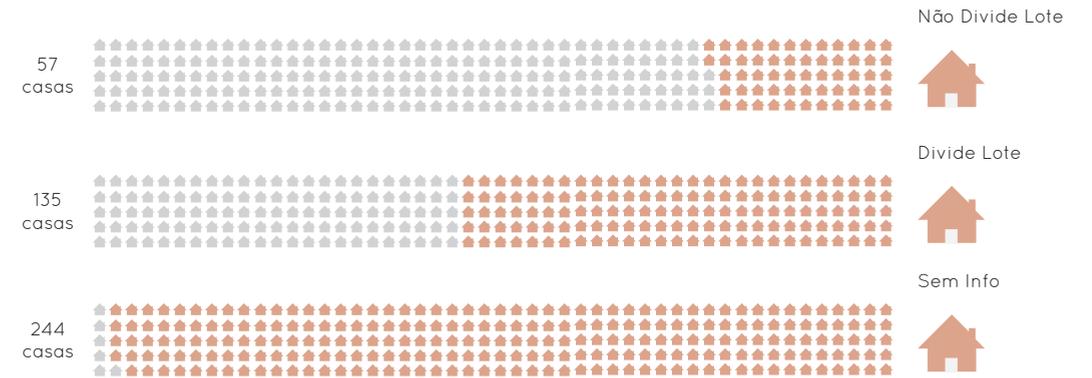
A relação Habitante x Cômodo é indicada pela quantidade de habitantes de determinada residência dividido pelo número de cômodos da habitação - incluindo quartos, salas, cozinhas, banheiros, entre outros.

Os índices indicam a qualidade do conforto dos habitantes, e têm-se como base os seguintes parâmetros:

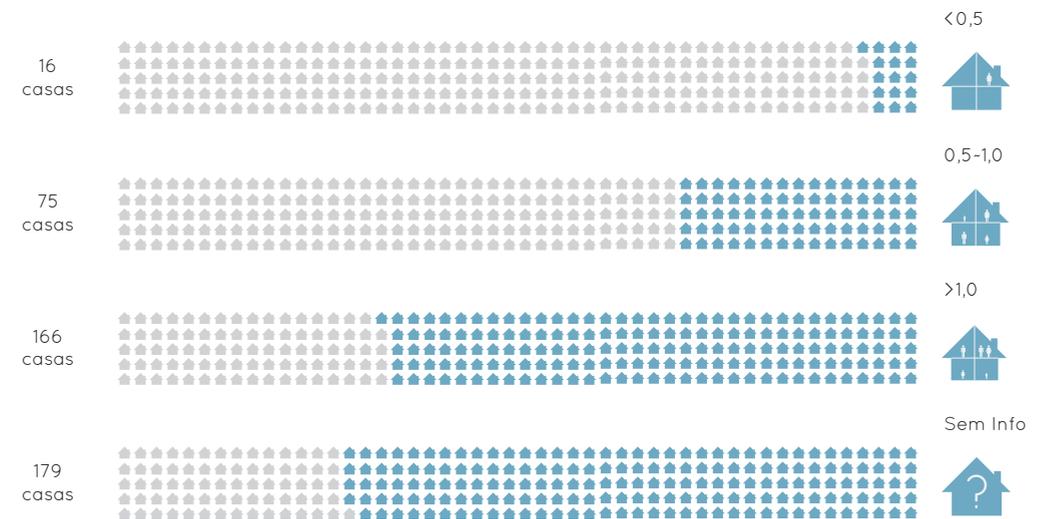
Índices menores que 0,5 implicam 2 cômodos por habitantes, sendo confortável.
 Índices maiores que 1,0 implicam até 1 cômodo por habitante, sendo uma situação razoável.
 Índices maiores que 1,0 implicam em mais de um habitante por cômodo, gerando uma situação desconfortável.

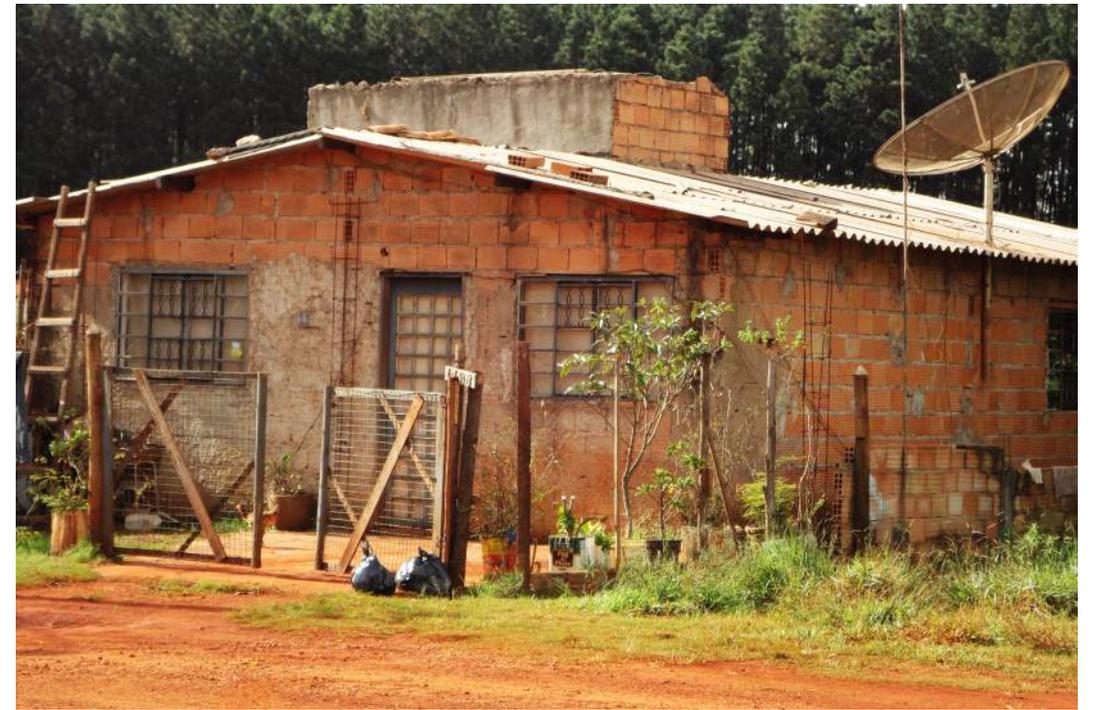


Situação no Lote



Relação Habitante x Cômodo







5.3. REDES

Interessava mapear redes, isto é, relações entre pessoas e entre pessoas e coisas que se manifestassem no território. Essas relações produzem espaço e sociedade, indissociavelmente. Produzir mapas que dessem visualização formal ao invisível, como o são as relações, os fluxos da dinâmica social, era um dos desafios da investigação por novas maneiras de cartografar.

No contato com a vida cotidiana no bairro Jardim Canadá, um fenômeno que se destacou à equipe foi a intensa rede familiar entre moradores do bairro, testemunhando a forma de colonização deste território. Por alguma oportunidade de trabalho, geralmente ligada à construção civil ou prestação de serviços domésticos aos condomínios vizinhos, chegaram pioneiros que, se instalando no Jardim Canadá, tratavam de trazer seus familiares de sua cidade natal. Assim, embora imigrantes recentes, a maioria dos moradores do Jardim Canadá possui uma rede de familiares como vizinhos, o que fortalece os laços de solidariedade local.

A intenção inicial do **Mapa da Rede Familiar do Jardim Canadá** era ilustrar a história e a dinâmica de ocupação do Jardim Canadá a partir da narrativa de alguns moradores antigos do bairro. Porém, a partir do contato entre DESEJA.CA e CRAS Noroeste foi possível atingir um grupo maior de famílias, que são atendidas pelo CRAS, abrangendo assim não só os moradores antigos, mas também os moradores recentes do bairro.

Empregando uma metodologia de mapeamento coletivo, mapas foram sendo construídos com dois grupos de beneficiários de programas do CRAS: o da terceira idade, formado por senhoras que desenvolvem trabalhos artesanais, atividades físicas, de lazer e saúde; e o grupo que recebe o auxílio da Bolsa de Vegetais, composto em sua maioria por mulheres jovens que são mães de família e muitas se encontram desempregadas.

Com o intuito de ativar uma dinâmica, primeiro eram discutidas coletivamente as histórias de cada pessoa e sua relação com o Jardim Canadá. Na seqüência, os grupos foram subdivididos em grupos menores para se registrar os percursos e informações de cada participante sobre um grande mapa fixado em um isopor. Foram utilizados vários instrumentos para auxiliar nesta interação com o mapa: alfinetes, linhas, adesivos post-its e canetinhas de várias cores. Mapearam-se três níveis de relações familiares a partir do narrador:

Família Direta - avós, pais, tios, irmãos e amigos, geralmente pessoas que migraram na mesma época que o entrevistado ou que seria o ponto de partida da migração da família;

Netos e Filhos - registrando todos os contatos que provavelmente surgiram após a fixação no território;

Família do marido - considerando que muitas das entrevistadas migraram após casamento em função do trabalho do marido.

Além disso, registrou-se o tempo de moradia dessas pessoas no Jardim Canadá, sua região de origem, motivo da migração e os equipamentos que são utilizados no bairro.

Dos mapas produzidos nesta dinâmica, foram então buscadas estratégias gráficas para a representação destas informações. Assim, as informações coletadas foram distribuídas em dois mapas, aqui publicados, um destacando a rede de familiares e outro a rede de usos.

Com base nessa amostragem, observou-se que o bairro passou por três fases de migração: no final da década de 1980, no início dos anos 2000 e migrações recentes com poucos meses de moradia. As três gerações comumente justificam sua migração pela busca de oportunidade de emprego: o primeiro grupo devido à atividade de mineração e os dois últimos não só pela mineração, mas em função da grande demanda da construção civil. O interessante é que esses movimentos são também marcados pela região de origem, primeiramente da própria região sudeste, o segundo grupo vindo em sua maioria da região nordeste e mais recentemente há uma mistura de migrantes destas duas regiões.

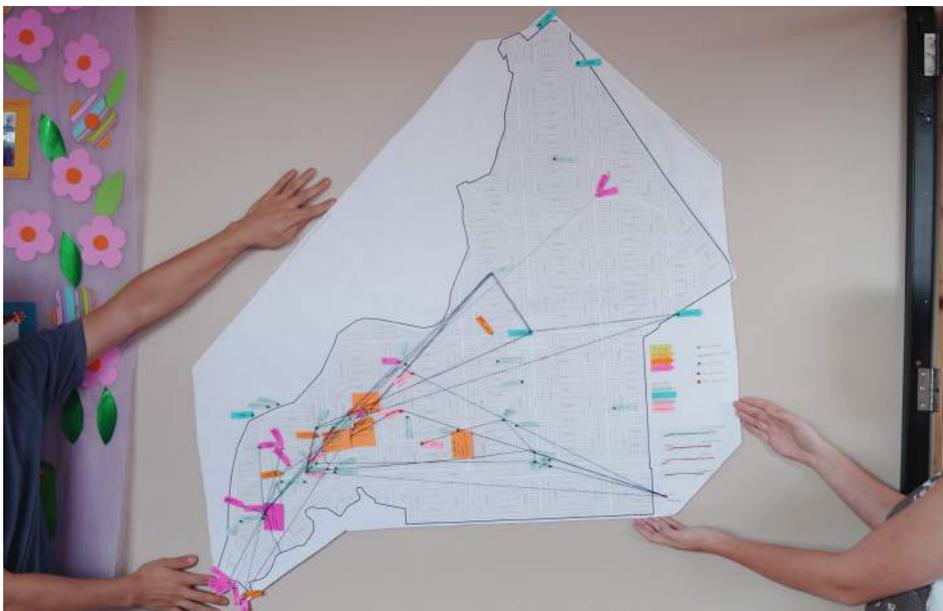
Somando a percepção dos pesquisadores às observações da coordenação do CRAS, que esteve presente participando de todo o processo de mapeamento, destacou-se a recorrente discussão sobre a ausência do sentimento de vínculo e identidade. No grupo de idosas, que já são moradoras mais antigas, houve maior adesão em participar da atividade, enquanto as mais jovens apresentaram maior resistência e só participaram pois a Bolsa de Vegetais só seria liberada após a finalização da atividade. De modo geral, as pessoas não sentem que pertencem ao bairro e não estimam o lugar, o que é perceptível com mais intensidade entre o grupo mais jovem cujos integrantes não têm intenção de permanecer no bairro e constituir família nele.

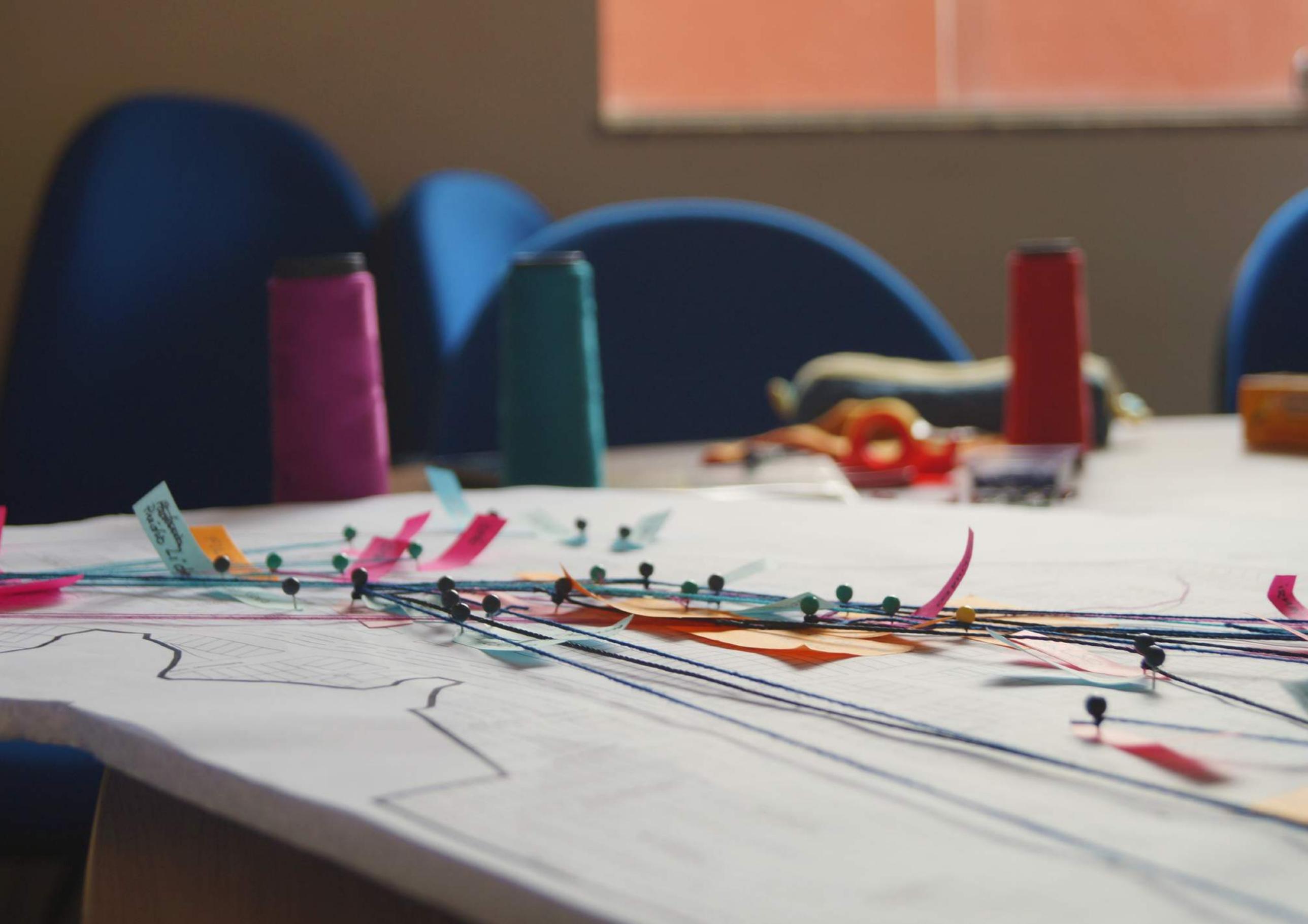
Nesse diálogo, a equipe do CRAS ressaltou a importância do mapeamento como uma ferramenta que fortalece o reconhecimento das pessoas entre si e sobre o uso do território. Trocar histórias e situar os equipamentos de lazer, esporte, cultura e serviços disponíveis valoriza os equipamentos que muitas vezes são despercebidos e pode

despertar no indivíduo uma perspectiva de cidadão atuante e atento aos seus direitos. Tal perspectiva é um desejo do CRAS compartilhado com as intenções do Projeto DESEJA.CA, e uma necessidade, principalmente ao se considerar o notável desinteresse do poder público para as questões básicas dessa região sob o argumento de que o Jardim Canadá é um lugar de ninguém, onde muitos moradores ainda votam em sua terra de origem ou em Belo Horizonte, “apenas residindo” em Nova Lima. Os únicos interesses defendidos nas atuações mais diretas do estado no bairro até então são dos grandes empresários, que gerem o espaço livremente, da maneira que melhor lhes convém. Essa leitura é percebida até mesmo dos moradores, quando questionam as lentas transformações de infraestruturas, atividades públicas e de transporte para um bairro considerado distante e isolado. O mapeamento participativo é positivo por induzir a reflexão até mesmo sobre os projetos de vida de cada um: o que os motivou a migrar para esse bairro, com o que se identificam com relação às pessoas e suas origens, sobre o que se espera ou deseja modificar para qualificar o lugar, onde se pretende fixar ou se única opção é realmente acumular o suficiente para voltar à cidade natal.

Além do foco na população residente no bairro e atendida pelo CRAS, interessava mapear a diversidade de usuários que não só moram, mas trabalham, compram, socializam ou utilizam algum o bairro de alguma maneira. O Mapa Rede de Usuários pretende demonstrar o papel de microcentralidade do Jardim Canadá e assim revelar as conexões de sua diversidade social, visível na sua diversidade espacial e visual. Foram identificados e assim classificados alguns grupos de usuários do bairro: moradores do bairro, com grande variação de perfil social; consumidores de serviços e comércio locais, incluindo em sua maioria moradores dos condomínios vizinhos que utilizam o bairro para funções cotidianas, e alguns consumidores de outras regiões da área metropolitana que buscam ali serviços especializados principalmente no que se refere ao comércio relacionado à construção civil e buffets de festas; donos de empresas e negócios no bairro, que geralmente moram no próprio bairro ou na vizinhança; pessoas que trabalham como empregados no bairro e não moram ali; turistas de fim de semana, composto principalmente por motoqueiros, ciclistas atraídos pelas trilhas nas áreas naturais ao redor do bairro, que acabam utilizando serviços do bairro, e clientes de restaurantes típicos instalados ali; viajantes e camioneiros que utilizam serviços do bairro em paradas de viagens.

Tendo reconhecido esses grupos, para a produção do Mapa de Rede de Usuários, foram realizadas entrevistas a pessoas que representassem cada um desses grupos. Nestas entrevistas, além de informações objetivas como especificação dos serviços e outras atividades que a pessoa realiza no bairro para a explicitação das redes de relações com outros usuários do bairro, importava conhecer o imaginário e subjetividade que cada um formava em relação ao Jardim Canadá.





REDE FAMILIAR JARDIM CANADÁ



Relações Familiares

- Família do Marido
- Netos e Filhos
- Família



Tempo de Moradia

- De 0-5 anos no Jardim Canadá
- De 5-10 anos no Jardim Canadá
- De 10-30 anos no Jardim Canadá
- + De 30 anos no Jardim Canadá



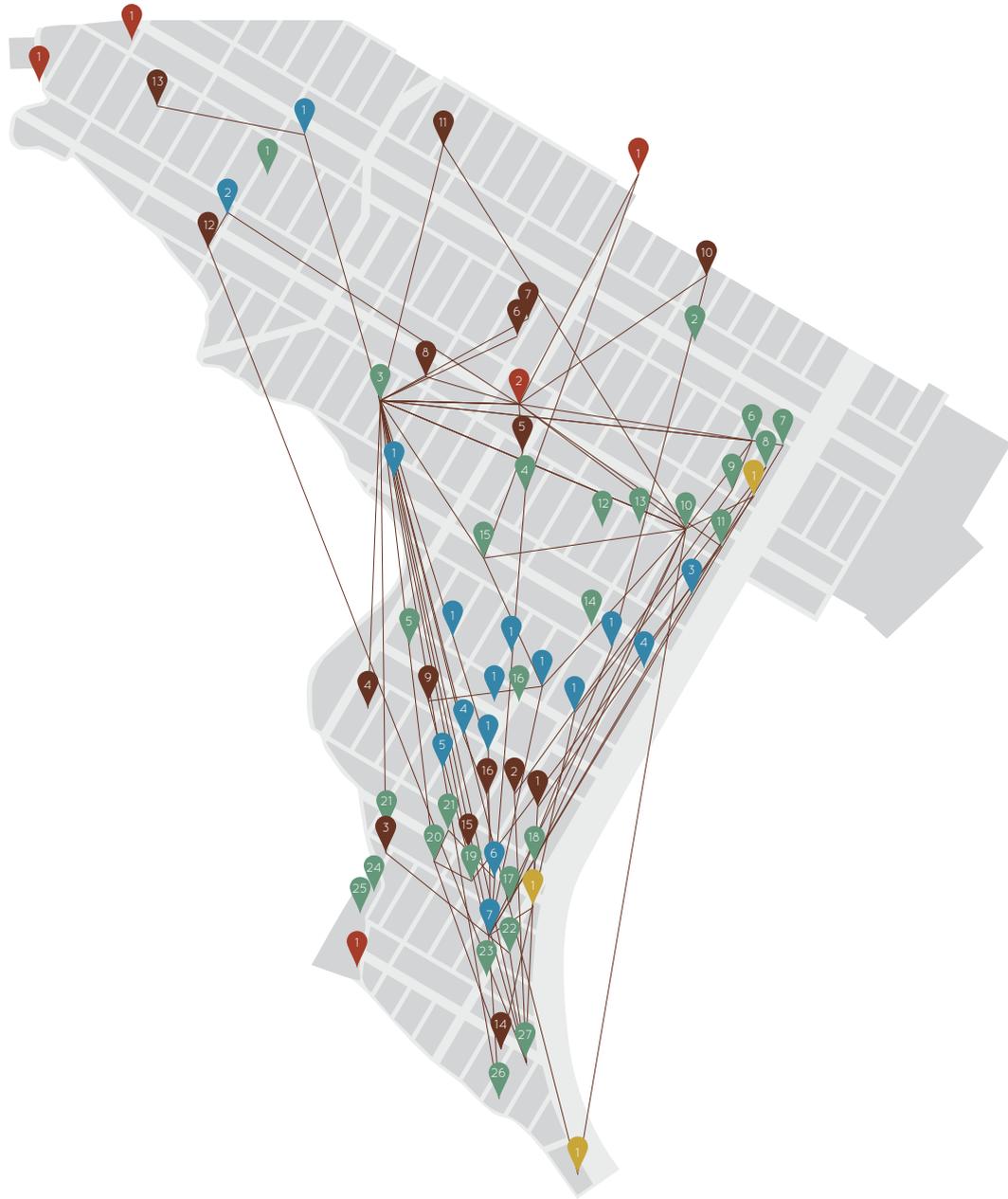
Região de Origem

- Sul/Sudeste
- Centro/Oeste
- Norte/Nordeste

Moradoras

	Nome	Origem	Comentário
1	Janaína	Gouveia - MG	Veio morar com a irmã para trabalho
2	Bruna	Jequitinhonha - MG	Aos 5 anos veio morar com a avó
3	Maria do Amparo	Gouveia - MG	Veio morar com a irmã à trabalho
4	Maria Madalena	Rio Formoso - PE	
5	Zenilma	Jacobina - BA	Marido + 2 Filhos - Veio à trabalho
6	Lissandra	Jacobina - BA	
7	Ana Paula de Jesus	Jacobina - BA	Mora no bairro a 5 dias
8	Marceje	Jequié - BA	Veio com a família do marido
9	Juliana / Miguel (3 anos)	Diamantina - MG	(6 pessoas) - Trabalho
10	Jucélia	Diamantina - MG	Procura Trabalho
11	Marcia Regina / José Antônio	Belo Horizonte - MG	Gostou do clima do bairro
12	Tatiana	São Pedro do Suaçuí - MG	Morou 13 anos em BH - Procura trabalho
13	Adriana	Santa Maria do Suaçuí - MG	
14	Maria das Dores	Santa Maria do Suaçuí - MG	35 anos + 1 Filho
15	Julia Francisca	Conselheiro Lafaiete - MG	23 anos
16	Maria José Quintela	Inhapim - MG	

REDE DE USOS JARDIM CANADÁ



 Percurso dos moradores no Jardim Canadá



Moradores



Moradores do Jardim Canadá



Lazer

- 1 Quadra
- 2 Praça 4 Elementos



Compras

- 1 Salão
- 2 mercearia
- 3 Hortsul
- 4 Pizzaria
- 5 Super Canadá
- 6 Loja de Roupa
- 7 BH



Trabalho

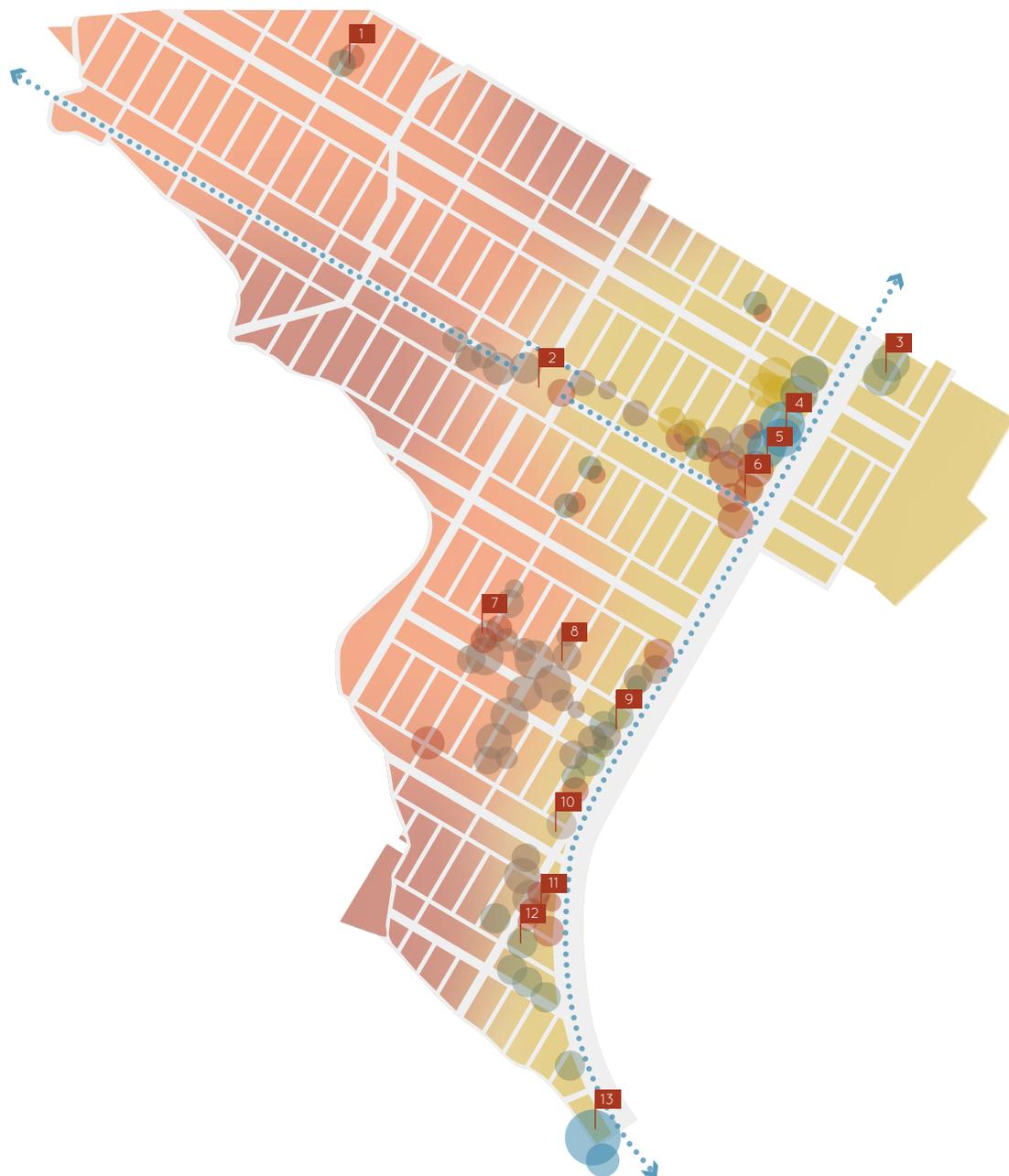
- 1 Trabalho



Instituição

- 1 Anexo E.M. Benvinda
- 2 JA.CA
- 3 CRAS
- 4 UBS
- 5 CAC
- 6 Agência Bancária
- 7 Lotérica
- 8 Posto Chefão
- 9 Drogaria Araújo
- 10 PSF
- 11 Verdemar
- 12 Igreja Universal
- 13 E.E. Maria J. Sales Wardi
- 14 Igreja Presbitera
- 15 Igreja Universal
- 16 Conselho Tutelar
- 17 Administração Noroeste
- 18 Associação de Comércio
- 19 Associação de Condomínios
- 20 ACH
- 21 Paróquia São Judas Tadeu
- 22 Vida Nova
- 23 Prédio Líder
- 24 Associação Comunitária
- 25 Creche São Judas Tadeu
- 26 Casa do Jardim
- 27 E.M. Benvinda Pinto Rocha

REDE DE USUÁRIOS JARDIM CANADÁ



Pontos de referência

- 1 Bazar Hudson
- 2 Praça 4 Elementos
- 3 Mix Garden
- 4 Posto Chefão
- 5 Stop Center
- 6 Verdemar
- 7 Padaria Cristal
- 8 Destroy Desmontes Técnicos
- 9 Verde Perto Floricultura
- 10 Supermercados BH
- 11 Muralha Mármore e Granitos
- 12 Restaurante Faz de Conta
- 13 Posto Chefinho

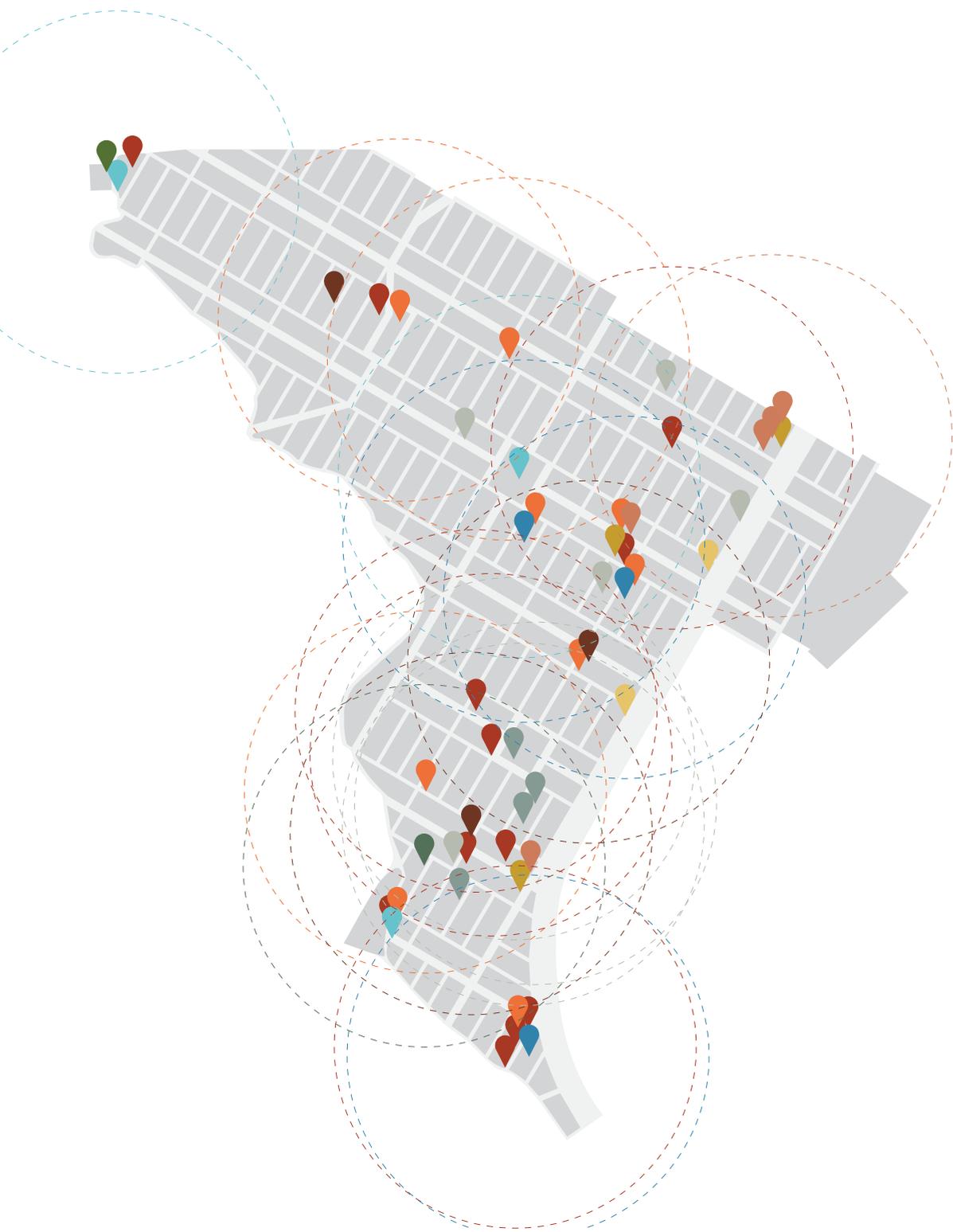
Setorização (áreas de predominância)

- Padrão construtivo alto
- Padrão construtivo baixo
- Galpões

Serviços cujo público alvo são:

- Pop. alta renda (moradores e vizinhos)
- Pop. baixa renda
- Empresários/trabalhadores
- Caminhoneiros
- Visitantes RMBH

REDE DE INSTITUIÇÕES JARDIM CANADÁ



- Apoio escolar 
- Bibliotecas 
- Correios 
- Educação, arte, cultura e esporte 
- Escolas e creches 
- Igrejas 
- Meio ambiente 
- Organizações comunitárias 
- Órgão governamental de apoio ao cidadão 
- Parques e espaços de lazer 
- Saúde 
- Segurança 





5.4. DESEJO DOS JOVENS

Experimentando estratégias de mapeamento participativas, um grupo de alunos da disciplina UNI009 – Oficina Multidisciplinar do 2º semestre de 2012 – Sofia Lages, Kênea de Oliveira, Juliana Drummond e Artur Dias – propôs mapear algo intangível: os sonhos e desejos dos jovens do Jardim Canadá. O objetivo inicial com este mapa era buscar uma melhor compreensão do perfil dos jovens do bairro e sua percepção sobre este – as redes sociais existentes, que lugares freqüentam, que perspectivas tem sobre o bairro – de forma a contribuir para uma questão que nos preocupava nas atividades de extensão: a dificuldade de atrair beneficiários para as oficinas do DESEJA.CA. Como objetivo subtendido, então, esperava-se que a atividade coletiva de mapeamento pudesse contribuir na aproximação da equipe de bolsistas do DESEJA.CA junto às redes de jovens do bairro.

Para construção da metodologia de mapeamento coletivo foram consideradas como referência as ações de mapeamento de grupos latino-americanos como Iconoclastas e Paisaje Transversal¹. Era fundamental incitar uma mobilização social através de um evento com adesão de jovens do bairro. A estratégia para isso foi a aproximação de alunos do 1º, 2º e 3º anos da Escola Municipal Maria Josefina Sales Wardi, através da distribuição de questionários. Esses questionários, além de já coletarem uma série de informações, deveriam atuar como um convite à participação de um evento no fim de semana para a confecção do mapa coletivo. Os temas abordados nos questionários envolviam as redes sociais, a relação com o Jardim Canadá, as perspectivas de futuro profissional e de vida. Um total de 57 alunos respondeu aos questionários. Desses, 25 manifestaram interesse em participação do mapeamento coletivo.

Baseado nas respostas dos jovens que se interessaram em participar, a equipe de alunos preparou um mapa que serviria de base para o evento. Esse destacava a localização das residências dos alunos que se disponibilizaram, além dos locais citados como principais pontos de encontro, como a Praça Quatro Elementos e a própria Escola Maria Josefina Sales Wardi. O mapa base poderia servir como uma espécie de guia para os jovens no dia do mapeamento final e até mesmo facilitar o início dos trabalhos. Este mapa foi então plotado em papel vegetal. Logo após veio a definição dos ícones² que seriam utilizados no mapeamento para que fossem

devidamente impressos e recortados para que no dia os alunos pudessem apenas pregá-los no mapa. Os materiais secundários foram de fácil definição: tesoura, cola, durex, fita dupla face, lápis, canetas coloridas, revistas diversas e papéis alto colantes para o caso de situar algum ícone que não havia sido impresso.

O evento ocorreu em uma parceria com a Casa do Jardim, instituição de ação social significativa no Jardim Canadá. Foi criado um evento no Facebook (rede social tida como a mais utilizada, segundo os questionários), convidando os jovens para uma tarde em que fariam um mapeamento sobre o bairro, e, posteriormente, teriam um tempo de conversa e descontração com um lanche e músicas. Dos 25 alunos, seis confirmaram presença, e o grupo ficou muito animado com os preparativos.

No dia do evento, no entanto, apenas uma jovem compareceu, além de uma das coordenadoras da Casa do Jardim e de um morador do bairro, que passava pelo local no momento. Esse reduzido número de participantes acabou exigindo uma mudança de estratégia do mapeamento. O mapa produzido, então, considerou as contribuições destes três participantes, que puderam contar um pouco sobre a vida cotidiana no bairro, mas também resgatou as informações coletadas pelos questionários.

Das questões comentadas no evento, destacaram-se: o fenômeno de imigração de moradores do Jardim Canadá para o novo bairro Água Limpa (onde ocorrem novas invasões e venda de terrenos irregulares e por causa desta irregularidade, alguns moradores de Água Limpa tem sido expulsos de suas casas), o casamento precoce, a baixa qualidade do ensino local devido ao grande desinteresse de alunos e a necessidade de ampliação de informações sobre lazer na região.

No mapa aqui reproduzido aparecem “sonhos” relacionados à vida pessoal dos jovens entrevistados e “desejos” diretamente relacionados com o Jardim Canadá. Para além da paisagem representada neste mapa, a experiência reforçou a percepção de que há certo desinteresse geral dos jovens por transformações na estrutura social e ambiental do bairro, o que corrobora para a dificuldade de se mobilizar essa coletividade e, portanto, engajar jovens nos projetos socioambientais como os do DESEJA.CA.

1. Fazer referência sobre estes grupos Fazer referência sobre estes grupos

2. A escolha desses ícones se deu de acordo com as respostas obtidas nos questionários e foram retirados do site The Noun Project (<http://thenounproject.com>)

DESEJOS DOS JOVENS JARDIM CANADÁ



Desejos coletivos



Hospital



Cinema



Boate



Escola técnica



Clube esportivo



Nova sede da ONG Casa do Jardim

	Nome	Idade	Sonho
1	Paloma	17	cursar administração, constituir família e viajar para o exterior
2	Nívia	16	ser médica e constituir família
3	Poliana	16	ser médica pediatra, viajar e ser uma profissional de sucesso
4	Gabriela	15	casar-se, constituir família, ser arquiteta e viajar pelo mundo
5	Beatriz	18	ser administradora ou designer
6	Ludyane	16	ser uma profissional de sucesso e viajar pelo mundo
7	Kamila	18	ser arquiteta ou produtora musical
8	Marcos	17	fazer faculdade, ter um bom emprego e constituir família
9	Janderson	16	casar-se, constituir família e viajar pelo mundo
10	Franciele	17	ser uma profissional de sucesso, ser bombeira
11	Franciele	17	ser publicitária ou advogada, gostaria de mais áreas de lazer no bairro
12	Luis	17	ser engenheiro
13	Gabriel	17	ter sucesso como arqueólogo e viajar pelo mundo
14	Jordana	16	estudar e casar-se
15	Marcos	17	ser professor de educação física, casar-se, ter filhos e ser rico
16	Matheus	17	progredir na carreira de cantor, ter internet de qualidade, fazer faculdade
17	Maria	17	ser uma profissional qualificada e construir sua casa, mais de lazer no bairro
18	Poliane	18	ser advogada
19	Danilo	19	ser pintor, mais bancos e postos de gasolina no bairro
20	Manuela	16	cursar administração ou direito e casar-se
21	Sara	16	ser engenheira civil
22	Joseli	17	trabalha na Casa do Jardim - mais opções de lazer



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAVA, S. C.. Tecnologia Social e Desenvolvimento Social. In: Tecnologia social – uma estratégia

BRITO, Fausto e **SOUZA**, Renata. A migração intrametropolitana e a mobilidade pendular dentro do contexto da expansão urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte, com ênfase na experiência de Nova Lima. In: COSTA, COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR. Novas Periferias Metropolitanas - a expansão metropolitana de Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2006, p. 81-100.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

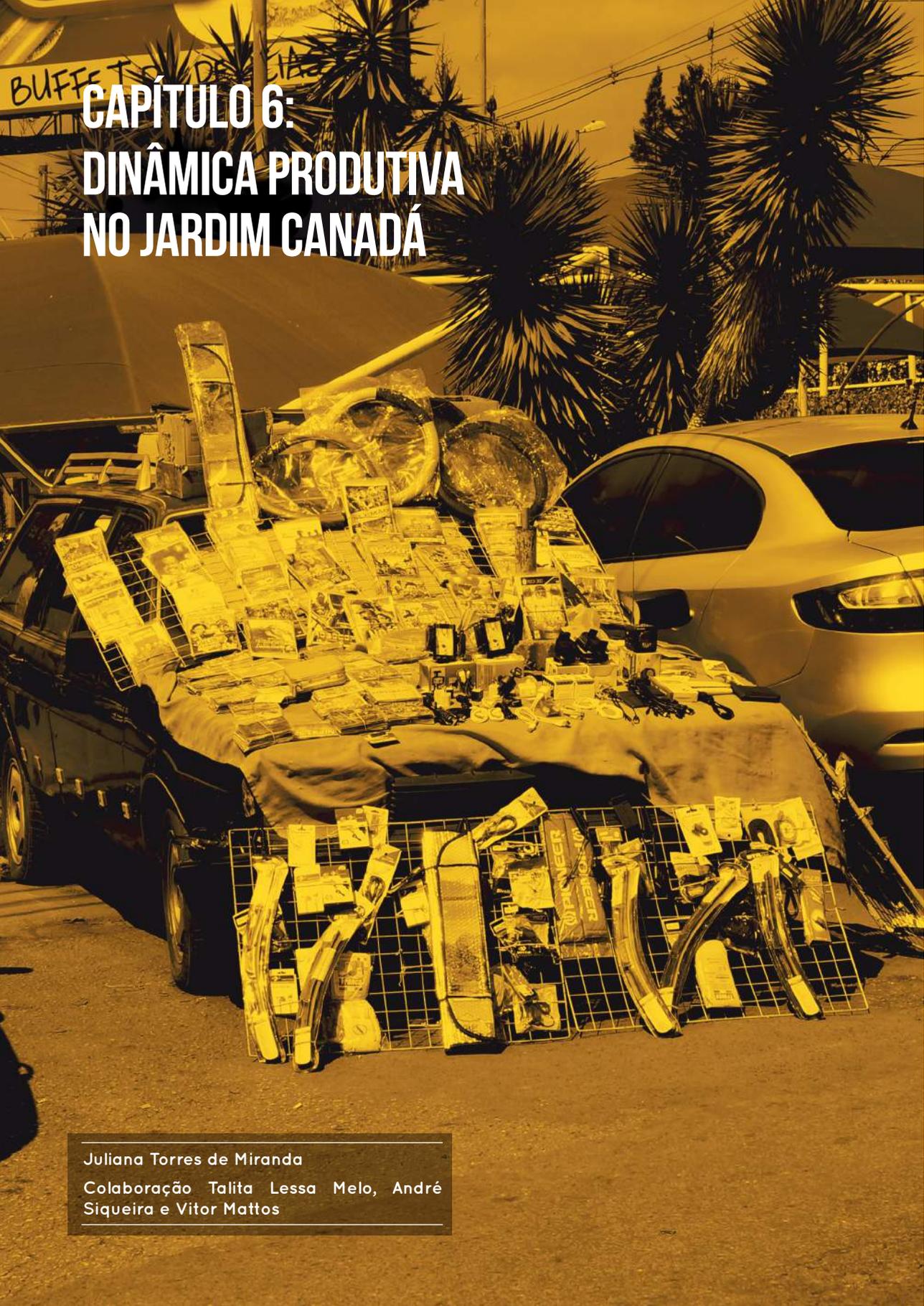
COSTA, Geraldo e **ARAÚJO**, Carlos Eduardo. A expressão socio-econômica e espacial da dinâmica ocupacional na Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH. In: COSTA, COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR. Novas Periferias Metropolitanas - a expansão metropolitana de Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2006. (pp.35-45).

IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características da População e dos Domicílios. Resultados do Universo. Rio de Janeiro, 2011.

MENDONÇA, Jupira e **PERPÉTUO**, Ignez Helena. A Metrópole Belo-Horizontina em Expansão: periferização da riqueza ou polarização social. In: COSTA, COSTA, MENDONÇA e MONTE-MÓR. Novas Periferias Metropolitanas - a expansão metropolitana de Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: Editora c/ Arte, 2006. (pp.21-34)

SIG-IBGE. Resultados do Censo 2010. site: <http://mapasinterativos.ibge.gov.br/censo2010>.

CAPÍTULO 6: DINÂMICA PRODUTIVA NO JARDIM CANADÁ



Juliana Torres de Miranda

Colaboração Talita Lessa Melo, André Siqueira e Vitor Mattos

Os mapas reunidos neste capítulo tratam, mais especificamente, da dinâmica das atividades econômicas que perpassam, de alguma forma, o território do bairro Jardim Canadá. Não se trata de uma análise completa (levantando todas as atividades existentes), mas do registro de alguns processos produtivos que possam representar a condição de centralidade regional do bairro, permitindo uma compreensão das dinâmicas que ligam o local ao global. Nas situações observadas interessava visualizar como se davam as conexões verticais e os conflitos entre uma micro-economia local, vinculadas às dinâmicas da vida cotidiana, e os heterônomos e potentes processos da macro-economia, dos quais se destaca a mineração.

A heterogeneidade e dinamicidade do bairro já se deixam transparecer no mapeamento das Redes de usos e de Usuários do bairro, apresentados no capítulo anterior. Aqui, ressalta-se esta heterogeneidade na questão da distribuição de renda da população que habita o bairro, comparando a composição do bairro com localidades vizinhas no município de Nova Lima. Este é o único mapa “duro” deste capítulo. Nos demais mapas aqui presentes, procurou-se rastrear as associações entre diferentes atores envolvidos em muitas das atividades que acontecem naquela localidade e assim, representar de uma maneira esboçada não só o econômico, mas o social e o cultural indissociavelmente. Apesar das atividades mais diretamente ligadas à produção do território, isso é, à ligação entre usos e solo, estarem separadas no próximo capítulo, compreende-se que o espaço não figura como um “pano de fundo” para as os processos dos quais se discute. Nos processos de produção de riqueza aqui relatados (e, portanto, de re-produção social), procura-se também vislumbrar de que maneira o espaço participa e se produz. De que maneira, as interações verticais e heterônomas entre global e local, entre elite e pobreza, se materializam naquele espaço e constroem uma paisagem.

Mais uma vez, a estratégia não é de uma análise sistemática sociológica ou econômica, mas de uma cartografia que busca reconhecer rastros e fluxos, dando visibilidade a um olhar múltiplo e contaminado. Os mapas, as catalogações e as colagens que se seguem apresentam-se como um registro singular, uma fotografia embaçada. É justamente a impressão desta paisagem embaçada que se pretende construir, não um panorama de dados claros e fortes. Pois esta é a experiência cotidiana do lugar e será nesta escala que se pode sentir a natureza, as vocações, os conflitos e as repercussões da condição de centralidade do bairro no eixo sul de expansão metropolitana.

Algumas temáticas foram incluídas pela própria demanda da pesquisa – como a questão da Mineração – outras foram incluídas a partir da observação participante dos pesquisadores, bolsistas e alunos – como o mapa dos Jardins e Jardineiros, dos Restaurantes e Alojamentos.

6.1. RENDA DO JARDIM CANADÁ

Para uma visualização da distribuição de renda no Jardim Canadá, a partir dos dados do Censo 2010, elegeu-se o índice “rendimento per capita por domicílio”, não só por este ser o índice geralmente considerado nas políticas sociais, mas por ser mais representativo da vulnerabilidade social no território. No entanto, ao tomar este índice, tem-se uma dificuldade em se determinar as faixas de renda, de maneira a poder classificar aquelas que seriam consideradas como índices de pobreza. A classificação do IBGE (tabela 1) baseia-se na renda familiar e estipula como classe baixa aquela cuja renda familiar seja de até 2 salários mínimos. Para determinação das faixas de análise, adaptou-se a referência renda familiar para renda familiar per capita, considerando-se família com 4 membros. Acrescentou-se, além disso, uma faixa inferior (1/4 SM per capita) que deveria representar uma condição de miséria.

Tabela 1 - Classificação segundo o IBGE

Classe	Renda familiar
A	Maior que 20 salários mínimos
B	De 10 a 20 salários mínimos
C	De 4 a 10 salários mínimos
D	De 2 a 4 salários mínimos
E	Até 2 salários mínimos

Tabela 2 - Classificação proposta

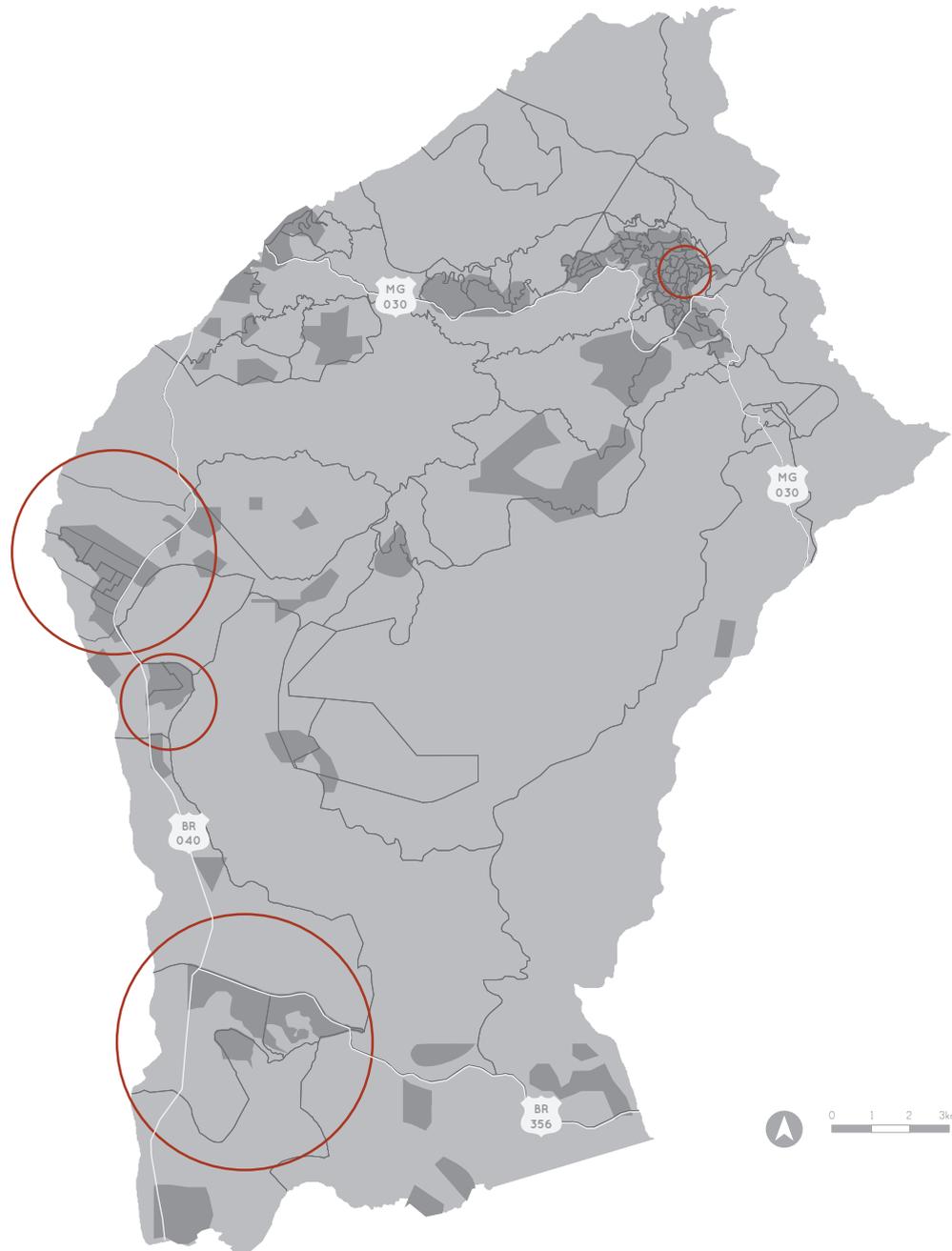
Classe	Classificação	Renda per capita
A	Alta	Maior que 5 salários mínimos
B	Média alta	De 2,5 a 5 salários mínimos
C	Média	De 1 a 2,5 salários mínimos
D	Média baixa	De 1/2 a 1 salário mínimo
E	Baixa	Até 1/2 salário mínimo

Adotando-se o mesmo critério dos mapas do subcapítulo 5.1. Jardim Canadá no IBGE, os dados do bairro foram comparados com outras 3 regiões do município de Nova Lima: Vale do Sol, Alphaville e trecho do Centro. O que se observa é que a distribuição por faixa de renda do Jardim Canadá é muito semelhante à distribuição do Centro de Nova Lima, com predomínio das faixas de 1/2 a 2 salários mínimos per capita

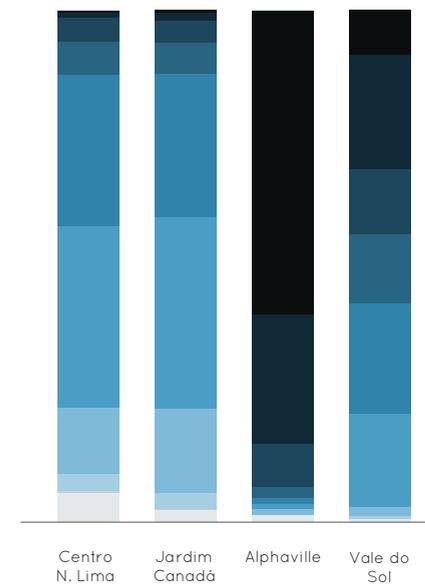
nos domicílios permanentes (cerca de 65% dos domicílios) e presença significativa de uma população vulnerável (abaixo de 1/2 salário mínimo – cerca de 20%). Ao lado desta população, há a presença de uma classe média à alta (6% entre 2 a 3 salários mínimos e 6% acima disto). O mesmo não se pode dizer em relação ao Vale do Sol e ao Alphaville. No primeiro, há uma distribuição equilibrada de faixas de renda entre os domicílios, embora a ocorrência de população vulnerável seja desconsiderável. No caso do Alphaville é gritante a concentração de uma classe alta, com predomínio de domicílios com rendimento mensal per capita acima de 10 salários mínimos. Além disso, observa-se que, em números absolutos, apesar do número muito inferior de domicílios no total, há uma quantidade muito maior de domicílios com renda acima de 5 salários do que nos outros bairros. Este perfil deve ser semelhante aos dos outros condomínios no município de Nova Lima. Isso corrobora a percepção de que esta é uma forma de urbanização segregadora, enquanto que o Jardim Canadá comporta-se com um tecido social mais próximo da composição geral da população metropolitana de Belo Horizonte.

Ao avaliar esta distribuição dentro do próprio bairro, percebe-se que há relativa homogeneidade entre os setores. No entanto, esta homogeneidade se deve mais à falta de correspondência entre divisão de setores e divisão de características de uso e ocupação do solo. Por isso, é importante contrapor esses dados à observação do que ocorre no bairro como registrado nos mapas de população vulnerável no capítulo anterior, considerando as sutis variações como indicadores relevantes. Desta maneira, consegue-se reconhecer a concentração da população vulnerável na região mais antiga do bairro, palco das primeiras ocupações (o que corresponde aos setores 79, 81 e 83). Nestes setores a população vulnerável encontra-se acima da média, com cerca de 30% dos domicílios apresentando-se com até 1/2 salário mínimo per capita. O setor 78 destaca-se por ter menor concentração desta faixa e a maior concentração de domicílios com renda per capita entre 2 a 3 salários mínimos. Este setor também abriga primeiras ocupações do bairro, no entanto, de famílias que se consolidaram. O setor 82, apesar da presença de população vulnerável possui cerca de 21% de seus domicílios com rendimento per capita acima de 3 salários (o que representa uma classe média à alta), enquanto que no restante do bairro, esta proporção fica em torno dos 5%. Nesta região está a ocorrência do maior número de habitações unifamiliares de luxo e de galpões comerciais e industriais e consiste, como se verá no mapa de Valorização Imobiliária, região de preços mais elevados de terreno.

RENDIMENTO NOMINAL SETORES DE NOVA LIMA



Rendimento nominal mensal domiciliar per capita



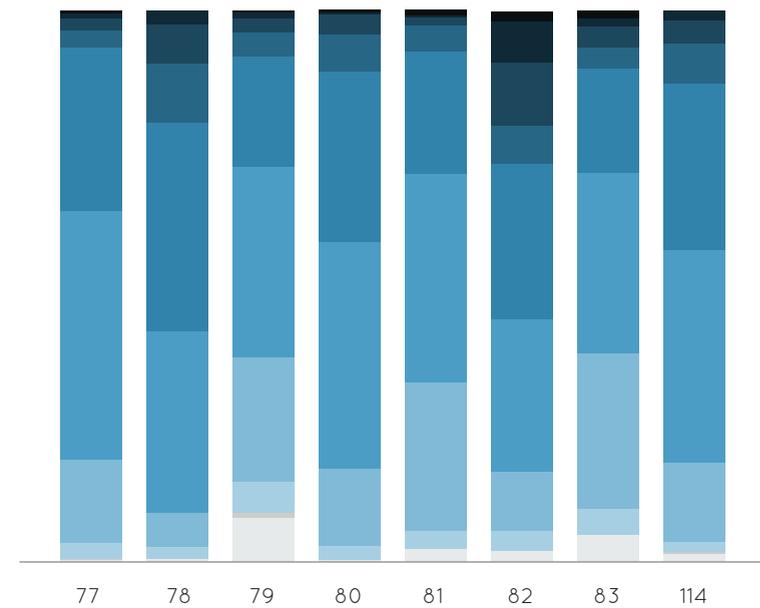
RENDIMENTO NOMINAL

BAIRROS DE NOVA LIMA



JARDIM CANADÁ

Rendimento nominal mensal domiciliar per capita por setor censitário



6.1. DINÂMICA IMOBILIÁRIA DO JARDIM CANADÁ

Este mapa foi produzido como atividade didática da disciplina UNI009 - Oficina Multidisciplinar: Projetos Socio-Ambientais IV, no 2º. semestre de 2012, pelos alunos Arthur Borges Lisboa, Ceci Nery Batista e Luiza Moura. O objetivo era fazer um levantamento da dinâmica imobiliária do bairro, procurando compreender as relações entre os processos de negociação, venda e especulação da terra com o próprio processo de produção do espaço e (re)produção social. Haveria uma lógica de segregação social no processo de valorização imobiliária no Jardim Canadá? A metodologia de trabalho incluiu pesquisas sobre anúncios de compra, venda e aluguel no bairro e entrevista com corretores imobiliários locais, buscando construir um mapa coletivo com esses atores.

Assim, além de informações mais específicas sobre os valores de comercialização de imóveis, interessava resgatar histórias e a percepção desses agentes sobre o bairro. Das várias imobiliárias contatadas na região, apenas uma se mostrou solícita a participar da pesquisa. Segundo opinião deste corretor, a recusa em participação dos agentes imobiliários da região em pesquisas como esta, deve-se a enorme presença de negociações informais no bairro. Essa opinião foi corroborada por advogado que atua no bairro em causas fundiárias. O Mapa xx Ocupação Formal e Informal, apresentado no capítulo seguinte, revela a proporção desta ocupação informal. No mapa de Valorização Imobiliária, desenvolvido pela equipe de alunos, não há uma distinção entre mercado formal e informal, pois, independente da questão legal - isto é, da existência de registros e escrituras, do atendimento à normativa urbanística, da delimitação oficial de lotes - há uma intensa dinâmica imobiliária no bairro, onde os atores se misturam e um mercado influi sobre o outro.

O mapa apresenta alguns valores de lotes vagos e destaca zonas mais e menos valorizadas. As áreas mais valorizadas são: a industrial, à nordeste, com grandes conjuntos de lotes agregados, de interesse de indústrias e empresas, e um pequeno trecho, à noroeste, de predominância residencial, com concentração de edificações de alta qualidade. No caso da área industrial, há uma correspondência desta valorização com o zoneamento da região (Zona Industrial) e seu histórico de ocupação. Esta região só começou a ser efetivamente ocupada nos anos 1990, justamente com a implantação de grandes empresas e indústrias, muitas delas relacionadas à atividade de construção civil. Existem raríssimas habitações neste setor e sua paisagem é dominada por grandes galpões, muros e presença de caminhões nas vias.

O setor residencial de alto padrão construtivo, também se encontra na área de ocupação mais recente do bairro, denominada de Jardim Canadá II. Sua ocupação foi posterior às ondas de invasões que caracterizou a ocupação do Jardim Canadá



I. Consistia, no final dos anos 1980, uma opção de moradia, para a classe média, alternativa aos muitos valorizados lotes de condomínio fechado no agradável subúrbio do vetor sul. Houve um boom de construções de residências nesta região nos anos 1990, tendo arrefecido sobremaneira recentemente. Mesmo assim, os lotes disponíveis nesta região têm sido comercializados a preços mais elevados em relação às outras áreas residenciais do bairro, e em relação ao bairro Vale do Sol (loteamento próximo ao Jardim Canadá, sem as características de condomínio fechado, nem de centralidade de comércio e serviços). Suspeita-se que a valorização deste setor, deve-se mais ao interesse de instalação de pequenas empresas e de alojamentos do que de habitação.

Outro pequeno foco residencial de classe média pode ser observado em trecho próximo à divisa com a Mina Capão Xavier, onde se localizava o lote mais caro naquela data. Muitas das residências deste local, construídas nos anos 1980 a 1990, funcionavam como casas de campo. Devido a conflitos com a atividade mineradora, esta área tem sido paulatinamente esvaziada de classe média, abrigando novas moradias mais simples e alojamentos para trabalhadores. Esses dois fenômenos - da mineração e dos alojamentos - serão discutidos mais a frente.

Voltando ao mapa de valorização imobiliária, observa-se que a área de menor especulação corresponde à área de ocupação mais recente á noroeste do bairro. Coincide com áreas com grande presença de lotes vagos e habitações informais, autoconstrução ainda não consolidadas. Muitos terrenos são comercializados como “meio-lotes” sem registro.

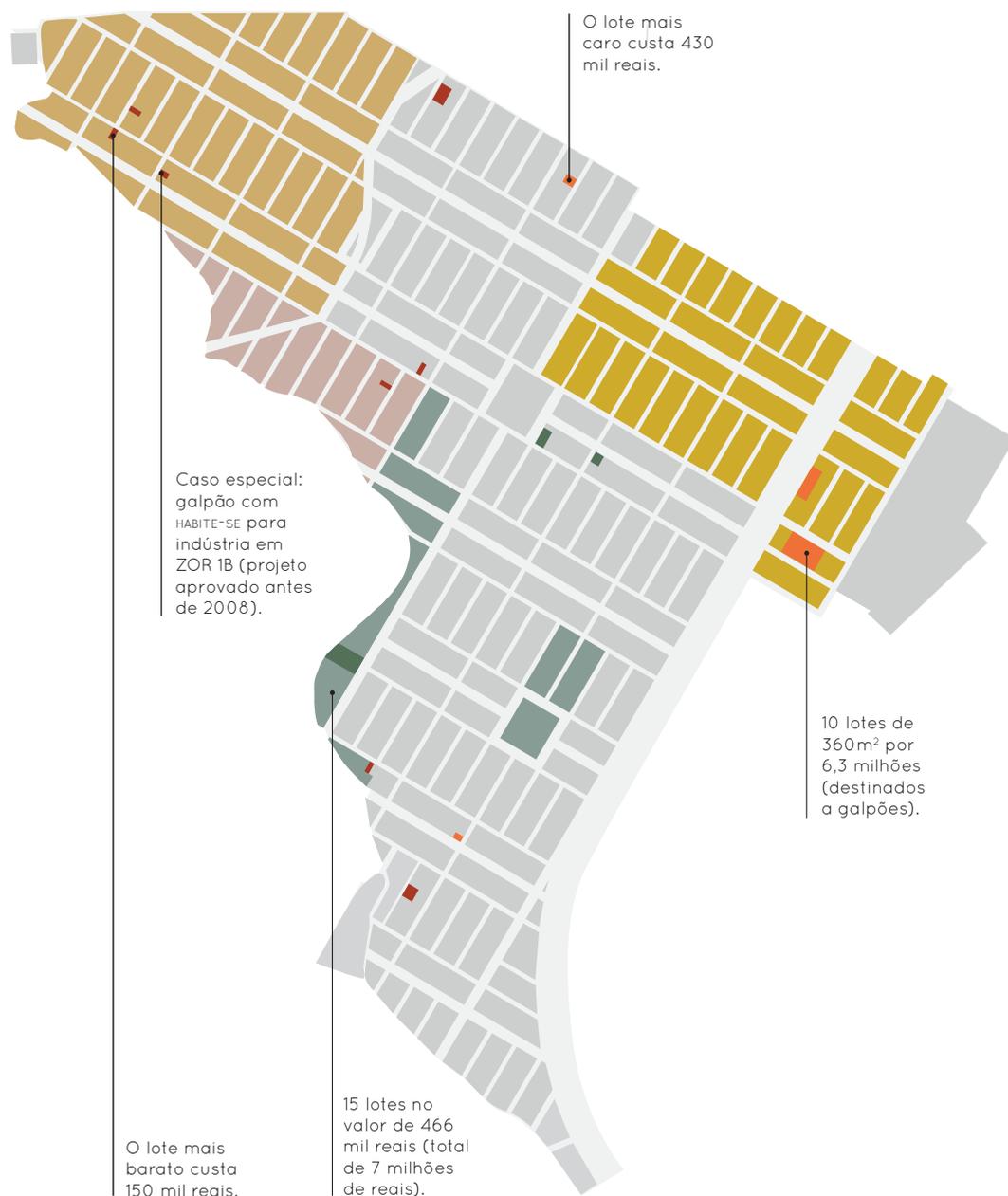
O setor mais antigo do bairro, conhecido como Jardim Canadá I, onde se concentra a maioria dos habitantes socialmente vulneráveis, é justamente o setor de maior conflito de interesses. São poucos lotes disponíveis, grande densidade populacional e crescente interesse por ocupação de empresas de serviços e comércio de médio a grande porte, principalmente na faixa adjacente à Avenida Toronto, via de acesso e conexão entre bairro, rodovia e condomínios. O resultado é um aumento do preço dos imóveis e, principalmente dos aluguéis, afetando negativamente a população vulnerável.

No mapa estão destacadas também as áreas classificadas pela Lei de Uso e Ocupação do Solo como Zona Especial de Interesse Social. O objetivo deste destaque é registrar uma ocorrência relevante, observada em 2012: estavam sendo comercializados, nesta Zona, 15 lotes no valor de 466 mil reais cada (total de 7 milhões de reais). Isso demonstra que o mercado tende a estabelecer uma dinâmica não compatível com a designação da legislação para esta região, enfraquecendo o potencial do bairro em abrigar uma população vulnerável próxima à crescente infraestrutura e proximidade com oportunidades de emprego.



DINÂMICA IMOBILIÁRIA

JARDIM CANADÁ



6.1. JARDINS E JARDINEIROS

O Mapa Jardins e Jardineiros também foi elaborado dentro da disciplina UNI009 - Oficina Multidisciplinar: Projetos Socio-Ambientais IV, no 2º, com autoria dos alunos Wladimir F. Drumond Pereira, Wilson André Camargo Hirle, Igor Guelfo do Nascimento e Luiza Magalhães. Num primeiro contato com o bairro, os estudantes foram despertados pela forte presença de floriculturas e jardins muito bem tratados em algumas residências simples, indicando certa relevância econômica e também cultural da jardinagem na região. Além disso, levantaram a hipótese de que a população local, composta, na sua maioria de migrantes recentes vindos de pequenas cidades do interior do Estado, trariam saberes e técnicas rurais que poderiam ser valorizadas. O objetivo deste mapa, então, seria o de cartografar saberes populares sobre jardinagem na tentativa de construir uma compreensão dos processos econômicos e culturais presentes no bairro relacionados a esta atividade, observando as forças que ligam o território local ao global. Além do objetivo investigativo, procurava-se contribuir para a formação de uma rede de jardineiros autônomos no bairro.

A metodologia consistiu em mapear as floriculturas e floricultores existentes no bairro, realizando entrevistas. Nas floriculturas, colheram informações sobre as principais espécies comercializadas, onde são produzidas e para onde são vendidas. As espécies mais procuradas são exógenas, flores e folhagens típicas de climas mais frios e “europeus”, distintas das espécies características da paisagem local de cerrado. A paisagem bucólica e campesina a que procuram as moradias dos condomínios que fugiram da cidade revela-se uma natureza artificial, que demanda todo um ciclo produtivo e econômico para além do território local. Com o objetivo de explicitar esta controvérsia, o grupo estimou a produção de CO2 produzida por uma viagem de carregamento de mudas, do local do plantio ao de comercialização.

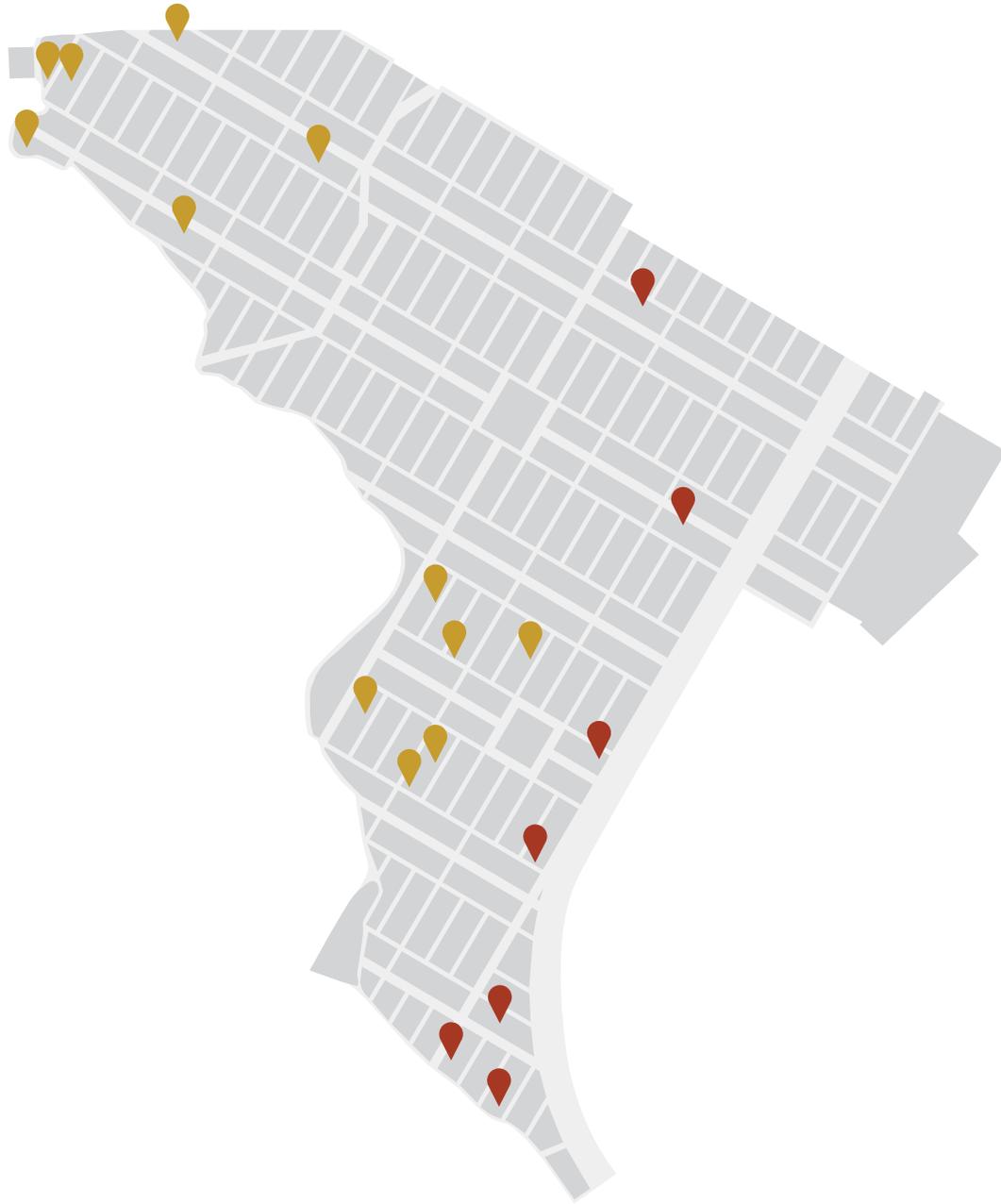
Outro aspecto observado pelos alunos foi a relação de trabalho entre jardineiros e floriculturas. Estas se queixavam da dificuldade de manter uma mão de obra qualificada, pois os funcionários treinados pela empresa a abandonavam para seguir uma carreira de autônomo. Pelo ponto de vista dos jardineiros, numerosos no bairro, há uma grande oferta de trabalho nos condomínios da região, permitindo-lhes ampliar as opções de emprego e trabalho. Para encontrar esses jardineiros, os alunos utilizaram de informações repassadas pelas floriculturas, mas também observaram no bairro residências com jardins destacados, tomando como pistas para encontrar seus jardineiros.

Após um contato com vários jardineiros, poucos se disponibilizaram a contribuir para a produção de um mapa coletivo sobre os saberes de jardinagem. Os alunos criaram um banco de dados com o registro dos jardineiros que foi disponibilizado posteriormente ao CRAS – Centro de Referência da Assistência Social da Regional Noroeste de Nova Lima, para o contato de possíveis atores sociais para a implantação de horta comunitária no bairro.



JARDINEIROS E FLORICULTURAS

JARDIM CANADÁ



Cidades fornecedoras	Itabirito MG	D. Eusébia MG	Holambra SP
Distância até o Jardim Canadá, em quilômetros	38	269	555
CO ₂ gerado no transporte das plantas, em quilogramas	9	67	138
Anos gastos por uma árvore para absorver o CO ₂ gerado	7	52	108



Plantas usadas em jardins



Plantas da flora local



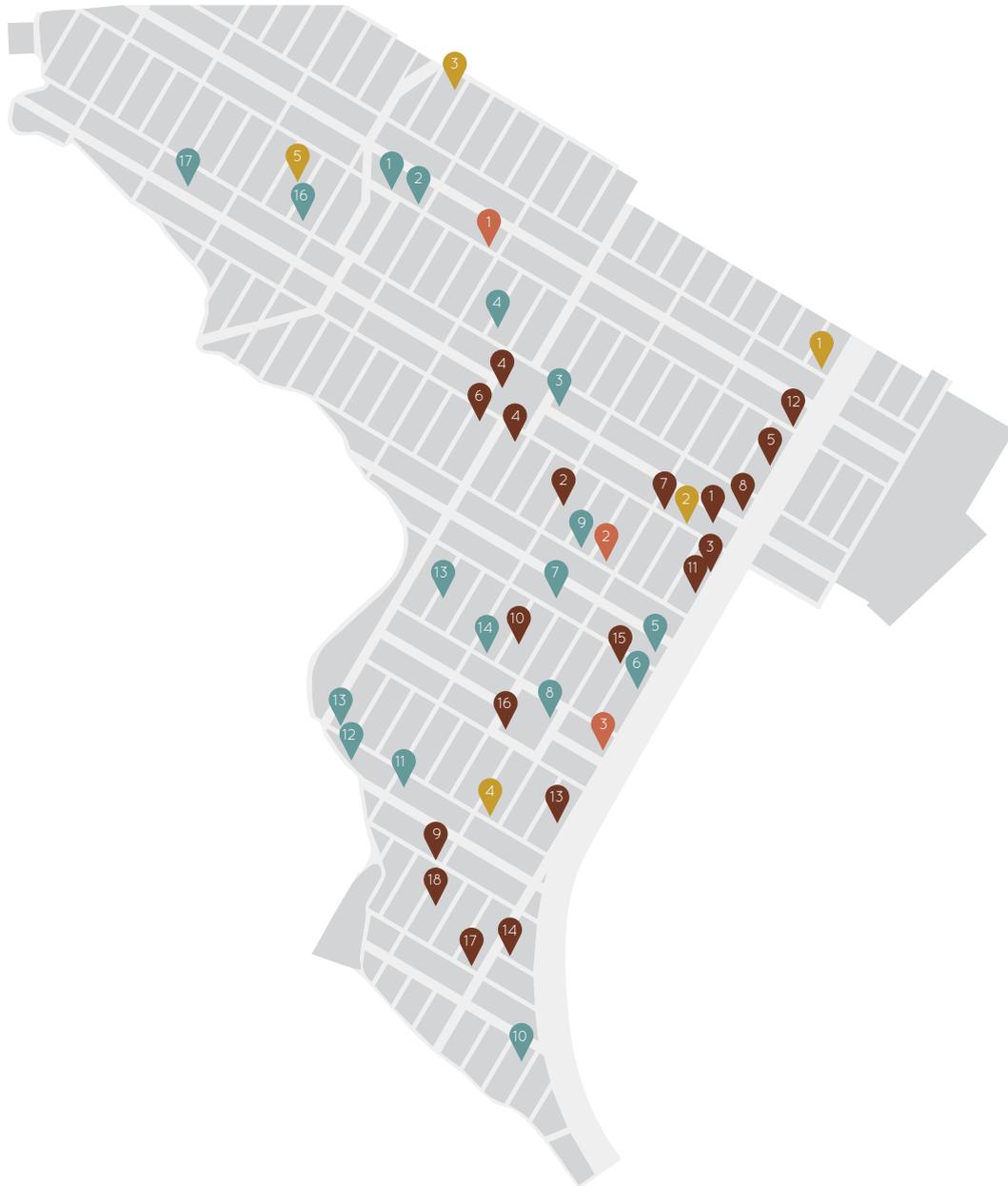
6.1. RESTAURANTES

Como mais um mapa produzido no contexto da disciplina UNI009 - Oficina Multidisciplinar: Projetos Socio-Ambientais IV, no 2º. semestre de 2012, apresenta-se o Mapeamento de Restaurantes e Bares do Jardim Canadá, elaborado por Matheus de Faria Jacob, Sarah de Matos Pereira, Henrique Lopes Vianna Teixeira, Thuane Muck. Embora não tenham logrado uma metodologia colaborativa, como gostariam, procuraram revelar, através da visualização, sobre o território, de informações inusitadas, como a diversidade de locais relacionados com alimentação e lazer, a complexidade da mistura de renda e de classes que ocorre no bairro. A intenção seria produzir um guia gastronômico do bairro que colocasse lado a lado, os restaurantes de luxo e vendas de sanduíches improvisadas na rua. Mais do que o mapa, com a localização desses lugares, o grupo recorreu ao recurso da colagem e fotomontagem para ilustrar esta diversidade.



BARES E RESTAURANTES

JARDIM CANADÁ



Comida

- | | | |
|--------------------|----|--------------------------|
| COMIDA SOFISTICADA | 1 | Capim Limão |
| | 2 | La Victoria |
| | 3 | Verde Mar |
| CHURRASCO | 4 | Barraca de churrasquinho |
| | 5 | Chefão |
| FAST FOOD + PIZZA | 6 | Esquina da Praça |
| | 7 | Sorveteria Gelado |
| | 8 | Pizza&Pasta Shopping |
| | 9 | Trailer |
| | 10 | Pizzaria Canadá |
| COMIDA MINEIRA | 11 | Verde Mar |
| | 12 | Cantinho Mineiro |
| | 13 | Faz de Conta |
| | 14 | Caminho de Minas |
| SELF-SERVICE | 15 | Restaurante Cristal |
| | 16 | Lanche e Restaurante |
| | 17 | Paz e Pronto |
| | 18 | Restaurante Fortaleza |



Bebidas

- | | |
|----|-----------------------|
| 1 | Bar do Peixe |
| 2 | Mercearia Rola Moça |
| 3 | Cervejaria |
| 4 | Bar sem nome |
| 5 | Bar do Amor |
| 6 | Bar do Túnel |
| 7 | Bar do Jabá |
| 8 | Bar do Pablo |
| 9 | Bar sem nome II |
| 10 | Bar do Povo |
| 11 | Bar da Graciane e Léo |
| 12 | Bar da Lourdes |
| 13 | Bar sem nome III |
| 14 | Bar da Lora |
| 15 | Bar Rei do Gole |
| 16 | Bar dos Amigos |
| 17 | Bar do Carmo |
| 18 | Mercearia Rola Moça |



Comida

- | | | |
|-------------------|---|--------------|
| BAIXO CUSTO | 1 | Bar do China |
| CHURRASCO | 2 | Bar do Café |
| FAST FOOD + PIZZA | 3 | Lions Pub |



Variedades

- | | |
|---|------------------------|
| 1 | Barraca de coco gelado |
| 2 | S&A Marmitex |
| 3 | BR Carvalho Marmitex |
| 4 | Banquete Marmitex |
| 5 | Picolé e sorvete |

6.1. ALOJAMENTOS

Uma ocorrência extremamente potente, mas pouco visível numa observação superficial do bairro, é a presença de muitos alojamentos de trabalhadores. Os indícios de sua existência começaram a nos aparecer a partir de relato de moradores e de agentes sociais atuantes no bairro, pois pessoas diretamente envolvidas com os alojamentos – como os empregadores, agenciadores e seus próprios moradores – evitavam dizer abertamente sobre a condição de sua habitação temporária. À medida que a equipe imergia no cotidiano do bairro, essas barreiras foram sendo desnudadas e pudemos conhecer muito desses lugares e seus habitantes. Uma complexa rede de relações, entre questões econômicas, sociais e culturais, se revelava com repercussões interessantes sobre o território. Pela riqueza da complexidade suscitada pelo tema, tornou-se imperativo para a pesquisa investigá-lo.

Inicialmente, interessava encontrar uma estratégia para localizar esses alojamentos, já não são facilmente visíveis apenas percorrendo-se o bairro. Além das redes de relações que as atividades de extensão iam criando no bairro (e, portanto, levando-nos a alguns alojamentos), grande contribuição foi dada por corretores de imóveis da região e por agentes do Posto de Saúde da Família – PSF – localizado no bairro. Encontramos duas estratégias para esta tarefa: informações junto às corretoras e junto ao PSF. Para funcionários do PSF, a ocorrência de alojamentos é um tema relevante, pois, além de impactar na previsão de pessoas atendidas pela unidade (uma vez que muitos dos alojamentos não são oficializados e não são registrados como habitação), elevam os problemas relacionados com abuso de drogas e sexuais¹. No caso dos corretores de imóveis, a alocação de imóveis para alojamentos tem se tornado uma das principais atividades imobiliárias da região. A grande procura por edificações que pudesse ser adaptadas, tem elevado o preço de aluguel no bairro e dificultado, para o morador comum, o acesso às casas da região. Observa-se também já o surgimento de empreendimentos de construção civil, produzindo alojamentos que possam ser alugados ou terceirizados para empresas. Este é um setor econômico em franca ascensão no bairro, que tem uma repercussão não só econômica como também de conformação do espaço urbano.

Tendo acesso ao endereço de alojamentos, com algumas exceções, encontramos muita resistência para colher informações sobre a empresa responsável pelo alojamento, quantidade de pessoas que habitavam e o perfil dos moradores/trabalhadores. Há, por parte dos administradores desses estabelecimentos, uma intenção de que esses alojamentos não apareçam e se mostrem como tal. A razão

1. Segundo entrevistas realizadas com Márcia, coordenadora do CRAS Noroeste Nova Lima e dados discutidos nas Reuniões Setoriais, coordenadas pelo CRAS, das quais participaram membros da equipe de pesquisa e extensão do DESEJA.CA, durante o ano de 2013.

desta resistência, bem como da pouca visibilidade dos alojamentos no bairro, deve-se ao tênue limite que o tema tem com o problema do trabalho escravo, o aliciamento ilegal de mão de obra oriunda do interior² e de outros estados e com a fiscalização das condições precárias para o trabalhador.

Pelas entrevistas, conclui-se que a grande maioria dos trabalhadores em alojamento estão ligados aos setores da construção civil e mineira, embora muitos das grandes empresas envolvidas terceirizam serviços para pequenas empresas e agenciadores de mão de obra responsáveis pelos alojamentos. Devido à fiscalização do Ministério Público do Trabalho, algumas empresas mantêm um controle de alojamentos terceirizados para garantir atendimento a exigências legais. De fato, encontramos alguns alojamentos com boa infraestrutura e razoavelmente adaptados. Nesses locais, os trabalhadores têm seus direitos atendidos, inclusive com direito às viagens periódicas para o local de origem. Mesmo assim, grandes empresas do setor de mineração costumam não assumir publicamente a relação com esses alojamentos³.

As situações mais precárias estão ligadas ao setor da construção civil. Um esquema ilegal de aliciamento de mão de obra no interior e outros estados foi delatado em reportagem do Estado de Minas em 14/05/2013. Em vez de manter seus próprios alojamentos – o que revelaria o aliciamento ilegal e que demandaria o atendimento a certas condições de habitabilidade – esses agenciadores terceirizam essa parte, desvinculando os trabalhadores dos canteiros de obra. Interessa, para essas empreiteiras terceirizadas, instalar os trabalhadores aliciados em locais distantes das obras e em lugares improvisados que podem ser trocados com facilidade, se for necessário para ludibriar a fiscalização. Na eminência de uma fiscalização, a empresa deve recolher rapidamente os pertences dos trabalhadores, as carteiras de trabalhos e transferi-los para outro local, não deixando vestígio de alojamento⁴.

2. Pela legislação brasileira, é possível contratar trabalhadores em outras regiões, desde que o contrato de trabalho seja celebrado no local de origem, isso é o trabalhador deve ser submetido ao exame médico admissional e ter Carteira de Trabalho assinada na origem para que durante a viagem ele já esteja protegido pela legislação trabalhista e previdenciária. O aliciamento ilegal, além de não cumprir essas exigências, costuma enganar os trabalhadores, cobrando pelos custos da viagem e não garantindo o trabalho prometido.

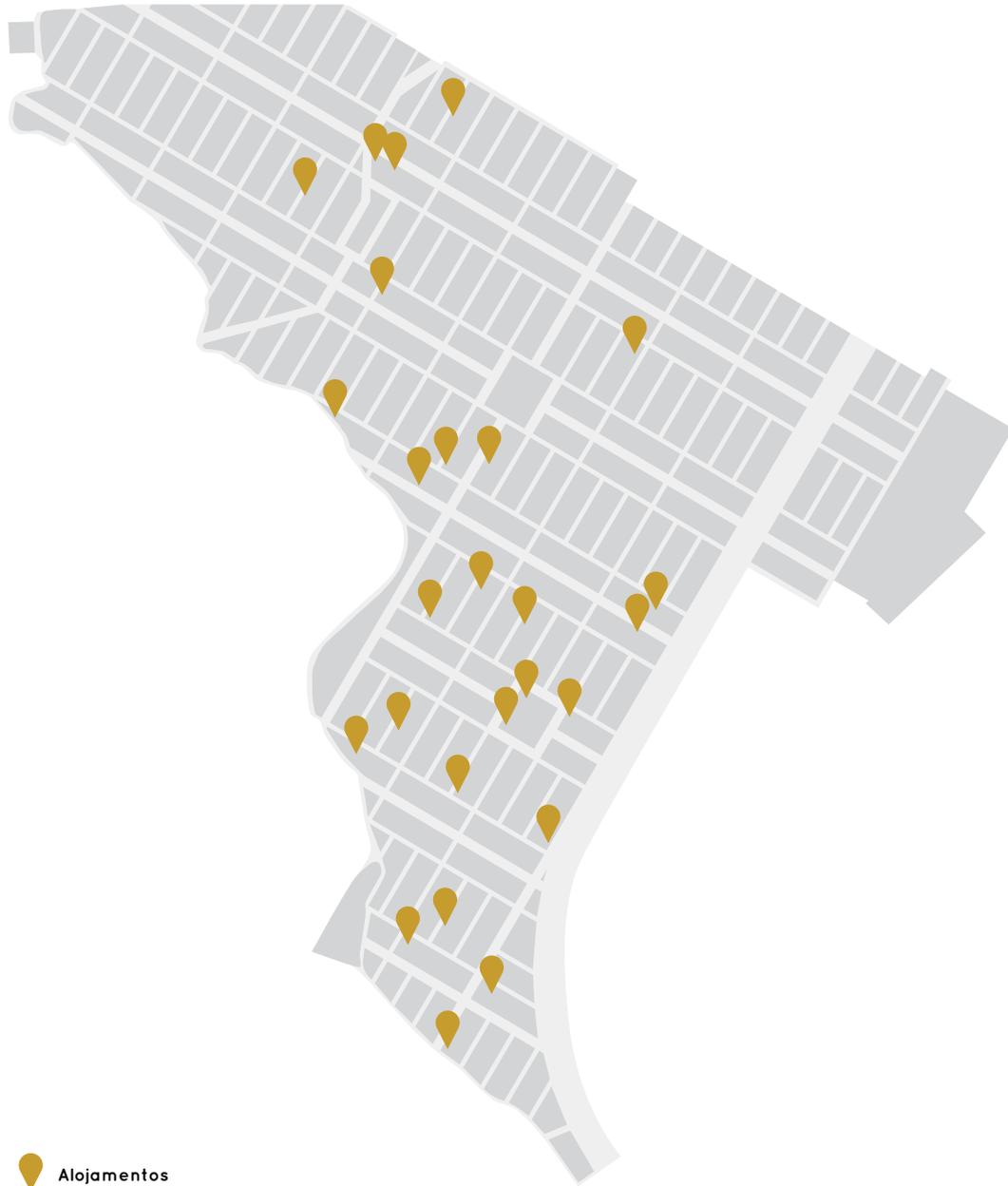
3. Por exemplo, a Empresa VALE não possui alojamentos na região, embora algumas empresas que lhe prestam serviço sim. Mesmo assim, fiscalizam os alojamentos dessas empresas terceirizadas. Em visita técnica da Equipe ao Complexo Mineiro Paraobeba, em xx/xx/2013, a Empresa, quando perguntada sobre o impacto social e econômico dos alojamentos no Bairro Jardim Canadá, apenas ressaltou que não possuem empregados em alojamentos naquele bairro.

4. Baseado em relato ao Estado de Minas, de agenciador de mão de obra, apelidado Gato Seco, que concordou em contar como se dá hoje em dia o emprego de mão de obra em condições análogas às de escravidão, com a condição de não ter o nome revelado.





ALOJAMENTOS LOCALIZAÇÃO



 Alojamentos

ÁREAS DE ATUAÇÃO
Os moradores de alojamentos geralmente trabalham nas áreas de mineração e construção civil, deslocando-se diariamente para obras ou minas próximas.

PORTE
Os alojamentos variam no número de moradores, podendo abrigar grupos pequenos de 5 pessoas, aproximadamente, ou grupos maiores, podendo chegar a 120 pessoas

ORIGEM
Os moradores de alojamentos vem de diferentes regiões do país, especialmente do Nordeste, dispostos a abdicar da presença de familiares, temporariamente, em busca de emprego

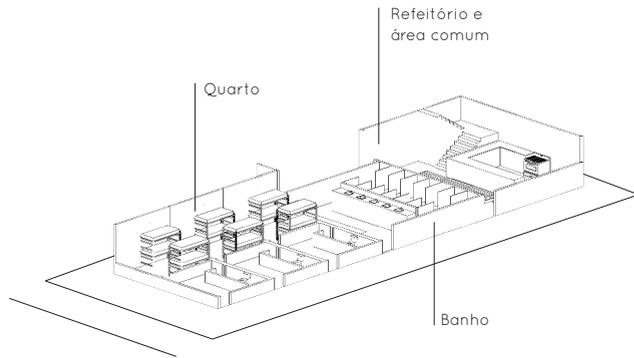
VISITAS
Os trabalhadores recebem, a cada 60 dias, usualmente, folga remunerada e deslocamento pago pela empresa para rever a família, por alguns dias, e para voltar ao local de trabalho

ROTATIVIDADE
Como são majoritariamente contratados para serviços temporários uma vez que um trabalhador termina seu serviço ele é remanejado para onde sua mão de obra é necessária

SERVIÇOS
Os serviços domésticos dos alojamentos são geralmente desempenhados por faxineiras diaristas, moradoras do Jardim Canadá: os alojamentos movimentam a economia local

LAZER
Devido à carência de opções de lazer no Jardim Canadá, os trabalhadores buscam, em sua maioria, diversão no centro de Belo Horizonte, aos finais de semana e dias de folga

ALOJAMENTOS TIPOLOGIAS



TIPOLOGIA 1

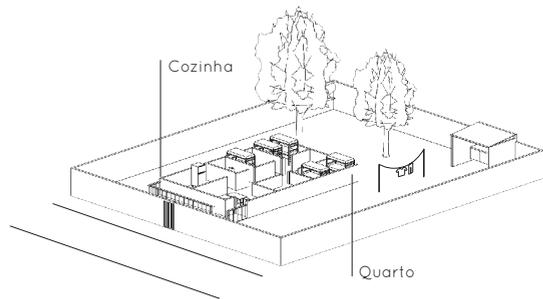
Edificações planejadas para serem alojamentos, com vários quartos compartilhados, vestiários, área de refeitório e de lazer comum. Estão ligados a empresas de maior porte.



TIPOLOGIA 1



TIPOLOGIA 1



TIPOLOGIA 2

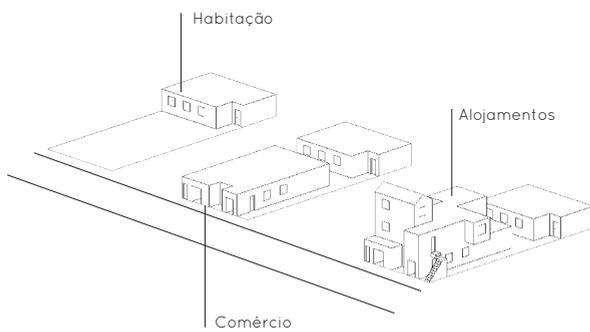
Residências unifamiliares grandes que são adaptadas para abrigarem um número maior de pessoas. A lógica de cômodos se assemelha à tipologia 1, porém, os cômodos são menores e se adaptam ao novo uso.



TIPOLOGIA 2



TIPOLOGIA 2



TIPOLOGIA 3

Quartos para aluguel em construções informais, compartilhando outros usos no mesmo lote. O aluguel dos espaços é fonte de renda para o proprietário do lote.



TIPOLOGIA 3



TIPOLOGIA 3

6.1. MINERAÇÃO

O Bairro Jardim Canadá localiza-se dentro do chamado Quadrilátero Ferrífero, área de aproximadamente 7000 km² em que se concentra uma das maiores reservas de minério ferroso do Brasil. É uma das principais regiões responsável pela participação de grande destaque do Estado de Minas Gerais e do próprio Brasil, no mercado global, como exportadores de minério de ferro. Além do minério de ferro, a região de Nova Lima abrigava expressiva reserva de ouro, explorada desde o séculos XVIII, de forma que a história de ocupação de Minas Gerais e, no caso, de Nova Lima, está intimamente relacionada com esta exploração. Esgotado o período áureo do ouro¹, a exploração do minério de ferro é hoje a principal atividade econômica do município. A partir dos anos 1960, o setor da minero-siderurgia recebeu intenso aporte do governo estadual e federal, em políticas desenvolvimentistas, voltadas para o capital estrangeiro e amparadas pelas facilidades de regulamentação dos empreendimentos concedidas pelos órgãos ambientais apesar dos prejuízos que podiam trazer ao meio ambiente e a sociedade. (FIRPO, 2010)

O Jardim Canadá, assenta-se sobre esse rico terreno ferroso, no entanto, quando de sua inauguração, no fim dos anos 1950, ainda não convivia, em seu entorno imediato, com a atividade mineira. Somente em 1970, a empresa MBR (Mineração Brasileiras Reunidas), atual VALE², se instala no município e começa a investir pesadamente em novas frentes de exploração de minério, com impacto direto no Jardim Canadá (DURCHFORT, 2011, p. 6). A Mina Capão Xavier, entrou em operação em julho de 2004, como uma mina de minério de ferro lavrada á céu aberto, após conflituoso processo de licenciamento iniciado em 1998³.

Por sua grande importância, a temática mineira, embora já tenha resvalada em quase todos os assuntos abordados sobre o Jardim Canadá, precisava ser abordada de forma mais específica, tratando de buscar pelos traços que ligam uma atividade de forte caráter global com o território local, que ligam a logística da macro economia às singularidades da vida cotidiana. O gigantismo da Mina Capão Xavier em comparação com a escala do bairro vizinho é uma manifestação imediata dessa relação. Mas isso não se percebe facilmente. Só a quem é permitido adentrar os limites dos terrenos da mineradora, esse gigantismo se revela em sua plenitude.

1. Em 2003, encerrou-se a produção da mina de Morro Velho, principal jazida de ouro de Nova Lima, depois de 278 anos de exploração quase ininterrupta e aproximadamente 800 toneladas de ouro extraído. (FIRPO, 2010)

2. A MBR, antiga Icominas, foi fundada em 1965, fruto de uma parceria entre a Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração (Caemi) e a americana Bethlehem Steel. Em 2006, foi incorporada à empresa Vale do Rio Doce, hoje apenas VALE S.A.

3. Sobre o histórico desse licenciamento, ver WELTER (2008), FIRPO (2010) e Movimento Capão Xavier Vivo, disponível em movimento@capaoxaviervivo.org.br.

Várias barreiras físicas, estrategicamente posicionadas⁴, evitam ao habitante do bairro e aos passantes na via BR a visualização da abissal cava e de todo o movimento de caminhões, tratores e máquinas para a extração e transporte do minério de ferro no Complexo Paraobeba, do qual Capão Xavier faz parte. No entanto, apesar das barreiras de visibilidade, Mina e Bairro não são apenas vizinhos, mas estão profundamente conectados, entrelaçados para além das cavernas subterrâneas do solo ferroso sobre qual repousam.

O mapeamento aqui apresentado consistiu numa tentativa de colocar em linguagem visual uma série de informações que explicitem, de maneira simplificada, a atividade mineira na região e de que maneira ela se liga ao global. Os primeiros mapas tratam da escala macro e, sucessivamente, as escalas dos mapas vão se aproximando para se chegar ao território local do bairro. Passa-se pela participação do Estado de Minas Gerais no mercado global, pelo amplo território que a atividade abrange - do local da extração aos portos por onde se escoo o minério para o mundo, até às operações próximas ao Bairro e seus impactos locais.

Muitas medidas são tomadas pela empresa mineradora para mitigação e compensação dos impactos de sua atividade, uma exigência legal. Os aspectos ambientais são os mais destacados, como o problema do tremor do solo e ruídos gerado pelas explosões, o problema do rebaixamento do lençol freático, o controle da qualidade da água potável na região (lembrando que a Mina localiza-se junto aos principais mananciais que abastecem a região Metropolitana de Belo Horizonte) e a emissão de poeira no ar. Independente da eficácia das medidas tomadas, o que se destaca é o grande investimento que a empresa faz para que essas medidas pareçam eficazes. Além das políticas de boa vizinhança, com o patrocínio de grupos culturais, de espaços públicos e programas sociais nos bairros vizinhos, alardeiam em outdoors na região as suas “boas ações”.

Os impactos ambientais são mais visíveis e intensamente abordados por estudos técnicos e por ativismo ambientalista, mas existem outros menos opacos. Referimo-nos aos impactos na escala da microeconomia local. Encontramos uma intensa rede de pequenos serviços e relações sociais que ligam a atividade mineira ao bairro. Numa primeira escala, destacamos os efeitos de uma relação mais direta no caso das empresas terceirizadas pelas mineradoras que ali se localizam, trazendo

4. Sobre o trabalho de controle da paisagem da Mina Capão Xavier, ver MOURA, Ana Clara. Simulação de transformação nas paisagens de mineração de ferro a céu aberto – Metodologia de análise e simulação de gestão de paisagens. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos917/paisagens-mineracao-ferro/paisagens-mineracao-ferro.shtml>

o movimento intenso de camionetes e caminhões no interior do bairro, que compartilham as vias, conflituosamente, com carros, ônibus, pedestres, bicicletas, carrinhos de bebês, crianças brincando. Segundo, há um grande número de funcionários utilizando cotidianamente serviços do bairro, principalmente os de alimentação. Terceiro, há a presença de alojamentos e toda demanda de serviços, comércio e relações sociais que esses moradores temporários trazem para o bairro: bares, restaurantes, lojas, lavadeiras, faxineiros, namoradas, igrejas, bancos, posto de saúde, cozinheiras, etc.

Uma ocorrência, também não visível, mas de grande impacto nos processos de ocupação do município de Nova Lima é a estrutura fundiária do município. Xx% de seu território é de propriedade de empresas mineiras, com destaque para VALE e Anglo GoldAschanti⁵, como mostra o mapa xx. A localização dessas propriedades coincide com as ocorrências dos grupos de solo da região. Essa situação fundiária coloca o poder de influência das empresas mineiras para muito além da atividade de mineração. Tem um papel crucial nos rumos que toma a ocupação urbana da região. No caso do Jardim Canadá, a única faixa lindeira ao bairro passível de expansão (pois não é mina, nem reserva ambiental) é de um único proprietário: a empresa Vale. Seria essa uma das razões para que não ocorram ocupações informais naquela área? Como essa, há muitas perguntas que se pode fazer sobre o futuro do bairro em função do futuro da atividade mineradora e dos interesses dessas empresas. Nos terrenos da AngloGold, deparamos hoje com uma intensa atividade imobiliária de condomínios de classe alta, aparentemente de menor impacto ambiental, mas muito menos fiscalizada que a atividade mineradora. O que dizer do impacto ambiental, social e econômico quando se esgotar a atividade da Mina Capão Xavier? Com previsão para fechamento em 1922, o plano de recuperação da Vale prevê para esta cava um lago de 140m de profundidade que, segundo pesquisas elaboradas pelo Movimento Capão Xavier Vivo, demandará rigoroso controle para evitar proliferação de gases de odor repugnante (MOURA, 2008).

5. A Companhia AngloGoldAshanti é o resultado da fusão, em 2004, entre a AngloGold e a Ashanti-Goldfields. A Anglo American Corporation, maior empresa de mineração de ouro do mundo, associa-se, em 1975, à Mineração Ouro Velho SA, importante empresa local, responsável pela extração de ouro em Nova Lima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

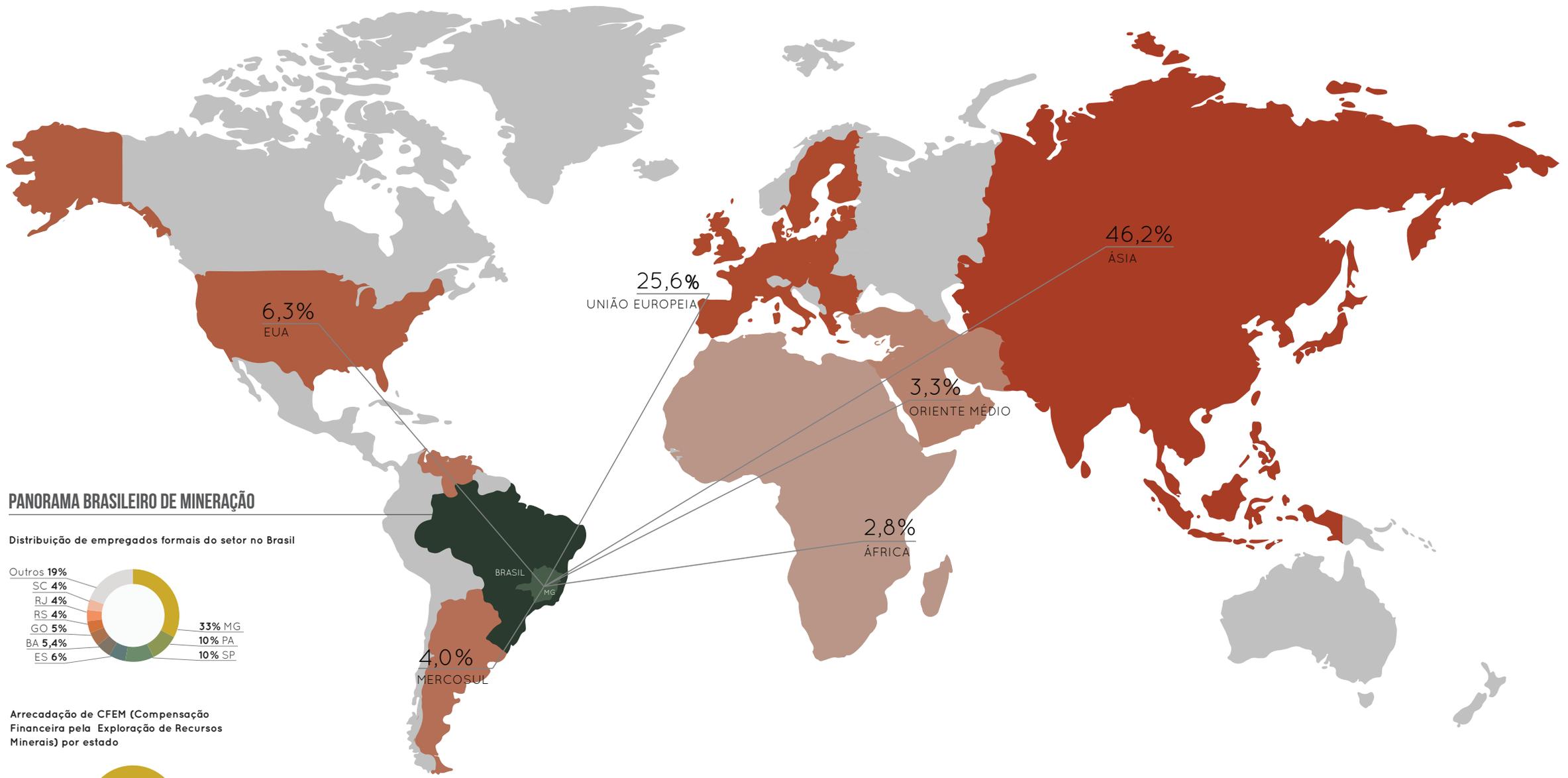
MOURA, Ana Clara. Simulação de transformação nas paisagens de mineração de ferro a céu aberto – Metodologia de análise e simulação de gestão de paisagens. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos917/paisagens-mineracao-ferro/paisagens-mineracao-ferro.shtml>

FIRPO, Marcelo (coord.) Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. FIOCRUZ e FASE, 2010. Disponível em: <http://www.conflitoambiental.iciet.fiocruz.br/index.php?pag=ficha&cod=43>. Consultado em 13/10/2014.

WELTER, Isabela. O Conflito por Água em Belo Horizonte: O Caso da Mina de Capão Xavier. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte: 2008. Disponível em <http://www.capaovivi.org.br/MONOGRAFIA%20de%20Isabela%20sobre%20a%20Mina%20Cap%3o%20Xavier%2030%2003%202009.htm>. Consultado em 13/10/2014.

DESTINO DO MINÉRIO

PRODUÇÃO DE MINAS GERAIS



PANORAMA BRASILEIRO DE MINERAÇÃO

Distribuição de empregados formais do setor no Brasil



Arrecadação de CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais) por estado

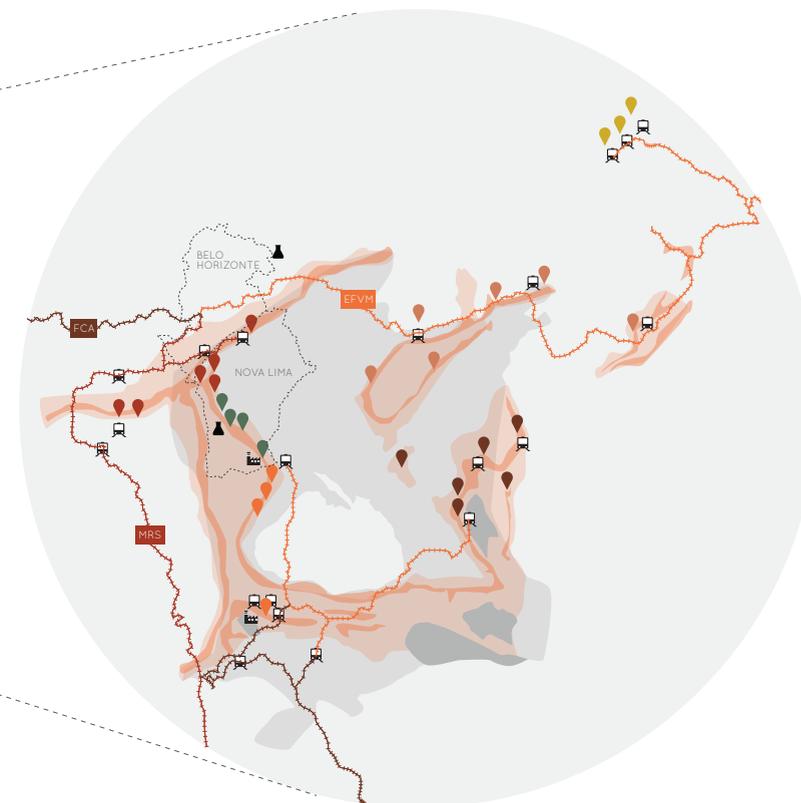
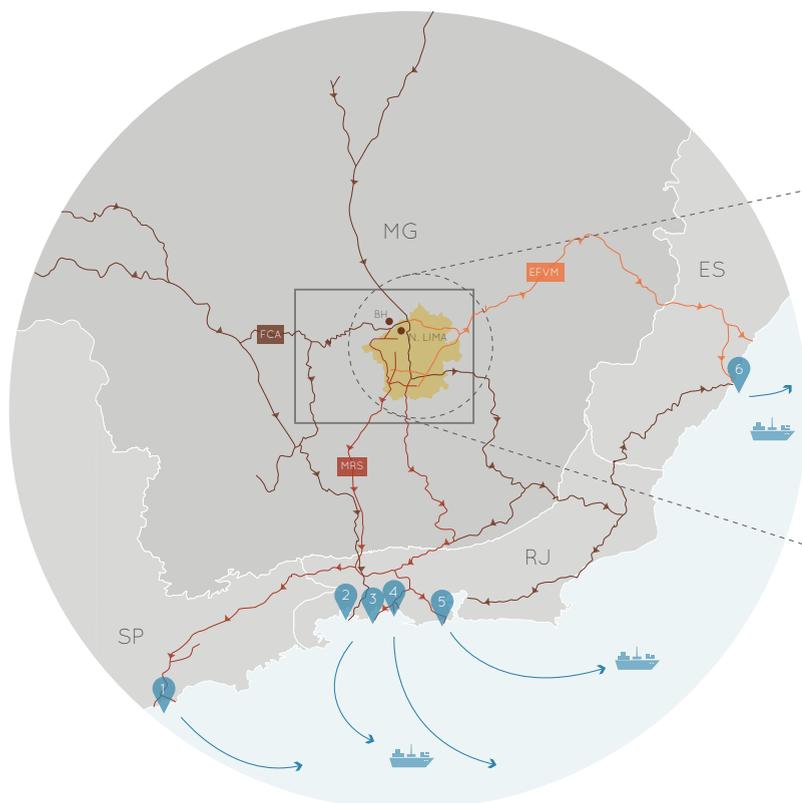


ESCOAMENTO DO MINÉRIO QUADRILÁTERO FERRÍFERO

geopark . quadrilátero . ferrovias . embarque

OPERAÇÕES DA VALE QUADRILÁTERO FERRÍFERO

complexo da vale . ferrovias . grupos geológicos



Portos

- 1 Santos
- 2 Angra dos Reis
- 3 Guaíba
- 4 Itaguai
- 5 Rio de Janeiro
- 6 Vitória



Ferrovias



Quadrilátero ferrífero

Região que engloba alguns municípios de Minas Gerais, e cuja formação geológica favorece atividade mineradora que é considerada uma das mais importantes do país



Geopark Quadrilátero Ferrífero

Programa oficial da UNESCO, que constitui "um território de limites bem definidos com uma área suficientemente grande para servir de apoio ao desenvolvimento sócio-econômico local"



Limite de município



Ferrovias



Usinas de pelotização



Pátios de carregamento



Centros de pesquisa

Minas/projetos



Complexo Paraopeba



Complexo Vargem Grande



Complexo Itabirito



Complexo Mariana



Complexo Minas Centrais



Complexo Itabira

Supergrupos geológicos

Supergrupo Minas

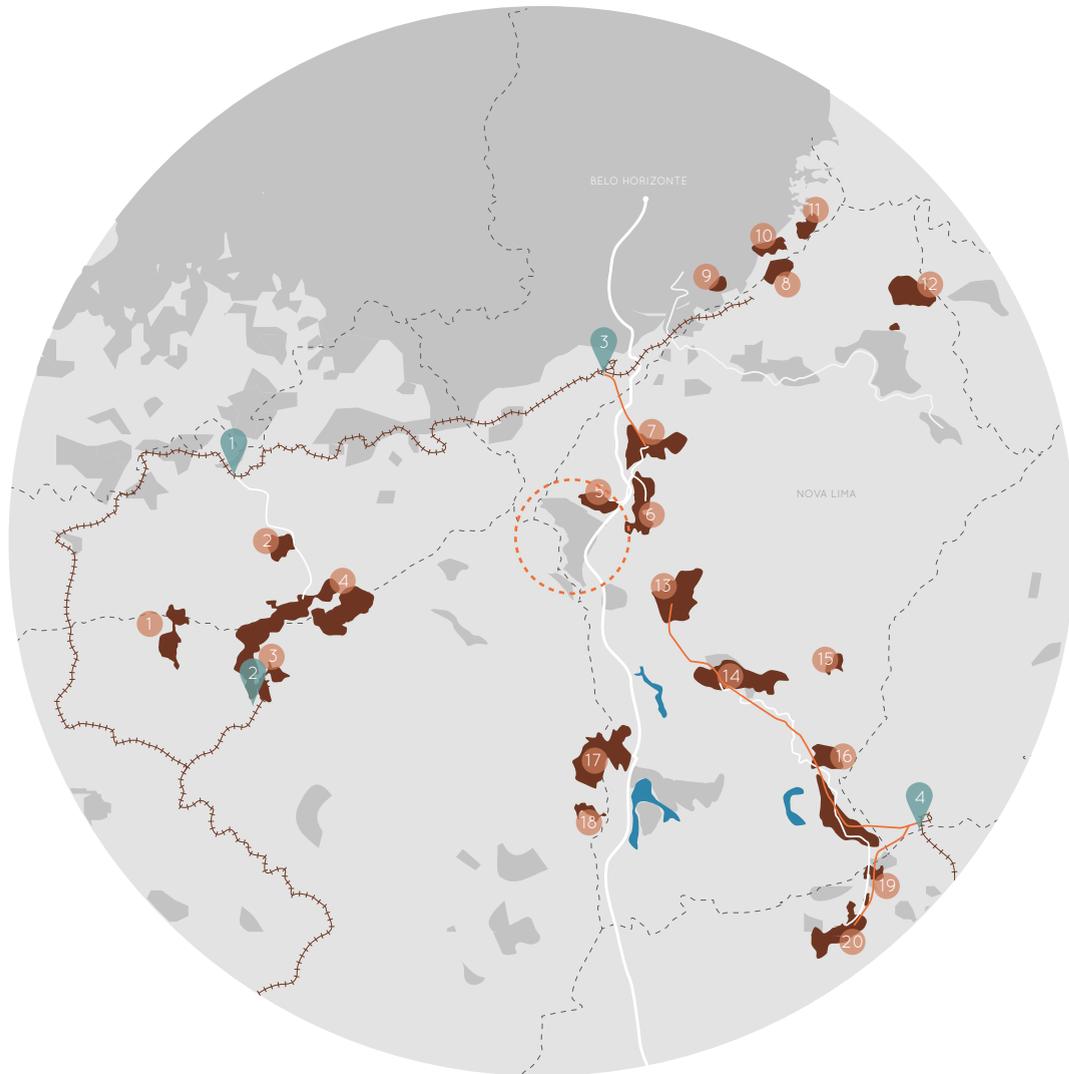
Veios de minério de ferro

Supergrupo Rio das Velhas

Grupo Itacolomi

MINERAÇÃO

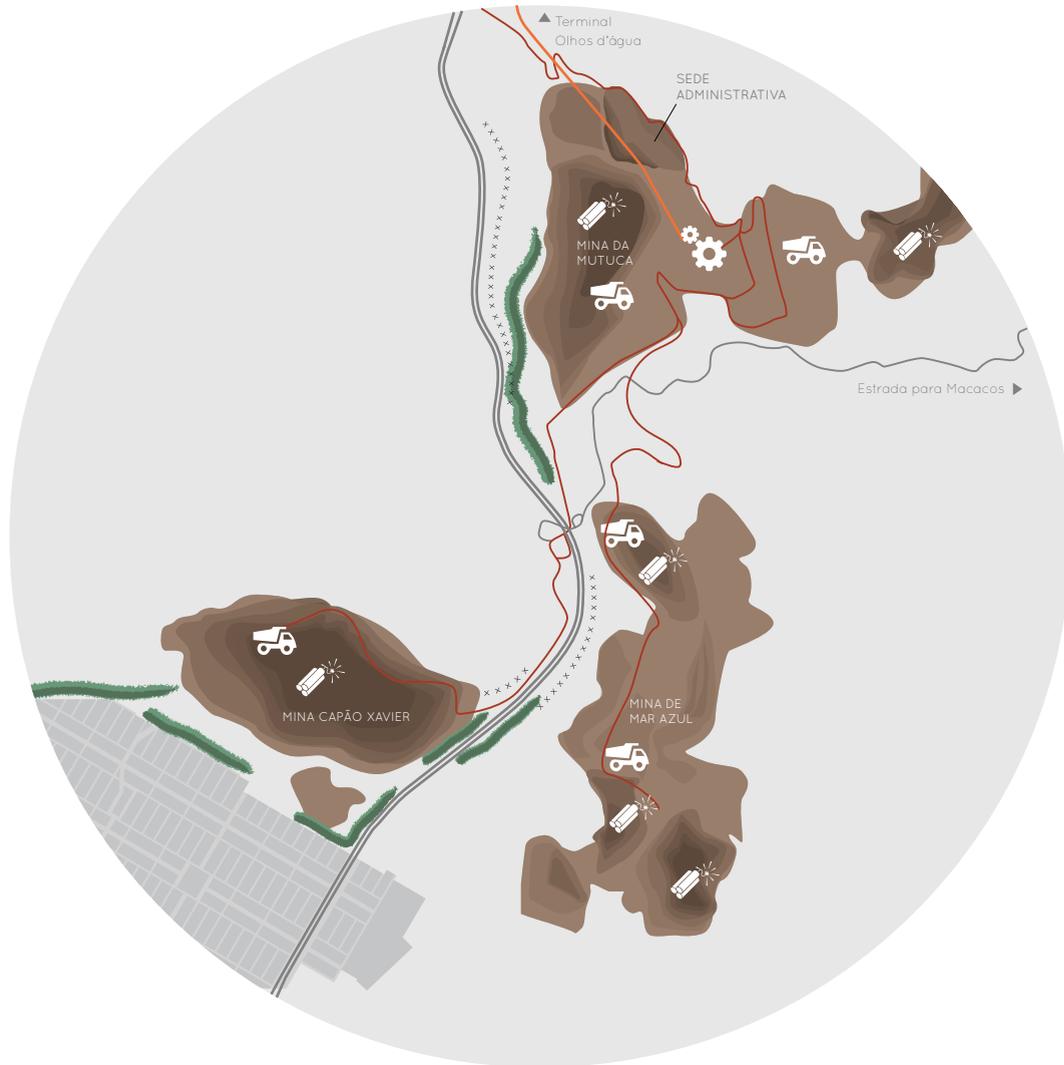
ENTORNO JARDIM CAÑADÁ



	 Minas	 Terminais de carregamento
	1 Tejuco	1 Pátio de carregamento
	2 Rola Moça	2 Córrego do Feijão
COMPLEXO PARAOPEBA II VALE	3 Córrego de Feijão	3 Olhos d'água
	4 Jangada	4 Andaime
COMPLEXO PARAOPEBA I VALE	5 Capão Xavier	
	6 Mar Azul	
	7 Mutuca	
	8 Águas Claras	
MLS	9 Lagoa Seca	
	10 Ferrobel	
	11 Corumi	
	12 Usina do Queiroz	
	13 Tamanduá	
COMPLEXO VARGEM GRANDE VALE	14 Capitão do Mato	
	15 Morro do Gama	
	16 Abóboras	
VALLOUREC FERROUS	17 Serrinha	
	18 Pau Branco	
COMPLEXO VARGEM GRANDE VALE	19 Galinheiro	
	20 Pico	

	Mancha urbana
	Rodovias
	Limite de município
	Minerodutos
	Ferrovias

OPERAÇÕES DA VALE COMPLEXO PARAÓPEBA I



Processo produtivo da mineração



- 1 Licença ambiental
- 2 Pesquisa geológica
- 3 Desmonte de rochas
- 4 Operações de lavra
- 5 Beneficiamento/britagem
- 6 Carregamento
- 7 Embarque

-  Estradas exclusivas da Vale
-  Rodovias públicas
-  Mineroduto

Barreiras visuais

-  Vegetação
-  Topografia

Estrategicamente, são utilizadas na paisagem barreiras para impedir a visualização das cavas pela população que circula na BR040 e do Jardim Canadá

IMPACTOS LOCAIS

MINA CAPÃO XAVIER

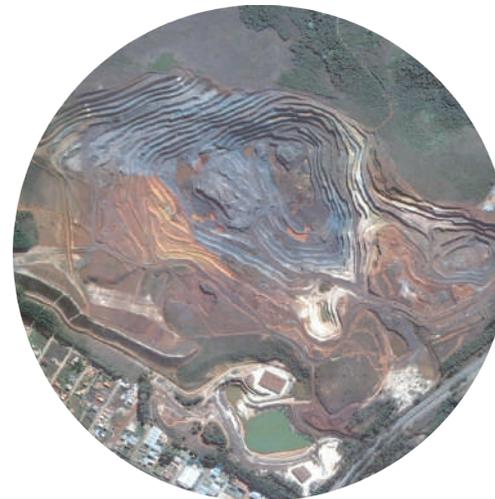
Evolução da mina Capão Xavier



2002



2006

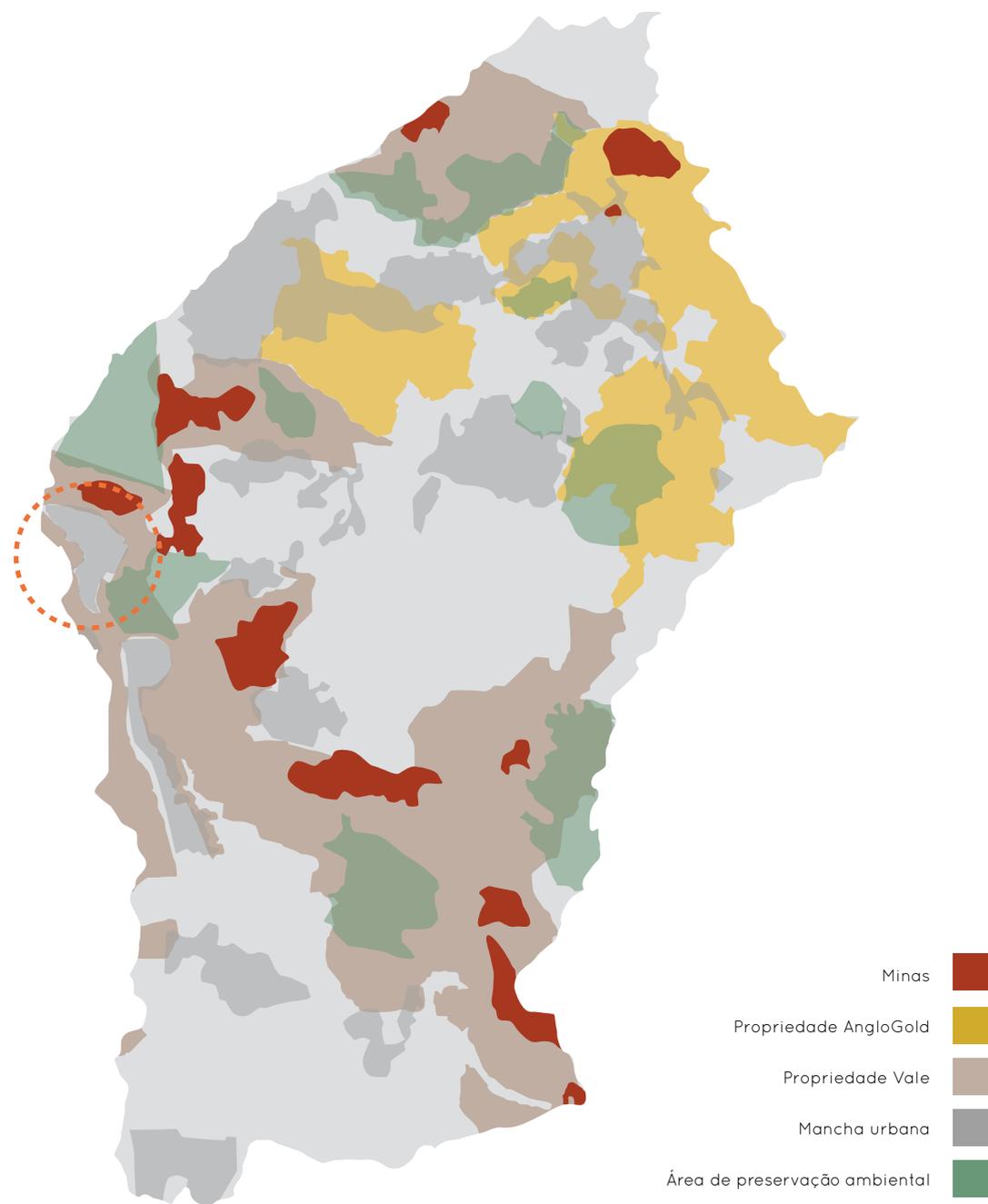


2009



2013

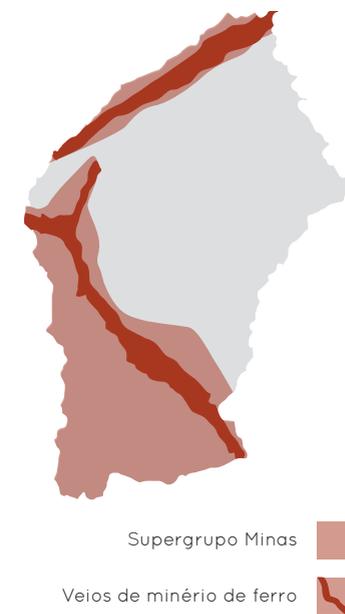
PROPRIEDADES MINEIRADORAS NOVA LIMA



Localização das jazidas de ouro



Localização do grupo geológico



vale.com/novotrem

Nós valorizamos

MINAS GERAIS



Novo Trem de Passageiros. Da Vale para você, com muito orgulho.

Para um mundo com mais valores.



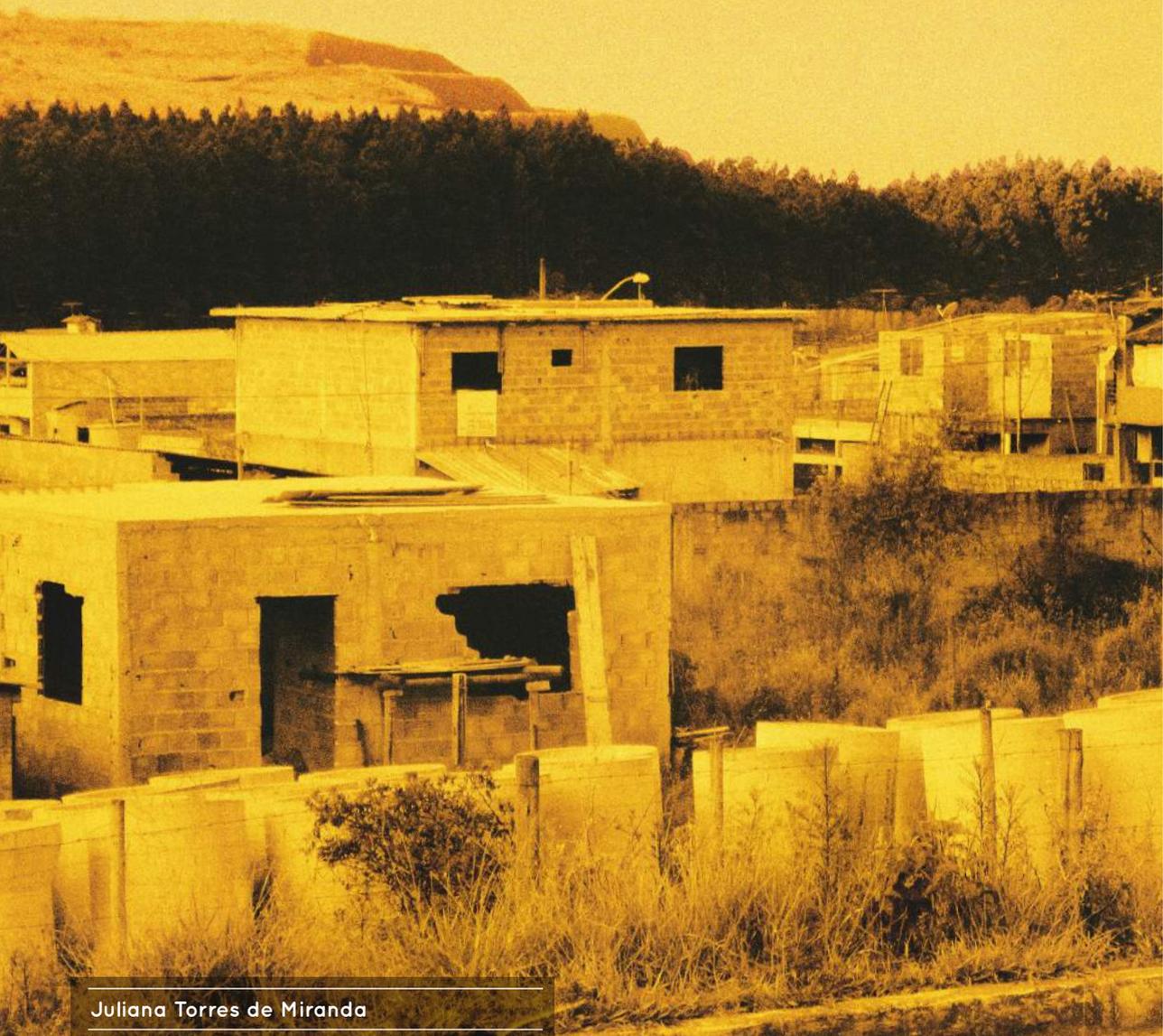
VALE

FLY MID

PROPRIEDADE
PARTICULAR
PROIBIDO
JOGAR
LIXO



CAPÍTULO 7 : DINÂMICA TERRITORIAL NO BAIRRO JARDIM CANADÁ



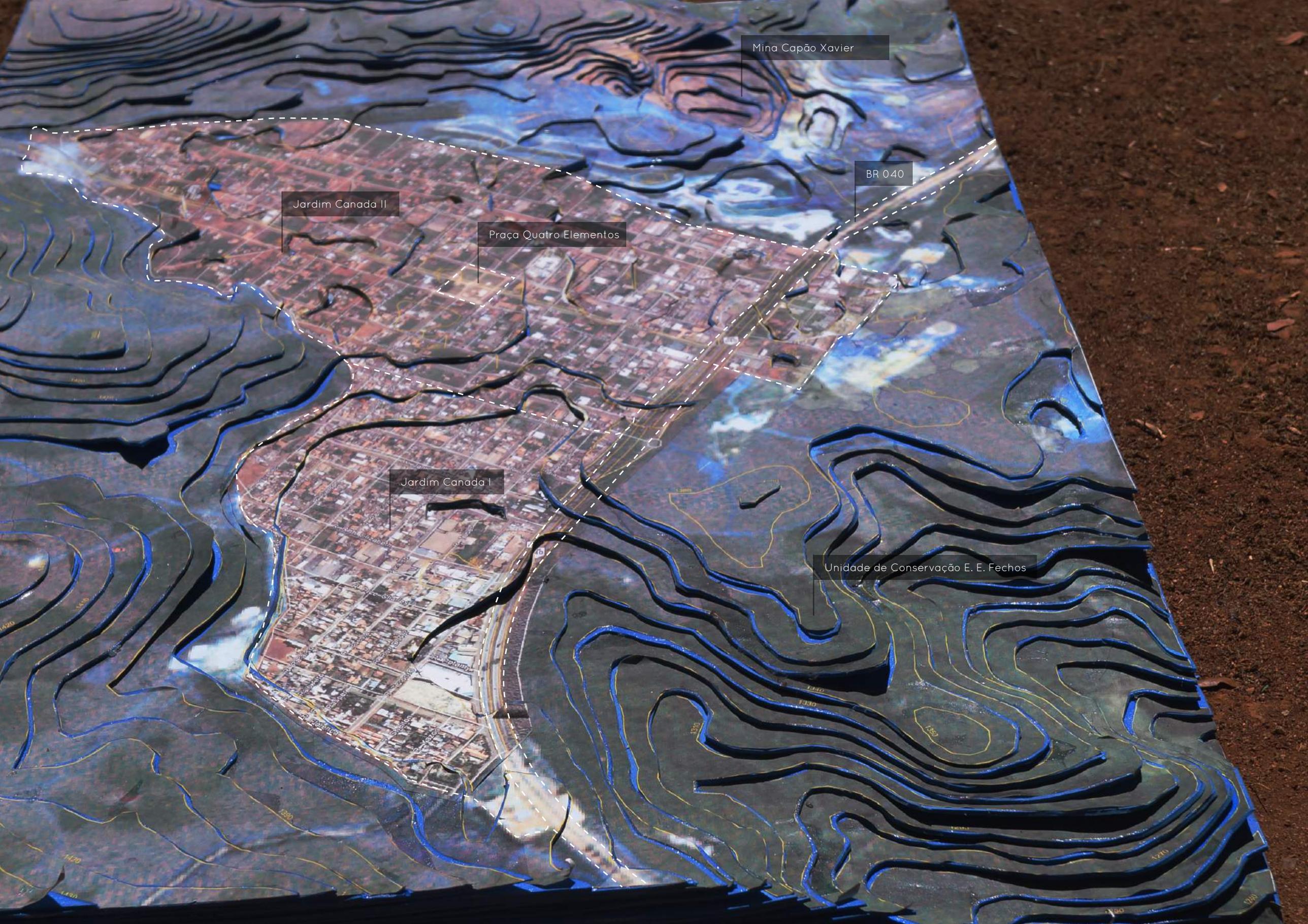
Juliana Torres de Miranda

Este capítulo trata de mapeamentos que tentam compreender algumas questões morfológicas relacionadas com as dinâmicas de uso e ocupação do solo do Bairro Jardim Canadá.

Em um primeiro momento, discute-se a história de ocupação do bairro, do lançamento do loteamento à sua dinâmica de ocupação. Os tipos de usos e as tipologias dominantes são tratados logo a seguir. Por fim, aproximando-se mais da abordagem conceitual deste trabalho, procura-se registrar modos de vida no bairro, destacando-se as maneiras imprevistas com que as ruas são apropriadas no cotidiano.

Muitas das informações utilizadas para a produção desses mapas, além das referências e fontes citadas, além dos ricos relatos colhidos em visitas ao bairro com a observação participativa de pesquisadores, foi muito importante a contribuição do Instituto de Desenvolvimento Local Integrado Casa do Jardim (IDLI-CJ) que já havia coordenado intensa pesquisa sobre memórias coletivas do bairro, junto ao Diagnóstico Participativo Local, em 2008.⁶

6. Além dos dados colhidos junto a entrevistas com membros da Casa do Jardim, destaca-se o material produzido pelo Instituto em parceria com a Fundação Dom Cabral: DURCHFORT, Joanne Um Retrato da Realidade Sociodemográfica e Educacional do Jardim Canadá: Crescimento, Fragilidades e Potencial. Fundação Dom Cabral, Nova Lima, 2011



Mina Capão Xavier

BR 040

Jardim Canada II

Praça Quatro Elementos

Jardim Canada I

Unidade de Conservação E. E. Fechos

7.1. O LOTEAMENTO

O Bairro Jardim Canadá resulta do loteamento de três fazendas, com planta cadastral datada de 1956. A conformação topográfica do sítio natural explica, de certa maneira, as condições favoráveis de ocupação daquela área. Cercado por áreas bastante montanhosas, algumas delas incorporadas a áreas de proteção ambiental, o bairro assenta-se em trechos de boa declividade. Esta seria uma primeira explicação para a forma da mancha urbana sobre o território.

O material de divulgação do loteamento, no início dos anos 60, demonstra um interesse em atrair um público semelhante aos dos condomínios vizinhos que nasciam na região com grande sucesso: Retiro das Pedras (inaugurado em 1957) e Morro do Chapéu (loteamento de 1958). O Jardim Canadá, a beira de uma rodovia e não concebido como um condomínio fechado, no entanto, não teria o mesmo sucesso que seus vizinhos.

Nos primeiras décadas, anos 1960 e 1970, apenas parte do loteamento havia sido implementado, sem infraestrutura completa. As primeiras vias abertas, sem calçamento, sem rede de esgoto e abastecimento de água e eletricidade regulares, coincidem com gleba de terreno mais plano ao sul e ao longo da BR040, o que hoje chama-se de Jardim Canadá I. Somente em 1970, a eletricidade chega a algumas casas. Até então, era utilizado um gerador local que se desligava às 22 horas. A instalação de água corrente só chegará em 1999 (DURCHFORT, 2010). Em relação ao esgoto, apenas recentemente, por volta de 2004, começa a chegar ao bairro uma rede de saneamento para substituição das fossas individuais. Mesmo assim, muitos lotes ainda não estão conectados a essa rede.

Devido a essa carência de infraestrutura e falta de um atrativo especial como o dos condomínios, a ocupação do Jardim Canadá foi extremamente fraca nestas décadas, mesmo com a oferta de casas já construídas, vendidas com um automóvel, modelo Fusca, na garagem. Alguns usos se instalaram a margem da rodovia, voltados para viajantes e camioneiros, onde se destaca o Posto Chefão. Assim, o bairro já começava, incipientemente, a demonstrar sua vocação como centralidade. Ao contrário do que se esperava, não atraiu a classe média de Belo Horizonte, mas outro público. Na região surgiam muitos sítios, principalmente no Condomínio Lagoa do Miguelão, além das novas construções nos condomínios, que empregavam, como caseiros e pedreiros, principalmente, muitos dos viajantes que ali passavam e buscavam por emprego. Com essa crescente oferta de empregos, nos sítios e condomínios da região, esses viajantes começaram a trazer suas famílias, tendo o

Jardim Canadá como opção para moradia.

Será somente nos anos 1980 que esse processo de ocupação se intensificará, com a chegada de alguns equipamentos públicos por conta da mobilização da comunidade.⁶ Grande parte dessa ocupação, no entanto, não se dará pelos meios formais de aquisição de terrenos, mas por meio de invasões, compra sem escritura (por estelionatários que atuavam na região) e subdivisão de lotes. Assim, inicia-se um intenso processo de autoconstrução, com soluções individuais precárias de água e esgoto, a margem de qualquer legislação urbanística. Algumas dessas áreas são hoje zoneadas como Zonas Especiais de Interesse Social⁷ e podem ser claramente identificadas pela ocorrência de uma estrutura de becos no interior dos quarteirões. Destaca-se que as invasões não chegaram a modificar a estrutura urbana ortogonal original, com suas largas vias.

Nos anos 1990, além da manutenção do intenso ritmo de crescimento do bairro pelos processos de ocupação e autoconstrução, na porção mais antiga do bairro, o Jardim Canadá presencia também o começo de um crescimento comercial e industrial e a instalação de residências (muitas temporárias) de classe média a alta.⁸ Coincide então com a abertura, mesmo que extremamente precária, do restante do loteamento, o que hoje é conhecido como Jardim Canadá II. A ocupação desta nova área é claramente separada em duas zonas: uma industrial e comercial, com instalação de grandes galpões nos terrenos mais próximos à rodovia e uma área residencial, adentrando-se à noroeste do bairro. Este crescimento, com a mistura de ocupação formal e informal, residencial e comercial/industrial, influencia uma crescente valorização imobiliária, com maior fiscalização e proteção de lotes com cercas para coibição de invasões. Se por um lado, diminuem-se as invasões, intensifica-se o processo de trocas e comercialização sem escritura e de subdivisão

6. Segundo histórico construído por relatos de moradores, no Diagnóstico Participativo Local, em 2003 (DURCHFORT, 2011): em 1978, começa a funcionar em estado precário e com uma professora, a primeira escola de ensino fundamental; em 1987, o telefone fixo é instalado em algumas casas; em 1989, o templo da primeira igreja do bairro é erguido (Igreja São Judas Tadeu).

7. Cf. Zoneamento Urbanístico da ADE Jardim Canadá, promulgado com a Lei 16-06-2011, Município de Nova Lima : Plano de Ação – Programa de Requalificação Urbana Ambiental do bairro Jardim Canadá e delimita e regulamenta a ADE de Requalificação do Jardim Canadá em conformidade com o Plano Diretor de Nova Lima, Lei Complementar nº 2007/07.

8. Ainda segundo Diagnóstico Participativo Local de 2003 (DURCHFORT, 2011): em 1990, empresas começam a se instalar no bairro e a dar oportunidade de trabalho para os moradores; em 1992, inaugura-se o prédio da Escola Municipal Benvinda Pinto Rocha que atende o ensino fundamental ; em 1992, 70 casas da Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais são construídas no bairro para militares; em 1993, o primeiro supermercado do bairro foi aberto. Em 1995, a creche São Judas Tadeu é criada informalmente; e em 1996, o Posto da Polícia Militar é construído através de doações e mutirão de militares.

de lotes e de habitações para abrigar novos moradores da família ou mesmo como fonte de renda, explorando-se o aluguel.

Nos anos 2000, pode-se falar de uma consolidação do bairro, principalmente no Jardim Canadá I e setor comercial/industrial do Jardim Canadá II, como área de alta densidade populacional e centralidade regional. Com o aumento do aluguel e falta de oferta de terrenos na área adensada do Jardim Canadá I, ocorre uma intensa expansão da ocupação a noroeste do bairro, com habitação de baixa renda, novos estabelecimentos comerciais e industriais. Nessa região, ocorre uma última invasão em terreno onde se instalava uma antiga hípica. Enquanto que, na parte mais antiga do bairro, nota-se o processo de consolidação e melhoria das condições das habitações ao longo do tempo, a precariedade do Jardim Canadá II ainda é bastante visível. Exceção se dá em faixa da região com ocupação de residências de alto padrão, hoje área de grande valorização imobiliária.

Em 2004, a empresa mineradora VALE inicia a exploração da Mina Capão Xavier. Muita transformação ocorre no bairro, influenciando diretamente nos processos de ocupação do solo e morfologia do bairro, como já comentado no capítulo anterior. Trecho do bairro é anexado à área da mina, tendo ruas suprimidas. Impactos ambientais, como tremores, ruídos e poeira, geram uma série de reclamações de moradores. A Vale, como medida compensatória, investe no calçamento e tratamento urbanístico de área vizinha à Mina e implanta grande praça, denominada Quatro Elementos, no centro do bairro. A área desta praça não era prevista pelo desenho do loteamento. Ocupa quatro lotes no cruzamento de duas avenidas. Comporta uma boa infraestrutura, razoavelmente utilizada pelos habitantes do Jardim Canadá, embora localizada em área não integrada às zonas mais adensadas do bairro. Essa falta de integração é gerada não somente pela distância absoluta, como pelas condições topográficas. A praça instala-se em ponto mais alto do bairro. Todo caminho entre praça e áreas residenciais assenta-se em altas declividades. Outro aspecto importante de ser observado em relação à praça é que seus terrenos lindeiros permanecem desocupados. Nos poucos ocupados, instalam-se galpões industriais. Se a praça foi um equipamento para beneficiar os moradores do bairro, atua também como fator de valorização e especulação imobiliária. Enquanto isso, não há, nas regiões mais adensadas do bairro, qualquer espaço público para lazer e encontros.

A capacidade do bairro em abrigar população de baixa renda, sejam os novos imigrantes ou membros das famílias que crescem, tem diminuído drasticamente. Parte da população tem se mobilizado em prol da construção de habitação social no bairro, com destaque para a Associação ACAJACA⁹. Apesar de muitas promessas e até mesmo de elaboração de um projeto, tal política nunca foi implementada. Observa-se, então, nos últimos dez anos, processo de emigração, principalmente

9. Gresse Cardoso Silva, presidente da Associação ACAJACA, atuou como parceira do Programa DESEJACA no ano 2009.

para o bairro **Água Limpa**, situado ao sul, na divisa entre Nova Lima e Ibirité. Água Limpa passa pelo mesmo processo vivenciado pelo Jardim Canadá, de invasões e comercialização ilegal de lotes sem escritura, com um agravante: ao contrário do Jardim Canadá em que as invasões ocorreram de alguma forma dentro dos limites dos lotes, em Água Limpa, como pouco se conhece do loteamento cadastrado, área prevista para ruas estão sendo ocupadas. Muitos moradores do Jardim Canadá, e mesmo algumas empresas, estão adquirindo lotes neste bairro. A escolha de se mudar para um local onde ainda não há infraestrutura (calçamentos, serviços, rede de água, esgoto e elétrica, sem transporte público e mais distante da oferta de emprego) acaba sendo uma opção para evitar o alto aluguel ou para lucrar com a venda de imóveis no Jardim Canadá. O ciclo de precariedade e empobrecimento da qualidade de vida inicia-se em novo território e assim segue a perversa dinâmica da expansão urbana da metrópole mineira.



Fotos dos documentos sobre
o lançamento do bairro
Jardim Canadá



O BAIRRO JARDIM CANADÁ não é um loteamento comum. Nós lhe oferecemos o que nenhum loteamento comum lhe oferece. Nós lhe oferecemos casas prontas. Basta V. ir até ao BAIRRO JARDIM CANADÁ e escolher a casa de seu gosto, na rua de sua preferência. Ela lá está, construída, pronta para ser habitada.

Nós lhe oferecemos ruas abertas, encascalhadas, com meio-fio.

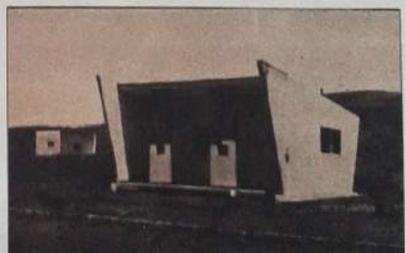
Nós lhe oferecemos lotes com água encanada, poço arteziano, com um depósito de 400.000 litros e com a melhor luz do Brasil, a eletricidade da CEMIG.

Nós lhe oferecemos o BAIRRO JARDIM CANADÁ, com condução à porta.

E em condições excepcionais!

Lotes que V. adquirirá - pagando mensalidades de quatro mil cruzeiros apenas!

O dia é hoje. O momento é agora, para V. conhecer o BAIRRO JARDIM CANADÁ, que lhe oferece ainda a garantia da IMOBILIÁRIA PLANALTO, cujos diretores são os srs. Aluizio Aragão Villar e José Branco Júnior, e a idoneidade da IDELTA - Itacolomi de Empreendimentos Ltda.



LOTEAMENTO JARDIM CANADÁ

ORIGINAL X OCUPADO



Loteamento original
atualmente pertencente a
Mina Capão Xavier



Loteamento original
atualmente pertencente a
Área de Preservação
Ambiental de Fêchos



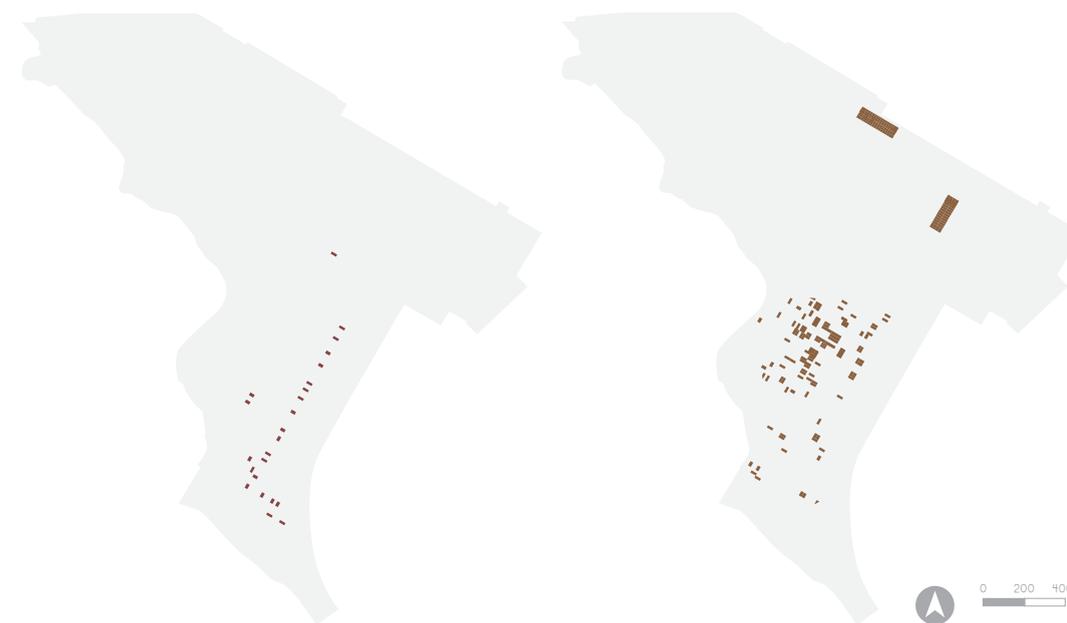
Loteamento original
atualmente ocupado



Área ocupada fora do
loteamento original



HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO JARDIM CANADÁ



1950
Lançamento Jardim Canadá I
Casas construídas à venda
Baseado em documentos

1970
Início das invasões
Baseado em relatos



1990
 Ocupação Jardim Canadá II
 Expansão Jardim Canadá I
 Baseado em relatos



2002
 Baseado em imagem satélite
 Google Earth

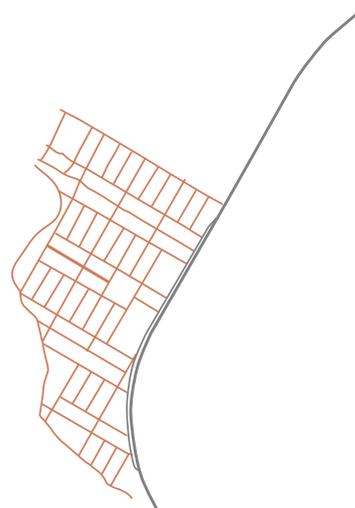


2009
 Baseado em imagem satélite
 Google Earth



2013
 Baseado em imagem satélite
 Google Earth

HISTÓRICO DO SISTEMA VIÁRIO JARDIM CANADÁ



1958

Baseado em documentos



2002

Baseado em imagem satélite
Google Earth



2009

Baseado em imagem satélite
Google Earth



2013

Baseado em imagem satélite
Google Earth





Área invadida

Mina Capão Xavier

Jardim Canadá II

Avenida Montreal (acesso Casa Branca e Brumadinho)





Propriedades da Vale

Saída para Serra do Rola
Moça/Casa Branca

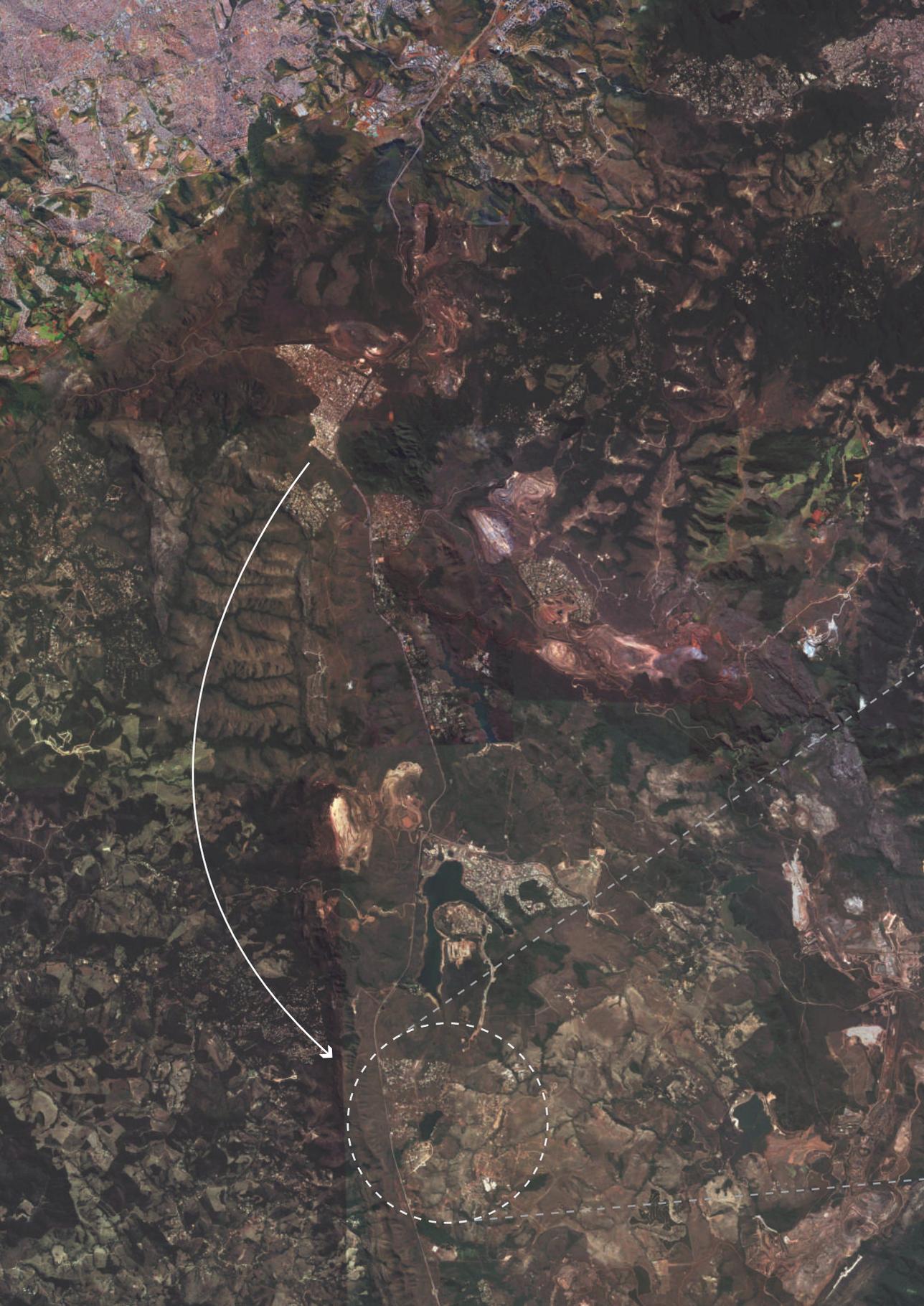
Avenida Alaska

Bazar Hudson



ÁGUA LIMPA

LOCALIZAÇÃO



Condomínio
Ville des Lacs

Água Limpa

BR
356

Fábrica da
Coca Cola



7.2. OCUPAÇÃO E USO DO TERRITÓRIO

Os usos existentes no bairro já foram abordados, diretamente, no capítulo 5: Dinâmica Social no Jardim Canadá, junto à discussão de rede de usos e usuários no bairro (ver Mapas 25 e 26). Outros usos foram discutidos no capítulo 6: Dinâmica Produtiva no Jardim Canadá, como os restaurantes e bares, alojamento de trabalhadores e mineração. Neste capítulo, pretende-se discutir mais especificamente físico-territoriais, como a maneira como o território é ocupado, de que maneira esses usos se distribuem no espaço, como são as tipologias das construções, procurando visualizar o encontro entre usos e realidades socioeconômicas tão distintas e o encontro entre os processos formais e informais que conformam esse tecido urbano.

Os processos de ocupação informal são aqueles que acontecem a margem dos contornos legalmente reconhecidos pelo estado e seus planos, ou mesmo, por ações do próprio estado. Como abordado no Capítulo 3, em artigo de Marcela Brandão, a informalidade é comumente associada à falta de planejamento, à ocupação desordenada, sendo que, nos discursos urbanísticos tradicionais, é algo a ser combatido. No entanto, como a observação do bairro Jardim Canadá nos demonstra, a informalidade é essencial à vida cotidiana e traz em si a inventividade do homem comum nas suas táticas diárias.

O Mapa 46 - Ocupação Formal e Informal - contrasta uma imagem de satélite 2014 que deixa visível o tecido ocupado do bairro, com os dados de projetos aprovados pela Prefeitura de Nova Lima. Mesmo ponderando que houve um grande crescimento do bairro nesses quatro anos de defasagem, o que se constata é que a ocupação informal - através das invasões, múltiplas subdivisões de lotes e das sempre adaptáveis autoconstruções - é responsável por cerca de 50% do território do bairro. A maioria dessa ocupação encontra-se no Jardim Canadá I, área mais antiga do bairro, embora a condição de precariedade e improviso é mais visível em trechos de ocupações mais recentes, no Jardim Canadá II. O quarteirão entre Ruas Taber, Groenlândia, Natal e Búfalo, o quarteirão ao fim da Rua Niágara e ocupações nas proximidades de córrego em canalização junto à Avenida Caledônia são exemplos bem típicos da dinâmica informalidade do Jardim Canadá (ver Mapa 47).

A cidade real parece invisível ao Estado. Relatos de moradores do bairro contam que fiscais da Prefeitura tratam de maneira distinta os usos formais (dos quais se cobram atendimentos às leis urbanísticas e portanto, são sujeitos às multas por infrações) e os usos informais, como se a precariedade os eximisse das normas, como se houvesse um pacto em que o estado se desresponsabiliza daquilo que não fiscaliza. Essa situação acaba por revelar certa porção de absurdez das normas, a incompatibilidade entre um mundo ideado pelas leis e um mundo cotidiano, real.

Além disso, deve-se destacar que formalidade e informalidade não são imiscíveis, ou realidades paralelas. São intrinsecamente imbricadas uma na outra, uma dependendo da outra. A informalidade faz parte do mundo dito formal. Obsevando o bairro Jardim Canadá, encontramos várias soluções e apropriações cotidianas daqueles usos considerados formais, como o caso de apropriação de trechos de ruas por empresas que ocupam quarteirões inteiros. Em 2012 e 2013, apenas após mobilização da comunidade, trechos das Ruas Hudson, Potamy e Cunton, fechadas por empresas que nela se instalam, foram reincorporadas ao sistema viário (ver Mapa 47).

No Mapa 48, foram montados gráficos que informam o tipo e crescimento dos usos cadastrados na Prefeitura de Nova Lima⁶ em cinco trechos do município. São comparados os dados de Cadastro Imobiliário de 2007 e 2010 do Jardim Canadá, do bairro Vila da Serra, de trecho da região central, do bairro Vale do Sol e do emergente Água Limpa. O Vila da Serra consiste em região contígua à zona sul do município de Belo Horizonte que abriga uma das zonas de maior pressão do mercado imobiliário de alto padrão na região metropolitana, com condomínios verticais, shopping centers e serviços para essa população de classe média a alta do eixo sul de Belo Horizonte. O Vale do Sol é um bairro próximo e semelhante ao Jardim Canadá no sentido de ser um loteamento aberto (não condomínio), ao longo da rodovia BR040, em gleba de terreno desgarrada de um tecido urbano contínuo. O bairro Água Limpa consiste, hoje, no maior receptor de novos migrantes e sujeito a ocupação informal, como foi o Jardim Canadá nos anos 1990 a 2000.

Os dados confirmam nossas observações sobre a intensa mistura de usos no Jardim Canadá, sua vocação de centralidade regional e seu intenso ritmo de crescimento, principalmente ao ser comparado com bairros vizinhos. Nesse período, embora se mantenha a maior proporcionalidade de uso residencial (68,9%), o crescimento de empreendimentos de serviço e industriais foi de 383,9% e 200%, respectivamente. Enquanto isso, no Vale do Sol e Água Limpa, o uso residencial continua sendo o principal protagonista (quase o único, no caso de Água Limpa). Há maior semelhança entre Jardim Canadá e região central da sede do município em relação à distribuição dos usos, tendo como diferença relevante a presença do uso industrial no Jardim Canadá e o decréscimo de usos comerciais e maior taxa de ocupação no Centro. O Vila da Serra também sofreu intenso crescimento, maior que o do Jardim Canadá,

6. SCHMIDT, Ana Maria (coord.) Mapa Relação de Projetos Aprovados e Ocupados. In: HOLOS Engenharia ADE Jardim Canadá: Dados e Diagnósticos. Nova Lima, 2010. Mapa elaborado a partir da interpretação de imagens de satélite de 2008 e 2009 e dos dados de aprovação cedidos pela municipalidade. Algumas atualizações foram feitas, baseadas em observação in loco e informações colhidas em entrevistas no bairro.

tanto em termos de ocupação de lotes vagos, como o de surgimento de novos imóveis, e demonstra um alto índice de ocupação (cerca de 98%), igual ao do Centro. Esse grande crescimento deve-se, principalmente, ao setor residencial e comercial, apesar da proporção deste primeiro ser a menor entre as áreas comparadas (35%). Uma ocorrência que chama a atenção no Vila da Serra é a presença de expressiva quantidade de usos classificados como garagem/estacionamentos (27,6%), enquanto que nos outros bairros analisados, esse índice é menor do que 1%.

A singular heterogeneidade do Jardim Canadá encontra interessante repercussão na paisagem devido à mistura de dois grupos tipológicos dominantes: as construções relacionadas à habitação e sua vida cotidiana (pequenos comércio e serviços, além das moradias) e os galpões industriais e comerciais de médias a grandes empresas. O que impressiona é o contraste de escala entre essas tipologias. À escala fragmentada e diminuta dos espaços da vida cotidiana opõe-se o gigantismo dos galpões e seus equipamentos. São marmorarias, construtoras, fábricas de pré-moldados, lojas de dormentes, fábricas de móveis, empresas que alugam maquinário pesado para construção civil, mega-depósitos de supermercados e distribuidoras de mercadorias para a região metropolitana, alguns ocupando quarteirões inteiros, convivendo com habitações, sacolões, salões de beleza, lojas de roupas, igrejas, bares, armazéns. A produção do Mapa 49 - Tipologias Dominantes - procurou destacar esta discrepância e mistura dessas escalas .



OCUPAÇÃO FORMAL E INFORMAL JARDIM CANADÁ



ZEIS	
Terrenos públicos	
Terrenos vagos	
Terrenos ocupados aprovados	
Terrenos ocupados sem aprovação	

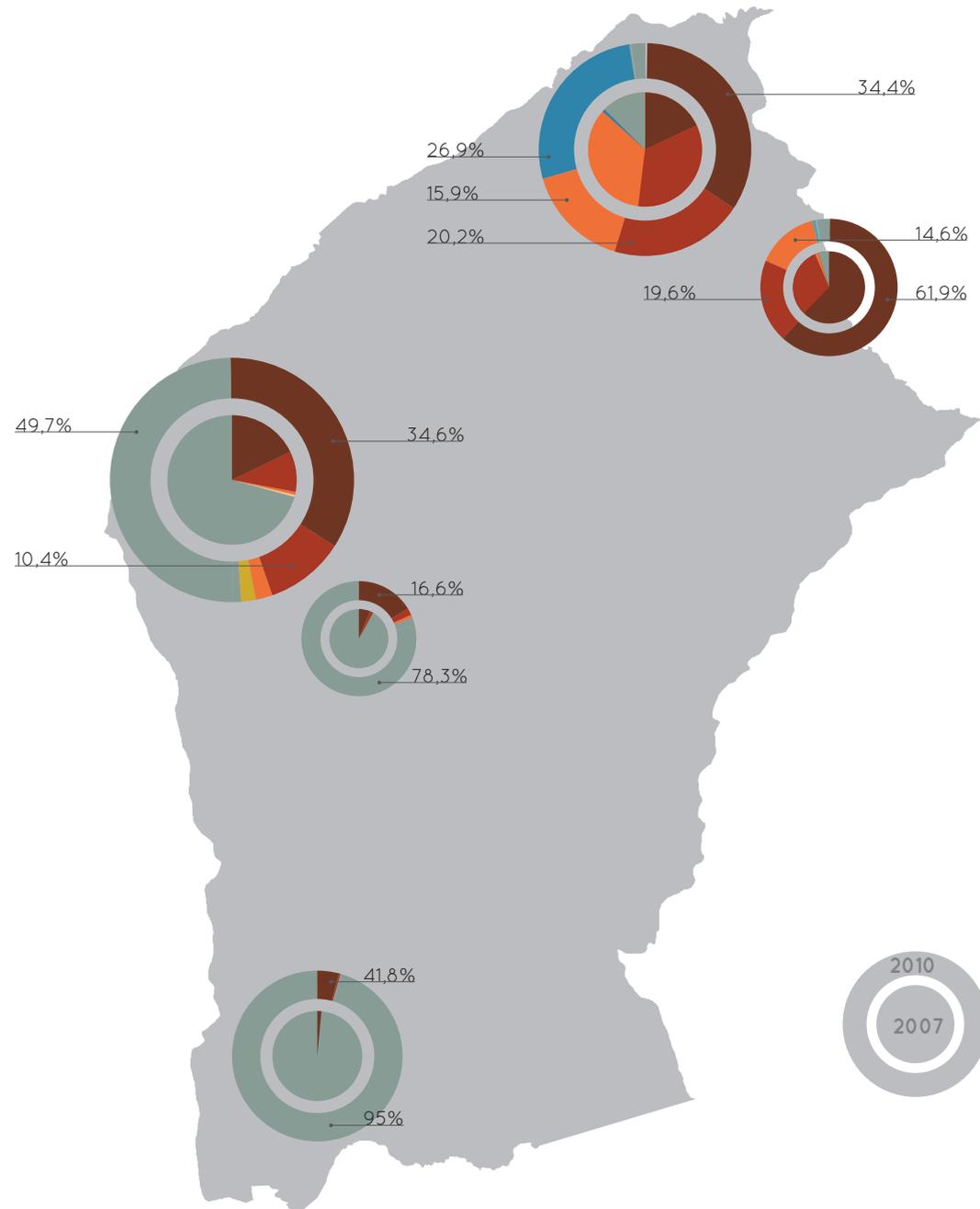
INFORMALIDADES INVASÃO E APROPRIAÇÃO DE VIAS





OCUPAÇÃO E USOS BAIRROS NOVA LIMA

cadastro imobiliário 2007 e 2010

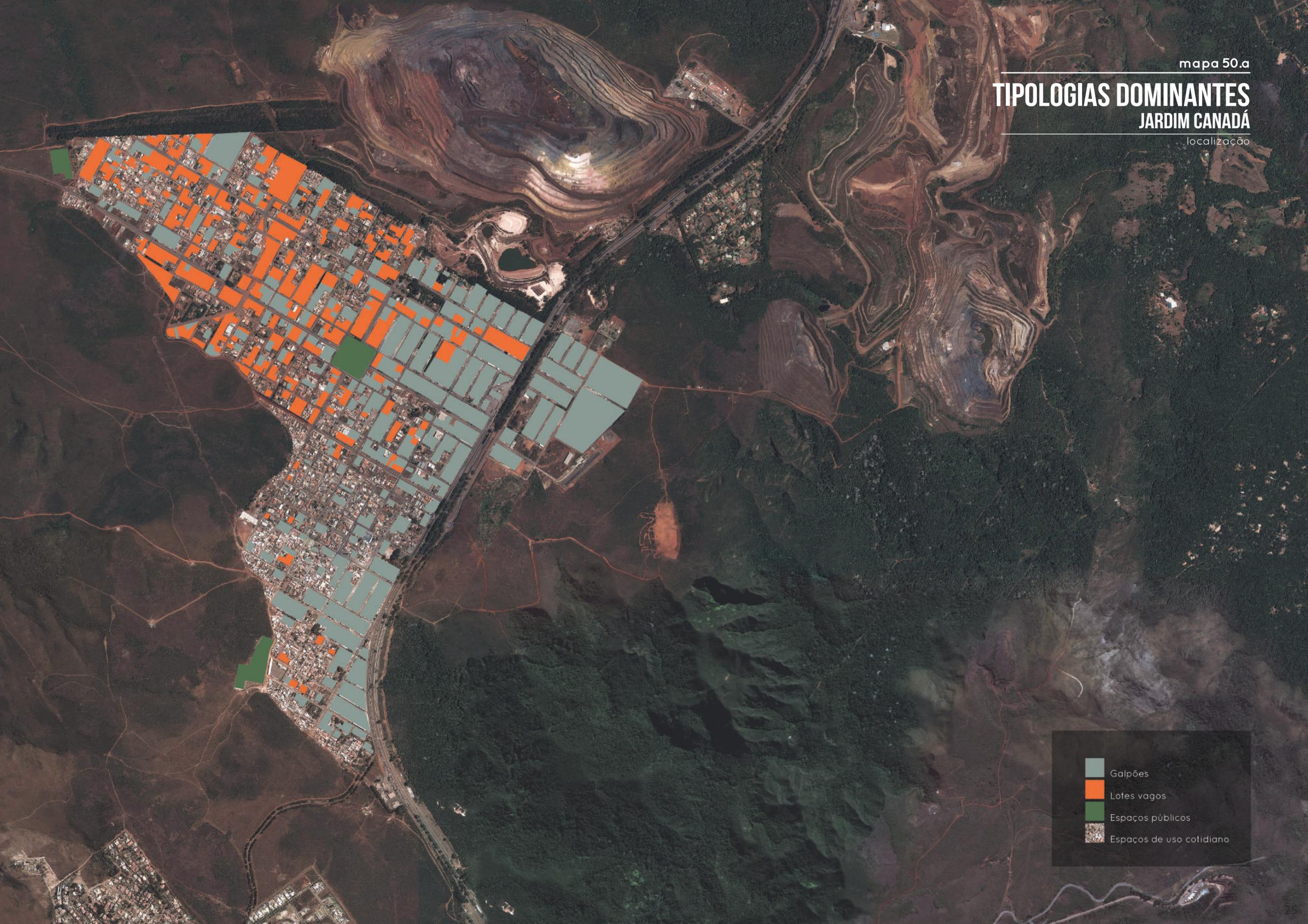


Projeto aprovado na Prefeitura segundo classificação de uso.

- Residencial
- Comércio
- Serviços
- Indústria
- Garagem/Estacionamento
- Em Construção
- Terrenos Vagos

TIPOLOGIAS DOMINANTES JARDIM CANADÁ

localização



- Galpões
- Lotes vagos
- Espaços públicos
- Espaços de uso cotidiano

TIPOLOGIAS DOMINANTES JARDIM CANADÁ

tipos

Construções improvisadas podem conter várias famílias em um mesmo lote e abrigar serviços e comércio informal

As construções improvisadas são comuns em áreas afastadas da rodovia e que são dotadas de infraestrutura urbana precária

A presença de empresas no bairro é marcante devido ao grande número de propagandas e outdoors, configurando poluição visual hostil aos usos residenciais



Devido ao grande número de empresas, o fluxo de veículos pesados é constante, especialmente na rua Toronto, paralela à rodovia.

Algumas regiões do Jardim Canadá concentram certo número de casas de padrão construtivo elevado

7.3. MOBILIDADE E USOS IMPREVISTOS DAS VIAS

O interesse em mapear a mobilidade no Bairro Jardim Canadá não resume a questão a um aspecto técnico e funcional de hierarquia e dimensionamento de vias, como comumente é tratado em estudos e políticas urbanas. A rua não pode ser compreendida meramente como espaço funcional para circulação. O movimento de veículos e pessoas pelas ruas do bairro é antes de mais nada o registro de sua dinamicidade e da maneira como a vida privada e pública se encontram no cotidiano de todos que ali habitam, moram, trabalham, consomem e circulam. A rua, como um recorte empírico de pesquisas multidisciplinares, permite um olhar de perto da vida cotidiana, de baixo para cima, como argumentam CORDEIRO e VIDAL (2008).

“Enquanto imagem e símbolo de um “modo de vida urbano”, lugar onde se acredita ocorrerem as formas de interação social “mais típicas da cidade”, a rua condensa e viabiliza todo um imaginário composto por bipolarizações classificatórias (casa/rua; público/privado; urbano/tradicional), discursos, imagens, memórias e emoções que atravessam, elaboram e estruturam simbolicamente a cidade naquilo que ela tem de mais originalmente urbano.” (CORDEIRO e VIDAL, 2008, p. 10)

A rua, principalmente em casos de estruturas urbanas surgidas formalmente, isso é, a partir da construção de um loteamento, comporta-se como o elemento estruturador daquele espaço. O traçado das ruas, espaço público, desenha o traçado dos lotes, espaço da propriedade privada. A rua permite o acesso ao privado, mas, ao invés da tendência do pensamento moderno em separar essas duas instâncias e de focar nesse sentido funcional de circulação, a rua, como observa SILBER (2008),

a rua opera a ligação espacial mais imediata com o domínio público e, de facto permite albergar temporariamente extensões criativas do espaço privado, doméstico, constituindo o palco para a expressão de identidades de grupo, especialmente culturais. (pag. 61)

No Jardim Canadá, as ruas são compartilhadas por muitos atores: caminhões médios e muito grandes, camionetes, tratores, vans, ônibus, carros caros, carros velhos, pedestres, ciclistas, motos, cachorros, cavalo, carrinhos de mão, carrinhos de bebês... E palco de muitas ações, além da circulação: lugar de trabalhar, de brincar, de encontrar, de conversar, de descansar, de lavar o carro, de armazenar coisas, de vender, de comprar... Foi essa pluralidade e dinamicidade que se procurou representar nos mapas e fotomontagens que se seguem. O Mapa 51 - Fluxos - busca destacar as vias mais utilizadas, distinguindo-se os circuitos de caminhões relacionados à dinâmica dos serviços e indústrias ali instalados, os circuitos de pedestres e veículos relacionados aos usos da vida ordinária e os circuitos do transporte público. Destaca-se a grande sobreposição de circuitos ao longo da Avenida Toronto, via marginal à BR040, palco de conflitos e negociações constantes entre os que ali circulam. A medida em que a via se institucionaliza, isso é, em que suas pistas são explicitadas, placas de trânsito instaladas, usos fiscalizados, a função circulação triunfa sobre os outros usos. O Mapa 52 - Usos da Rua, registra algumas ocorrências, usos improvisados e não programados que acontecem nas ruas do bairro. Como no caso da

Avenida Toronto, muito desses usos estão em extinção na medida em que as ruas são urbanizadas com desenho e equipamentos padrões. As amplas ruas asfaltadas permitem que caminhões imensos circulem por dentro do bairro e não oferecem infraestrutura para o encontro de pessoas. Por isso, as pessoas nas ruas parecem transgredir seu uso e fazem a vida acontecer, apesar da esterilidade desses não-lugares.

Tomando as apropriações cotidianas da rua em sua potencialidade de revelar as formas de interação e segregação sociais, as inteligências coletivas e os conflitos de segregação social, propusemos um mapeamento mais detalhado de uma rua do Jardim Canadá. A Rua Hudson apresentou-se como um potente recorte. No contexto de um traçado ortogonal onde ruas e avenidas se fazem cheias de interrupções, a Rua Hudson é a única via que permite atravessar transversalmente o bairro, em seu interior. Nesse trajeto, experimenta-se a topografia que separa Jardim Canadá I e Jardim Canadá II e registram-se três momentos: a predominância do uso residencial com os serviços e comércios locais que acompanham a vida cotidiana; a predominância de galpões industriais e de serviços; e o momento da transição, em que esses usos se misturam e se conflituam.

Percorrendo a rua, procuramos pelos indícios dos usos, das interações sociais, das apropriações e do transbordamento da vida privada que ali acontecem e de que maneira se materializam no espaço físico construído. As categorias de registro não foram previamente definidas, mas foram se apresentando ao longo do mapeamento. Após várias caminhadas e conversas com pessoas na rua, um mapa foi construído com o registro dos elementos que conformam o “limite” da rua com a construção nos lotes, dos elementos que ocupam os passeios e dos usos que ali ocorrem. Além desse mapa, três cortes esquemáticos representam os três momentos da rua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DURCHFORT**, Joanne. Um Retrato da Realidade Sociodemográfica e Educacional do Jardim Canadá: Crescimento, Fragilidades e Potencial. Nova Lima: Instituto de Desenvolvimento Local Integrado Casa do Jardim e Fundação Dom Cabral, 2011.
- CORDEIRO**, Graça Índias e VIDAL, Frederic (org.). A RUA: espaço, tempo, sociabilidade. Lisboa: Livros Horizontes, 2008.
- LEÔNICIO**, Bruno et all. Proposta Urbano Ambiental - Bairro Jardim Canadá, Nova Lima. Trabalho apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo - disciplinas Estúdio Região e Estudos Regionais. UNA, Belo Horizonte, 2011.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA LIMA E HOLOS ENGENHARIA**. Relatório de Dados e Diagnósticos - Planos Urbanísticos e Regulamentação da Área de Diretrizes Especiais - ADE / Bairro Jardim Canadá. Abril de 2010.
- MARASCHIN**, Cleci (Org) (2012). Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FLUXOS

JARDIM CANADÁ



Modais

Ônibus 

Caminhões 

Carros 

 Pedestres 

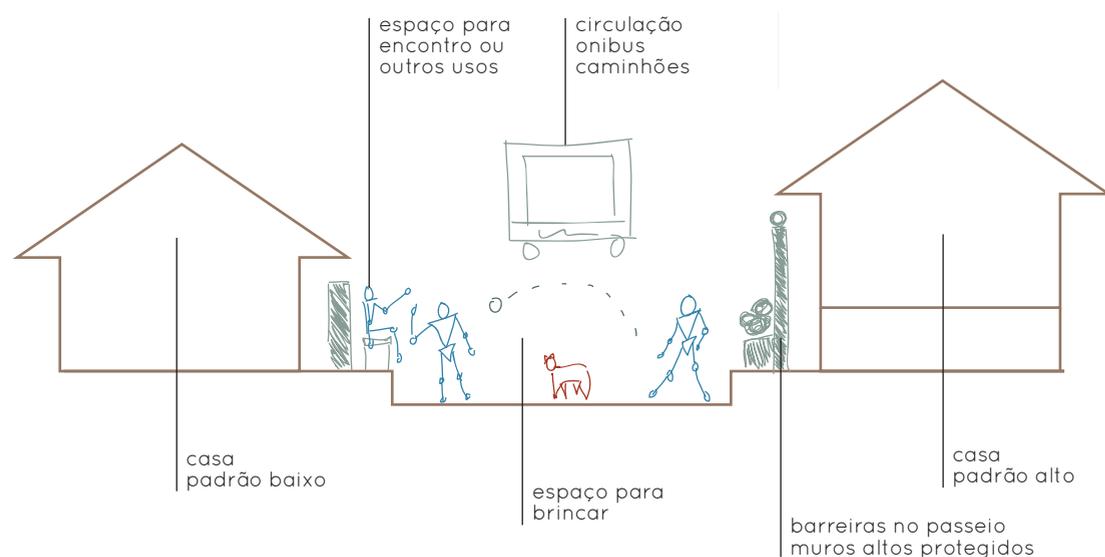
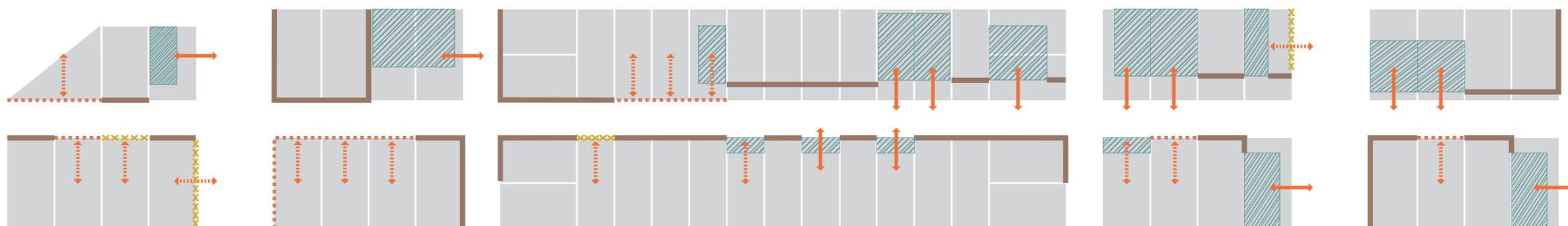
↑ Belo Horizonte
Jardim Canadá
RETORNO →





RUA HUDSON JARDIM CANADÁ

trecho 01 - residencial

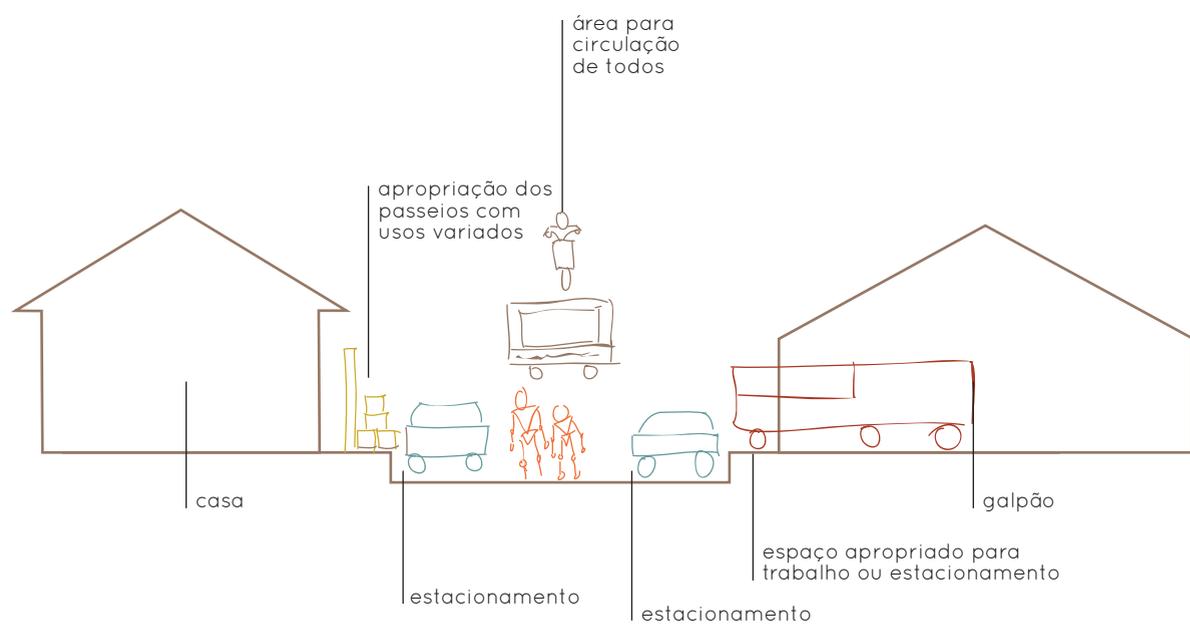
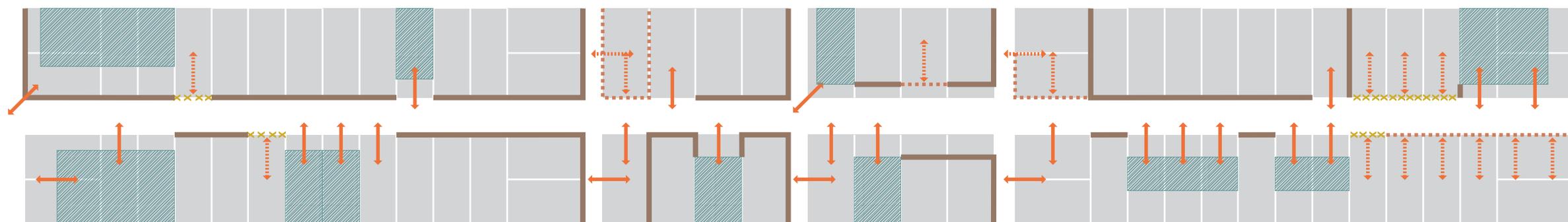


Conexões da rua

- conexão física
- conexão visual
- muro
- cerca
- grade
- construção no alinhamento

RUA HUDSON JARDIM CANADÁ

trecho 02 - misto

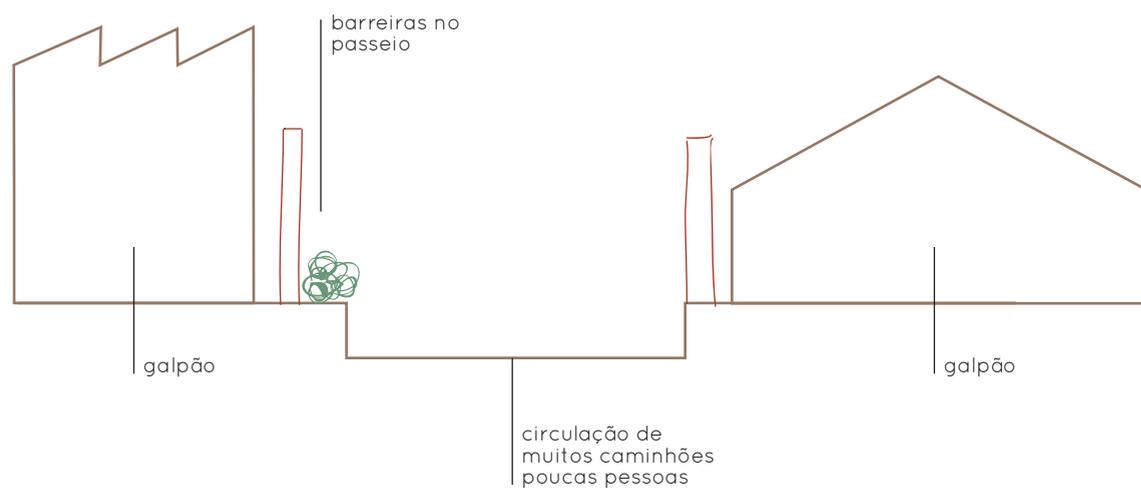
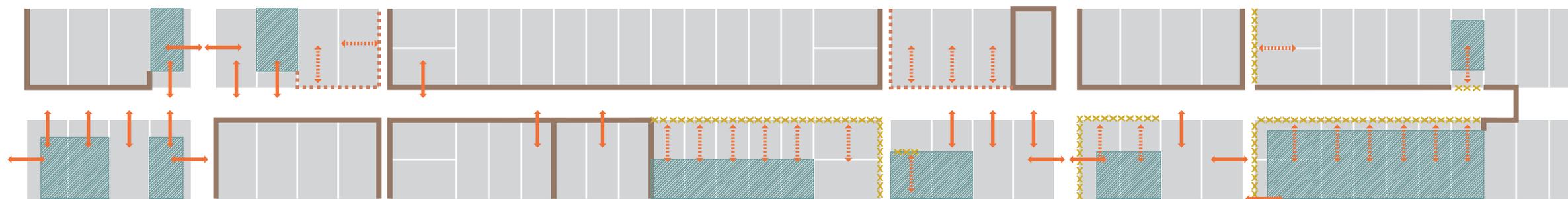


Conexões da rua

- conexão física
- conexão visual
- muro
- cerca
- grade
- construção no alinhamento

RUA HUDSON JARDIM CANADÁ

trecho 03 - comércio e indústrias



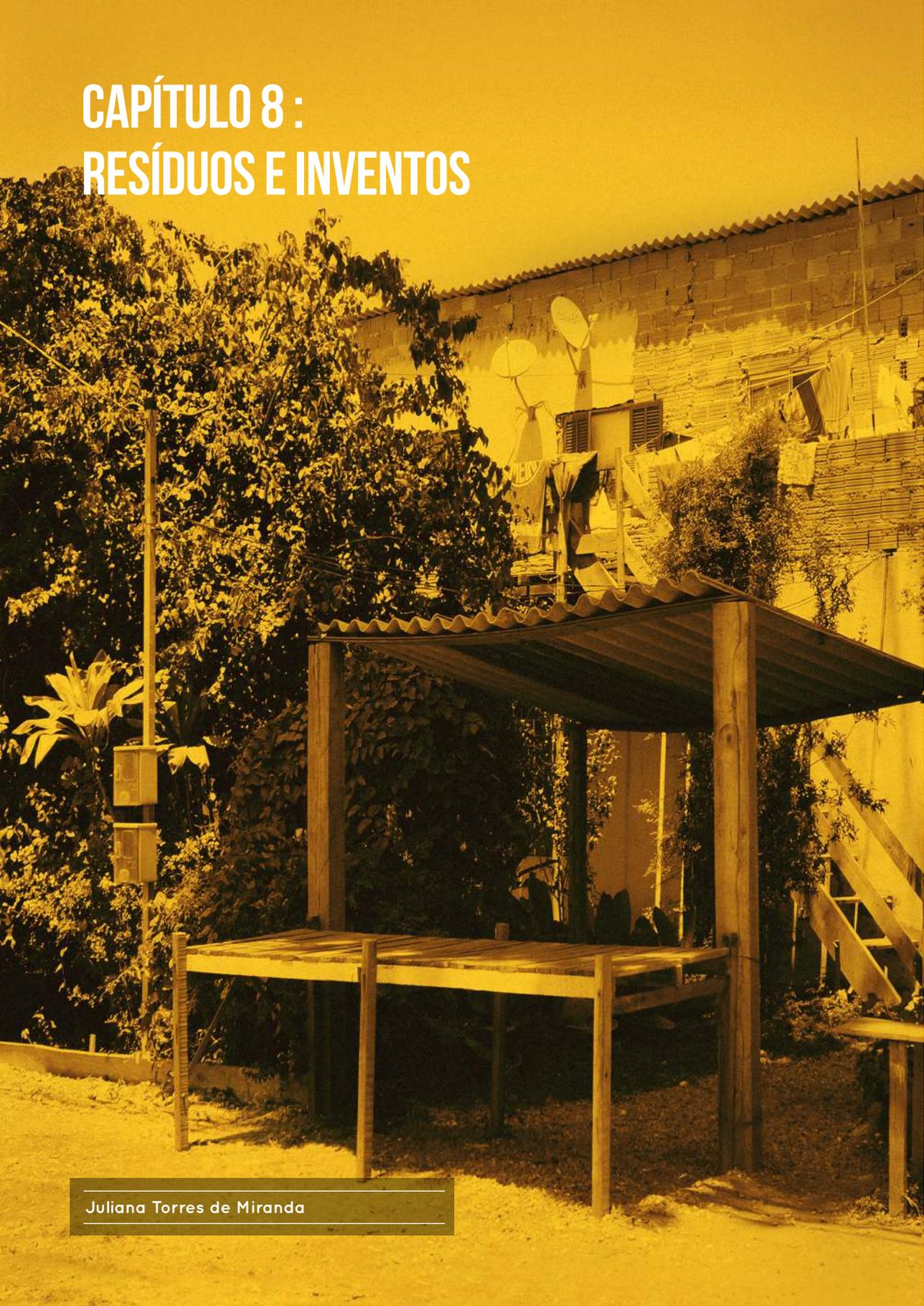
Conexões da rua

- conexão física
- conexão visual
- muro
- cerca
- grade
- construção no alinhamento





CAPÍTULO 8 : RESÍDUOS E INVENTOS



Juliana Torres de Miranda

Os mapeamentos que se apresentam neste capítulo foram diretamente produzidos nas ações de extensão dentro do Programa DESEJA.CA.

Durante as primeiras incursões no bairro Jardim Canadá, iniciou-se a elaboração do Mapa de Resíduos. Seu objetivo era o de rastrear no bairro os materiais residuais que pudessem ser incorporados como matéria-prima para as oficinas do Programa, principalmente as de marcenaria. Este mapa foi confeccionado pelos primeiros bolsistas Danilo Caporalli Barbosa, Ana Carolina Infante, Karine Maria Marçal, Pedro Henrique Pereira Silva e Luiza Magalhães, durante o primeiro semestre de 2011. Foram visitadas empresas locais, ferros-velhos ou mesmo descobertos depósitos informais de lixo. Para cada local, uma ficha era então elaborada contendo informações sobre os resíduos encontrados, a possibilidade de aproveitamento e contatos.

Relacionado com este mapa, foi produzido também o Mapa de Inventos. Este mapeamento foi realizado pela equipe de bolsistas em conjunto com alunos da disciplina UNI009 - Oficina Multidisciplinar do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, no segundo semestre de 2011. Seu objetivo era o de registrar os vários inventos, as soluções emergenciais, as gambiarras produzidas pela população local, utilizando resíduos e materiais de forma inusitada, resolvendo problemas cotidianos. Este mapa seria uma representação catalográfica da inteligência coletiva do bairro e poderia atuar como referência para os inventos nas oficinas do Programa DESEJA.CA. Sua metodologia foi semelhante a do mapa anterior, onde foram produzidas fichas para cada invento e sua ocorrência informada diretamente em mapa do google de forma a permitir uma construção coletiva e acesso público.

Além dos mapas, fichas e fotos de sua realização, consta deste capítulo o texto “Reações Locais em Um Modelo Global de Cidade”, republicação de artigo Malhas Golbais, Inventos Locais de Luiza Magalhães e Pedro Henrique na revista Parahyba, no. 2, ano 2012.



8.1. REAÇÕES LOCAIS EM UM MODELO GLOBAL DE CIDADE

LUISA MAGALHÃES E PEDRO HENRIQUE PEREIRA SILVA

Este texto consiste numa revisão de artigo publicado na revista PARAHYBA

O loteamento do bairro Jardim Canadá, aprovado em 1956, tem um traçado totalmente baseado na ortogonalidade. Localizado em uma em uma área distante, tanto da sede de Nova Lima quanto do centro de Belo Horizonte, o bairro permaneceu com ocupação esparsa até fins da década de 70, apesar da venda de lotes ter se iniciado ainda na década de cinquenta. A ocupação surgiu então, na forma de pequenos comércios locais e ocupações informais, ambos levados a suprir necessidades geradas pelos condomínios de luxo no entorno. A partir de então esses dois eixos principais de ocupação cresceram tanto quanto o eixo de expansão sul da cidade solicitava, caracterizando-se cada vez mais a partir do uso peculiar de uma malha urbana tão regular.

O loteamento ofereceu uma base que foi um tanto quanto respeitada no que se refere ao desenho determinado pelo espaço que é essencialmente público (as vias), e foi deturpada, nas áreas destinadas a iniciativas privadas, no interior dos lotes. Sim, os desenhos dos lotes dentro de cada quadra foram respeitados em sua maioria, mas, em muitos casos, em vez de serem destinados à ocupação unifamiliar ou de um único estabelecimento comercial, como sugere o loteamento, viraram ocupações múltiplas em número e diversidade de usos dentro do retângulo de 15x30m.

Essas soluções encontradas pelos moradores para se adaptarem ao meio no qual estão inseridos mostra a capacidade de apropriação do lugar que o indivíduo e a comunidade têm quando, de alguma forma, escapam dos regulamentos, em forma de legislação ou especulação, que controlam a cidade. Como diz Michel de Certeau “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural.” (CERTEAU, 1994: 41) Essas “maneiras de fazer” ou táticas vão se desenvolvendo caso-a-caso em escala micro-local possibilitando a adaptação da ocupação ao sítio, seja este um resíduo de espaço liso na malha urbana ou uma malha urbana em si, estriada e desocupada.

Vê-se então a especificidade das táticas em oposição à generalização das estratégias aplicadas desmedidamente em escala global. Estratégias essas que, segundo Certeau, são as medidas determinadas, por um agente externo dotado de poder, a partir da observação das relações de força do ambiente. O próprio âmbito predominante na lógica do desenvolvimento de estratégias, ou seja, as relações de força e de poder, põe em evidência o fato de que a generalização e a reaplicabilidade

indefinida de um método fazem parte do seu objetivo maior. Afinal, é mais fácil exercer controle sobre uma regra do que sobre várias exceções.

E o que levou o Jardim Canadá a se tornar um antro de exceções? Lembrando-se dos agentes que controlavam as cidades pós-liberais e ainda controlam as contemporâneas, o poder público e os interesses privados de uma classe dominante, é razoável pressupor que pelo menos um falhou em cumprir seu “papel”. Levando-se em consideração que o loteamento foi aprovado na prefeitura de Nova Lima, e realizado nos moldes legislativos da época, provavelmente houve uma inexistência de interesses privados. Afinal, no início da década de 60, o bairro encontrava-se proporcionalmente muito distante do centro de Belo Horizonte, que ainda não se expandia na velocidade atual para o eixo sul. Logo, não havia demanda para os terrenos que ficaram desvalorizados. Mas o que importa é que, assim, as táticas tiveram mais lugar para agir do que se poderia esperar observando-se apenas o plano de loteamento aprovado em 1956, gerando um lugar múltiplo e heterogêneo, baseado em soluções específicas para as características físicas e contextuais do sítio que ocupa.

Referindo-se à onda de protestos que varreu o mundo, Saskia Sassen (2011) afirma que a rua é o espaço político para aqueles que não conseguem acessar instrumentos formais. Pode-se dizer que não apenas as manifestações intencionais que ocorrem em espaços públicos são protestos contra o capital global e a tecnologia por ele imposta. Nesse contexto, estão também os inventos do cotidiano, apropriações subjetivas do que é imposto, quebrando discretamente a regra do jogo capitalista. A maneira de empregar o produto torna-se muito mais importante do que a funcionalidade a ele imposta por seus vendedores.

Complementarmente, em um fenômeno conhecido como “obsolescência programada” os produtos são vendidos com qualidade inferior à prometida, de modo a estragarem depois de um tempo para que o usuário tenha que adquirir uma peça nova. Isso garante que sempre haverá demanda para o que é produzido em larga escala. Em um documentário produzido por uma parceria entre a Arte France, Televisión Española e Televisió de Catalunya, são mostrados exemplos cruéis desta prática (Comprar Llençar Comprar. Direção: Cosima Dannoritzer.). Entre eles, o caso das lâmpadas ilustra bem a situação descrita. Enquanto a primeira lâmpada fabricada na história ainda encontra-se acesa, as comercializadas hoje em dia duram muito pouco.

Levando em conta a baixa qualidade dos produtos industrializados e a omissão do

poder público no bairro, os inventos que se tornam mais recorrentes são as lixeiras. Existem adaptações que se apropriam de materiais e artefatos diferentes, sendo o objetivo final comum: proteger o lixo dos cachorros, uma vez que há um número elevado de cães de rua no bairro. Pode-se dizer que o caso mais simples encontrado, mas não menos inteligente e funcional, foi uma ferragem retorcida de modo a conformar um gancho o qual pendura os sacos de lixo no muro a uma altura segura. Mais comumente, estruturas de madeira suspendem um recipiente que abriga o lixo, sendo interessante observar que há uma variedade de recipientes, destacando-se caixas de madeira com acabamentos variados, cesto plástico, entre outros. Dois casos chamam maior atenção: em um, uma lixeira metálica convencional é atrelada a uma tora de madeira para elevar-se mais em relação ao nível do chão; em outro, uma peça de madeira que apoia uma caixa é amarrada em um poste, sendo que, mesmo torta em relação ao poste e a rua, cumpre sua função.

É comum encontrar no bairro lotes divididos em duas, três ou mais residências, casos facilmente identificados pelo número de medidores da Cemig, nos muros dos lotes, ou da Copasa, na frente das casas. Mescla-se também em um único lote as residências e os estabelecimentos comerciais. Alguns desses estabelecimentos tomam lugar nas próprias calçadas fazendo uso de alguns recursos das construções vizinhas como apoio no muro e ponto de luz. Outra forma de ocupação das calçadas são os jardins e hortas que tomam espaço em frente aos terrenos, e diluem o limite entre os espaços público e privado, principalmente levando-se em consideração o fato de que as ruas são, em sua maioria, superdimensionadas para o tráfego automotivo local dando a possibilidade ao pedestre de ocupá-las.

Vale lembrar que todas as classes sociais interferem na paisagem urbana ao adequar o espaço às suas necessidades. Cada um com seu recurso, todos os agentes intervêm na cidade em que ocupam. Nesse sentido, pode-se citar a réplica da Torre Eiffel (FIG. 4) como um símbolo reconhecível no bairro. Além de chamar atenção, essa imagem gera, intencionalmente ou não, uma relação entre o Canadá (onde se fala francês), a França (onde está o monumento original e a cidade que empresta o nome ao motel) e o próprio Jardim Canadá (onde está o Motel Paris).

Resíduos provenientes de outras localidades acabam se fazendo presentes no Jardim Canadá, como os restos de embalagens de madeira e pallets, comumente vindos de outro país. Esses materiais são muitas vezes reinterpretados, sendo a eles atribuídos usos novos, havendo uma significação local do que é global. Um engradado de refrigerante usado como suporte para horta representa muito bem esses casos. Nele, os dizeres “Coca-Cola” apenas deixam clara a função para a qual o objeto foi concebido, que é armazenar e transportar garrafas de vidro do refrigerante. Para o uso atual, não faz diferença alguma o que está escrito. Outro caso similar é o do carrinho de supermercado que foi apropriado como lixeira. Mais uma vez um objeto com tipologia global ganhou uso de acordo com as necessidades locais.

Essas simples inteligências coletivas são prova maior de que a globalização não

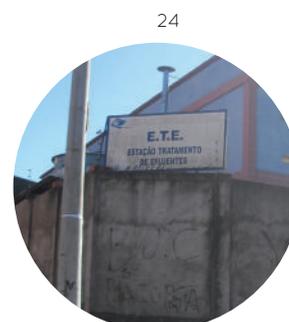
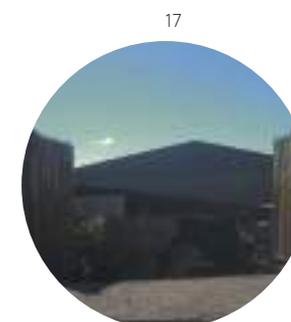
garante uma homogeneidade no mundo. Culturas únicas tem espaços distintos. Por mais fortes que o pensamento hegemônico vinculado ao capital e ao racionalismo sejam, jamais conseguirá subjugar totalmente a população. Sempre haverá questionamento e reações por parte de pessoas em estado de vulnerabilidade social, pensadores e críticos. Parafraseando a física, toda ação gera uma reação proporcional. Assim, consegue-se manipular a massa até certo ponto e de maneira discreta e delicada, sendo que são dadas respostas igualmente discretas e delicadas.

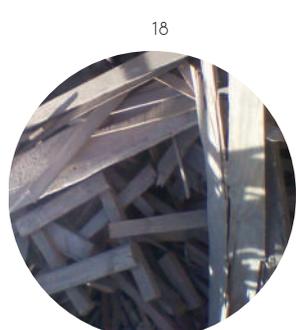
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU**, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- DELEUZE**, Gilles, **GUATTARI**, Félix. *Mil Platôs – Vol. 5*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- SANTOS**, Boaventura de Sousa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. 2007. p3-46.
- LYNCH**, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MASSEY**, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro, 2008.
- SASSEN**, Saskia. *Entrevista*. Estado de São Paulo. 13 de agosto de 2011.
- LEONCIO**, Bruno et. all. *Proposta Urbano Ambiental, Bairro Jardim Canadá, Nova Lima –MG*. Trabalho apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da IES UNA-Raja nas disciplinas Estúdio Região e Estudos Regionais.



Metal e plástico





Outros

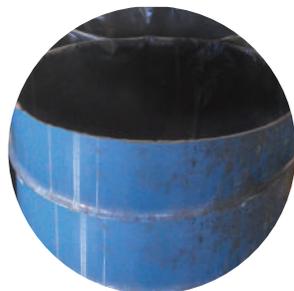
6



37



40



Pedras

31



33



36



Mapeamento de Resíduos



Universidade Federal
de Minas Gerais

Projeto MAR.CA.
Professores Cordenadores
Natacha Rena e
Juliana Torres

Pesquisador: Luiza, Pedro e Danilo

Data: 12 jul 2011

Empresa:

Carmo Sion

1

Endereço:
Av. Toronto, 1270

Atendente:
Cláudio

Material

Tipo:
Madeira

Descrição:
Pallets e caixas de transporte

Volume Aparente:
alto - 10m³

Frequência de despejo:
Semestral

Volume estimado:
1 caminhão a cada 6 meses



Observações Gerais:
Vendido como lenha

Possibilidade de Coleta:
Não

Condições:

Mapeamento de Resíduos



Universidade Federal
de Minas Gerais

Projeto MAR.CA.
Professores Cordenadores
Natacha Rena e
Juliana Torres

Pesquisador: Luiza e Pedro

Data: 12 jul 2011

Empresa:

Pedras Decorarte

2

Endereço:
Av. Toronto, 570

Atendente:
José Marciel

Material

Tipo:
Granito, mármore, ardósia

Descrição:
Lascas em abundância, algumas
tiras e polígonos maiores

Volume Aparente:
Alto - 5m³

Frequência de despejo:
Semanal
Volume estimado:
1 caçamba por mês

Observações Gerais:
Vendido como lenha

Possibilidade de Coleta:
Sim

Condições:



Mapeamento de Resíduos



Universidade Federal
de Minas Gerais

Projeto MAR.CA.
Professores Cordenadores
Natacha Rena e
Juliana Torres

Pesquisador: Luiza e Pedro

Data: 12 jul 2011

Empresa:

Gepra Corp

7

Endereço:
Rua Hudson, 1365

Atendente:
Gildasion

Material

Tipo:
Vidro e Alumínio

Descrição:
Grandes tiras de vidro rachado
(origem- Bélgica)
Pedacos de alumínio, restos de
esquadria

Volume Aparente:
Médio - 3 m³

Frequência de despejo:
Mensal
Volume estimado:
Varia de acordo com a demanda de
trabalho da empresa

Observações Gerais:
Revenda de Alumínio, e coleta do vidro

Possibilidade de Coleta:
Não

Condições:



Mapeamento de Resíduos



Universidade Federal
de Minas Gerais

Projeto MAR.CA.
Professores Cordenadores
Natacha Rena e
Juliana Torres

Pesquisador: Ana e Danilo

Data: 12 jul 2011

Empresa:

**MGM Mármore
Granito**

23

Endereço:
Rua Massey

Atendente:
Flávia

Material

Tipo:
Mármore e granito

Descrição:
Ótima qualidade

Volume Aparente:
Médio - 3m³

Frequência de despejo:
Mensal
Volume estimado:
3 caçambas a cada 4 meses

Observações Gerais:
Venda, mas no momento da pesquisa
estava acumulando os resíduos a
4 meses

Possibilidade de Coleta:
Sim

Condições:



Mapeamento de Resíduos



Universidade Federal
de Minas Gerais

Projeto MAR.CA.
Professores Cordenadores
Natacha Rena e
Juliana Torres

Pesquisador: Danilo, Luiza e Pedro

Data: 12 jul 2011

Empresa:

Antiquário Móveis

30

Endereço:
Rua Paraíso, 208

Atendente:
Ronei

Material

Tipo:
Serragem, Madeira

Descrição:
Tiras finas e tocos, resto do corte

Volume Aparente:
Médio - 3m³

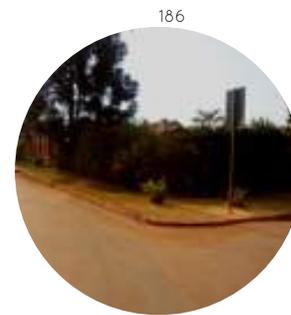
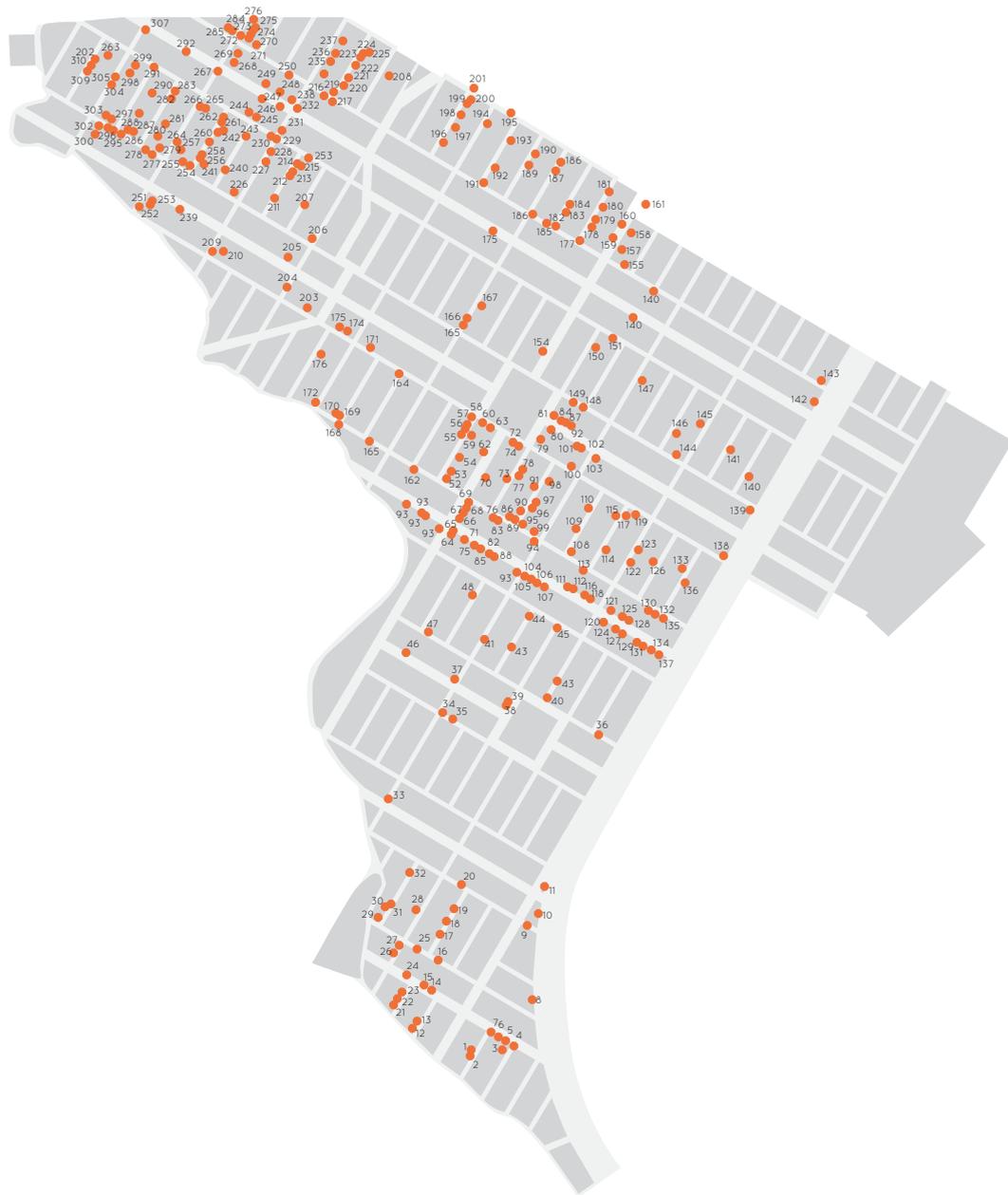
Frequência de despejo:
Semanal
Volume estimado:
1 caminhão de serragem e
1 caçamba de madeira a cada 2
semanas

Observações Gerais:
Material é descartado

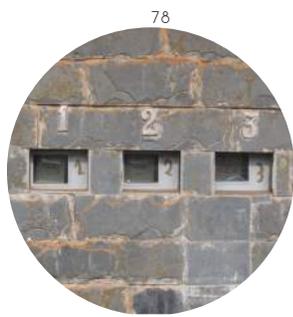
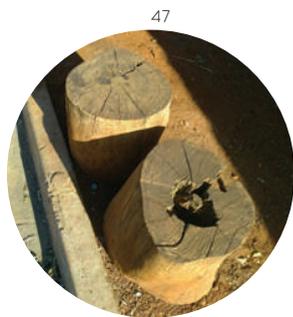
Possibilidade de Coleta:
Não

Condições:









Mapeamento de Inventos





desenvolvimento sustentável
e empreendedorismo social
no jardim canadá



Universidade Federal de Minas Gerais

disciplina Projetos Sócio Ambientais II - 2011/2
Pesquisador/Aluno: Karine Maria Marçal

Professoras Coordenadoras Natacha Rena
Juliana Torres

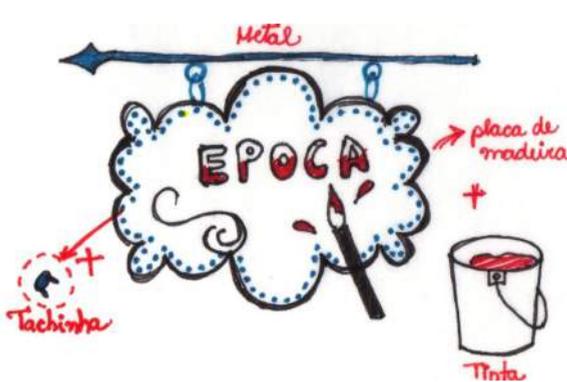
Endereço: Rua Príncipe Charles

Uso: Placa

Materiais: Madeira e metal

Observações: Placa de madeira com detalhes de tachinhas de metal.

9




Mapeamento de Inventos





desenvolvimento sustentável
e empreendedorismo social
no jardim canadá



disciplina Projetos Sócio Ambientais II - 2011/2
Pesquisador/Aluno: Cristiano Campos Hermont

Professoras Coordenadoras Natacha Rena
Juliana Torres

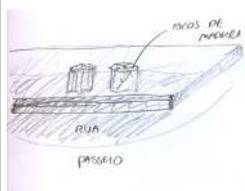
Endereço: Rua Groenlândia

Uso: Banco

Materiais: Madeira

Observações: Tocos de árvore que foram colocados para serem usados de banco.

47




Mapeamento de Inventos





desenvolvimento sustentável
e empreendedorismo social
no jardim canadá



disciplina Projetos Sócio Ambientais II - 2011/2
Pesquisador/Aluno: Karine Maria Marçal

Professoras Coordenadoras Natacha Rena
Juliana Torres

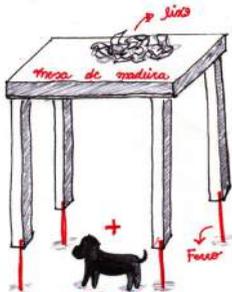
Endereço: Rua Preston

Uso: Lixeira

Materiais: Madeira e ferro

Observações: Mesa usada para depositar lixo com extensão na altura dos pés para que os animais (cachorro) não revirem o lixo.

31




Mapeamento de Inventos





desenvolvimento sustentável
e empreendedorismo social
no jardim canadá



disciplina Projetos Sócio Ambientais II - 2011/2
Pesquisador/Aluno: Cristiano Campos Hermont

Professoras Coordenadoras Natacha Rena
Juliana Torres

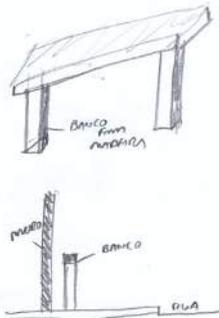
Endereço: Avenida James

Uso: Banco

Materiais: Madeira

Observações:

46




Mapeamento de Inventos





desenvolvimento sustentável
e empreendedorismo social
no jardim canadá



disciplina Projetos Sócio Ambientais II - 2011/2
Pesquisador/Aluno: Cristiano Campos Hermont

Professoras Coordenadoras Natacha Rena
Juliana Torres

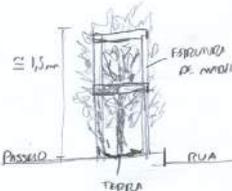
Endereço: Rua Hudson

Uso: Proteção de árvore

Materiais: Madeira

Observações: Estrutura de madeira colocada em volta de pequenas árvores para protegê-las e servir de suporte.

37




CONSTRUÇÕES



PARTE 4

CO

INTRODUÇÃO À PARTE 4: CONSTRUÇÕES: AÇÕES E PRODUTOS DO DESEJA.CA

JULIANA TORRES DE MIRANDA E OCTAVIO MENDES

Ao longo dos cinco anos do programa DESEJA.CA_Desenvolvimento Social e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá, várias oficinas e workshops foram realizados, mesclando ações de extensão, pesquisa e ensino, e construindo um variado conjunto de objetos e intervenções, tanto efêmeros como permanentes. Além dessa produção prática que aqui se denomina “construções”, o Programa gerou um conjunto de variada produção acadêmica, como artigos publicados em periódicos, em seminários e congressos, trabalhos escolares e coleção cartográfica. Parte deste material está aqui presente, diluído nas partes 1, 2 e 3 deste livro. Esta Quarta Parte do livro pretende contar as histórias das produções práticas, isso é, das construções, descrevendo-as, discutindo suas metodologias e refletindo sobre suas falhas e alcances.

Uma Linha do Tempo ilustra resumidamente essa história. Ali estão pontuadas: as várias atividades das quatro oficinas do Programa – MAR.CA, TE.CA, ESTAM.CA e GRAF.CA, que ocorreram independentes ou de forma integrada; os eventos e workshops coletivos que contaram com a coordenação ou participação efetiva da equipe do DESEJA.

CA; as atividades da disciplina UNI009 – Oficina Multidisciplinar: Projeto Socioambiental, ofertada semestralmente na Escola de Arquitetura da UFMG; além de ocorrências e fatos relevantes. O que se pretende destacar com este gráfico não é apenas a cronologia dos fatos, mas a interdependência de todas essas atividades, concretizando o espírito de indissociabilidade entre extensão, pesquisa e ensino.

Apesar do entrelaçamento dos projetos, eventos, atividades acadêmicas de disciplinas na UFMG e programações artísticas do JACA, tomou-se como estratégia nesta apresentação das construções do DESEJA.CA separá-las em dois grupos: oficinas e workshops. No Capítulo 12, trata-se da produção diretamente vinculada às quatro oficinas de extensão estruturantes do Programa: de marcenaria, tecelagem, estamaria e design gráfico. No Capítulo 13, apresentam-se os principais workshops e eventos que foram realizados com a participação ou organização da equipe do DESEJA.CA. Além disso, no Capítulo 14, dá-se espaço à perspectiva do JACA em relação ao Programa, destacando suas atividades artísticas que tiveram uma influência importante na produção das oficinas e workshops.

O último ano do Programa, 2014, foi dedicado à revisão e avaliação de todo o processo, com a publicação deste livro. Novo grupo de bolsistas engajou-se na recuperação do material produzido, na colheita de relatos, na produção de novo material e, principalmente, na pesquisa e elaboração de um projeto gráfico que condensasse o espírito e metodologia de criação do Programa. **O último capítulo desta parte conta a história deste projeto gráfico.**

LINHA DO TEMPO
PROGRAMA DESEJA.CA 4 ANOS

2011

O programa DESEJA.CA (Desenvolvimento Sustentável e Empreendedorismo Social no Jardim Canadá) nasceu de uma parceria entre a UFMG e o JA.CA (Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá). Com o objetivo em comum de melhorar a qualidade de vida dos moradores do Bairro. O programa teve início em 2011, e concluiu suas atividades em 2015 com a publicação deste livro.

Coordenação DESEJA.CA:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena
Francisca Caporali

Coordenação MAR.CA:
Matheus Mesquita

Professoras UNI009:
Juliana Torres de Miranda,
Natacha Rena

Colaboradores: Denise
Morado, Francisca
Caporali

Financiamento: PROEX

INICIO: MAR.CA



PRIMEIROS BOLSISTAS

Pedro Henrique Pereira, Karine Marçal, Luiza Fonseca de Almeida Magalhães, Ana Carolina de Oliveira Infante, Danilo Caporalli Barbosa.

MAIO

WORKSHOP ATLAS DA DIVERSIDADE

Evento com a participação do arquiteto colombiano Antonio Yemal em que foi realizado mapeamentos do bairro Jardim Canadá sob vários enfoques.

JULHO

MAPEAMENTO DOS RESÍDUOS



Os bolsistas realizaram um mapeamento dos resíduos produzidos pelas empresas localizadas no bairro Jardim Canadá.

OFICINAS DE CAPACITAÇÃO PARA OS BOLSISTAS



Série de workshops e oficinas dos bolsistas para capacitação dos bolsistas e da equipe do MAR.CA. A coordenação foi feita por Mateus Mesquita.

MARÇO-JULHO

UNI009 I: PROJETO SOCIOAMBIENTAL I

Oficina multidisciplinar ofertada para alunos de graduação da UFMG. Propôs a elaboração de projetos socioambientais via desenvolvimento de ações, produtos e intervenções artísticas e arquitetônicas, no bairro Jardim Canadá

MARÇO - NOVEMBRO

OFICINAS DE APROXIMAÇÃO COM A COMUNIDADE



Foram ministradas uma série de oficinas no bairro para a atração de beneficiários para o programa. São elas: Stêncil em camisa, Marcenaria e encadernação.

AGOSTO-NOVEMBRO

UNI009 II

AGOSTO-NOVEMBRO

MAPEAMENTO DOS INVENTOS



Os Alunos da disciplina UNI009 realizaram um mapeamento dos inventos presentes no bairro Jardim Canadá

DEZEMBRO

WORKSHOP PONTO EXPANDIDO



2012

Coordenação DESEJA.CA:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena
Francisca Caporali

Coordenação GRAF.CA:
Alexandre Menezes

Coordenação TE.CA:
Natacha Rena

Coordenação ESTAM.CA:
Daniel Patrick

Coordenação MAR.CA:
Matheus Mesquita

Colaboradores:
Talito Melo Lena

Professoras UNI009:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena

Financiamento:
FAPEMIG
PRPq/UFMG
PROEX/UFMG

INICIO: ESTAM.CA



INICIO: GRAF.CA



MARÇO-JUNHO

UNI009: III

MARÇO

OFICINA: STENCIL

A bolsista Patricia Cioffi orientou os demais bolsistas em uma oficina com o intuito de criar stencil das marcas do programa.

MAIO

LANÇAMENTO: PARAHYBA 02

Publicação de artigo dos bolsistas Luiza Magalhães e Pedro Silva, "Malhas globais, inventos locais", e artigo das professoras Juliana Miranda e Natacha Rena, ambos sobre o programa

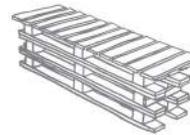
MAIO

EXIBIÇÃO DO FILME: O PALHAÇO



JUNHO

CARTILHA: BANCO



JUNHO

OFICINA DE MARCENARIA



AGOSTO-NOVEMBRO

UNI009: IV

SETEMBRO

CIDADE ELETRONIKA



Os bolsistas DESEJA.CA participaram como monitores nos workshops de Ativismo Urbano, organizados por Natacha Rena

OUTUBRO

NOITE BRANCA

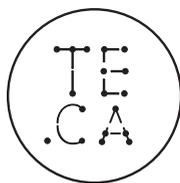
lançamento de uma publicação contendo todos os produtos e projetos realizados pelo DESEJA.CA

OUTUBRO

XV ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG

O programa MAR.CA foi premiado com menção honrosa entre os 45 projetos apresentados.

INICIO: TE.CA



NOVOS BOLSISTAS

ESTAM.CA: Júlia Garcia Estevam, Ana Paula Nitzsche, Luiza Rabelo.

MAR.CA: Pedro Henrique Pereira, Luiza Fonseca, Henrique Vianna, Mateus Jacob.

TE.CA: Sofia Lage, Patricia Cioffi.

GRAF.CA: Bernardo Gardingo de Carvalho, Márcio José Gabrich.

MAIO

OFICINA: STENCIL II

MAIO

OFICINA: ENCARDENAÇÃO

MAIO

PRIMEIRA VISITA A CASA DA IVETE

Os alunos da disciplina UNI009 fizeram uma primeira visita à casa da ivete. Realizaram, também, a primeira entrevista com a moradora, para investigar suas demandas.

JUNHO

OFICINA DE BORDADO



JULHO-AGOSTO

INICIO DO WORKSHOP: CASA DA IVETE



OUTUBRO

FEIRA DA MOSTRA DE DESIGN



Produtos do MAR.CA foram expostos e comercializados na feira da 7ª mostra de Design, evento organizado pelo Café com Letras em Belo Horizonte

OUTUBRO

NOVO MAPEAMENTO DOS INVENTOS

Os Alunos da disciplina UNI009IV/2012 fizeram uma nova catalogação dos inventos no jardim canadá, atualizando a pesquisa.

/// GERAL
— TE.CA
— GRAF.CA
— ESTAM.CA
— MAR.CA
— UNI009

2013

Coordenação DESEJA.CA:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena
Francisca Caporali

Coordenação GRAF.CA:
Alexandre Menezes

Coordenação TE.CA:
Natacha Rena

Coordenação ESTAM.CA:
Daniel Patrick

Coordenação MAR.CA:
Matheus Mesquita

Colaboradores:
Daniel Patrick
Talito Melo Lena
Débora Tavares
Vera

Professoras UNI009:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena

Financiamento:
FAPEMIG
PRPq/UFMG
PROEX/UFMG
MEC/SESU

MARÇO

UNI009: V

MARÇO

APRESENTAÇÃO AOS PROGRAMAS PARCEIROS

Foram feitas reuniões com: CRAS, Programa Vida Nova e com os jovens cadastrados no ProJovem, favorecendo a integração do DESEJA.CA com os programas e um intercâmbio de informações.

MAIO

OFICINA BORDADO DE MEMORIA



MAIO

OFICINA OBJETOS DE MADEIRA



JULHO

CARTILHA: HORTA COMUNITÁRIA



AGOSTO

OFICINA: PATCHWORK SIMBÓLICO



SETEMBRO

VISITA AO COMPLEXO PARAPEBA



SETEMBRO-NOVEMBRO

ENCONTRO TE.CA COM GRUPO DO CRAS

Encontro feito pelos bolsistas com o grupo da terceira idade do CRAS. Foram feitos, no total, 5 encontros com o grupo.

OUTUBRO

FINAL DO WORKSHOP: HORTA COMUNITÁRIA



NOVOS BOLSISTAS

ESTAM.CA: Alissa Resende, Júlia Garcia, Mateus Ubaldino Diniz, Luiza Rabelo, Julia Garcia Estevam

MAR.CA: Wanderson Mendes Guimarães, Henrique Vianna, Mateus Jacob

TE.CA: Sofia Lages, Aléxia Ramos de Oliveira, Patrícia Cioffi, Marina Moreira Alves

GRAF.CA: João Marcos Magalhães, Mateus Brisola, Isabela Martins Rezende

PESQUISA: Tais Trujillo, Wladimir Drumond, Priscila

APOIO TÉCNICO À PESQUISA: Débora Tavares, Talita Lessa

MAIO

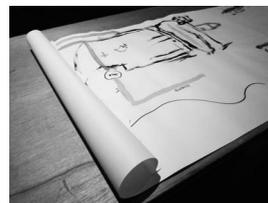
OFICINA DE MARCENARIA

MAIO

OFICINA DE CARIMBO

ABRIL

OFICINA MAPAS CONTEMPORÂNEOS



MAIO

OFICINA BRICOLAGEM CROMÁTICA



AGOSTO

VISITA AO INSTITUTO KAIRÓS



AGOSTO-NOVEMBRO

INICIO DO WORKSHOP: HORTA COMUNITÁRIA



AGOSTO

OFICINA: PRODUÇÃO DE BOLSAS LIVRES

NOVEMBRO

MAPEAMENTO DOS RELACIONAMENTOS

Mapeamento de Relacionamentos no bairro Jardim Canadá feito com o Grupo da Terceira Idade do CRAS.

OUTUBRO

XVI ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG

O programa DESEJA.CA foi premiado como sendo um dos melhores programas de extensão da UFMG, obtendo o 5º lugar.

/// GERAL
— TE.CA
— GRAF.CA
— ESTAM.CA
— MAR.CA
— UNI009

2014

Coordenação DESEJA.CA:
Juliana Torres de Miranda
Natacha Rena

Designer colaborador:
Daniel Patrick

Financiamento:
FAPEMIG
PRPq/UFMG
PROEX/UFMG
MEC/SESU

INÍCIO DA PRODUÇÃO GRÁFICA DO LIVRO



ABRIL

PRODUÇÃO DOS PRIMEIROS MAPAS



ABRIL

WORKSHOP COM ALEJANDRO HAIK

MAIO

REELABORAÇÃO DE DIRETRIZES GRÁFICAS



NOVOS BOLSISTAS

Pesquisa: Octavio Mendes

Extensão: André Victor, Isabela Izidoro

SETEMBRO

MAPA DE FLUXOS



Os bolsistas realizaram um ensaio fotográfico e coletaram informações acerca do transporte urbano no bairro.

OUTUBRO

FINALIZAÇÃO PARTES 1 E 2



OUTUBRO

1ª VERSÃO DA BONECA DO LIVRO ONLINE

DEZEMBRO

FINALIZAÇÃO DO LIVRO

NOVOS BOLSISTAS

Pesquisa: Yaçana Lima

Extensão: André Siqueira, Isabela Akemi, Felipe Parreira, Rafael Amarato, Ramon Correa, Vitor Mattos,

ABRIL

ENSAIO FOTOGRÁFICO NO JARDIM CANADÁ



Através do ensaio realizado no bairro, percebeu-se a predominância de tons terrosos no bairro; o que foi essencial para a definição da paleta de cores do livro.

MAIO

CONSTRUÇÃO DA PALETA DE COR PARA O LIVRO



AGOSTO

DEFINIÇÃO DE GRIDS PARTES 1, 2 E 3

AGOSTO

MAPA DE USUÁRIOS



Os bolsistas realizaram uma série de entrevistas com a população com o intuito de desenvolver uma rede de usuários no bairro Jardim Canadá.

OUTUBRO

FINALIZAÇÃO DOS MAPAS



Todos os mapas feitos no programa estão finalizados; eles foram, logo após, disponibilizados via internet.

OUTUBRO

SEMANA DO CONHECIMENTO



DEZEMBRO

FINALIZAÇÃO PARTE 3 E 4

CAPÍTULO 13: OFICINAS



Juliana Torres de Miranda
André Victor, André Siqueira, Felipe Parreira, Isabela Akemi, Isabela Izidoro, Octavio Mendes, Vitor Mattos

Como um Programa de extensão, ensino e pesquisa, de natureza socioambiental e vinculado às competências da arte, da arquitetura, do urbanismo e do design, o DESEJA.CA estrutura-se em 4 Projetos de Extensão: MAR.CA_ Marcenaria com madeira reciclada (ou Marcenaria Canadá), TE.CA - Tecelagem Canadá, ESTAM.CA - Estamparia Canadá e GRAF.CA - Gráfica Canadá (ou Núcleo de Apoio Gráfico do DESEJA.CA). O Projeto MAR.CA foi o pioneiro, do qual, inclusive, cresceu o todo o restante do programa. Durante o ano de 2011, iniciou-se experimentações de produção de objetos de design com resíduos de madeiras, principalmente de pallets descartados por empresas no bairro, visando à criação de oficinas de capacitação para a população local. Em 2012, iniciam-se algumas atividades das oficinas de tecelagem (TE.CA) e estamparia (ESTAM.CA), com o suporte gráfico do projeto GRAF.CA. Foi, no entanto, no ano de 2013 que as oficinas atingiram seu melhor funcionamento, devido ao

apoio do MEC/SESU através do Edital xxx e da FAPEMIG através do edital xxx.

Como está explicitado nos projetos apresentados a esses editais e discutido no capítulo 1 deste livro, o conjunto de ações integradas, do qual as oficinas de capacitação em artesanato e design com material reciclado figuravam como o eixo principal, objetivava a redução das desigualdades sociais e o combate à extrema pobreza no Jardim Canadá. A estratégia para tal seria a produção de objetos com valor agregado - produtos de qualidade que pudessem ser comercializados em mercados de alto padrão - com uma linguagem construída a partir de cuidadosa e criativa observação das singularidades dos espaços cotidianos, engendrados e experimentados pela comunidade local. Da conscientização das demandas ambientais e descoberta do valor das soluções espontâneas "inventadas" no cotidiano do bairro, pretendia-se fazer surgir inusitadas

abordagens para as oficinas de marcenaria, tecelagem e estamparia. Esperava-se também que o programa implantasse, após um período de capacitação, uma rede produtiva independente, fundada na economia solidária.

Do ponto de vista metodológico, as oficinas foram elaboradas com ênfase diretamente na criação e produção, ou seja, a ideia era aprender fazendo e ao mesmo tempo criando uma linguagem própria. Assim, visava-se a alcançar a condição de um beneficiário não-alienado do processo, que fosse também co-autor da história e do aprendizado. Essa metodologia geral perpassava cada uma das oficinas de capacitação – de marcenaria, estamparia e tecelagem – que, focando em suas competências, desenvolveram metodologias próprias, visando tanto ao melhor aprendizado das habilidades específicas quanto à valorização das peculiaridades do bairro Jardim Canadá. Por outro lado, pretendia-se também a articulação entre as oficinas, produzindo objetos em marcenaria, outros em tecelagem e outros em estamparia, resultando em uma coleção de objetos que fizesse o uso das três técnicas.

Complementarmente às atividades específicas de produção em cada técnica, foram planejadas oficinas de criatividade utilizando metodologias que reforçavam a

união do grupo através de dinâmicas criativas coletivas e colaborativas. O enfoque dado nessas atividades era no estímulo da capacidade criativa dos participantes a partir de percepções críticas sobre o espaço circundante. Estas atividades eram intercaladas com aulas teóricas sobre arte, artesanato e design e também sobre um vasto repertório de design contemporâneo para que o grupo pudesse ter conhecimento das tendências do mercado criativo em design sustentável.

Ao final de cada ciclo de produção, planejava-se algum evento para exposição e divulgação dos produtos. As atividades e todo processo de ensino e capacitação eram registradas diariamente e divulgadas em página pública na internet, sendo também disponibilizadas apostilas com linguagem acessível produzidas durante o processo pelo Projeto Graf. ca.

Cada um dos projetos contou com a coordenação acadêmica de um professor e prática de um técnico. Os estudantes bolsistas eram os verdadeiros protagonistas das oficinas atuando como produtores e professores após sua própria capacitação. A equipe de bolsistas e de voluntários variou bastante durante esses cinco anos, sendo que se formou uma rede de trocas de experiências e multiplicadores dos conceitos, linguagens e técnicas

desenvolvidas pelo grupo que hoje se difunde em outros projetos de extensão da Escola de Arquitetura da UFMG.

Os anos de 2011 e 2012, devido à carência de uma infraestrutura completa e de material de consumo, além do já disponível material a ser reciclado colhido no bairro, não contaram com muitos beneficiários. Caracterizaram-se como um intenso período de experimentação, pesquisa e capacitação da equipe de extensionistas, principalmente dos alunos bolsistas. Esperava-se destes um forte papel protagonista, o que foi bem alcançado. Pequenos cursos, de curta duração, articulando os quatro núcleos foram ofertados para a comunidade do bairro, aliados à promoção de eventos como exibição de filmes e festas. Essas pequenas oficinas, além de propiciarem uma rápida capacitação e experimentação metodológica, visavam à aproximação do Programa e do JACA com a população do bairro. Já nas primeiras tentativas de divulgação das oficinas no bairro, a equipe se deparou com uma grande dificuldade em atrair beneficiários. Mesmo sendo gratuitas, não despertaram grande interesse na população. Destaca-se que a própria localização do JACA, onde se sediavam as oficinas do Programa, atuava como um fator de dificuldade nesta aproximação.

Em 2013, foi possível criar turmas

com número maior e mais constante de beneficiários. Além dos financiamentos acima mencionados, contribuiu sobremaneira a parceria com instituições de assistência social à população presentes no bairro, dentre os quais estão o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, o programa ProJovem e o programa Vida Nova. Assim, o intercâmbio de informações e a integração entre o DESEJA.CA e esses parceiros facilitou a adesão da população do bairro às oficinas ministradas. Muitas vezes, os bolsistas do programa ministravam as oficinas dentro dos próprios núcleos de assistência social, ao exemplo das atividades ministradas pelo TE.CA dentro do núcleo CRAS Noroeste.

Mesmo assim, ainda foi difícil manter os beneficiários e foram necessárias mudanças de estratégias nos objetivos e metodologias das oficinas de capacitação. O capítulo 13 ocupa-se na descrição e reflexão do que se produziu e do que ocorreu nessas oficinas. Embora tenha havido muitos momentos de cruzamento de atividades entre as quatro oficinas do Programa, essas são apresentadas separadamente, pontuando, sobre a perspectiva de cada uma, as lições de toda a experiência.

CAPÍTULO 14: WORKSHOPS



Juliana Torres de Miranda
André Victor, André Siqueira, Felipe Parreira, Isabela Akemi, Isabela Izidoro, Octavio Mendes, Vitor Mattos

Durante a vigência do DESEJA.CA, alguns eventos de caráter prático foram realizados, uns diretamente ligados às atividades internas do programa e outros promovidos como parte de eventos acadêmicos, culturais ou artísticos, contando com a organização ou participação da equipe do programa. Foram momentos muito importantes e cruciais para os objetivos e experimentações do Programa. Verdadeiros pontos de inflexão que concentraram energias, que aceleraram o tempo das ações das oficinas de capacitação e que aglutinaram equipe, parceiros e comunidade. Foram realizados na média de um por ano, sempre articulados a outros eventos e parceiros para ampliar a escala de sua ação e permitir aproximação com grupos de arquitetos, artistas, designers e ativistas brasileiros e principalmente latino-americanos, com trabalho de referência internacional em arte e arquitetura social. Enquanto que as 4 oficinas do programa focavam mais na capacitação e na produção de objetos de design mais leves, como mobiliário ou artesanato para casa, os workshops vislumbravam ações de intervenção em espaços públicos e produção de objetos arquitetônicos. Objetiva-se, assim, gerar objetos complexos e de múltiplos enfoques,

passíveis de serem utilizados pela comunidade logo após o término de sua produção. Visava-se também à estimular uma integração entre os diferentes núcleos constituintes do programa, promovendo a multidisciplinaridade. Assim, os workshops promoveram a troca de habilidades e experiências entre os diferentes participantes e incorporação de metodologias de grupos externos.

Foram esses os principais workshops:

- **Atlas da Diversidade** - O produto deste workshop consiste numa série de mapas e representou a primeira incursão do DESEJA.CA na questão da cartografia como metodologia de pesquisa e estratégia de ação extensionista.

Ponto de Ônibus Expandido: workshop de construção de equipamento urbano com madeira reciclada.

- **Casa da Ivete** - workshop no modelo de mutirão de autoconstrução.

- **Cidade Eletrônica** - Evento cultural em que foram realizados quatro workshops para a construção de equipamentos e objetos para intervenção e ativismo urbano.

- **Horta Comunitária** - workshop para implantação de horta no bairro Jardim Canadá, promovido em parceria com o CRAS e outras instituições atuantes no bairro.

PONTO EXPANDIDO

Quando?

dezembro de 2011

Onde?

Praça Quatro Elementos,
Bairro Jardim Canadá

Quem participou?

Coordenação: Natacha
Rena, Francisca Caporali
e Mateus Mesquita;
Bolsistas do DESEJA.CA e alunos
da disciplina UNI009



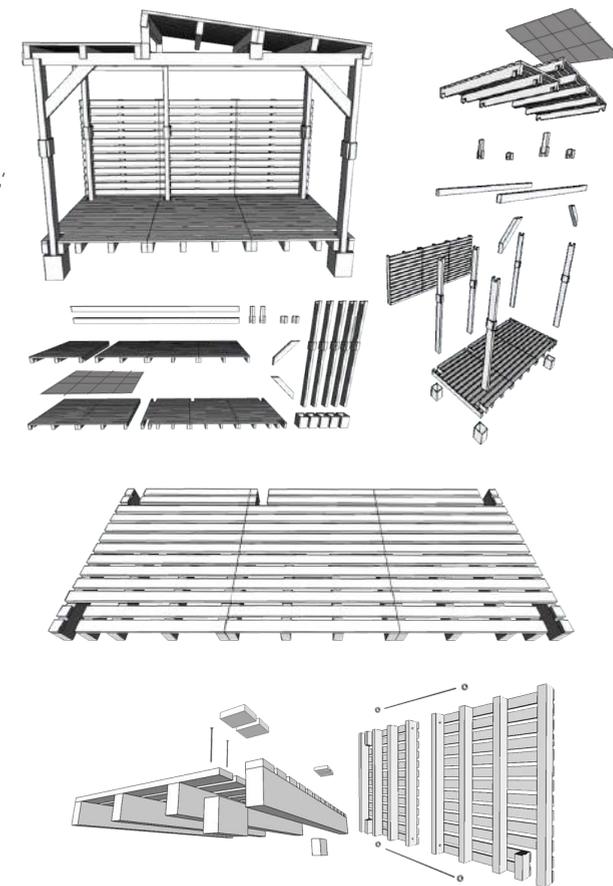
OBJETIVOS

O Workshop do Ponto Expandido atendeu a três objetivos principais: o primeiro, de finalizar a capacitação em marcenaria da equipe do MAR.CA com a ampliação da escala dos objetos confeccionados com madeira reciclada; o segundo, de tornar mais visível a presença do JA.CA e do DESEJA.CA no bairro, atraindo beneficiários; e, por fim, o de intervir no espaço público do bairro contribuindo para sua melhoria. As várias incursões pelo bairro revelou o problema da mobilidade, devido ao número escasso de linhas de ônibus internas e à precariedade dos pontos de ônibus. Esse seria um problema relevante a ser enfrentando com

a construção de um protótipo de ponto de ônibus a ser instalado em local estratégico. O local escolhido foi na Rua xxx, ao lado da Praça Quatro Elementos. Esse ponto além de reunir grande número de pessoas, sem nenhuma infraestrutura, realçava o contraste entre a praça e o entorno. A praça foi construída pela empresa VALE, como medida compensatória dos impactos causados pela Mina Capão Xavier, vizinha ao bairro. O ponto de ônibus deveria abrigar outras funções, como jardineiras e mini-biblioteca de revistas, instigando reflexões sobre o uso do espaço público.

PROCESSO

O projeto do Ponto foi desenvolvido coletivamente pela equipe do MAR.CA e alunos no último mês da disciplina UNI009 I. Como matéria prima, deveria utilizar resíduos encontrados no bairro, principalmente pallets descartados por empresas locais e ser construído pela própria equipe, utilizando essencialmente ferramentas manuais. Deveria também fazer uso de soluções improvisadas observadas no bairro, valorizando a inteligência coletiva local.

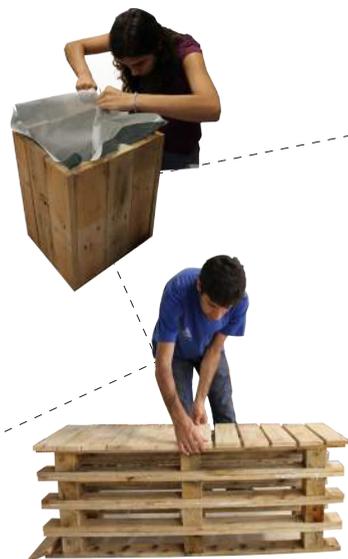


Embora não houvesse claros limites demarcados entre o projeto e a própria construção, um esboço foi elaborado utilizando algumas soluções de mobiliário já desenvolvidas pelo grupo e então divulgado, para a comunidade da Escola de Arquitetura e aos moradores do Jardim Canadá, um evento para a construção coletiva do ponto. Folhetos de divulgação foram espalhados pelo bairro, mas somente alunos da universidade participaram deste mutirão de construção.



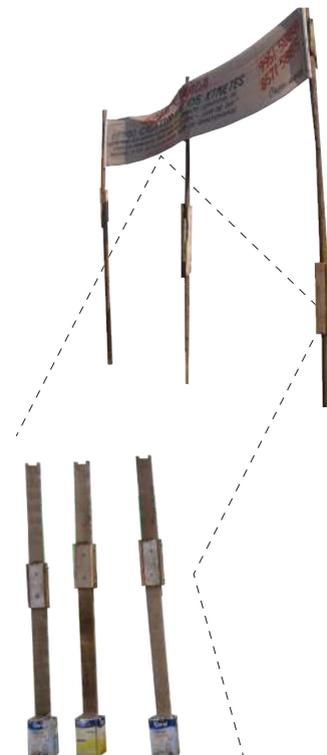
Ainda que a construção do Ponto representasse o fim da capacitação dos bolsistas, que nesse momento já tinham conhecimentos de marcenaria, e que o projeto foi elaborado a partir dos materiais disponíveis, algumas modificações foram necessárias durante a produção. Uma delas foi a não utilização dos grandes pallets em todas as etapas: esses pallets eram muito pesados e difíceis de manusear, sendo, finalmente, utilizados apenas no piso. Os pallets padrão de

1,20 x 1,20 foram então usados nas outras estruturas, que também tiveram seu projeto modificado no momento da construção. Para conseguir pilares com pé-direito maior do que o comprimento das peças de pallets, aproveitou-se de uma tática observada em uma placa vizinha ao Ponto. Já a cobertura, foi feita com lonas cobrindo os pallets. Para as fundações, foi usado cimento de secagem rápida e, por fim, para dar estabilidade aos pilares, corpos de prova.



Além da necessidade de modificar o projeto no enfrentamento da sua construção, outros imprevistos foram a chuva durante grande parte do workshop e a necessidade de preparar o terreno, capinando-o e nivelando-o manualmente. Esses fatores prolongaram a duração do workshop que embora previsto para uma semana, durou um mês.

Depois de pronto, o ponto foi recebido com muito entusiasmo pela comunidade, embora poucos soubessem quem o construiu. Quase três anos após sua implantação, a Prefeitura de Nova Lima instala um ponto de ônibus oficial.



PRODUTOS

Depois de pronto, o ponto foi recebido com muito entusiasmo pela comunidade. O Ponto de ônibus expandido era constituído dos seguintes equipamentos:

- | | |
|------------------|---------------|
| 1. Ponto coberto | 4. Jardim |
| 2. Bancos | 5. Lixeira |
| 3. Caxepô | 6. Revisteiro |



2



3



4



5



6



REFLEXÕES

A experiência de construção do Ponto Expandido trouxe algumas reflexões.

Primeiro, em relação ao processo de projeto e construção. Ficou evidente que os limites entre esses dois momentos, comumente diferenciados nos processos lineares e tradicionais de projeção em design e arquitetura, devem ser revisados quando se lida com a autoconstrução e experimentação com novos materiais. Principalmente no caso dos alunos de arquitetura e design, ficou visível o distanciamento entre projeto e sua execução. Mesmo havendo esboços iniciais, esses devem ser tomados como um guia de intenções e devem considerar como ponto de partida, não uma forma

ou estética prévia, mas sim o material disponível em sua potencialidade, tanto a matéria prima como ferramental para manuseá-la. Assim, o processo de projeto se mescla com a construção de protótipos. Durante a construção, o projeto inicial é constantemente revisado e refeito.

Segundo, essa experiência contribuiu para uma reflexão sobre a apropriação e intervenções sobre o espaço público. O modelo de parceira público-privada que concretizou a Praça Quatro Elementos deixou explícito o interesse de marketing, de fazer visível uma imagem da empresa que a construiu. Planejam um amplo espaço público sem considerar as demandas locais. Apesar dos bancos e sombras ali existentes, no dia a dia, a maior concentração de pessoas na região se dá no ponto de ônibus, em terra batida, sob o sol e chuva, sem local para sentar. Com a construção do ponto, destaca-se sua anomicidade e estranheza naquele local. Não tinha alvará para estar ali. Embora com grande atraso, a mera existência daquela estrutura

anônima e efêmera, parece ter despertado a administração pública para sua omissão.

Essa reflexão nos leva a um terceiro ponto a ser destacado nesta experiência: a apatia e a falta de envolvimento da população local. O workshop não atuou como se esperava na atração de beneficiários para as oficinas do programa, nem para a própria construção do ponto. A participação dos moradores do Jardim Canadá foi restrita ao bar da esquina que possibilitou o armazenamento do material durante a construção, à doação de resíduos e a breves conversas com transeuntes curiosos. Também não houve uma apropriação do ponto pelos seus usuários. Embora faziam uso de sua sombra e assento, não se indagavam sobre sua aparição ali. Resistindo mais do que o esperado às intepéries do tempo, o ponto começou a ser depredado com a retirada das brocas e parafusos da sua estrutura. Como conseguir o envolvimento da população local nas oficinas do DESEJA. CA e em atividades de melhoria de seu bairro ainda se postava como um grande desafio.



CASA DA IVETE

Quando?

março a julho de 2012

Onde?

Casa à Avenida Vitória, no. 9xx, Jardim Canadá, Nova Lima

Quem participou?

Coordenação: Francisca Caporali, Juliana Miranda, Mateus Mesquita e Natacha Rena
Colaboração: Edgard Mazo (arquiteto Medellín, Colômbia); Alejandro Tobón (artista plástico, Medellín, Colômbia) e Marcela Silvano Brandão (arquiteta).
Participantes: Bolsistas do DESEJA.CA, Ivete e família, pessoas externas inscritos no workshop.



OBJETIVOS

Após um período de intervenções nos espaços públicos do Jardim Canadá, o DESEJA.CA almejava atuar no ambiente doméstico, investigando o potencial para o uso de material reciclado junto à autoconstrução e processos de projeto colaborativos, que pudesse ser replicado por qualquer morador. Ivete, funcionária do JA.CA e moradora do bairro, propõe aos alunos e professores que fizessem uma reforma em sua casa. O tema da autoconstrução, dos

modos de vida relacionados às táticas cotidianas das pessoas comuns, excluídas dos meios formais de produção da habitação, tornaram-se tema central da disciplina UNI009 ao longo do 1o semestre de 2012, culminando em um workshop, aberto para comunidade em geral, para o mutirão de construção das intervenções na casa da Ivete.

PROCESSO

A Ivete dessa história é funcionária do JA.CA desde a sua fundação, em 2010, e moradora do Jardim Canadá desde 2001, quando saiu de Ponte Nova, no interior, para conseguir um bom trabalho e viver mais perto dos irmãos. Todos trabalhavam como pedreiros na região e construíram, juntos e ao

longo do tempo, a casa da Ivete, em meio-lote adquirido com o irmão. Compreendendo a ideia de auto-construção e colaboração, DESEJA.CA entendia que esta rede de solidariedade da Ivete deveria ser acionada novamente para a reforma em sua casa.



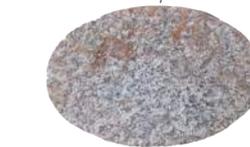
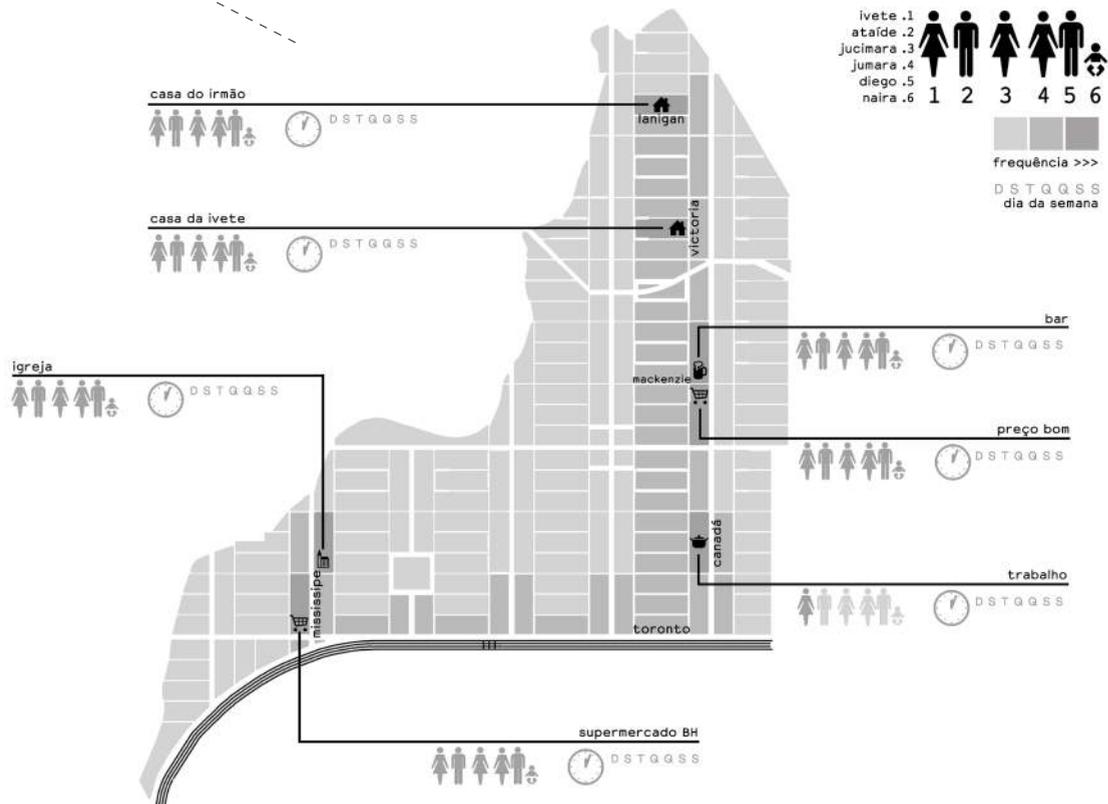
Para entender melhor as condições, os desejos e o cotidiano de Ivete e sua família, em maio de 2012, foram realizados os primeiros levantamentos da habitação e da relação dos moradores com o bairro. Ao mesmo tempo em que se percebia que a situação da

construção era muito mais precária do que a imaginada (mofo, infiltrações, circuitos elétricos precários, falta de saneamento adequado, etc), conhecer a história da família entrelaçada na história das transformações da casa, revelava que os valores e desejos daqueles moradores

priorizavam outras questões, como a privacidade da vida doméstica, a importância da autonomia dos jovens adultos, a possibilidade constante de ampliação, a segurança, a sociabilização nos finais de semana e, enfim, a preocupação com a imagem. Ivete deixou revelar que seu



desejo era que sua casa ascendesse da condição de informalidade, motivo pelo qual, segundo ela, a tornava ponto de entulho e lixo dos vizinhos. Ansiava por uma nova fachada e pelo valor agregado que os artistas e arquitetos lhe trariam.



A proposta da reforma começou a ser discutida junto a disciplina UNI009, realizando, os alunos, estudos de desenho e possíveis sistemas construtivos. Embora a ideia era conceber a reforma com resíduos coletados pela própria Ivete (telhas avulsas, recortes de pedra, peças de serralheria, etc.) ou pelos já conhecidos no bairro (como os palletes e corpos de prova de concreto), as propostas seguiam formato de projeto tradicional, muito

influenciado pelas técnicas de representação tradicionais. Em junho, com a contribuição do arquiteto colombiano Edgard Mazo, artista residente do JA.CA, alunos da disciplina e bolsistas desenvolveram a proposta de projeto, utilizando maquetes, desenhos técnicos e colagens que foram apresentados e discutidas com Ivete. Sua recepção pareceu foi favorável. Não questionou nada, nem pediu alteração



alguma no projeto. Não haveria algo equivocado nisso? Estaríamos repetindo a tradicional relação arquitetos propositivos e clientes passivos?





Conhecendo melhor a realidade de Ivete, os grupos de trabalho perceberam que a situação da construção era muito mais precária do que a imaginada. O workshop que se pretendia ser de uma semana não conseguiria dar conta de todas as demandas

encontradas, como aumento do tamanho da casa, novos mobiliários, mofo e curto-circuitos. Através de entrevistas com a moradora e a família, percebeu-se que o maior problema de sua residência era a faixa, pois Ivete considerava que a entrada

de sua casa era a mais feia da rua e, por isso, outros moradores jogavam lixo e entulho em sua porta. Ivete gostaria de ter mais privacidade em sua casa, além de uma casa que passasse uma imagem de organização.

O projeto seguiu num formato

padrão e seu foco fora direcionado para a faixa da casa. Assim, se estabelecia uma relação de cliente e projetista, onde os desejos de Ivete estavam sendo transpostos para o projeto, sem participação efetiva da mesma. A maquete e os



HORTA COMUNITÁRIA

Quando?

Projeto iniciado no começo de 2013; multirões de execução em julho de 2013.

Onde?

Terreno ao lado do CRAS Noroeste (Centro de Referência e Assistência Social)

Quem participou?

Bolsistas do DESEJA.CA (núcleos TE.CA, MAR.CA, ESTAM.CA e GRAF.CA); representantes do CRAS, do programa Vida Nova e Saúde da Família;



OBJETIVOS

O projeto da Horta Comunitária no Jardim Canadá surgiu pela demanda de constituir um espaço de plantio agroecológico coletivo e colaborativo, que estimulasse a convivência e a aprendizagem de práticas agrícolas urbanas, além de novas formas de contato, ocupação e recriação do ambiente urbano dentro de uma lógica de rede e sustentabilidade.

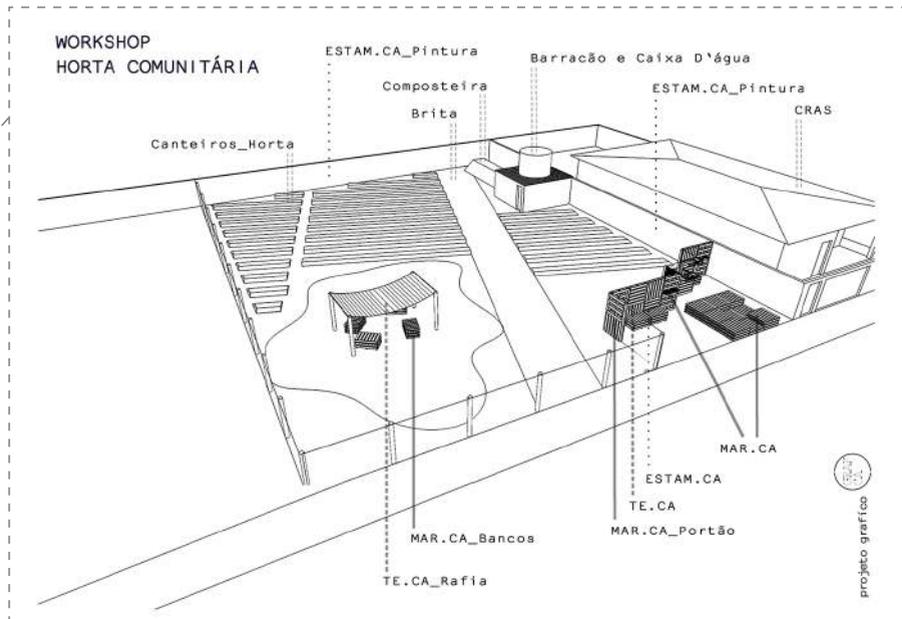
Sendo, ainda, uma forma de valorização de saberes tradicionais e melhoria nutricional para os participantes. A ideia surgiu a partir do Grupo de Trabalho Intersetorial da Regional Noroeste de Nova Lima, iniciativa do CRAS que reúne diversas entidades e indivíduos ligados à rede de proteção dos direitos sociais locais.

PROCESSO

Para materializar esse projeto o CRAS conseguiu estabelecer uma parceria com os proprietários de três lotes vizinhos à sua sede no bairro Jardim Canadá através de um comodato. Dessa forma, um lote estaria disponível para receber a horta até o final do ano de 2013 e o restante do terreno poderia ser usado, inicialmente, nos próximos dois anos. A limpeza do terreno e seu cercamento foram de responsabilidade da Administração Regional de Nova Lima, apesar de contar com a ajuda dos bolsistas do DESEJA.CA.

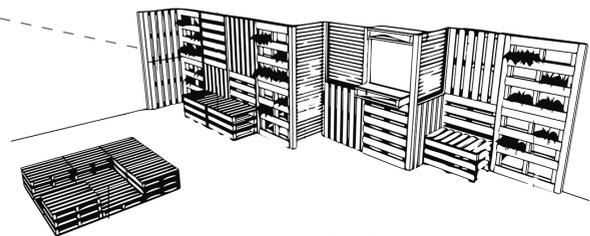
Para aguar a plantação tivemos o apoio da Prefeitura Municipal de Nova Lima, que cedeu a água da sede do CRAS. Os insumos, sementes, mudas, composto orgânicos foram doados por floriculturas, organizações e pessoas envolvidas no projeto. A assistência técnica partiu de voluntários do KAIRÓS, PRIMO, CRESCE, AMAU, entre outros.





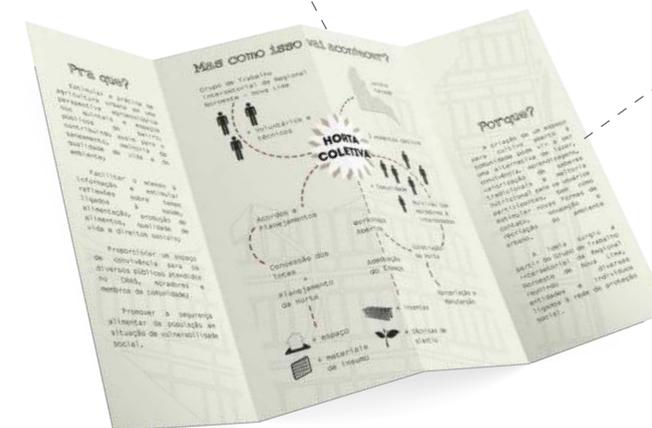
A equipe DESEJA.CA se responsabilizou pelo planejamento e implantação de infraestrutura e equipamentos no local. O projeto foi feito após e durante visitas ao terreno, onde foram feitas medições e registros fotográficos da vegetação existente.

A coordenação e gestão do projeto foi compartilhada entre a equipe do CRAS, pelos parceiros e pela comunidade participante.



O plano de mobilização incluiu a organização de um grande mutirão de plantio e setorização das atividades a serem realizadas. Cada núcleo do DESEJA.CA ficou responsável por alguma parte do projeto, que incluía pinturas nos muros, dispositivo para possível feirinha de orgânicos, cobertura para área de descanso, caminho de britas e criação de mobiliários. As intervenções foram feitas a fim de caracterizar o lugar para torna-lo convidativo à vivência da horta, além de ser uma forma de aproximação da população durante o processo.

Para divulgação do workshop, foi feita uma cartilha que continha a explicação de toda a metodologia do projeto, além de chamadas para os mutirões.





O projeto inicial sofreu certas mudanças conforme as orientações técnicas dos parceiros envolvidos. O posicionamento das plantações, por exemplo, não foi executada conforme previsto.

Além disso, os insumos (cogumelos) e as sementes utilizados foram sugestões do técnico de plantação, Gustavo (do grupo PRIMO). A pintura do muro recebeu ajuda do coletivo Pópôcô, que utilizou tintas doadas pelo Verdemar.



A produção dos mobiliários para a horta reuniu alguns marceneiros do bairro, além de moradores beneficiários do CRAS e público de fora do Jardim Canadá, especialmente da Escola de Arquitetura e Design da UFMG.



PRODUTOS

A horta comunitária foi finalizada em julho de 2013 e recebe manutenção de senhoras beneficiárias do CRAS desde então. Após os multirões foram feitas novas plantações e objetos, além da personalização de outros.



1. Portão com feirinha de orgânicos
2. Cobertura
3. Caminho de britas
4. Bancos de pallet
5. Muro pintado
6. Plaquinhas
7. Plantações



REFLEXÕES

A realização da horta comunitária pode ser considerada um dos workshops mais bem sucedidos em que o DESEJACA atuou, visto que o processo de produção incluiu diversas pessoas (incluindo moradores do bairro), além da efetiva apropriação do espaço, demonstrada pelos registros feitos após o período dos multirões. A participação do DESEJACA no grupo de discussão do CRAS foi determinante para a elaboração de

atividades que tivessem mais relação com o cotidiano e anseios da população. Nesse aspecto, destaca-se o mapeamento realizado previamente que identificava as hortas existentes no bairro, revelando a potencialidade da criação da horta comunitária. A parceria com outras instituições relacionadas com o Jardim Canadá foi um meio eficaz de estabelecer contato com a população do bairro. Dessa forma, muitos

beneficiários do CRAS da região participaram dos multirões e oficinas, além da assistência técnica adquirida a partir de parceiros. Apesar da forte presença dos moradores do bairro nos multirões de execução, a manutenção da horta é realizada por senhoras que tem ligação direta com o CRAS, e não parte da espontaneidade dos vizinhos do terreno.



MARZENARIA CANADÁ

Quando?

de 2011 a 2014

Onde?

JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá

Quem participou?

Coordenação acadêmica:
Juliana Torres de Miranda e Natácha Rena
Coordenação artística:
Francisca Caporali
Coordenação Técnica:
Mateus Mesquita
Bolsistas DESEJA.CA



PROCESSO

Em 2011 foram realizadas oficinas de capacitação básica em marcenaria tanto para os bolsistas com também para a equipe de professores e artistas, sob coordenação de Mateus Mesquita, artista e marceneiro do JACA. Esta capacitação foi realizada já com experimentações do potencial técnico e estético de peças de madeira descartadas no bairro, recolhidas a partir de várias excursões de mapeamento realizadas pelos bolsistas (ver Mapa xx no Capítulo xx).



OBJETIVOS

O Projeto denominado MAR.CA - Marcenaria com Madeira Reciclada deu início ao Programa DESEJA.CA. O seu objetivo era o de implantar uma oficina de capacitação técnica em marcenaria, design e arquitetura, abordando conhecimento e habilidades técnicas para criação e construção de objetos e mobiliário em madeira reciclada, material facilmente encontrado dentro das empresas que se localizam no Jardim Canadá.



Foram produzidos principalmente objetos de mobiliário, cuja linguagem procurava referenciar o contexto do próprio bairro. Acompanhando a parte técnica, várias pesquisas e aulas teóricas sobre referenciais estéticos e sobre tecnologia social foram realizadas, juntamente com excursões coletivas pelo bairro. O ano culmina com o workshop Ponto de Ônibus Expandido em que além de testar as técnicas experimentadas em oficina em objetos na escala de infraestrutura urbana, serviu como importante pesquisa de linguagem a partir da referência a objetos improvisados construídos por moradores do bairro.



Em 2012, continuaram esses ciclos de capacitação e experimentação com a participação de esparsos beneficiários, tanto do bairro, quanto externos. Nesse momento já se utilizam algumas cartilhas, de fácil leitura, permitindo a replicagem de tipos desenvolvidos pelo próprio grupo de bolsistas e beneficiários.



Essas cartilhas foram produzidas pelo núcleo de apoio gráfico – o Projeto Graf.ca, cujos princípios e metodologias estão apresentadas a seguir. Ao longo do 2º semestre deste ano, ocorreu o workshop Casa da Ivete, para onde confluíram vários desses objetos e infraestruturas tipos.

Destaca-se também a participação do MAR. CA, na feira de design e no Evento Noite Branca, em Belo Horizonte. Nessa ocasião os bolsistas montaram um estande em que foram divulgados e comercializados pequenos objetos produzidos pelo núcleo durante as oficinas e workshops feitos no bairro.



EM 2013, FORAM ORGANIZADAS OFICINAS COM NÚMERO MAIOR DE BENEFICIÁRIOS. (FALAR DESSAS OFICINAS E PRODUTOS: BANCOS, JARDINEIRAS, CARRINHO DE RO-LIMÃ...)

ESTAMPARIA CANADÁ

Quando?

De 2012 a 2013

Onde?

JACA - Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá

Quem participou?

Bolsistas do DESEJA.CA

Coordenação artística:

Francisca Caporali

Coordenação acadêmica:

Juliana Miranda e

Natacha Rena

Coordenação técnica:

Daniel Patrick



OBJETIVO

O ESTAM.CA é um núcleo de produção de estamparia do DESEJA.CA criado em 2012, fundamentado na ideia de geração de renda e inclusão social por meio de economia criativa. O objetivo do núcleo é agregar valor aos produtos gerados por outras oficinas do programa através da estamparia em tecidos, madeira e papel. Propõe a utilização de técnicas simples que permitem um rápido aprendizado e a utilização de matéria-prima diversificada, advinda, inclusive, de diversos tipos de resíduos sólidos.



PROCESSO

No primeiro ano do DESEJA.CA, quando existia somente o projeto MAR.CA, iniciou-se uma experimentação por maneiras de inserir as logomarcas do programa (desenvolvia pelo artista gráfico do JACA Portilio xxxxxx) nos objetos de madeira produzidos nas oficinas do MAR.CA, reforçando uma identidade própria. A partir do sucesso dessas experimentações, pensou-se em ampliar as técnicas de estamparia com a criação do Projeto ESTAM.CA.



No ano de 2012, então, foram realizadas pequenas experimentações com técnicas simples, com intensa pesquisa por referências estéticas vinculadas a ideia de uma produção artesanal participativa e inclusiva, fundada no cotidiano. Aulas teóricas foram conduzidas para os bolsistas, com o objetivo de: apresentar diversos suportes de estamparias e trabalhos realizados com resultado satisfatório e com o mesmo

perfil do projeto em questão; apresentar a metodologia de trabalho e seus fundamentos teóricos; discutir textos sobre assuntos relacionados (design e identidade cultural, produção do espaço e processos contemporâneos de projeto e economia solidária) e promover um treinamento com o material didático sobre desenho gráfico, gravação de telas e estamparia propriamente dita para ser utilizada em diversos suportes.



O ESTAM.CA teve, contudo, maior atuação prática no ano de 2013, quando foram realizadas pequenas oficinas abertas ao público, principalmente do bairro, sendo algumas de administração independente do núcleo e outras com o apoio de outros núcleos do programa. Os cursos foram ofertados pelos próprios bolsistas, tendo o apoio dos coordenadores e técnico. Foram oferecidos três cursos, sendo eles: **Stencil, Carimbos e Stencil em Camisas.**



Seguindo o princípio de utilização de material residual e de técnicas simples, utilizou-se, nas oficinas de stencil, acetados de raio-x em desuso e, nas oficinas de carimbo, borrachas escolares e vegetais. Em todas elas, incentiva-se os beneficiários a resgatar referências de objetos, paisagens, palavras e expressões que remetessem ao bairro, bem como ao dia-a-dia dos moradores e sua apropriação do espaço. No caso das estampa de camisetas, cada beneficiário produziu um desenho que foi transcrito para uma máscara em acetato de raio-x e então aplicado sobre camisetas com tinta em spray.

Além desses cursos, o núcleo realizou algumas oficinas de pintura de muros e fachadas de construções no bairro Jardim Canadá. A primeira dessas oficinas foi a de pintura de logomarca da fachada do JACA e muro interno, para a recepção dos artistas durante as residências artísticas. Nessa oficina realizaram vários testes como a separação dos planos com fita crepe para posteriormente pintá-los com as tintas disponíveis. Realizaram-se misturas com as tintas para ampliar a possibilidades de cores da oficina.



No workshop da Horta Comunitária, os bolsistas do ESTAM.CA, juntamente com o Grupo Pópocô e voluntários da comunidade, pintaram o muro que cerca a horta, que também recebeu stencils produzidos pelo ESTAM.CA e uma preparação para receber um quadro de avisos, usando tinta de quadro negro. Além do muro, os bolsistas elaboraram plaquinhas para identificação das hortaliças, onde se experimentou

técnicas de stencil, carimbo e pintura a mão livre com guache na madeira tratada de pallet. Para otimizar o processo e criar uma linguagem padrão, os bolsistas optaram pela criação de carimbos para a criação de quadros de avisos, que foram construídos com pequenos quadrados de madeira, onde as letras do alfabeto confeccionadas em material E.V.A. eram coladas em uma das extremidades. O ESTAM.CA também realizou

a pintura do Muro da Escola Estadual Maria Josefina Sales Wardi. A ideia para essa oficina foi a criação de uma identidade visual para a escola com participação dos seus próprios alunos. Em um primeiro momento, organizou-se uma dinâmica para a construção coletiva desta linguagem. A partir dessa discussão, os bolsistas, juntamente aos alunos da escola, iniciaram o processo de pintura do muro.



PRODUTOS

Durante sua atuação, o Núcleo ESTAM.CA elaborou diversos produtos em suas oficinas.



REFLEXÕES

O ESTAM.CA foi um dos núcleos que mais encontrou dificuldades durante o programa, devido a escassez de matéria prima (tintas e material de desenho, principalmente) e de infraestrutura de estamparia. No seu primeiro ano de funcionamento do projeto, essa dificuldade não foi um empecilho, pois se procurava explorar justamente o potencial de técnicas extremamente simples, como stencil e carimbos. No entanto, em 2013, tendo sido o Programa contemplado pelo Edital

PROEXT do MEC/SESU, planejou-se a ampliação das técnicas de estamparia, com a aquisição de mesa para estampar telas e material para desenho e pintura. Infelizmente, esse material só foi adquirido em 2014, quando o ciclo de produção e de oficinas abertas ao público havia chegado ao fim. Contudo, essa ausência de infraestrutura e tintas incentivou a busca por outras estratégias e metodologias a serem aplicadas nas oficinas, explorando mais as técnicas simples. Toda essa infraestrutura está

agora disponível para outros projetos de extensão da Escola de Arquitetura, sendo que se espera que sejam capazes de promover uma aproximação entre os universos da arte e do design, onde este equipamento é comumente tem seu uso, e outro universo, o da arquitetura e urbanismo.



GRÁFICA CANADÁ

Quando?

No período entre
2012 e 2013

Onde?

DESEJA.CA

Quem?

Bolsistas do DESEJA.CA:
Isabella Martins Rezende,
João Marcos Magalhães F.
Teixeira, Matheus Brisola,
Márcio José Gabrich
Fonseca Freire Ramos
e Bernardo Gardingo
de Carvalho.
Coordenador: Dr. Alexandre
M. de Menezes



OBJETIVO

O GRAF.CA é um núcleo do DESEJA.CA criado em 2012 fundamentado na ideia de ser o suporte para os outros núcleos do programa. O GRAF.CA foi responsável pela criação de todo material gráfico do DESEJA.CA, e durante seu tempo de atuação, o núcleo desenvolveu diversos trabalhos, como a criação da identidade visual do programa (incluindo o site, flyers de divulgação

de oficinas e workshops), além de oficinas próprias realizadas no Jardim Canadá - como a de encadernação, a de papelaria artesanal e as oficinas criativas. Como maior feito do GRAF.CA, podemos citar as Apostilas de Oficinas de Construção, que ensinavam a reproduzir produtos criados pelos outros núcleos do



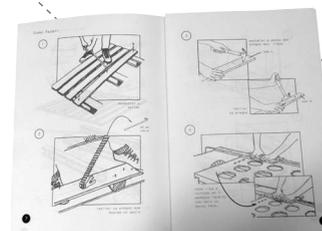
DESEJA.CA

PROCESSO

A respeito das atividades realizadas pelo núcleo, o GRAF.CA foi responsável, dentre outras coisas, pelo desenvolvimento da cartilha para a divulgação, explicação e funcionamento da Horta Comunitária implantada no Jardim Canadá, além da **Cartilha de Construção do Banco realizado pelo MAR.CA.** O núcleo também desenvolveu as peças gráficas usadas para divulgação de todos os workshops e oficinas realizadas durante o programa, trazendo uma linguagem visual de fácil compreensão, com infográficos, os quais sempre foram impressos nas cores amarela e preta, presentes na logo criada para o programa.



As Oficinas de Criatividade eram realizadas juntamente com os moradores do bairro, e dividiam-se em 2 etapas principais: a primeira, na qual os bolsistas apresentavam uma carga teórica introdutória a respeito do tema a ser trabalhado com os alunos; a segunda, na qual colocava-se em prática os conceitos aprendidos. Nessas oficinas foram realizados diversos trabalhos como estudo d cor, oficina de mapeamento, bricolagem cromática, encadernação e de papelaria artesanal.



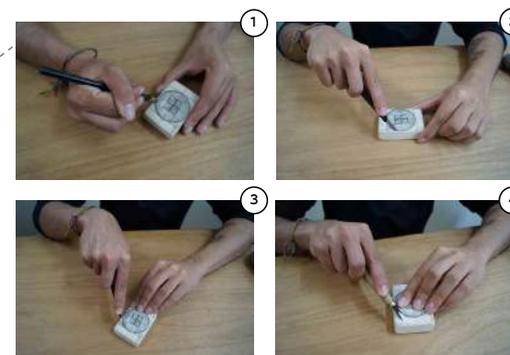
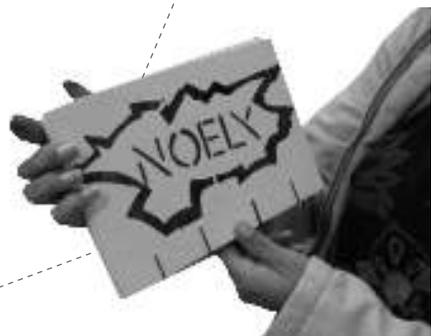
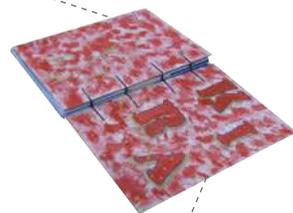


Na Oficina de Mapeamento, os moradores do Jardim Canadá representaram, por meio de linguagem gráfica que considerassem significativa, os caminhos que percorriam no bairro.

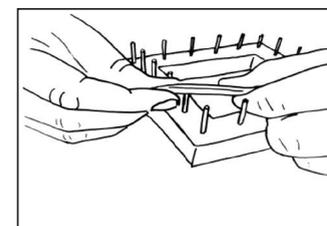
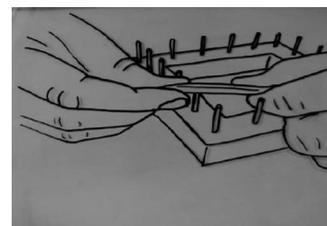
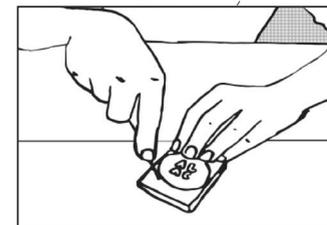
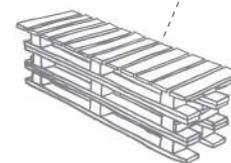
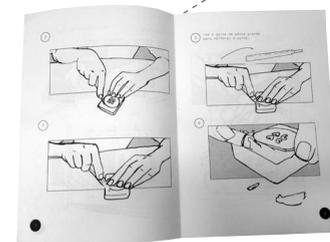
Na Oficina de Bricolagem Cromática os bolsistas saíram pelo bairro recolhendo resíduos que tivessem cores contrastantes que pudessem ser usadas de acordo com a proposta apresentada.

Na Oficina de Encadernação e de Papelaria Artesanal os bolsistas apresentaram aos moradores a proposta de criar cadernos artesanalmente a partir de matéria prima que, de outra maneira, seria destinado ao descarte. Materiais como papelão e linha de crochê eram usados na confecção dos cadernos.

Nas Oficinas de Papelaria Artesanal os bolsistas desenvolveram junto aos moradores a criação de capas para os cadernos diante da proposta realizada através de desenhos realizados pelos próprios moradores.



A primeira ação na elaboração das cartilhas foi o levantamento de fotos para a criação de **storyboards**: as fotos tratavam do processo de construção dos produtos das oficinas ofertadas, e tinha-se a intenção de demonstrar o passo-a-passo da criação. Para então realizar o desenvolvimento dos desenhos para o material didático os bolsistas usavam o monitor do computador como mesa de luz, deitando-o, e assim obtinham uma **cópia da imagem**.



Uma vez reveladas, as fotos eram tratadas e colocadas sob o acetato, de forma que elas pudessem ser transformadas em desenhos para sua vetorização. Outro processo aderido na realização dos vetores foi a **aplicação de hachura** no fundo das imagens para dar destaque às formas e as ferramentas que são representadas.

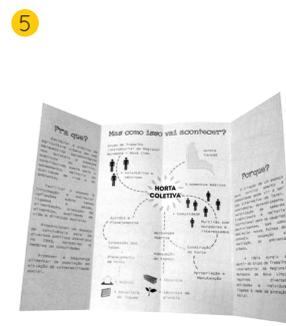
De forma a preservar a identidade das pessoas fotografadas, os bolsistas do núcleo decidiram criar uma representação anônima - que não revelasse a real identidade dos envolvidos. O núcleo optou por imagens que fossem autoexplicativas, cumprindo assim o papel de repassar as informações necessárias sem a necessidade de textos extensos sobre o processo.

PRODUTOS

Como Núcleo suporte o GRAF.CA elaborou diversos produtos para os demais núcleos, além de produtos confeccionados nas oficinas de criatividade e produtos desenvolvidos para o Programa DESEJA.CA.



1. Apostilas Núcleos
2. Apostila Banco
3. Cadernos
4. Flyers de divulgação
5. Cartilha Horta Comunitária



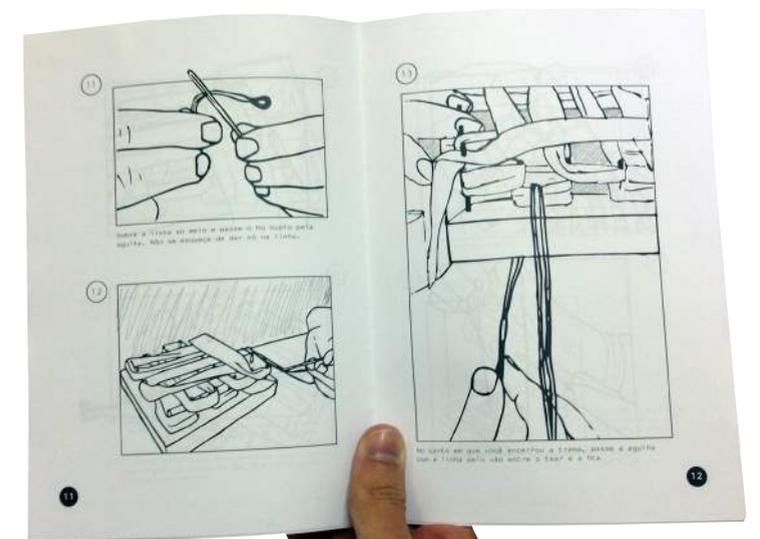
REFLEXÕES

Durante a elaboração da primeira cartilha do Banco, o Núcleo GRAF.CA optou em fazer a apostila com fotos tiradas durante seu processo de construção.

Porém, como o intuito era que a cartilha fosse reproduzida diversas vezes, ao imprimirem o primeiro exemplar perceberam que com as fotos a reprodução seria prejudicada. Após algumas tentativas, o núcleo percebeu que a melhor solução seria transformar as fotos em desenhos vetorizados. Outro fator relevante na produção das apostilas foi a linguagem usada na descrição do processo de construção. Optou-se por uma linguagem visual



autoexplicativa, sem muitos textos, de forma que o processo de construção dos produtos fosse apresentado da forma mais didática e visual possível. O Núcleo em suas criações gráficas buscou uma representação através de linguagem limpa, direta e intuitiva, que facilitasse o entendimento dos moradores do bairro – população à qual eram direcionadas todas as peças gráficas.



TECELAGEM CANADÁ

Quando?

Março de 2013

Onde?

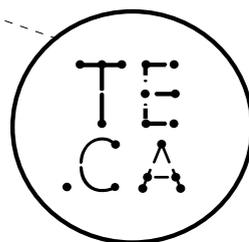
JA.CA, Casa da Vera e CRAS

Quem participou?

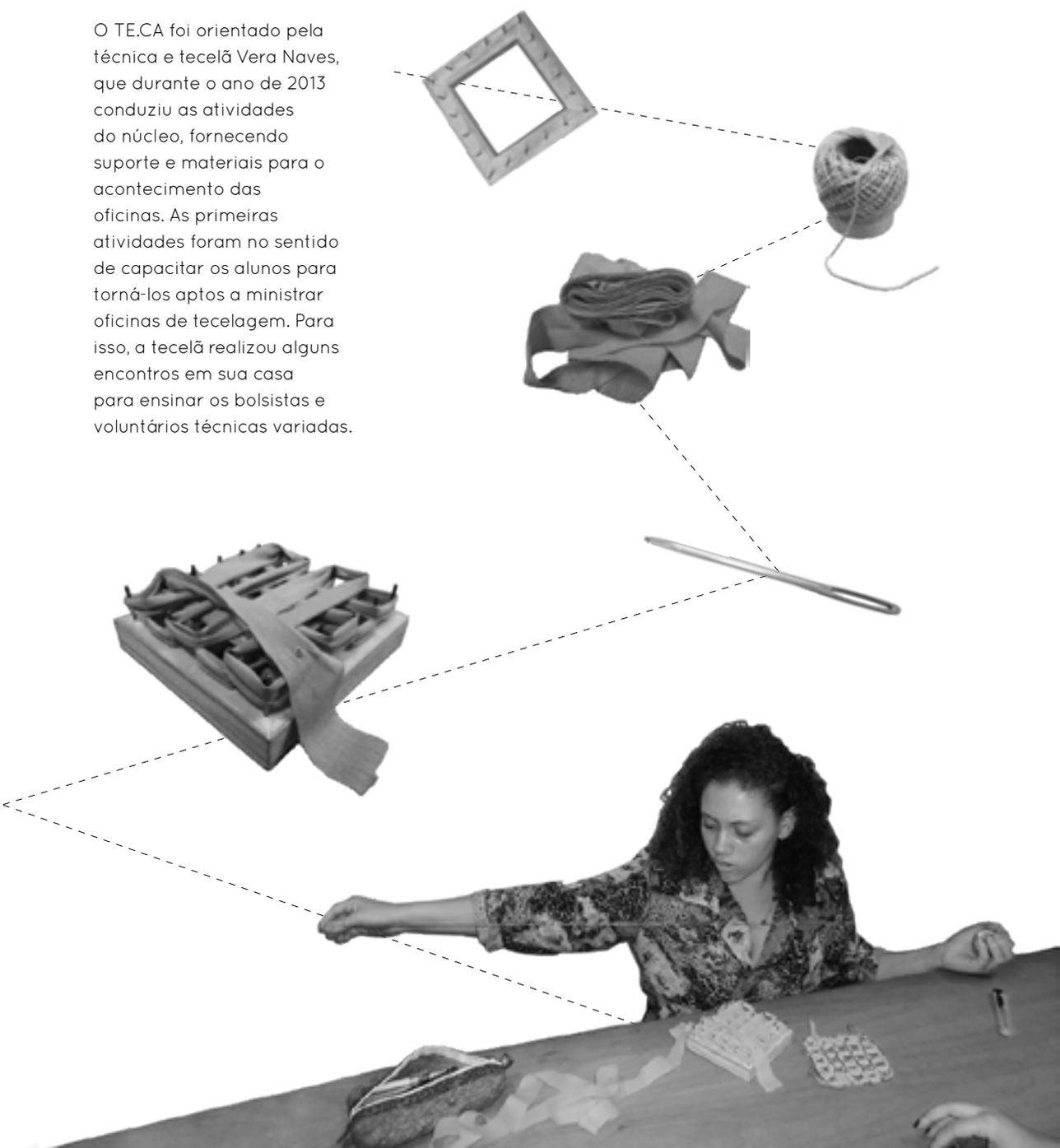
Vera Naves (coordenadora),
Bianca Carvalho, Aléxia
Ramos, Sofia Lages.



O núcleo TE.CA surgiu da vontade de agregar valor de mercado para os objetos produzidos pelo MAR.CA. A partir da experiência da professora Natacha com o ASAS - Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra, vislumbrou-se a possibilidade da confecção de tecelagem voltada para os produtos de marcenaria, uma vez que o ASAS obteve muito sucesso na produção de peças de design em tecido.



O TE.CA foi orientado pela técnica e tecelã Vera Naves, que durante o ano de 2013 conduziu as atividades do núcleo, fornecendo suporte e materiais para o acontecimento das oficinas. As primeiras atividades foram no sentido de capacitar os alunos para torná-los aptos a ministrar oficinas de tecelagem. Para isso, a tecelã realizou alguns encontros em sua casa para ensinar os bolsistas e voluntários técnicas variadas.



OFICINAS

Uma vez capacitados, bolsistas e voluntários se mobilizaram para oferecer aulas de práticas de tecelagem no JA.CA, como o crochê, confecção de descansos de copos, e descansos de painéis. As oficinas contaram com a presença de poucos beneficiários.



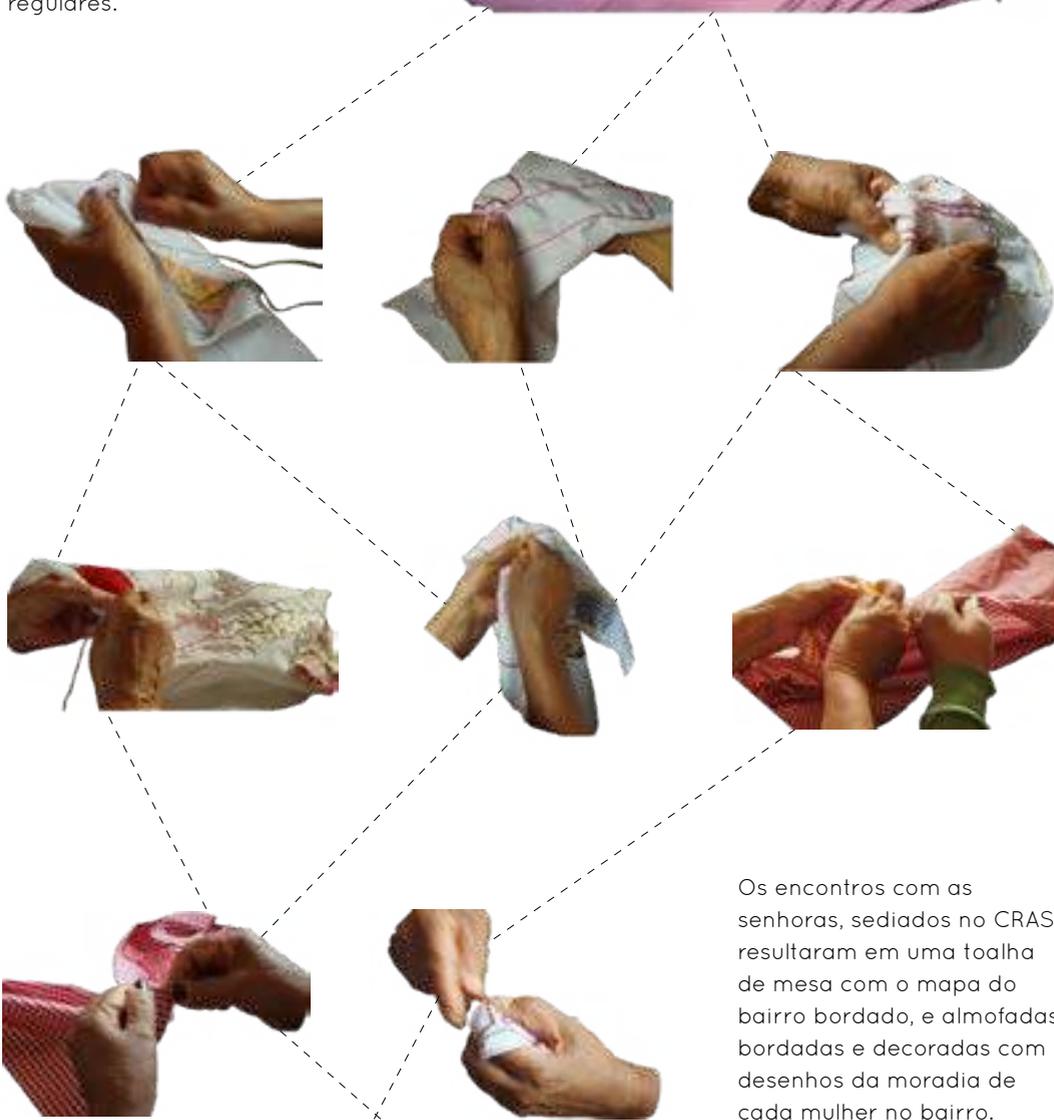
BORDADO DA MEMÓRIA

Durante o período em que os núcleos revezaram a oferta de oficinas de criatividade, o TE.CA organizou a oficina do bordado da memória, cujo objetivo era, a partir de um breve passeio pelo Jardim Canadá, confeccionar peças bordadas com elementos de referência ao bairro.



O intuito desta oficina era, além de ensinar os beneficiários presentes a bordar, fazê-los criar uma relação de proximidade com o bairro, através da identificação de elementos marcantes da paisagem local, uma vez que o caráter transitório da ocupação do Jardim Canadá configurava uma das maiores dificuldades encontradas pelo programa para envolver beneficiários em um processo rentável a longo prazo.

A parti da parceria firmada com o CRAS, que decorreu do workshop Horta Comunitária, o núcleo TE.CA trabalhou, durante o segundo semestre de 2013, com um grupo de senhoras assistidas pelo centro de assistência social e que mantinham encontros regulares.



Os encontros com as senhoras, sediados no CRAS, resultaram em uma toalha de mesa com o mapa do bairro bordado, e almofadas bordadas e decoradas com desenhos da moradia de cada mulher no bairro.



As oficinas, no entanto, supriram outra carência dos moradores do Jardim Canadá que não a econômica: as oficinas se tornaram atividades recreativas e de lazer, e não atividades rentáveis e auto-sustentáveis do ponto de vista financeiro, como havia se pensado inicialmente.

CIDADE ELETRONIKA

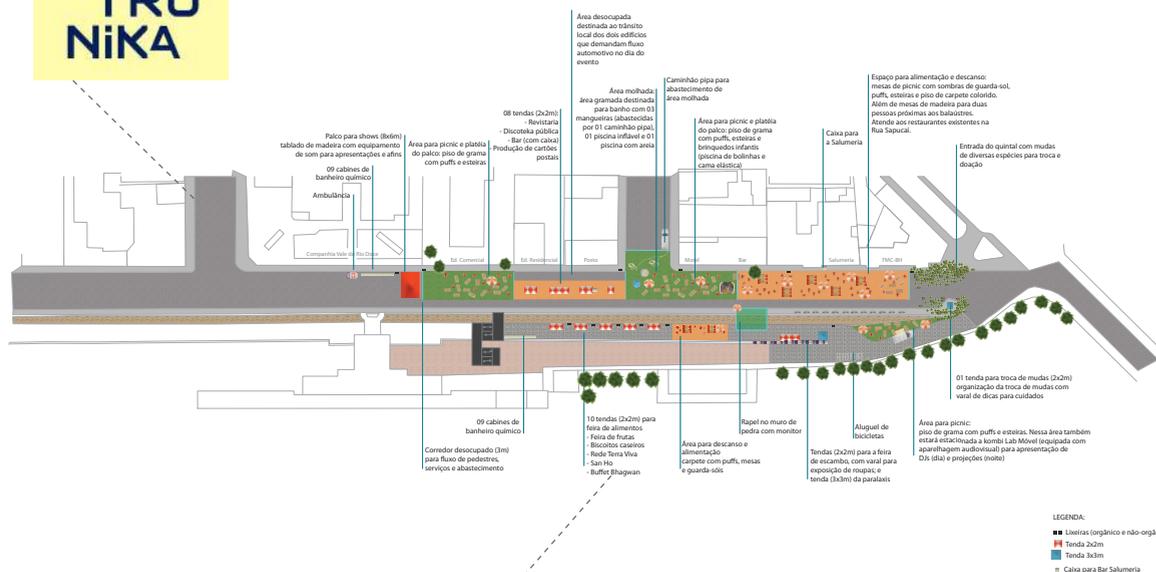
Quando?
Setembro de 2012W

Onde?
Belo Horizonte (Oficinas realizadas no Izabela Hendrix)

Quem?
Bolsistas e coordenadores do DESEJA.CA.



CIDADE
**ELE
TRO
NIKA**



OBJETIVO

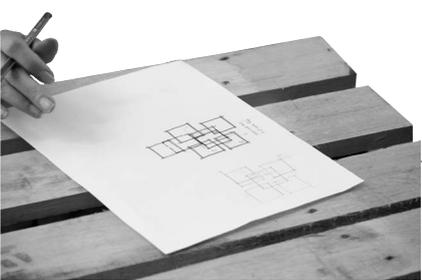
O principal objetivo dessa versão do Cidade Eletronika foi o **Ativismo Urbano**, tornar acessível a participação urbana na construção de um lugar comum pensando na construção e práticas de ocupação urbana. A mistura de culturas tão diversas, ocasionada pelo trabalho de artistas de países tão distintos, torna possível o vislumbre de idéias completamente diferentes das que estamos acostumados a perceber na cidade, como por exemplo o resgate do trabalho manual - muitas vezes ausente - nas escolas de arquitetura, urbanismo e design.



PROCESSO

O evento baseou-se em 4 workshops: Atlas da Diversidade, Unidade Autônoma: Energia Solar e Emissão de Som, Arquibancadas Multifuncionais Modulares e Pista de Skate.

O **Workshop 1, Atlas da Diversidade** ocorreu em torno de uma oficina cujo objetivo principal era a criação de um **fanzine** que se baseasse nos mapeamentos e nas investigações executadas no entorno do Viaduto Santa Tereza. Nesse mapeamento, foram mapeados diversos estabelecimentos comerciais, criando assim uma rede que interligasse os espaços. As redes e conexões apresentadas tinham como objetivo gerar intervenções que ligassem os locais mapeados, sendo o grande foco a parte inferior do viaduto e os eventos realizados no local. O fanzine foi intitulado "O que acontece aqui", e contou com a parceria do Duelo de MC's e a Real na Rua.

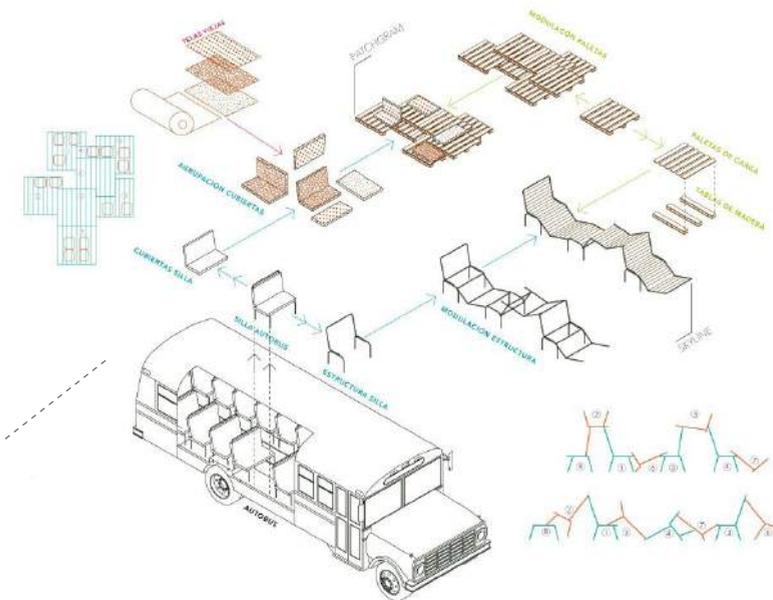


O **Workshop 2, Unidade Autônoma: Energia Solar e Emissão de Som** foi uma oficina realizada para o desenvolvimento de um equipamento que captasse energia solar e a transformasse em som. O equipamento foi construído com o intuito de ser doado para o evento Duelo de MC's. Sua construção se deu a partir das oficinas de marcenaria/serralheria realizadas no Instituto Izabela Hendrix a partir de resíduos achados nos arredores urbanos.

Basicamente, o equipamento consiste em um carrinho de transporte de mercadorias que foi adaptado para receber uma placa solar e um sistema de som e poder ser facilmente transportado pela cidade. O equipamento recebeu o nome de **DESLOCA** (Dispositivo Espontâneo Sonoro de Livre Ocupação e Circulação Autônoma).



No **Workshop 3, Arquibancadas Funcionais Modulares**, foram desenvolvidos módulos que funcionaram como arquibancadas para o Duelo de Mc's. Assim como o Workshop 2, sua construção foi baseada a partir de resíduos encontrados no contexto urbano. Denominado **"Skyline"**, o módulo foi concebido a partir de ferragens de bancos de ônibus soldados e os assentos afixados com lacres. Na mesma oficina foi gerado outro produto que foi a **"Plataforma"**, que foi construída a partir de pallets dispostos de modo a criar diferentes arranjos para o uso coletivo. Para que a montagem e desmontagem ocorresse de forma rápida e fácil, os pallets foram unidos por meio de barras rosqueadas aparafusadas, e para trazer conforto, almofadas de assentos de ônibus foram encapadas com retalhos de tecidos e colocadas sobre os pallets.



O **Workshop 4, Pista de Skate**, também denominado de **"Permitido"**, baseou-se na construção de duas rampas, corrimãos e módulos de pallets, hdf e ferro que permitiam diversas combinações e usos variados. Assim como as outras oficinas, a principal matéria prima foram os resíduos urbanos. O local planejado para a intervenção foi um espaço contendo uma rampa em concreto em frente à grade que divide a passarela de pedestres e a linha de trem/metrô, no centro de Belo Horizonte.



PRODUTOS

Dividido em 4 grande workshops, o Cidade Eletronika foi capaz de elaborar 4 grandes produtos.

1. Fanzine
2. Carrinho Desloca
3. Skyline
4. Permitido

1



2



3



4



REFLEXÕES

Através das ações realizadas pelo projeto pode-se observar uma grande movimentação no quesito ativismo urbano. O projeto pode reunir diversos profissionais e estudantes de diversas áreas afim de produzir algo para um bem comum, tornando visíveis lugares que se tornam invisíveis no nosso dia-a-dia. As ações propostas e realizadas colocaram em pauta a participação da comunidade acadêmica como voz estimulante, criadora de ações e projetos que envolvem causas sociais, ambientais e culturais. Dessa forma, as oficinas foram estruturadas para que entrassem direto no ponto a ser trabalhado e discutido, trazendo essas questões de forma sutil, envolvendo o trabalho e a visão de toda a população.



ATLAS DA DIVERSIDADE

O que?

Workshop realizado como parte do evento FADA - Festival de Arte, Design e Arquitetura

Quando?

Maio de 2011

Onde?

JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia do Jardim Canadá

Quem?

Organização: Natacha Rena e Francisca Caporali
Coordenação: Antonio Yemail / Oficina Informal (arquiteto e designer industrial - Bogotá, Colômbia)



OBJETIVOS

O objetivo geral do workshop Atlas da Diversidade, proposto por Antonio Yemail, era o de explorar metodologias de pesquisa e táticas de ação em arquitetura e urbanismo alternativas, capazes de enfrentar alguns desafios contemporâneos para a produção do espaço, quais sejam: trabalhar com situações específicas, singulares e com o material local disponível, a ser

recolhido em uma cartografia empírica; trabalhar num contexto de restrições, limitações e imperfeições, assumindo-as como um dado a mais; trabalhar com a replicação e evolução de técnicas e soluções construtivas populares, isso é, com a inteligência coletiva; promover ações reversíveis no espaço público com um tempo de duração determinado, reconhecendo o potencial transformador de um "urbanismo de

acontecimentos. Pretendia-se, na proposta do workshop, três momentos de ação:

1. o da produção de uma cartografia da diversidade que recopilasse diferentes níveis de informação do bairro;
2. A construção de um protótipo de ação sobre uma problemática local;
3. A proposição de um plano mestre de ações a serem desenvolvidas em novas fases, após o workshop.

Na elaboração dos mapeamentos que compoem o Atlas, pretendia-se, especificamente, construir coletivamente um modelo analítico para a visualização da complexidade, da mestiçagem e da energia social do bairro Jardim



Canadá, a partir do qual fosse possível extrair possibilidades de projetos e ações de estímulo à diversidade. Esse workshop ocorreu paralelamente e em interface com outros dois workshops realizados

no mesmo período no JA.CA: um de edição de vídeo, com o vídeo-artista colombiano Alejandro Araque e um de produção de livros artesanais, com o artista plástico argentino Javier Barilaro (do grupo ELOISA CARTONERA).



PROCESSO

O workshop foi precedido por uma série de palestras no Seminário Internacional de Design e Política, dentre elas, a do arquiteto e designer industrial Antonio Yemai, que apresentou os princípios de seu trabalho. Já reunido com a equipe de inscitos no workshop, no galpão do JACA, Antonio apresentou a proposta do workshop, enumerando diversos temas que poderiam ser explorados no bairro:

Mapeamento da diversidade étnico e micro-política

(origens da população, grupos étnicos, formas de apropriação do espaço por grupos, instituições e associações, lideranças, rede de vizinhos, fronteiras e conflitos internos, etc.);

Mapeamento da diversidade gráfica e redes de comunicação

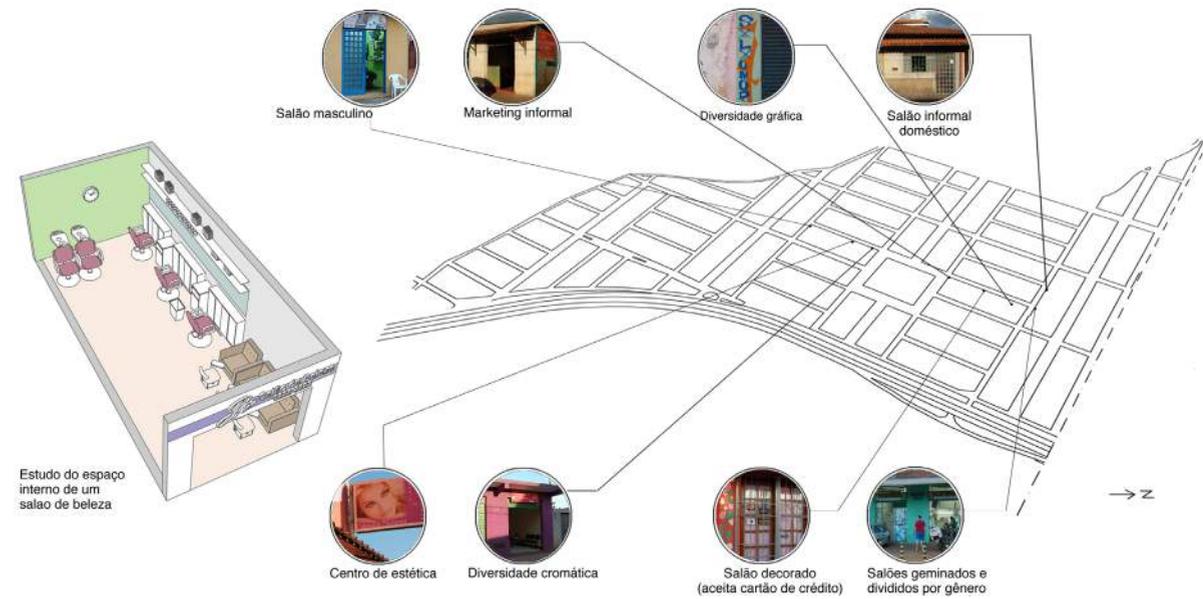
(tipografias, cores das, graffitis, formas e estilos de sinalização, presença virtual do bairro

na internet, penetração e popularidade de redes sociais, radios comunitarias, redes wifi, etc.);

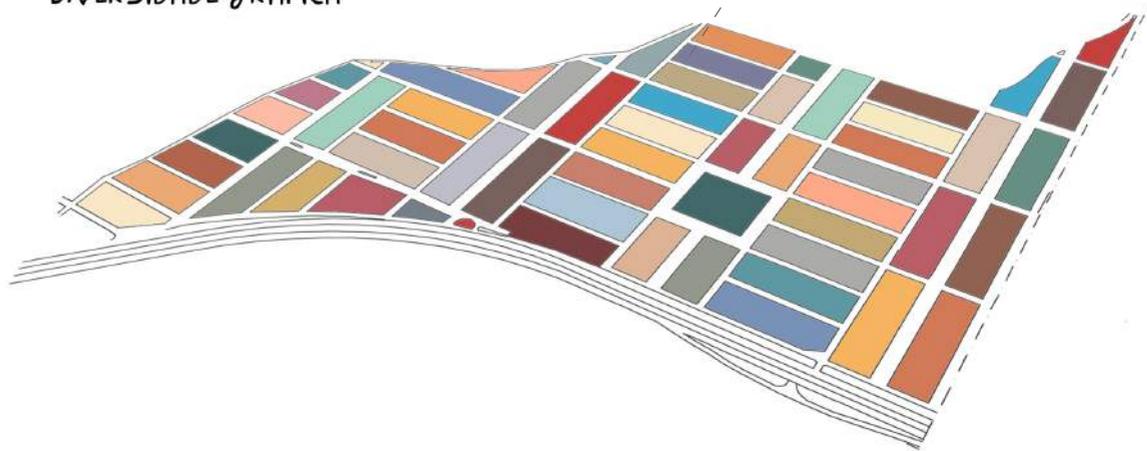
Mapeamento da diversidade ecológica

(das espécies vegetais que ocupam os espaços públicos e privados e sua relação com usos, a fauna local e sua ocupação do espaço, ciclos climáticos, ameaças ambientais, manejo de resíduos, etc.);

Mapeamento da diversidade produtiva e dos ofícios



DIVERSIDADE GRÁFICA



emergente (pequenas economias locais, negócios tradicionais, comércio formal e informal, sistemas de marketing local, mercado e abastecimento local, negócios de grande escala, depósito e custo de materiais de construção, etc.);

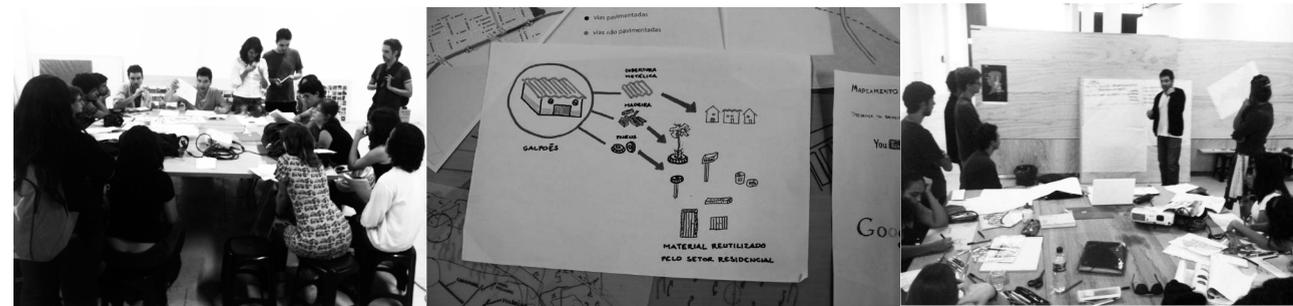
Mapeamento da diversidade urbana e do Espaço público (tipos e intensidades de

fluxos, manejo de lixo, inventario do mobiliário público oficial e espontâneo, usos programados e não programados do espaço público, zonas de permanência, segurança e insegurança, relação do bairro com a cidade, etc).

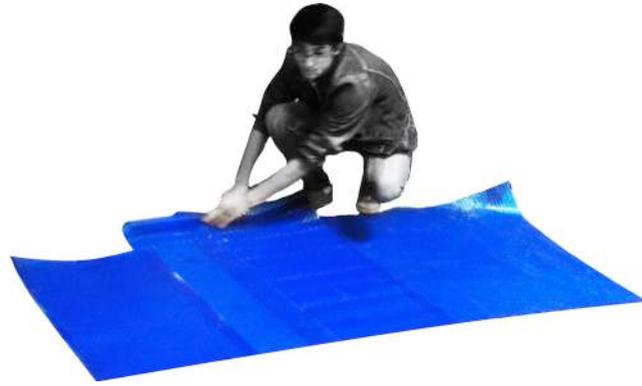
Mapeamento da diversidade material e

das inteligências coletivas (sistemas construtivos, tecnologias comunitárias para gestão da água e energia, técnicas artesanais que resistem, gambiarras, tipologias construtivas, padrões, identificação de material com potencial de reciclagem, etc.);

Mapeamento da diversidade cultural e dos acontecimentos cotidianos

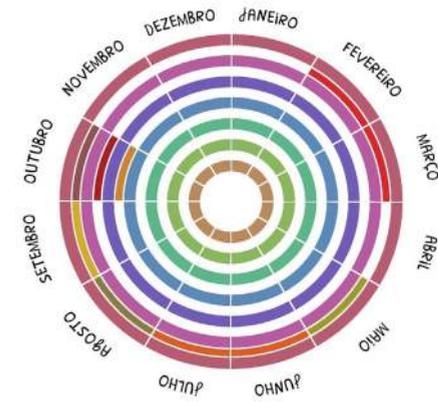


Durante uma semana, houve um trabalho de forte imersão no bairro em que o grupo produziu de forma coletiva, compartilhando informações e experiências. O mapeamento concentrou-se apenas no trecho mais antigo e ocupado do bairro, conhecido



CALENÁRIO DE ATIVIDADES CULTURAIS DO JARDIM CANADÁ

- bordado
- feira
- capoeira
- teatro
- quadriilha
- futebol
- dança



- dia de cooperar
- coroação de Nossa Senhora
- festa da primavera
- dia das crianças
- festa junina
- carnaval
- festa de São Francisco
- festa de São Judas Tadeu

uso de paletas cromáticas e fontes referenciando as cores e tipografia dos letreiros locais.

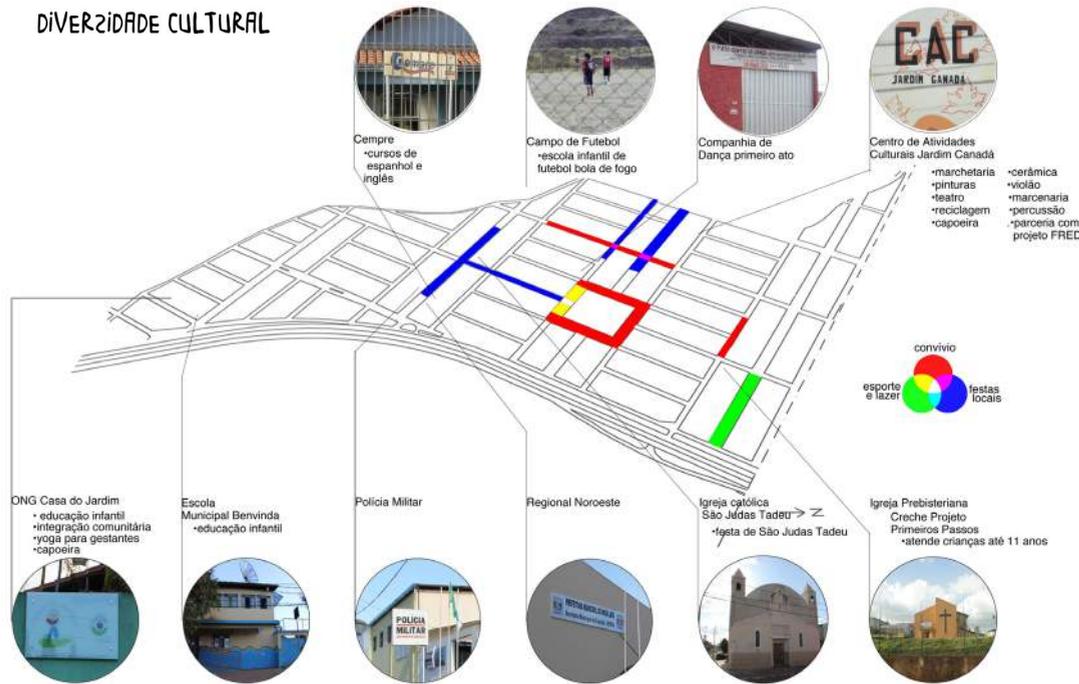
Tomava-se cada mapa como uma grande superfície onde sobrepor distintos níveis de informação, com o desafio de relacionar o maior número de dados possíveis. Apesar de vários mapas serem imprecisos e subjetivos, na

medida do possível, devia-se poder quantificar um dado, expressando como uma porcentagem ou uma unidade de medida. Procurava-se também trabalhar com várias escalas simultaneamente no mesmo mapa, desde detalher e objetos até o território.

Para a segunda fase do workshop, o da intervenção no bairro, o grupo decidiu

construir um objeto móvel que levasse produções e exposições do JACA para local mais central e vivenciado do bairro, a Rua Natal. Vários desenhos foram esboçados pelos participantes e, embora, tenha-se iniciado sua construção, o JACAMovel nunca chegou a ser finalizado. Os mapas produzidos, por outro lado, tornaram-se uma referência importante tanto

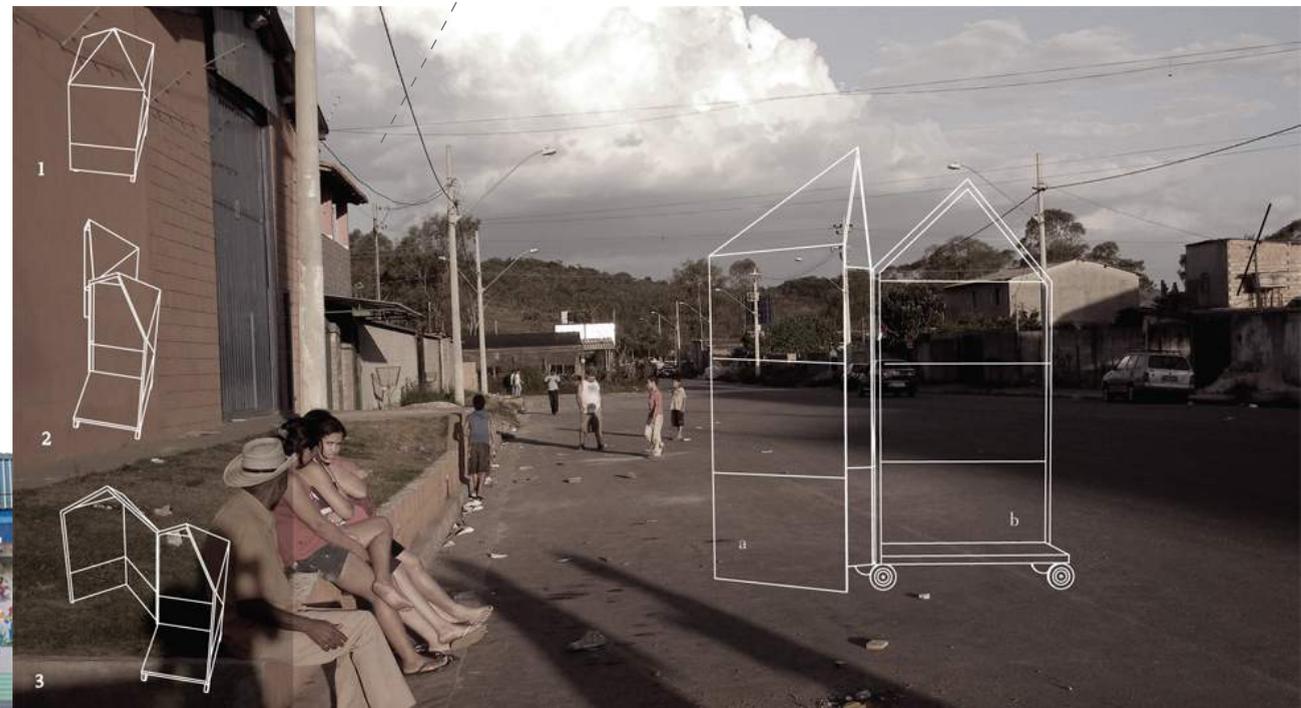
DIVERSIDADE CULTURAL



Como a construção desta cartografia era um projeto em si mesmo, o grupo construiu uma proposta gráfica e metodológica

informações colhidas.

Neste projeto gráfico explorou-se a colagem, que expressava a diversidade do bairro, o

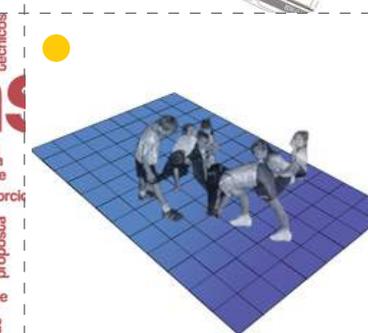
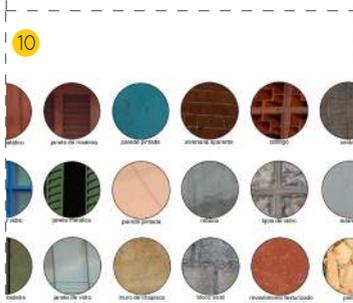
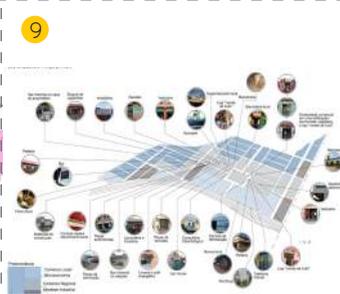
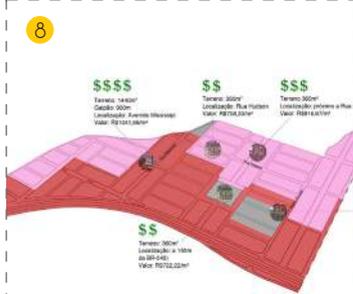


PRODUTOS

O produto deste workshop consiste numa série de mapas e representou a primeira incursão do DESEJA.CA na questão da cartografia como metodologia de

pesquisa e estratégia de ação extensionista. Foram finalizados os seguintes mapas que compoem o Atlas da Diversidade do Jardim Canadá:

1. Mapa de Inserção no Contexto Metropolitano
2. Mapa de Fronteiras
3. Mapa da evolução da mineração
4. Mapa de diversidade gráfica
5. Mapa da evolução da mancha urbana
6. Mapa dos salões de beleza
7. Mapa de áreas edificadas/ Adensamento
8. Mapa de zoneamento e mercado imobiliário
9. Mapa de diversidade produtiva
10. Mapa de diversidade material
11. Mapa de resíduos
12. Mapa da diversidade ecológica
13. Mapa de tipologias de fachadas
14. Mapa de fluxos
15. Mapa de inteligências coletivas
16. Mapa diversidade cultural
17. Calendário das festividades
18. Diagrama de espécies e usos vegetais
19. Jaca em Tags
20. Tapete de Plástico



REFLEXÕES

O Workshop Atlas da Diversidade foi um momento extremamente importante para o Programa DESEJA.CA, pois inaugurou uma metodologia de trabalho em que o mapeamento empírico, subjetivo e criativo - ou que se passou a denominar cartografias críticas - torna-se estratégia fundamental para as ações de extensão, tanto no sentido do levantamento de uma multiplicidade de informações importantes para o entendimento das lógicas ordinárias do lugar, como, e principalmente, na promoção do intercâmbio de ideias e compartilhamento de experiências entre pesquisador e pesquisado. Estreitou a relação com grupos de arquitetos, designers e artistas latinoamericanos emergentes, cujo trabalho fundamentado também na busca da promoção social, política e ambiental, tornaram-se referências para o DESEJA.CA. As falhas e ruídos que ocorreram no evento foram

positivamente consideradas pelas lições que trouxeram. Uma primeira dificuldade com a qual se deparou foi com a ausência de participação da comunidade local no workshop. Os participantes eram todos estudantes ou profissionais da área. Apesar da divulgação, não houveram inscritos do próprio bairro. A única exceção foi a participação de uma líder comunitária, por insistência da equipe organizadora. Esse distanciamento da comunidade levou a reflexões sobre o próprio conceito de comunidade que o grupo tinha do bairro e sobre as expectativas que se poderia ter de um projeto socioambiental naquele contexto. Além disso, essa dificuldade de aproximação entre o J.A.CA e a população local foi prontamente percebida pelo grupo, tornando-se a problemática a ser abordada em uma ação prática efêmera sobre o espaço público do bairro. Foi assim

que surgiu, coletivamente, a ideia da construção de um protótipo móvel que marcasse a presença do JACA nas principais centralidades urbanas do bairro. No entanto, a própria construção deste protótipo deparou-se com outra dificuldade: a da construção de um objeto durante o workshop. Como o foco estava no novo conceito de mapeamento, tanto em termos de temas abordados, como em termos de estratégias gráficas para a representação de informações, não houve tempo e estrutura para concluir o JacaMoveL. Um workshop que vise à construção de algo deve ser planejado sobre outro enfoque e demanda uma metodologia também radical e específica sobre processo de projeto e técnicas construtivas. Essa dificuldade só foi bem compreendida, e então, bem abordada, com os workshops do evento Cidade Eletrônica.



EQUIPE DESEJA.CA

Realização do Programa DESEJA.CA

Coordenação geral UFMG: Juliana Torres de Miranda e Natacha Rena

Coordenação geral JA.CA: Francisca Caporali e Mateus Mesquita

Coordenação dos projetos

MAR.CA: Mateus Mesquita e Juliana Torres de Miranda

ESTAM.CA: Francisca Caporali e Juliana Torres de Miranda

TE.CA: Natacha Rena

GRAF.CA: Alexandre Menezes

Coordenação pesquisa FAPEMIG: Juliana Torres de Miranda

Coordenação do Grupo de Pesquisa

Práxis: Denise Morado do Nascimento

Pesquisadoras colaboradoras: Simone Parrela Tostes, Marcela Silvano Brandão Lopes

Bolsistas FAPEMIG/BAT II: Débora Cristina Tavares Caetano e Talita Lessa Melo

Bolsistas do programa: Aléxia Ramos de Oliveira, Alissa Resende dos Santos, Ana Paula Nitzche, André Siqueira de Mendonça, André Victor Alves, Bernardo Gardingo de Carvalho, Danilo Caporali Barbosa, Felipe Thadeu do Carmo Parreira, Henrique Vianna Lopes Teixeira, Isabela Akemi Usuda Prado, Isabela Oliveira Izidoro, Isabela Martins Rezende, João Marcos Magalhães F. Teixeira, Júlia Garvia Estevam, Karine Maria Marçal, Luiza Fonseca de Almeida Magalhães, Luiza Moura Rabelo Costa, Márcio José Gabrich Fonseca Freire Ramos, Marina Moreira Alves, Mateus Brisola, Mateus de Faria Jacob, Mateus Ubaldino Diniz, Patrícia Cioffi de Mattos, Pedro Henrique Pereira Silva, Rafael Amato Bruno de Lima, Ramon Corrêa, Sofia Santos Lages, Talita Lessa, Vitor de Almeida Mattos, Wanderson Mendes Guimarães

Bolsistas PROBIC/FAPEMIG/UFMG: Luiza Fonseca de Almeida Magalhães, Priscila Monteiro Gimenes Pinto, Tais Trujillo, Wladimir Felipe Drumond Pereira, Yaçana Maria da Costa Soares Sousa Lima, Octavio Henrique Mendes Pena

BIBLIOGRAFIA

BAVA, S. C.. Tecnologia Social e Desenvolvimento Social. In: Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

CAPORALLI, F., RENA, N., TORRES, J., YEMAIL, A. Atlas da Diversidade. In: Parahyba, Belo Horizonte, 2012.

(http://issuu.com/parahyba/docs/parahyba02_genialidades_cotidianas)

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

COCCO, G. MUNDOBRAZ. O devir-mundo do Brasil e o devir-brasil do mundo. Rio de Janeiro: Editora Record. 2009.

DELEUZE, G. A ilha deserta. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HARDT, Michael e **NEGRI**, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. Multidão. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LASSANCE JÚNIOR, A. E.; PEDREIRA, J. S. Tecnologias sociais e políticas públicas. In: Tecnologia social – uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008.

_____. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2006.

MAGALHÃES, F.N.C.; LINHARES, L., MONTE-MÓR, R.L. Urbanização extensiva e desconcentração espacial no Eixo Sul do Entorno Metropolitano de Belo Horizonte. In: COSTA, H.S.M. Novas periferias metropolitanas – A expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmicas e especificidades no Eixo Sul. Belo Horizonte: C/ Arte, 2006.

MARGOLIN E MARGOLIN in: Um ‘Modelo social’ de design: questões de prática e pesquisa. Revista Design em Foco. Julho-dezembro, ano/vol. I, número 001. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, Brasil. 2004. pp.43-48.

MONTE-MÓR, Roberto L. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: SANTOS, M. et al. (Org.). Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994. p. 169-181.

_____. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). As cidades da cidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC, Brasília: 2000 / 2001

PELBART, P. P. Vida capital. Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras: São Paulo. 2003.

RENA, N. S. A. . Coleção 9 + 1. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura FEA - Universidade FUMEC, 2008.

_____. Territórios aglomerados. Belo Horizonte: Universidade FIMEC, 2010.

RENA, N. S. A. (Org.) ; **PONTES**, J. (Org.) . ASAS - Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra. Belo Horizonte: Editora Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC, 2009.

SANTOS, Boaventura Sousa (org.) A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. São Paulo, Cortez, 2006.

_____. Para além do pensamento abissal: das línguas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais. n.78. Outubro 2007, pp 3-46.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. Da totalidade ao lugar. São Paulo: EDUSP, 2005.